

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Patricia Rachel Andrioni

**INTERVENÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM O
ETHOS DA AUTORIA E O ETHOS DA VITIMAÇÃO**

Brasília

2008

Patricia Rachel Andrioni

**INTERVENÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM O
ETHOS DA AUTORIA E O ETHOS DA VITIMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia, do
Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. BRASILMAR FERREIRA NUNES

Brasília

2008

A573p

Andrioni, Patricia Rachel.

Intervenções econômico-sociais e sua relação com o ethos da autoria e o ethos da vitimação. / Patricia Rachel Andrioni. – 2008.

282 p. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

1. Intervenções econômico-sociais - Brasília 2. Relações sociais – sociologia 3. Desenvolvimento Sustentável I. Título

Dissertação normalizada por Shirley Lopes dos Santos – Bibliotecária – CRB/1 - 1372

Patricia Rachel Andrioni

**INTERVENÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E SUA RELAÇÃO COM O
ETHOS DA AUTORIA E O ETHOS DA VITIMAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Sociologia, do
Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em ___/___/___

BANCA

Prof. Dr. BRASILMAR FERREIRA NUNES – Orientador
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Sociologia – SOL – UnB

Prof. Dr. EURICO CURSINO DOS SANTOS
Instituto de Ciências Sociais – ICS
Departamento de Sociologia – SOL - UnB

Prof. Dr. JOSÉ ÂNGELO BELLONI
Instituto de Ciências Exatas – IE
Departamento de Estatística - EST – UnB

A todas as pessoas que se importam, acreditam que é possível e agem.

Gratidão, sentimento que cura, preenche, integra. Talvez nasça da profunda consciência de que somos um Ser apenas aparentemente individual, forjado nas relações que oferecem a matéria-prima para nosso empreendimento maior, a Vida.

Inundada por esse sentimento, registro minha gratidão ao Mistério Divino que nos escapa, pela experiência da consciência individualizada e a Gaia, nossa Mãe Terra, por participar do provimento e sustentação da Vida na terceira dimensão.

A um **menino** que, num pôr-do-sol do ano de 2000, na invasão da Estrutural, **caiu em terra**, diante dos meus olhos, **porque a sua carga estava muito pesada!** Não sei o seu nome e nem onde está, mas **você me impulsionou** a empreender esta trajetória que completa oito anos. Receba um **forte abraço**, minha **profunda gratidão** e os **desejos de um presente e futuro dignos da sua dignidade!**

Ao casal Osni Andrioni e Ieda Cecília Mozena Andrioni que, em tenra idade, deram-me à Luz e empreenderam seus melhores esforços para manterem-se unidos mesmo nas maiores dificuldades e nos propiciarem uma boa educação. Muito grata pela formação orientada para uma ética coletiva, se não fosse ela, provavelmente eu não teria empreendido esta jornada.

Ao meu irmão do meio e melhor amigo, Giovano Tales Andrioni, que partiu dessa dimensão no ano de 2000, pouco tempo depois de realizar os sonhos de tornar-se médico e encontrar a mulher da sua vida. Amado, onde estiver saiba que sou infinitamente grata pela sua presença e pela sua inspiração.

Ao irmão mais novo, Gustavo Eduardo Andrioni, foi uma experiência incrível ter sido sua “segunda mãe” e ver o seu desenvolvimento. Quanta força, determinação e vontade de viver foram demonstradas desde o seu nascimento aos sete meses de gestação, num mês de agosto muito frio. Foi um grande privilégio poder cuidá-lo, vê-lo dar os primeiros passos, crescer e tornar-se um homem de bem.

Ao Paulo Expedito Magalhães da Silveira que esteve do meu lado no momento mais difícil da minha vida, a passagem do Geo, e foi meu companheiro por quase oito anos, muito grata pela sua constância, pela sua presença e pela sua amizade. Fizemos o nosso melhor.

Ao professor Eurico pela participação na banca de qualificação e pelo brilho nos olhos ao ouvir o projeto de pesquisa de uma nova entrante no campo da Sociologia. Jamais conduzi uma embarcação, mas naquele dia tive a exata noção da importância dos faróis e das estrelas a guiarem os navegantes.

Ao meu orientador, professor Brasilmar, a quem peço autorização para chamar de amigo. Agradeço pela confiança, pela generosidade, pelo apoio, pela assertividade e pela leveza. Ajudou-me ir além.

Aos professores Lourdes Bandeira, Michelangelo Giotto Trigueiro, Fernanda Sobral, Stela Grossi e Sadi Dal Rosso pelos ensinamentos ao longo do processo de aprendizagem.

Ao professor Cláudio Torres, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da UnB, pela participação na Banca de Qualificação do Projeto, pela acolhida e pelas orientações à respeito da pesquisa quantitativa.

Ao professor José Angelo Belloni, do Departamento de Estatística da UnB, pela atenção e aceitação do convite para participar da Banca Examinadora.

À Márcia, ao Evaldo e ao Abílio pelo atendimento sempre pronto e pela disposição em ajudar.

Aos parceiros da jornada acadêmica Marcelo Pontes, Bento, Douglas, Cássio, Karen Saliba, Graça, Rômulo Neves, Thadeu, Leonardo, Tiago, Mara, Nena, Edna, Roselma, Tatiana Maranhão e Rafaela Guidi pelo incentivo, pelas dicas e pela presença.

Aos amigos irmãos Val Perrella, Gi Teixeira, Chico Modesto, Matilde, Arlete, Jorge, Nilce, Deodete, Adri Volpi, Rê Monteiro e Dione Rodrigues pelas brincadeiras, pelo abraço, pela festa no olhar e pela persistência (por um tempo “aproveitaremos” os horários de almoço, as noites, os finais de semana e os feriados).

Aos primos Renato e Cleuza Martini e aos “priminhos” Vinícius e Cesar, minha família em Brasília!

A todas as pessoas da Empresa Beta, ONG Alfa, Cooperativa de Assentados, Cooperativa de Artesãos, Profissionais da Beleza, Associação de Mobilização Infante Juvenil, Associação de Deficientes e Cooperativa de Coleta e Reciclagem por terem recebido esse trabalho com carinho e atenção. O sigilo impede-me de citar os nomes mas saibam que sou imensamente grata!

À Empresa Beta pela política e prática consistentes de apoio ao aperfeiçoamento dos seus profissionais.

Aos administradores e demais colegas de trabalho que, sem abrir mão do exercício pleno da minha atividade profissional, empenharam-se em facilitar a conciliação do labor com minha jornada acadêmica que, no fundo, é uma jornada existencial: Glauco, Falcão, Marcelo

Martins, Mauro, José Fernando, Fernando de Rosa, Caixeta, Marco Mastroeni Rubens e Cloves Henrique.

A todas e todos que, de alguma maneira colaboraram, mesmo sem saber, valeu!

“Para um ser humano [...] crescer significa atingir a maturidade, um crescimento interno de qualidade. E aqui é interessante notar uma estreita relação entre pensamento e valor. Ambos podem ser encarados como passagens da auto-afirmação para a integração. Estas duas tendências são, ambas, aspectos essenciais de todo e qualquer sistema vivo. E, se examinarmos os valores, podemos observar uma passagem correspondente, da competição para a cooperação, da expansão para a conservação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a parceria.”

Pierre Weil, 1994, p. 63

RESUMO

A relação entre a intervenção econômico-social e o ethos predominante no grupo social é explorada no contexto das ações produtivas e de atenção social que se dão num micro processo e num macro processo promovidos respectivamente por uma Organização Não-Governamental (ONG) e por uma empresa, envolvendo três grupos sociais brasileiros. Estudada principalmente com as lentes de Weber, Giddens e Putnam tenta-se responder à questão: **como e em que medida a ideologia, os métodos e as formas de intervenção econômico-social podem contribuir para a criação ou preservação de condições favoráveis à modificação ou à manutenção do ethos predominante num grupo social.** O estudo sugere que a possibilidade dos processos de intervenção econômico-social incentivarem o potencial produtivo está fortemente relacionada com a realidade simbólica dos indivíduos e a existência de uma liderança legitimada pelo grupo. Também propõe que as parcerias, mesmo para os grupos que possuem certa densidade do tecido social, podem ser a determinante da materialização de utopias. Nesse processo destaca-se, consensualmente, a liderança (nos modelos estudados ela é feminina) como elemento agregador e fundamental para o sucesso das ações coletivas. A reverência dos investigados à liderança, leva a supor que o ethos é potencialmente compartilhável pelos membros que formam a comunidade. Dado que o grupo social, cujas ações não exitosas não foi bem representado no conjunto estudado, porque não conseguiu levar a termo a pesquisa quantitativa, os resultados melhor expressam a tendência acentuada do ethos da autoria. O estudo exploratório aqui empreendido pode motivar outras pesquisas sociais aplicadas no sentido de desenvolver um modelo de avaliação que permita aos alocadores de recursos para o desenvolvimento econômico de micro e mesorregiões aferirem a natureza de ações e investimentos mais oportunos ao ambiente social para que seu objetivo seja alcançado de forma sustentável.

Palavras-chave: Sociologia. Relações sociais. Intervenção econômico-social. Ethos. Liderança.

ABSTRACT

The relationship between economic-social intervention and the predominant ethos in the social group is explored in the context of productive actions and social attention in a micro and macro process promoted respectively by a Non-Governmental Organization (NGO) and a business enterprise, involving three Brazilian social groups. Through the lenses of Weber, Giddens and Putnam this study aims to answer the following question: **How and to what extent can the ideology, methods and forms of socio-economic intervention contribute to the creation or preservation of favorable conditions for the modification or maintenance of the predominant ethos in a social group?** This study suggests that processes of economic-social intervention may foster productive potential if strongly related to the symbolic system of individuals and to the existence of leadership legitimately acknowledged by the group. It also proposes that partnerships, even for those groups that possess a certain social density, can be determinant in the materialization of utopias. In this process, one can consensually highlight leadership (which, in the models studied, is female) as a fundamental element in bringing together forces for the success of collective actions. The reverence for leadership of those who were the object of this investigation leads us to suppose that ethos is potentially shared by the members that make up the community. Given that the social group whose actions were not successful was not well represented among those that were the object of this study because it was not able to conclude its quantitative research, the results best express the marked tendency for an ethos of authorship. This exploratory study may motivate other applied social research projects aiming at the development of a model of assessment that may allow those responsible for allocating resources for the economic development of micro regions and mesoregions to gauge more timely actions and investments considering the social environment and the need for objectives to be achieved through sustainable means.

Keywords: Sociology. Social relations. Economic-social intervention. Ethos. Leadership.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Relação entre os sistemas de crenças e valores dos criadores de uma intervenção econômico-social e o ethos predominante num grupo social	21
Figura 2 – Pirâmide econômica mundial	28
Figura 3 – As dimensões institucionais da modernidade	44
Figura 4 – As dimensões do realismo utópico	45
Figura 5 – Os tipos de movimentos sociais	46
Figura 6 – Dinâmica entre ONGS, Mercado, Estado, Projetos econômicos sociais e grupos	57
Figura 7 – Empresa Beta – hierarquia organizacional estilizada	64
Figura 8 – Metodologia DRS	65
Figura 9 – O processo de intervenção econômico social utilizado pela Empresa Beta	68
Figura 10 – Representação do conceito de cadeia de valor	68
Figura 11 – Método de intervenção social utilizado pela ONG Alfa	77
Figura 12 – ONG Alfa – diferentes níveis de relacionamento e reciprocidade	106
Figura 13 – Dimensões do uso do tempo pelos agentes interventores	123
Figura 14 – Dimensões do uso do tempo pela Cooperativa de Assentados	131
Figura 15 – Potencial de Desenvolvimento	167

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Agentes e finalidades	31
Tabela 2 – Matriz de Análise da Qualidade dos Componentes das Intervenções Econômico-Sociais	54
Tabela 3 - População pesquisada	58
Tabela 4 - Técnicas utilizadas	59
Tabela 5 - Valores dos índices de Consistência Alpha de Cronbach.....	142
Tabela 6 - Cargas fatoriais das variáveis.....	146
Tabela 7 - Traços de Vitimação	154
Tabela 8 - Valores dos índices de consistência interna	155
Tabela 9 - Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões	155
Tabela 10 - Correlações bivariada entre as variáveis do construto	155
Tabela 11 - Variáveis do construto de Traços de Autoria	157
Tabela 12 Indicador Traços de Autoria – valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA	157
Tabela 13 - Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões	157
Tabela 14 - Correlações bivariadas entre as variáveis do construto	158
Tabela 15 - Cargas fatoriais das variáveis do questionário	159
Tabela 16 - Correlações entre as variáveis da pesquisa de opinião junto aos grupos sociais	161
Tabela 17 - CARGAS FATORIAIS DAS VARIÁVEIS do questionário respondido pelos estrategistas e viabilizadores da Empresa Beta, segundo as três primeiras dimensões da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA)	165
Tabela 18 - Correlações bivariadas entre os construtos formados a partir da percepção da Empresa Beta	166
Tabela 19 – Matriz exploratória de condições para o potencial de desenvolvimento	171

LISTA DE GRÁFICOS E FOTOGRAFIAS

Gráfico 1 – Círculo de correlações – Primeira e Segunda Dimensão	143
Gráfico 2 – Círculo de correlações - Primeira e Segunda Dimensão – subgrupos do grupo 2	144
Gráfico 3 – Círculo de correlações – Primeira e Terceira Dimensão	148
Gráfico 4 – Círculo de correlações – Primeira e Quarta Dimensão	151
Gráfico 5 – Círculo de correlações – Segunda e Terceira Dimensão	152
Gráfico 6 – Círculo de correlações – Primeira e Segunda Dimensão	163
Foto 1 – Pesquisa de campo – acervo da autora	71
Foto 2 – Pesquisa de campo – acervo da autora	73
Foto 3 – Pesquisa de campo – acervo da autora	73
Foto 4 – Pesquisa de campo – acervo da autora	73
Foto 5 – Pesquisa de campo – acervo da autora	73
Foto 6 – Pesquisa de campo – acervo da autora	73
Foto 7 – Pesquisa de campo – acervo da autora	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	20
2	JUSTIFICATIVA E REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	25
2.1	ONGS, Mercado e Estado: panorama sobre os investimentos em intervenções econômico-sociais no Brasil	25
2.2	As lentes que acomodam o olhar	30
3	CAMINHO METODOLÓGICO	50
3.1	Intervenções Econômico-Sociais – componentes e qualidades	50
3.1.1	Idealização	51
3.1.2	Definição do público-alvo	51
3.1.3	Critérios para aporte de recursos econômicos e financeiros	51
3.1.4	Comunicação com o público-alvo	52
3.1.5	Espaço ocupado pelo público-alvo	52
3.1.6	Tipo de recursos aportados	53
3.1.7	Tempo de duração	53
3.1.8	Resultados esperados	53
3.2	Tipo ideal – um recurso metodológico	55
3.2.1	Operacionalização dos tipos-ideais	55
3.2.1.1	Intervenções econômico-sociais impulsionadoras	55
3.2.1.2	Intervenções econômico-sociais confortadoras	56
3.2.1.3	O Ethos da Autoria	56
3.2.1.4	O Ethos da Vitimação	57
3.3	Operacionalização da pesquisa	58
3.3.1	População Pesquisada	58
3.3.2	Tipos de pesquisa	58
3.3.3	Etapas do trabalho	59
4	MODELOS DE INTERVENÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL ESTUDADOS ...	61
4.1	Empresa Beta e a Cooperativa de Assentados	61
4.1.2	Cooperativa de Assentados	70
4.2	ONG Alfa e seus grupos sociais	74

4.2.1	Cooperativa de Coleta e Reciclagem	77
4.2.2	Associação de Mobilização Infanto-Juvenil	79
5	DISCURSO DOS ATORES SOCIAIS	81
5.1	Empresa Beta: o foco dos idealizadores e viabilizadores	81
5.1.1	A nova clientela e suas necessidades	82
5.1.2	Quanto ao sentido de apropriação e de pertença	83
5.1.3	O papel do intervencionista	84
5.1.4	Quanto ao entendimento da missão institucional	84
5.1.5	Quanto ao papel da Empresa Beta	85
5.1.6	Quanto à identidade do DRS e percepção de sua dimensão estratégica e metodológica	85
5.1.7	Quanto ao viés econômico	86
5.1.8	Noção sobre a interconexidade do processo de desenvolvimento	86
5.1.9	Quanto à abordagem interativa da comunidade	87
5.1.10	Em relação à estratégia negocial	87
5.1.11	Em relação à metodologia	88
5.1.12	Crédito e retorno do investimento	88
5.1.13	Dimensão temporal	90
5.1.14	Capacitação	90
5.1.15	Cadeia de valor	92
5.1.16	Resultados esperados quanto ao DRS	93
5.1.17	Resultados esperados quanto aos investimento no DRS	94
5.1.18	Síntese do discurso dos atores da Empresa Beta	95
5.2	ONG Alfa	97
5.2.1	Clientela e suas necessidades	97
5.2.2	Missão Institucional	98
5.2.3	Papel da ONG	99
5.2.4	Identidade e percepção da dimensão estratégica	100
5.2.5	Metodologia	101
5.2.6	Voluntários	103

5.2.7 Dimensão temporal	104
5.2.8 Aporte de recursos	104
5.2.9 Parcerias	105
5.2.10 Síntese do discurso dos atores da ONG Alfa	106
5.3 Síntese do discurso das duas instituições	107
5.4 Grupos Sociais	108
5.4.1 Cooperativa de Assentados	108
5.4.1.1 Formação	108
5.4.1.2 Primeiras dificuldades	108
5.4.1.3 Fatores de sucesso	109
5.4.1.4 Força da liderança	110
5.4.1.5 Riscos e ameaças	111
5.4.1.6 Visão de futuro	112
5.4.2 Cooperativa de Coleta e Reciclagem	113
5.4.2.1 Formação	113
5.4.2.2 Capacitação	114
5.4.2.3 Dificuldades	114
5.4.2.4 Parcerias	114
5.4.2.5 Liderança	115
5.4.2.6 Visão de futuro	115
5.4.2.7 Crença	115
5.4.3 Associação de Mobiblização Infanto-Juvenil	116
5.4.3.1 Ideal	116
5.4.3.2 Prestação de serviço	116
5.4.3.3 Liderança	117
5.4.3.4 Crença	117
5.4.3.5 Visão de futuro	117
5.4.4 O que falam os Grupos	117
6 LUZ ESTATÍSTICA SOBRE AS PERCEPÇÕES	121
6.1 Empresa Beta	121

6.1.1 Perfil dos idealizadores e viabilizadores	121
6.1.2 Identificação Comunitária	124
6.1.3 Plano de Negócios DRS – PNDRS	124
6.1.4 Acesso às informações	124
6.1.5 Escolha do “locus” do projeto	125
6.1.6 Capital Social	125
6.1.7 Liderança	126
6.1.8 Aproximação entre atores sociais	127
6.1.9 Capacidade comunitária	128
6.1.10 Ação mobilizadora	128
6.1.11 Direitos sociais	128
6.1.12 DRS como negócio	129
6.1.13 Síntese das percepções da Empresa Beta	129
6.2 O que percebem os cooperados	130
6.2.1 Retrato dos cooperados	130
6.2.2 Identificação comunitária	133
6.2.3 Ações coletivas	133
6.2.4 Liderança	134
6.2.5 Dependência de políticos	134
6.2.6 Direitos sociais	135
6.2.7 Aproximação entre valores sociais	135
6.2.8 Parcerias	135
6.2.9 Valores	136
6.2.10 Síntese das percepções da cooperativa de assentados	136
7 LUZ ESTATÍSTICA SOBRE A INTERVENÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM O ETHOS PREDOMINANTE NOS GRUPOS SOCIAIS PESQUISADOS	140
7.1 Confiabilidade e consistência de dados coletados	141
7.2 Percepção dos componentes predominantes	142
7.2.1 Organização Comunitária	147
7.2.2 Traço de Vitimação	148

7.2.3 Traço de autoria	149
7.2.4 Integração comunitária	151
7.2.5 Ações Coletivas	152
7.2.6 Parceria	153
7.2.7 Fortalecimento da Comunidade	153
7.3 Expressões do Ethos nos grupos sociais	154
7.3.1 Construção do Indicador Traços de Vitimação	154
7.3.2 Construção do Indicador Traços de Autoria	156
7.3.3 Correlações no conjunto de crenças dos grupos sociais	161
7.4 A intervenção econômico-social e sua influência	162
7.5 Validação da hipótese sobre o Ethos de Autoria e da Vitimação	171
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
BIBLIOGRAFIA	182
ANEXOS	185
ANEXO 1 – Carta a potenciais entrevistados – 14/05/07	186
ANEXO 2 – Carta aos viabilizadores – 15/01/2008	188
ANEXO 3 – Roteiro de entrevista para idealizadores e financiadores de intervenções econômico-sociais	189
ANEXO 4 – Roteiro de entrevista para os grupos sociais	193
ANEXO 5 – Pesquisa para identificação da situação econômica e do engajamento social dos integrantes tanto das instituições quanto dos grupos sociais pesquisados	198
ANEXO 6 – Pesquisa quantitativa com o objetivo de identificar o “lugar” ocupado predominantemente pelos integrantes dos grupos sociais pesquisados em relação ao contínuo Ethos da Autoria e Ethos da Vitimação e sua percepção a respeito do impacto que os projetos econômico-sociais têm sobre o grupo social	201
ANEXO 7 – Pesquisa quantitativa com o objetivo de identificar a “posição” do projeto econômico-social no contínuo projeto impulsionador e projeto confortador	205
ANEXO 8 – Frequência do censo da Cooperativa de Assentados e da Pesquisa junto aos estrategistas e viabilizadores da Empresa Beta	208
ANEXO 9 – Resultados das análises fatoriais aplicadas nas pesquisas feitas com os grupos sociais e com a Empresa Beta / Edna Alessandra Pereira	236

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, ONGs, Mercado e Estado têm investido recursos para ampliar a oferta de direitos sociais¹ e/ou viabilizar que as classes constituintes da base da Pirâmide Econômica Mundial² tenham acesso ao mercado formal de consumo. Esses investimentos tomam a forma de intervenção econômico-social e chegam à realidade simbólica e material do seu público-alvo, normalmente, sob o signo³ de projeto ou programa.

Tenho tido a oportunidade de observar essas intervenções porque pratico o voluntariado desde 1987. Essas atuações somadas à minha vivência profissional permitiram-me estranhar as relações que podem ser estabelecidas entre o projeto ou programa e o grupo social. Mas foi a força da experiência vivida na Vila Estrutural⁴, Distrito Federal⁵, que me arrancou da zona de conforto e me levou a empreender o estudo ora apresentado.

No ano de 2000, participei, a convite de amigos, de algumas ações “benéficas” na Vila Estrutural. As situações ali presenciadas, causaram-me tal impacto que foi impossível não fazer nada. Fiquei aterrada diante da mais absoluta convicção de que tudo que eu sabia era que eu não sabia.

Escolhi pedir ajuda à Universidade. Foi na pós-graduação em Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de ONGs⁶ que travei os primeiros contatos com a Sociologia e ficou claro que era a área de conhecimento adequada para auxiliar-me a responder a questão que me movia: **como e em que medida a ideologia, os métodos e as formas de intervenção econômico-social podem contribuir para a criação ou preservação de condições favoráveis à modificação ou à manutenção do ethos de um grupo social?**

Os primeiros desafios da jornada em direção à investigação do problema foram transformar a inquietação num projeto de pesquisa e me capacitar para a seleção do Mestrado. Superados aqueles desafios, deparei-me com outro: definir o objeto da pesquisa. Nesse momento inspirou-me a reflexão de Morin:

¹ No Brasil são considerados direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados. É importante destacar que promover os direitos sociais é uma obrigação do Estado em virtude da Constituição de 1988.

² The Base of the Pyramid Protocol: Toward Next Generation BoP Strategy, 2nd Edition, 2008.

³ Semiologia. Todo objeto, forma ou fenômeno que representa algo distinto de si mesmo: a cruz significando ‘cristianismo’; a cor vermelha significando ‘pare’ (código de trânsito); uma pegada indicando a ‘passagem’ de alguém; as palavras designando ‘coisas (ou classe de coisas)’ do mundo real; etc. Fonte: Dicionário Aurélio.

⁴ A Estrutural formou-se pela invasão de pessoas que passaram a morar nos arredores do “lixão” de Brasília (DF) porque sobreviviam da coleta e revenda de lixo.

⁵ Eu moro em Brasília (DF) desde 1999.

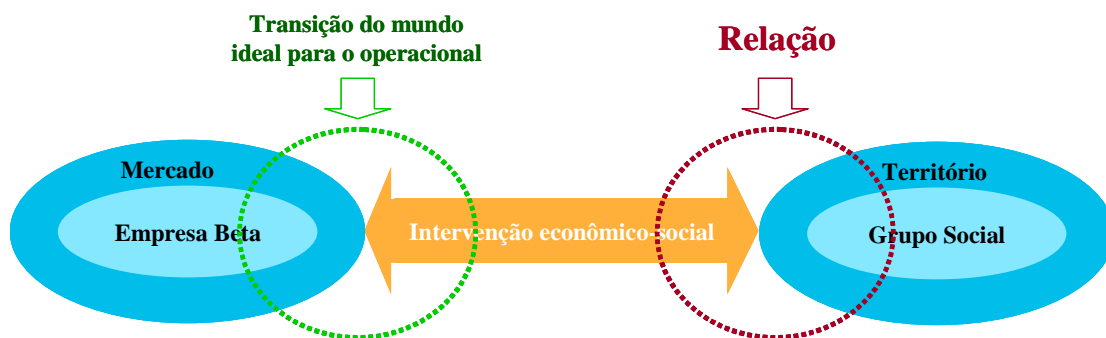
⁶ Cursado em 2003 e 2004 no Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília.

O pensamento complexo não é um conceito manipulável, é o de integrar em si próprio uma visão que busca a multidimensionalidade, a contextualização. É uma ajuda ao pensamento pessoal, não é um programa, um método que pode sair da minha bolsinha e ser utilizado. É uma integração em sua mente de alguns princípios fundamentais (MORIN, 2004, p. 59)

Depois de muitas leituras, reflexões e diálogos com o orientador percebi que não bastaria definir um grupo social e, tampouco, uma instituição que adotasse práticas de intervenção econômico-social, como objeto de estudo. O problema de pesquisa exigia pensar a relação entre a intervenção e o grupo social. E mais, para compreender a intervenção econômico-social existia ali também uma relação a ser investigada: a das crenças e valores dos idealizadores da intervenção com a qualidade dos seus componentes.

Isso só poderia ser conseguido se eu trilhasse um caminho metodológico que me permitisse conhecer as intervenções selecionadas e os grupos onde os projetos ou programas foram implantados para, então, poder falar sobre o objeto de estudo em si, ou seja, da relação entre a intervenção e ethos predominante no grupo social.

Figura 1. Relação entre os sistemas de crenças e valores dos criadores de uma intervenção econômico-social e o ethos predominante num grupo social.



Fonte: Elaboração da autora

Mas como transformar a relação num objeto de estudo? Comecei por caracterizar a relação como a dinâmica⁷ entre os componentes da intervenção econômico-social e a disposição dos indivíduos em ocuparem determinado lugar no universo social. A essa disposição dos indivíduos eu atribuí o nome de ethos.

A noção de dinâmica, empresto simultaneamente da Matemática e da Sociologia. Da primeira, por tratar do movimento ou do estudo das forças. Aqui as forças relacionadas são o

⁷ Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?palavra=din%E2mica>

poder econômico e os métodos de intervenção econômico-social materializados na qualidade dos seus componentes e, os sistemas de crenças e valores de um grupo social, mais especificamente, aqueles que levam o indivíduo a ocupar um determinado lugar no espaço social. Da segunda, absorvo a concepção de dinâmica social que trata das leis de coexistência e dos temas referentes aos indivíduos, família e sociedade, no caso, como ciência “do movimento necessário e contínuo” (Dicionário de Sociologia Globo, Ed. Porto Alegre, p. 101) do grupo social e dos atores institucionais responsáveis por intervenções econômico-sociais.

Formulado o problema e caracterizado o objeto de estudo, restava a estruturação de um caminho metodológico. Comecei pela reflexão sobre a intervenção econômico-social como uma prática social específica, caracterizada pela intervenção promovida num grupo social, por agentes externos ao mesmo, a pedido dele ou por iniciativa desses agentes. Os grupos sociais⁸, por sua vez, caracterizam-se como parte de um conjunto social mais amplo que, independentemente do seu nível de organização, possuem afinidades suficientes para se constituírem em público-alvo de intervenções econômico-sociais.

Essas noções somadas à observação empírica de intervenções num grupo social, leituras e experiência profissional, ajudaram-me a analisar as intervenções econômico-sociais como um sistema formado por diferentes componentes⁹ que são: idealização; definição do público-alvo; critérios para aporte de recursos econômicos e financeiros; comunicação com o público-alvo; espaço ocupado pelo público-alvo; tipo de recursos aportados; tempo de duração e resultados esperados.

A decomposição do processo de intervenção foi oportuna, porque trouxe luz ao fato de que suas partes constitutivas podem adquirir qualidades distintas. Ela permite explorar também se a interação com o grupo social é mais ou menos afetada, em razão das diferentes qualidades ou da força de alguns componentes. Dada a diferenciação qualitativa que os componentes podem adquirir, foram criadas, para favorecer a análise, duas categorias de intervenção distintas: intervenções econômico-sociais confortadoras e intervenções econômico-sociais impulsionadores. Enfim, senti que tinha chegado num roteiro metodológico cujo nexos possibilitava a operacionalização do estudo em relação ao processo

⁸ Eu utilizo grupos sociais em vez de comunidade ou território, porque eles não apresentam obrigatoriamente um “sistema de valores e um código moral que proporcionem a seus membros um senso de identidade” (GOHN, 2005, p. 56) nem necessariamente compartilham o mesmo território.

⁹ Em ciência e tecnologia, diz-se de parte constituinte de um sistema. Os componentes do projeto econômico-social formam um sistema e são ativos, ou seja, capazes de gerar ou amplificar energia e sua concentração nas diversas fases de implantação do projeto pode gerar variação independente. Esta definição é adaptada da eletrônica, da física e da química e tem como objetivo compartilhar a idéia do componente como ligado a uma lógica, mas com força suficiente para afetá-la. Foram consultados os dicionários Aurélio, Michaelis e Houaiss.

de intervenção. Faltava, agora, especificar melhor a outra ponta, ou seja, como investigar o ethos predominante no grupo social e sua relação com a intervenção econômico-social sofrida.

Inspirei-me em Weber para também chegar numa condição que permitisse a operacionalização da pesquisa junto aos grupos sociais a respeito do ethos predominante no grupo e dos possíveis impactos causados pela qualidade dos componentes da intervenção. Recorri ao tipo ideal como recurso metodológico e, baseada na observação, estabeleci as categorias de análise ethos da autoria e ethos da vitimação.

Uma das dimensões da definição de ethos, como se sabe, é o lugar que o indivíduo se permite ocupar no mundo, ou seja, no espaço social. Por ethos da autoria entenda-se, portanto, ocupar um lugar de transformação da realidade indesejada e, por ethos da vitimação ocupar um lugar de reprodução da realidade indesejada. Estas definições me permitiram observar a relação ou não dos processos com o ethos predominante no grupo social.

Assim, a hipótese deste estudo é que as intervenções econômico-sociais podem afetar a disposição dos indivíduos em ocupar o lugar da autoria ou o lugar da vitimação. Se a hipótese se mostrar coerente com essa pesquisa, reforçaremos a suspeita de que os processos de intervenção econômico-sociais podem ser considerados como instâncias produtoras de valores culturais e referências identitárias (SETTON, 2002, p. 60).

O desenvolvimento do estudo inicia-se pela apresentação de alguns números para oferecer uma perspectiva da envergadura dos investimentos feitos pelo mercado, pela sociedade e pelo Estado em intervenções econômico-sociais e, também, os autores que me ajudaram a sistematizar, analisar e realizar esta dissertação.

Busquei oferecer clareza do percurso e das técnicas adotadas nesta pesquisa, descrevendo os estudos de caso da Empresa Beta e um dos grupos sociais por ela apoiado e, da ONG Alfa e dois grupos sociais. A descrição tem o objetivo de contextualizar o estudo e oferecer uma idéia viva sobre as realidades pesquisadas. A produção dos textos descritivos foi baseada em primeiro lugar nas entrevistas e, em segundo, na pesquisa documental.

Além de apresentar um panorama do discurso dos entrevistados que será categorizado e comentado, mostrarei a análise unidimensional construída analiticamente, sobre as frequências da concordância e discordância da Empresa Beta e da Cooperativa de assentados a respeito de uma série de afirmações. A restrição da análise a essas duas entidades deve-se ao fato de terem respondido a pesquisa em proporção que dá segurança para a interpretação dos resultados como representativos.

Por fim demonstro os resultados da aplicação da técnica estatística CATPCA – *Categorical Principal Components Analysis* que quantifica os dados ordinais utilizando o procedimento *Optimal Scaling*¹⁰ e depois realiza a Análise de Componentes Principais (ACP). O recurso estatístico foi empregado para oferecer maior isenção às conclusões sobre a presença do ethos da autoria e do ethos da vitimação nos grupos pesquisados e sua relação com a intervenção econômico-social.

Os grupos sociais foram escolhidos em função de sugestão das instituições pesquisadas que receberam os nomes fictícios de Empresa Beta e ONG Alfa e foram convidadas a indicar locais onde considerassem que as intervenções por elas promovidas tinham alcançado maturação, a ponto de permitir a emissão de opiniões sobre o processo e as suas relações com as disposições dos indivíduos em ocupar determinado lugar no grupo social.

O grupo onde a Empresa Beta implanta projetos e que foi pesquisado é a Cooperativa de Assentados, localizada no Estado do Rio Grande do Norte. Os dois grupos onde a ONG Alfa tem projetos em andamento e foram pesquisados são a Cooperativa de Coleta e Reciclagem e a Associação para Mobilização Infante Juvenil, ambas localizadas no Distrito Federal.

¹⁰ O escalonamento ótimo ou *optimal scaling* é um procedimento que se encontra na base da CATPCA e atribui quantificações numéricas a construtos e variáveis (MAROCO, 2003).

2 JUSTIFICATIVA E REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

2.1 ONGS, mercado e Estado: panorama sobre os investimentos em intervenções econômico-sociais no Brasil

O Brasil¹¹ assistiu, a partir da década de 70, à proliferação das ONGs¹². Esta afirmação é evidenciada empiricamente pelo levantamento realizado por LANDIM (1993:51) e no estudo feito pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), em 1988.

Baseado em dados da Receita Federal, Landim detectou a existência de 190 mil instituições sem fins lucrativos – incluídas associações (90%), fundações, sindicatos e federações sendo que se fossem contabilizadas as instituições religiosas este número poderia chegar a 220 mil¹³. Entre 1978 e 1991 o número de organizações sem fins lucrativos cresceu de 76, para 190 mil no país o que correspondeu ao incremento de 250%¹⁴. A pesquisa realizada pelo Instituto de Estudos da Religião, com levantamentos de campo a cargo do Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa (Ibope)¹⁵ auferiu que, dos entrevistados, 22% dedicavam parte do seu tempo para apoiar instituições privadas com finalidade pública (cerca de 20 milhões de pessoas), 21% doavam, em média, R\$ 158,00 ao ano e, 29%, bens e alimentos.

A relevância do chamado terceiro setor também pode ser apreciada por meio dos resultados do estudo “As organizações sem fins lucrativos no Brasil, ocupações, despesas e recursos”, integrante de projeto internacional da Universidade John Hopkins (EUA) sobre o setor sem fins lucrativos no Brasil¹⁶, dos quais Ferrarezi¹⁷ extraiu as seguintes informações: o financiamento das organizações não governamentais é composto por 14% de doações de pessoas físicas; 14,5% provenientes do Estado; 3,2% de empresas e 68% de receitas próprias, sendo essas distribuições equivalentes às médias da América Latina.

Em relação aos empregos gerados diretamente pelas ONGs, contabilizaram-se 1,12 milhão de pessoas, representando 1,7% da população total ocupada no Brasil. Das instituições

¹¹ O fenômeno de proliferação de ONGs é mundial. Tratarei as tendências no Brasil em virtude do interesse de estudo.

¹² Forma recente de organização da sociedade civil, distinta de outras pessoas jurídicas pela característica de investir recursos privados em finalidades públicas e pelo fato dos lucros com a atividade serem revertidos para as atividades-fim da própria instituição.

¹³ ABONG. **Sobre a instalação da CPI das ONGs**. Associação Civil Alternativa Terra Azul. Disponível em: <<http://www.terrazul.m2014.net/spip.php?article495>>. Acesso em 24.02.2008, verifica-se que o número de ONGs ultrapassa 300 mil. No entanto, o artigo não promove distinção, por exemplo, entre instituições religiosas e demais instituições.

¹⁴ Neste estudo eu não investigo a questão dos benefícios fiscais concedidos às ONGs ou às empresas, ou às fundações mantidas por empresas.

¹⁵ A amostra desta pesquisa compôs-se de pessoas com mais de 18 anos, residentes em cidades com mais de 10 mil habitantes, em todo o país.

¹⁶ A pesquisa foi aplicada pelo ISER.

¹⁷ FERRAREZI, Elisabete. OSCIP... Brasília : AED, 2002. 87 p. (Prazer em conhecer, 4)

pesquisadas, 81% atuam nas áreas de educação, saúde, cultura/recreação e assistência social. O conjunto de instituições apresenta despesas operacionais girando em torno de R\$ 10,9 bilhões, o equivalente a 1,5% do PIB brasileiro, contra a média de 4,6% nos outros 22 países pesquisados.

Nesse contexto de efervescência das ONGs, nasceu, em 1993, a Ação da Cidadania Contra a Fome e a Miséria e pela Vida, protagonizada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. A sociedade civil brasileira foi convidada a participar do Movimento Contra a Fome e a Miséria e pela Vida e, em resposta ao apelo, foram criados cerca de cinco mil comitês da cidadania em todo o território nacional, dos quais, cerca de três mil foram fundados por funcionários da Empresa Beta. O Comitê Alfa, ONG na qual atuo desde 2004 e que será pesquisada neste trabalho, foi fundado pelos funcionários da Empresa Beta, em Brasília.

Ainda, de acordo com a "Pesquisa 2006 e 2007 - Responsabilidade Social Empresarial - Percepção do Consumidor Brasileiro"¹⁸, 74% dos paulistas realizam doações que chegam, em média, a R\$ 388 por ano. Os motivos que levam as pessoas a doarem recursos financeiros ou tempo, giram em torno da convicção (valores humanos), da conveniência (prestígio) e da coerção (necessidade de ser aceito socialmente). Assim, 57% buscam fazer algo para melhorar as condições de vida das pessoas, 17% doam por motivos religiosos, 15%, por satisfação pessoal, 13%, para exercer a cidadania e apenas 6% por se identificarem com a causa¹⁹.

Os movimentos da sociedade civil em relação às questões sociais e ambientais²⁰ não passaram despercebidos pelo mercado que, apoiado em pesquisas de *marketing*, verificou como o efeito da percepção dos consumidores a respeito de “sua responsabilidade social” poderia influenciar as decisões de compra dos seus públicos-alvo. Pode-se supor que tal fato tenha sido um motivador importante para o ingresso das empresas com fins lucrativos na arena em prol do desenvolvimento social.

Em 1998, o movimento pela responsabilidade social das empresas²¹ repercutiu no Brasil. Foi fundado, naquele ano, por um grupo de 11 empresas, o Instituto Ethos de

¹⁸ A pesquisa foi realizada no Estado de São Paulo e lançada em 26 de março deste ano pelos Institutos Akatu e Ethos, realizada pela Market Analysis Brasil Foram entrevistadas 957 pessoas com mais de 18 anos nas cidades de Guarulhos, Limeira, Santa Bárbara d'Oeste e São José dos Campos, todas no interior de São Paulo.

¹⁹ <<http://getinternet.ipea.gov.br/asocial/>>. Acesso em: 1.06.2008.

²⁰ Como o foco do meu interesse são os projetos econômico-sociais e os ethos da autoria e da vitimação, não abordarei aqui casos de projetos ambientais (que no caso do Mercado, incluiria os impactos do Protocolo de Kyoto).

²¹ No ano de 2000 a Bovespa implantou o Novo Mercado e os Níveis Diferenciados de Governança Corporativa – Nível 1 e Nível 2. Nas regras do chamado Novo Mercado não existem menções específicas sobre a adoção de práticas de responsabilidade socioambiental por parte das empresas. Essa nota tem o objetivo de levantar as questões: a responsabilidade socioambiental é parte ou está à parte do Mercado? Seria uma espécie de política social de primeira dama? Mais informações sobre o Novo Mercado podem ser obtidas nos endereços:

Empresas e Responsabilidade Social, sob a forma de associação sem fins lucrativos. A missão do Instituto é “Mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa”²². Atualmente o Instituto compõe-se de 1.331 pessoas jurídicas associadas, responsáveis por 35% do Produto Interno Bruto (PIB)²³ brasileiro e por cerca de dois milhões de empregos diretos.

Em 1999, a revista Exame trouxe como reportagem de capa da sua edição de 13 de janeiro o seguinte tema: *Agenda para o Futuro, os interesses dos acionistas dividirão espaço com os interesses da comunidade, dos clientes, funcionários e fornecedores. Bem-vindos ao mundo das empresas socialmente responsáveis*. A reportagem iniciara, com a carta de um consumidor que trocara a marca tradicional de açúcar por outra que continha na embalagem o selo Empresa Amiga da Criança²⁴.

Em 2003, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) lançou a Bolsa de Valores Sociais e Ambientais (BVS&A) – uma ONG – com o objetivo de apoiar instituições brasileiras sem fins lucrativos a empreenderem projetos que afetem positivamente condições sociais e ambientais no Brasil. Desde seu lançamento, a BVS&A arrecadou R\$ 8,36 milhões dos quais 3,9 milhões (47%) em 2007²⁵.

O envolvimento das empresas com a promoção do desenvolvimento econômico e social poderia sugerir a idéia de que elas vêm mudando de “negócio”. Estariam as empresas amenizando seu apetite pelo lucro máximo e sua apropriação privada²⁶? As evidências apontam que, ao contrário, os investimentos em projetos econômico-sociais e sua comunicação social adequada, podem ser as bases para a manutenção tanto da ampliação dos negócios tradicionais quanto dos índices de retorno sobre o Patrimônio Líquido²⁷ das empresas.

http://www.bovespa.com.br/pdf/Folder_NovoMercado.pdf e <http://www.bovespa.com.br/pdf/RegulamentoNMercado.pdf>, ambos acessados em 14.02.2008. Ambos estão devidamente referenciados na bibliografia. Não aprofundarei a questão porque desviaria muito do interesse específico deste trabalho de pesquisa.

²² Fonte: <<http://www.ethos.org.br/DesktopDefault.aspx?TabID=3349&Alias=Ethos&Lang=pt-BR>> acesso em: 16.02.2008.

²³ Fonte: <<http://www.ethos.org.br/DesktopDefault.aspx?TabID=3334&Alias=Ethos&Lang=pt-BR>> acesso em: 16.02.2008.

²⁴ Atualmente, mais de 1.062 empresas são certificadas pela Fundação Abrinq com o selo Empresa Amiga da Criança. Fonte: <http://www.fundabrinq.org.br/portal/alias_abrinq/lang_pt-BR/tabid_343/default.aspx> acessado em 25.02.2008.

²⁵ Fontes: <<http://www.bovespasocial.org.br/institucional/QuemSomos.aspx>>, acessado em 14.02.2008 e Extrato Socioambiental, Ed. 43 de fev/2008 (impresso).

²⁶ As ONGs caracterizam-se, dentre outros fatores, pelo investimento de recursos privados em fins públicos e pela não apropriação privada dos lucros. Estes são investidos na atividade-fim da instituição.

²⁷ No balanço patrimonial representa a diferença entre o valor dos ativos e dos passivos e resultado de exercícios futuros, representa o patrimônio líquido, que é o valor contábil pertencente aos acionistas ou sócios. Fonte: <http://br.biz.yahoo.com/g/glossary_invs7.html>. Acesso em 7.06.2008.

De acordo com a "Pesquisa 2006 e 2007 - Responsabilidade Social Empresarial - Percepção do Consumidor Brasileiro"²⁸, 77% dos brasileiros têm interesse em saber como as empresas tentam ser socialmente responsáveis, revelando estabilidade na comparação com os índices obtidos nas pesquisas anteriores. Um total de 51% dos entrevistados concordam, total ou parcialmente, que a empresa deve ir além do papel econômico tradicional e contribuir ativamente com a construção de uma sociedade melhor²⁹.

Em 2002, A revista HSM *Management*, número 32, trouxe como artigo de capa: *O tesouro na base da pirâmide*, artigo este assinado por C.K. Prahalad e Stuart Hart, ambos legitimados no campo da administração de empresas. Nele enfatiza-se que a concorrência para conquistar e manter os consumidores das camadas 1, 2 e 3 da Pirâmide Econômica Mundial (Figura 2) será cada vez mais cara e acirrada. Ora, se especialistas indicam que vender para poucos indivíduos que concentram a renda custará cada vez mais caro para as empresas, além da diferenciação e valorização da marca, a promoção do desenvolvimento social pode ser considerada uma ação preventiva, promissora e rentável, dado o potencial de novos nichos de mercado.

Figura 2 – Pirâmide Econômica Mundial

Renda anual per capita*	Camadas	População em milhões
Mais de US\$ 20 mil	1	75 a 100
US\$ 1,5 mil-US\$ 2 mil	2 e 3	1,5 mil a 1,75 mil
Menos de US\$ 1,5 mil	4	4 mil

* Baseado em paridade de poder aquisitivo nos Estados Unidos.
Fonte: Relatórios de Desenvolvimento Mundial da ONU.

Fonte: (PRAHALAD, 2002, p. 18).

Assim, há muito que ser feito pelas empresas tanto para que novos mercados consumidores sejam formados quanto para que elas próprias acessem o mercado de 4 bilhões de pessoas que ganham menos de US\$ 3 mil por ano e movimentam cerca de US\$ 5 trilhões³⁰.

No exemplo brasileiro, a porcentagem da renda apropriada pelos 80% mais pobres foi de 32,89% em 1991 e 31,94% em 2000 (decréscimo de 0,95%) enquanto, no mesmo período, os 10% mais ricos apropriaram-se de 50,99% e 52,36%³¹, acréscimo de 1,37%. Segundo

²⁸ Pesquisa lançada em 26 de março pelos Institutos Akatu e Ethos, realizada pela Market Analysis Brasil, cujo objetivo é detectar como o consumidor percebe as práticas de RSE das empresas.

²⁹ Fonte: <<http://getinternet.ipea.gov.br/asocial/>>. Acesso em 1.06.2008.

³⁰ Fonte: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u61630.shtml>>. Acesso em 24.06.2008.

³¹ Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em <http://www.fjp.gov.br/produtos/cees/idh/atlas_idh.php>.

dados divulgados pelo Ipea em 2008, relativos aos “fins do séc. XX”³², os 10% mais ricos apropriam-se de 75,4% da riqueza nacional³³.

Transitando na lógica das empresas, as alternativas apontadas para o Mercado giram em torno do “desenvolvimento social” como meio para criar e expandir novos mercados, uma vez que o desenvolvimento econômico por si só não garante a diminuição das desigualdades econômicas, ao contrário, concentra renda³⁴.

Nessa direção, em 2003, foi constituído, pela Empresa Beta, o Grupo de Trabalho Desenvolvimento Regional Sustentável, que será estudado nesta pesquisa, com o objetivo de criar e propor premissas e estratégias para atuação da Empresa no Desenvolvimento Regional Sustentável (DRS). Para a Empresa Beta, a Estratégia Negocial DRS é uma ação empresarial, orientada pelo aspecto econômico

que busca impulsionar o desenvolvimento sustentável das regiões onde a Empresa está presente, por meio da mobilização de agentes econômicos, sociais e políticos, para apoio a atividades produtivas economicamente viáveis, socialmente justas e ambientalmente corretas, sempre observada e respeitada a diversidade cultural³⁵.

Aos investimentos feitos pelo terceiro setor e pelo mercado para a promoção dos direitos sociais, somam-se os investimentos públicos, uma vez que no Brasil, o bem estar social é responsabilidade inerente ao Estado, conforme a Constituição Federal³⁶. Para compor uma idéia geral dos investimentos no desenvolvimento econômico e social feitos pelo poder público, tomaremos como seu representante o Governo do Distrito Federal, na figura da Secretaria de Ação Social. Em 2005, o orçamento do Distrito Federal, por programa, foi de R\$ 8.295.482.541,00, em 2006, foi de R\$ 9.336.710.784,00 e, em 2007 R\$ 10.215.805.803,13.

Cabe registrar que, por ocasião da CPI das ONGs, tornaram-se públicos os valores repassados pelo Governo Federal às instituições sem fins lucrativos, no período de 1999 a 2006, e que somaram (sem atualização monetária) 15 bilhões de reais³⁷.

³² Fonte: <<http://www.Ipea.gov.br/sites/000/2/destaque/JusticaTributaria.ppt#319,3>>. Acesso em 29.05.2008

³³ Nesta dissertação não aprofundarei análise sobre os mercados informais, apenas quero demonstrar sua relevância, por meio de dados do Ipea e da Pnad que apontaram 51,2% de informalidade no mercado de trabalho brasileiro em 2004. Fonte: Brasil, o estado de uma nação – mercado de trabalho, emprego e informalidade, 2006.

³⁴ ESTERNSSORO, Luis. *Capitalismo, desigualdade e pobreza da América Latina*. Tese de Doutorado. USP, 2003.

³⁵ Fonte: site da Empresa Beta, acessado em 05.01.2008.

³⁶ “Artigo 6º, Capítulo II – Dos Direitos Sociais – São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma dessa Constituição”

³⁷ Fonte: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2008-02-17_2008-02-23.html#2008_02-7_06_09_54-10045644-27>. Acesso em 17.02.2008.

Como foi sucintamente apresentado nos parágrafos anteriores, a atualidade é palco de esforços empreendidos por ONGs, Mercado e Estado em prol do desenvolvimento econômico e social de grupos sociais. Esses esforços comumente tomam forma de intervenções econômico-sociais que interferem nas realidades objetiva e subjetiva dos grupos por meio de medidas, ações, programas ou projetos e aí reside o problema que me inquieta e quero investigar: Como e em que medida a ideologia³⁸, os métodos e as suas formas de expressão na implementação das intervenções econômico-sociais podem contribuir para a criação ou preservação de condições favoráveis ao surgimento e/ou à manutenção do Ethos da Autoria ou do Ethos da Vitimação? Onde se localizam os vínculos que permitem essa contribuição?

2.2 As lentes que acomodam o olhar

A revisão da bibliografia, que culminou com este trabalho de pesquisa, foi iniciada em 2003 por ocasião da feitura da monografia intitulada Fundamentos e Referenciais para Alavancagem e Gestão de Empreendimentos Sociais que elaborei como requisito para conclusão do Curso de Especialização em Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de ONGs. Primeiramente pesquisei sobre as organizações não governamentais, ou seja, o chamado Terceiro Setor³⁹. O empreendimento, além de oferecer uma noção sobre a sua envergadura, permitiu-me sanar a necessidade de saber quais critérios serviam de base para diferenciar ONGs, Mercado e Estado. Em Fernandes (1994) encontrei a distinção que adoto neste trabalho.

A distinção oferecida pelo autor baseia-se, por um lado, na conjugação do tipo de agente com sua finalidade (Tabela 1) e, por outro, nos meios que o terceiro setor utiliza para obter adesão às suas propostas: “tais organizações não dispõem do uso legítimo da violência para obter assentimento às suas iniciativas. Suas políticas não são compulsórias. Sua influência depende de persuasão.” (FERNANDES, 1994, p. 23).

Tabela 1. Agentes e finalidades

Agentes		Fins		Setor
---------	--	------	--	-------

³⁸ Ideologia: Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: sociologia. Sistema de idéias (crenças, tradições, princípios e mitos) interdependentes, sustentadas por um grupo social de qualquer natureza ou dimensão, as quais refletem, racionalizam e defendem os próprios interesses e compromissos institucionais, sejam estes morais, religiosos, políticos ou econômicos. Fonte: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=ideologia>>. Acesso em:

³⁹ Esta nota é mais um registro de um aspecto que me inquieta e não trato nesta pesquisa: Quais lógicas fundamentam o fato da Sociedade Civil ser considerada o Terceiro Setor enquanto Mercado e Estado são denominados respectivamente de Segundo e Primeiro?

Agentes		Fins		Setor
Privados	para	Privados	=	mercado
Públicos	para	Públicos	=	Estado
Privados	para	Públicos	=	terceiro setor
Públicos	para	Privados	=	(corrupção)

Fonte: (FERNANDES, 1994, p. 21)

Com uma noção melhor a respeito da distinção entre ONGs, Mercado e Estado, senti necessidade de conhecer um pouco sobre a trajetória do terceiro setor no Brasil. Foi na leitura dos livros de Elisabete Ferrarezi e Luiz Carlos Mendes que me informei sobre a natureza das organizações não governamentais, seus objetivos e forma de viabilização no Brasil.

Na década de 50, as ONGs atuavam predominantemente numa lógica de assistencialismo e filantropia, as ações eram promovidas pelas pastorais ligadas à igreja católica, grupos profissionais e técnicos e se caracterizavam pela militância social.

No final da década de 60 surgem, no Governo Militar, as intervenções do Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral, do Projeto Rondon e, no setor privado, do Movimento Sindical que daria origem ao Partido dos Trabalhadores, do Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico Social – MUEDES, promovido pelo empresariado paulistano, e os Centros de Integração Empresa Escola - CIEE como expressões institucionais que avançam até a década de 70⁴⁰. A Igreja Católica também se faz presente pela Pastoral da Criança e Comunidades Eclesiais de Base.

Na década de 70, o enfoque do terceiro setor passou para o associativismo independente (da igreja e do Estado) e teve como foco a politização da sociedade. Naquele momento histórico as ações tornaram-se protagonizadas pelas lideranças nativas das comunidades. A partir da década de 80 o terceiro setor aproximou-se do Estado e do Mercado – provedores de recursos econômicos e financeiros – e ocorreram os fenômenos de proliferação, especialização e internacionalização das ONGs.

O conhecimento sucinto da trajetória recente das ONGs no Brasil incentivou-me a pesquisar sobre as suas relações com as intervenções econômico-sociais⁴¹. Foi no resultado de vinte e cinco anos de trabalho de Maria da Glória Gohn, generosamente compartilhado pela pesquisadora com o público, que pude conhecer tanto os diferentes paradigmas construídos

⁴⁰ Fonte: Estatutos do Projeto Rondon, Fundação MUEDES, CIEE e Fundação Mobral.

⁴¹ Mais tarde, percebi que, além das ONGs, mercado e Estado também promovem intervenções econômico-sociais.

para explicar os movimentos sociais quanto uma proposta metodológica para a análise desses movimentos (GOHN, 1997, p. 255).

Considerando que o objetivo geral desta pesquisa é investigar se as intervenções econômico-sociais afetam o ethos dos grupos sociais onde são implantados, fui orientada a conhecer trabalhos que abordassem mais diretamente aspectos associados à cultura e ao seu “desenvolvimento”.

Com a finalidade de conhecer metodologias, métodos e paradigmas⁴² que pudessem orientar esta pesquisa, centrei meu estudo nos seguintes autores: Norbert Elias, Robert Putnam, Bruno Latour e Pedro Demo. Para aprofundar-me sobre a trajetória do conceito de cultura em Sociologia e Antropologia, instruí-me com Roberto DaMatta, Denys Cuche e Roque Laraiá. Acerca do capital social, informei-me nos autores Robert Putnam e Maria Celina D’Araújo. Para ter uma compreensão melhor sobre a modernidade e o contexto urbano, busquei os autores: Milton Santos, Anthony Giddens, Mike Davis, Brasilmar Nunes e Louis Wirth. Ressalto que todas as obras consultadas encontram-se devidamente citadas e referenciadas.

A proposição de explorar se os programas ou projetos econômico-sociais contribuem para o surgimento e/ou a manutenção do ethos de um determinado grupo social exigiu o estudo e a articulação de conceitos como: tradição, cultura, desenvolvimento econômico, desenvolvimento social, inclusão social, movimentos sociais, reflexividade, ação racional, poder, liberdade e libertação.

A respeito da articulação entre as noções de tradição, cultura e desenvolvimento, foi nas abordagens feitas por Roberto DaMatta que encontrei alicerce teórico para dialogar com outros autores e orientar o olhar a ser empreendido nesta pesquisa. DaMatta considera que a ordem tradicional é expressada pela noção de cultura, na qual o indivíduo é englobado pelos costumes, pela casa e por suas relações pessoais. Na ordem tradicional, a identidade individual cede espaço para a identidade que é construída e sustentada pelas relações de amizade e parentesco. Assim, tradição e cultura colocam-se em oposição a uma ordem administrada pela sociedade civil e pelo Estado, ou seja, em oposição a uma ordem impessoal e contratual:

a sociedade civil seria o conjunto ideal e emergente a partir de uma tomada de consciência de que as sociedades são constituídas de

⁴² Neste trabalho utilizaremos o seguinte conceito de paradigma: “um conjunto explicativo em que encontramos teorias, conceitos e categorias, de forma que podemos dizer que um paradigma X constrói uma interpretação Y sobre determinado fenômeno ou processo da realidade social” (GOHN, 2002, p. 13).

seres humanos individuais – de cidadãos – cujas interações livres e igualitárias, consentidas e freqüentemente conflituosas, conduziriam a uma ordem política civil aberta, transparente, dotada de um alto sentido de responsabilidade, autoconsciente e governada por regras explícitas, escritas e legitimadas pela vontade geral. (DAMATTA, 2000, p. 50).

Esse ponto interessa, particularmente, porque o encontro entre a intervenção econômico-social e o grupo social poderia envolver implícita ou explicitamente uma provocação para

a passagem de uma ordem governada pela cultura para uma ordem administrada pela sociedade civil e pelo Estado nacional que lhe corresponde” e, “no caso da sociedade civil, todos devem proceder do mesmo modo, pois no seu meio não há costumes, valores ou ideologia, mas apenas pura racionalidade. Aquela racionalidade bem calibrada entre meios e fins. (DAMATTA, 2000, p. 50).

DaMatta destaca ainda que “A noção de sociedade civil, sem dúvida, nasce da idéia⁴³ universal de “civilização”, tão cara aos filósofos franceses e às elites de todos os países latino-americanos, especialmente o Brasil.”

Dessa filiação surge, certamente, a noção de desenvolvimento, como um modo talvez mais progressista – ou progressivo – centrado no eixo econômico⁴⁴, de interpretar as diferenças entre as sociedades e as nações e de propor maneiras de superar aquilo que se considera um atraso. [...] Basta ficar um pouco rico, fazer uma administração razoável, para pertencer ao clube dos “civilizados”- ou, perdão, dos “desenvolvidos (ou, ainda, dos cultos)⁴⁵. (DAMATTA, 2000, p. 53)

Aos apontamentos feitos por Da Matta sobre as noções de tradição, cultura e desenvolvimento, somarei conteúdos sintetizados por Roque Laraia e Denys Cuhe a respeito dos antecedentes históricos do conceito de cultura. Os autores apresentam os termos germânico *Kultur* e francês *Civilization* que, no final do séc. XVIII e princípio do seguinte, significavam respectivamente: a) os aspectos espirituais de uma comunidade e b) as realizações materiais de um povo. Durante o séc. XIX a França chegava a usar o termo *civilization* como sinônimo de cultura e era fortemente rebatida pelos autores alemães que rejeitavam a noção de cultura como algo material, econômico ou financeiro. Para os alemães a

⁴³ Grifo meu.

⁴⁴ Idem.

⁴⁵ Parênteses incluídos por mim.

noção de cultura estava relacionada à alma profunda de um povo, à sua identidade. Eu interpreto essa alma profunda como sendo os sistemas de crenças, valores, símbolos e significações compartilhadas por uma sociedade.

Foi Edward Tylor (1832-1917) que sintetizou os vocábulos germânico *kultur* e francês *civilization* no inglês *culture* que “tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos⁴⁶ pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2004, p. 25).

Para Tylor, o pai do conceito antropológico de cultura, as diferenças culturais existentes na humanidade poderiam ser explicadas pelo diferente estágio de evolução das civilizações sendo uma das tarefas da Antropologia “estabelecer, grosso modo, uma escala de civilização” (LARAIA, 2004, p. 33) (em cujo ponto ideal figurariam as nações européias)⁴⁷.

Essas questões servem para aguçar o olhar que pretendo ao empreender este estudo uma vez que é comum encontrarmos na literatura que trata sobre a promoção dos direitos sociais – pelas ONGs, pelo Mercado ou pelo Estado – as expressões inclusão social e desenvolvimento social. Eis aí duas expressões que podem induzir interpretações equivocadas.

Quanto à primeira, não seria mais adequado falar de inclusão a um certo patamar de consumo e a determinadas naturezas e tipos de serviços (muitas vezes obrigatórios e que o Estado não supre) ao invés de inclusão social? E quanto ao desenvolvimento social, quais são as características objetivas de uma sociedade desenvolvida? Não estariam os termos inclusão social e desenvolvimento social impregnados, respectivamente, dos vieses econômico do conceito francês de *civilization* e da escala ideal de civilização como proposto por Tylor? Afinal, qual sociedade serviria como referência de desenvolvimento social? “No entanto, o conflito das palavras se prolongará até depois do fim do conflito das armas, revelando uma oposição ideológica profunda [...]” (CUCHE, 2002, p. 31)

Essa discussão sobre o conteúdo ideológico dos termos inclusão social e desenvolvimento social pode caber no cerne da concepção de uma intervenção econômico-social. Será que ao conceber os projetos e os programas os criadores têm clareza das crenças e valores que os levam a definir critérios, parâmetros e métricas de avaliação? Seria possível

⁴⁶ Grifo meu.

⁴⁷ Parênteses incluídos pela autora.

perceber traços dos conceitos de *Kultur* e de *civilization* nos componentes das intervenções econômico sociais? E se encontrássemos esses vestígios, o que isso significaria?

O conteúdo principal desse exercício analítico segue na direção de desvelar qual é o modelo que se alastra pelo investimento nas ações de ajuda. Cabe atenção ao etnocentrismo possibilitado pelo fato da concepção e aplicação das intervenções econômico-sociais normalmente serem domínio de uma determinada classe social.

Ainda imbuída de conhecer mais sobre a formação da cultura e a possibilidade da sua transformação, considerei importante chamar Pierre Bourdieu e a sua noção de *habitus*:

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas, que permitem resolver problemas da mesma forma, e às correções incessantes dos resultados obtidos (ORTIZ, 2003, p. 57).

Dois aspectos da noção de *habitus* elaborada por Bourdieu interessam-me particularmente: a) o *habitus* como disposições duráveis e transponíveis⁴⁸ e b) gerado num tipo determinado de condições materiais de existência (ORTIZ, 2003, p. 74).

A possibilidade de transposição do *habitus* ajuda-me por apoiar a idéia de que, dada uma relação social (Weber, 1999), mesmo as disposições duráveis podem sofrer alteração. Também importa que sua constituição se dê num determinado padrão de acesso aos bens materiais, estéticos e culturais por apontar que ele nasce e se consolida no seio de uma classe social⁴⁹. O conceito de *habitus* formulado por Bourdieu tem como matriz a classe social enquanto os dados empíricos que tenho estudado sugerem que o ethos da autoria e o ethos da vitimação podem estar presentes em diferentes classes sociais.

O desejo de aprofundar-me a respeito de teorias que falassem de interações e alterações culturais levou-me ao substantivo “aculturação”⁵⁰. O termo parece ter sido criado pelo antropólogo americano J. W. Powel, por volta de 1880, para descrever as mudanças do modo de vida e de pensamento dos imigrantes, em contato com a sociedade americana (CUCHE, 2002, p. 114). Para que um fenômeno se caracterize como aculturação, algumas

⁴⁸ Grifo meu.

⁴⁹ Em alguns momentos eu cheguei cogitar alterar o termo classe social por classe econômica, mas desisti. Desisti porque o poder econômico é abarcado pelo conceito de classe social e lhe confere uma diferenciação qualitativa que é justamente o estabelecimento de laços e relações entre os economicamente semelhantes.

⁵⁰ “Em “aculturação”, o prefixo “a” não significa privação; ele vem etimologicamente do latim *ad* e indica um movimento de aproximação.” (CUCHE, 2002, p.114)

condições devem ser atendidas, como, por exemplo: a) contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes; b) ter a difusão e a assimilação como etapas de um processo e não como o processo em si e c) atentar para uma tipologia específica a respeito dos contatos culturais (CUCHE, 2002, p. 116).

A palavra *ethos* em seu sentido original, na língua Grega usual, significava morada ou abrigo de animais. O termo quando é aplicado ao contexto humano se refere às formas como o homem ocupa seu espaço no mundo⁵¹, seja ele pessoal ou coletivo. Assim, “ETHOS possui, pois, dois aspectos inseparáveis: a dimensão da vida individual regida por costumes e hábitos privados; e a dimensão da vida coletiva - a POLÍTICA - constituída pelos costumes e hábitos que regem a vida da comunidade.”⁵²

Neste trabalho utilizarei a noção de *ethos* em vez de tradição, cultura, civilização, aculturação ou *habitus*. A ação tradicional, como definida por Weber, trata da reprodução de costumes arraigados, ficando a categoria tradição inadequada para compor um trabalho que pretende explorar justamente a reflexividade social (GIDDENS, 1991) provocada pela interação de um grupo social com os conteúdos de uma intervenção econômico-social.

A aculturação, além de outros fatores, pressupõe contato contínuo entre indivíduos de grupos sociais distintos e a existência de alterações nas matrizes culturais dos grupos que se relacionam. Este estudo não contempla os requisitos que são exigidos no Memorando para o Estudo da Aculturação.

A dúvida sobre qual categoria utilizar ficou entre *ethos* e cultura. Apesar da categoria cultura ser bem debatida em Antropologia e Sociologia ela não levaria integralmente, em virtude de abarcar uma infinidade de fenômenos, ao foco que pretendo debater e que se localiza num de seus aspectos específicos: o lugar que os indivíduos se autorizam a ocupar no mundo social. Assim, considerarei mais adequado, utilizar uma interpretação do conceito de *ethos*.

A noção de *ethos* transcende a classe social, abarca, sem misturar, a dimensão da vida individual e a dimensão da vida coletiva, além de lembrar etimologicamente do lugar que o indivíduo ocupa no mundo. Dessa forma, entendo que será um conceito útil na investigação das intervenções econômico-sociais e sua relação com o lugar ocupado predominante pelos integrantes de um grupo social.

⁵¹ Grifo meu.

⁵² SILVA, Franklin Leopoldo e, professor de Filosofia da USP, apresentação em Power Point®.

Dado que os projetos econômico-sociais parecem contribuir para o surgimento ou manutenção de diferentes maneiras de se posicionar diante da realidade, minha primeira ocupação será explorar a gênese, tanto ideológica quanto social, dessas intervenções. A intenção desse movimento é investigar se existem “lugares” diferentes de onde podem ser elaboradas as intervenções e os efeitos desse “lugar” na sua qualidade.

O desejo de investigar as matrizes ideológicas é inspirado e se respalda nos estudos de Weber e Merton quando apresentaram a relação entre conteúdos ideais (religião protestante puritana) e o surgimento do capitalismo racional e, da ciência para a glorificação de Deus e bem estar do homem⁵³, respectivamente.

Weber expressou a relação entre o sistema de crenças e valores de um certo tipo de indivíduo (protestante ascético) e um certo tipo de ação criadora do espírito do capitalismo ocidental. Merton⁵⁴ relacionou a ética puritana, que incutiu determinados valores nos indivíduos, ao crescente interesse dos ingleses pelas ciências, no séc. XVII. A articulação dos valores fundamentais daquele tempo pela ética puritana – a ciência para a glorificação de Deus e bem estar do homem – permitiu que, pela primeira vez na história, a ciência fizesse frente aos dogmas religiosos como força transformadora. Merton constatou que a reforma protestante havia transferido o peso da salvação individual da Igreja para o indivíduo. Nascia, naquele contexto, o indivíduo responsável pela própria salvação e libertação.

A visualização das intervenções como um “agente social”, por sua vez, inspirou-se nas constatações de Maria da Glória Gohn que, no Brasil, as assessorias dos movimentos sociais tiveram e têm forte influência ideológica no seu desenvolvimento, ou seja, existe uma “comunicação de ideologia” entre os movimentos sociais e os agentes externos a ele.

Se consciente da relevância da tarefa que os sistemas de crenças e valores cumprem como fortes e poderosos padrões de orientação da ação, salta aos olhos a definição de exclusão social contida na publicação do Ipea “Brasil: o estado de uma nação”⁵⁵, como aquele que independe do trabalho e do mérito do indivíduo para que ocorra, desconsiderando a força das crenças e valores como condicionantes de um “estado” ao qual está submetido também, mas não somente, pela força do meio.

⁵³ Este trecho do estudo feito por Merton chama-me muito à atenção pelo fato de expressar, na minha percepção, a ligação e não o rompimento com as crenças religiosas daquela época. A ciência é para a glorificação de Deus e não para a glorificação dos homens em relação a Deus.

⁵⁴ Merton dedica-se a explicar e demonstrar o interesse dos ingleses do séc. XVII ao cultivo da ciência. Neste estudo interessa-me apenas a demonstração de que os conteúdos ideais – crenças e valores – foram os responsáveis pela viabilização dessa realidade.

⁵⁵ Ipea. Brasil: o estado de uma nação, 2005. Rio de Janeiro : 2005.

Nessa publicação os dados jamais são apresentados na perspectiva das crenças e valores e na complexidade cultural. A pobreza é definida pelo critério da insuficiência de renda para satisfazer as necessidades básicas de alimentação, transporte, moradia, saúde e educação⁵⁶, considerando pobres os indivíduos cuja renda mensal é inferior a meio salário mínimo⁵⁷, e indigentes “aqueles cuja renda não é sequer suficiente para se alimentarem adequadamente”. Em 2002, cerca de 40 milhões de pessoas, 29% da população do país, seriam consideradas pobres (incluindo-se os indigentes)⁵⁸.

Além de apresentar conceitos e dados sobre a pobreza no Brasil, o estudo publicado pelo Ipea conceitua a exclusão social como aquela que:

pode ser entendida como um mecanismo ou conjunto de mecanismos que fazem com que um indivíduo ou família, independentemente de seu **esforço ou mérito**⁵⁹, esteja limitado em sua possibilidade de ascensão social⁶⁰ presente ou tenha artificialmente reduzida a probabilidade de ascensão futura. (Ipea, 2005, p. 87)

Ou seja, o “estado” observado, dado como resultante de um mecanismo ou conjunto de mecanismos que podem afetar severa e negativamente o desenvolvimento do indivíduo e impediram-no de exercer os seus esforços meritariamente, não é considerado em sua essencialidade, em sua gênese. É entendido quase que numa perspectiva “natural”, fenômeno hoje, equivocadamente denominado, de exclusão social. Equivocadamente porque somos sociais. A exclusão poderia ser qualificada mais precisamente: do acesso a serviços públicos, pelos quais pagamos, e que melhoram, ou deveriam melhorar, as condições de vida (libertação) de toda a sociedade. Ou, ainda, exclusão de um estilo de vida urbano sustentado na perspectiva do consumo como forma de auto-realização.

⁵⁶ Esta definição é, no mínimo, intrigante porque: a) no Brasil, o provimento da saúde e da educação são obrigações inerentes ao Estado. Se ao Estado cabe prover, por que as pessoas precisam ter recursos para pagar? e b) inexistente distinção entre as realidades urbanas e rurais. É razoável supor que, numa pequena propriedade, as pessoas tenham condições de produzir o mínimo para comer? Será que elas precisam dos mesmos recursos que uma pessoa que vive nas grandes cidades para se alimentar? Quero dizer com isso que, a generalização pode provocar distorções.

⁵⁷ A tentação de discutir se o salário mínimo brasileiro pode ser considerado suficiente para o que se propõe é grande. Não farei isso porque perderia o foco. Só para exemplificar, o salário mínimo no Canadá está em torno de R\$ 36 mil ao ano. No Brasil, é menos de R\$ 5 mil ao ano, ou seja, sete vezes menos.

⁵⁸ Peço licença para registrar que a insuficiência de renda pode servir para diagnosticar o acesso que os moradores urbanos têm aos alimentos. Não sei se cabe “como uma luva” para falar da miséria do campo. Ilustro essa observação com um trecho de uma palestra do professor Marcos Terena onde ele fala que os índios “Não conheciam a pobreza.” (MORIN, 2004, p.21). A questão é: quais vieses políticos, estratégicos e operacionais podem decorrer do conceito de pobreza centrar-se exclusivamente no aspecto econômico?

⁵⁹ Negrito meu.

⁶⁰ No meu entendimento a expressão “ascensão social” deveria ser substituída por ascensão econômica ou por aumento do acesso aos direitos sociais, dependendo do que, exatamente, significa.

O termo exclusão social, além do desviar o foco da qualidade e da abrangência dos serviços públicos, ignora que o mérito em “ascender” é, também, do sujeito da ação, do impulso da sua vontade e da sua determinação e não, apenas, da situação que o impediu de ascender, tanto que há superações⁶¹. Isso nos leva aos sistemas de crenças e valores e ao foco cultural.

Tanto a definição de pobreza quanto a de exclusão social estão, para o Ipea, fora do escopo da ação diferenciada dos indivíduos como sujeitos de sua realidade frente às condições precárias de vida. Essas distinções permitiriam distinguir melhor “o estado” da população brasileira, de acordo com o seu potencial e condição territorial de seu crescimento. Decerto, bem mais importaria indicar índices de acomodação e de superação para que os óbices e barreiras ao desenvolvimento sejam combatidos e os impulsos de desempenho sejam conhecidos em favor da melhoria das condições de vida.

Relembrando o pensamento complexo de Morin (vide página 21) é relevante o entendimento sobre o norte em que se coloca a pauta do desenvolvimento:

O problema da submissão é uma missão histórica muitíssimo importante. A submissão é o contrário da liberdade e da autonomia e é um problema colocado há muitos séculos. [...] Não basta eliminar, digamos, aqueles que têm o poder político, capitalista ou outro. O problema está em como fazer uma nova sociedade. (MORIN, 2004, p. 37)

Portanto, é razoável admitir que o conceito de pobreza adotado pelo Estado Brasileiro⁶² oriente as políticas sociais no sentido de promover, conforme definido por Hannah Arendt⁶³, a libertação das pessoas do império das suas necessidades físicas. A urgência dessa ação (Quem tem fome, tem pressa) pode contribuir para que o Estado trate com baixa-ênfase (ideal e material) as políticas destinadas à promoção da liberdade, que é o estado em que os indivíduos exercem sua autoria por meio, inclusive, mas não só, da articulação política.

Ao diferenciar libertação de liberdade, Hannah Arendt explica que a condição de liberdade depende da solução da libertação dos imperativos do corpo e não é uma consequência automática dela. A liberdade está ligada ao contato dos indivíduos com conteúdos ideais que considerem possíveis e valorizem as capacidades de autoria. Pode-se

⁶¹ Quando apresentar os estudos de caso dos grupos sociais Cooperativa de Assentados e Cooperativa de Coleta e Reciclagem, será comentada a magnitude desse esforço e se farão algumas reflexões a respeito.

⁶² Consideraremos os conceitos publicados pelo Ipea, como conceitos legitimados e adotados pelo Estado.

⁶³ Da Revolução, 1988.

portanto, admitir que o melhor norte do desenvolvimento seria aquele direcionado para a expressão autônoma dos indivíduos e não enfatizá-lo no rumo da vitimação, ou seja, da “pobreza”.

Neste estudo, à luz de Hannah Arendt, deixa-se explícita a consideração dos impérios do corpo, das necessidades de sobrevivência física. No entanto, sem ignorar o fato de sermos um animal dotado de todos os impulsos necessários à sobrevivência biológica (somos predadores), é mister deixar absolutamente claro que o fiel da balança deste estudo é de ordem cultural. Este posicionamento sustenta-se, além de Weber e Merton, em Robert Putnam⁶⁴ que após mais de vinte anos de estudos sobre os diferentes níveis de desenvolvimento institucional das administrações regionais da Itália moderna, conclui que o civismo explica o desenvolvimento econômico melhor que a própria economia:

Em suma, a economia não serve para prognosticar o civismo, mas o civismo certamente serve para prognosticar a economia, mais até do que a própria economia. (PUTNAM, 2002, p. 166)

A reflexividade social (GIDDENS, 1991) será tratada como o veículo que permite a interação dos indivíduos que compõem um grupo social com os conteúdos e a forma das intervenções econômico-sociais, possibilitando a relação entre intervenção e ethos, sem que isso signifique que a reflexividade se dá numa direção única:

Em um mundo de alta reflexividade, um indivíduo deve alcançar certo grau de autonomia de ação como condição que lhe capacite para sobreviver e para moldar uma vida; mas autonomia não é a mesma coisa que egoísmo e, além disso, implica reciprocidade e interdependência. [...] Ela deveria ser entendida como reconciliação de autonomia e interdependência nas diversas esferas da vida social, inclusive no domínio econômico. (GIDDENS, 2001, p.21)

A alta reflexividade é um dos componentes da modernidade (GIDDENS, 1991). Referenciá-la teoricamente acresce mais um importante ingrediente para a crítica deste e outros trabalhos que pretendem verificar o impacto sócio-cultural de projetos econômico-sociais nos grupos onde são implantados. Essa crítica pode ser feita em função da reflexividade ser impulsionada por informações que chegam aos indivíduos, de diferentes lugares, podendo levá-los a pensar e a agir.

⁶⁴ Robert David Putnam (born 1941 in Port Clinton, Ohio) is a political scientist and professor at Harvard University. He is also Visiting Professor and Director of the Manchester Graduate Summer Programme in Social Change, University of Manchester (UK). Disponível em:< http://en.wikipedia.org/wiki/Robert_D._Putnam>. Acesso em 31.05.2008.

Para localizar este estudo no tempo-espaço assumo que estamos na modernidade onde predomina o urbano como estilo de vida. Assim, entendo que cabem algumas contextualizações: o que caracteriza a modernidade? Em ambiente de modernidade, existe espaço para as intervenções econômico-sociais?

Segundo Giddens, a modernidade se caracteriza pelo ritmo da mudança, escopo da mudança e natureza intrínseca das instituições modernas. O ritmo da mudança da nossa época não encontra precedentes na história conhecida e é viabilizado pela separação tempo-espaço; pelo desencaixe dos sistemas sociais e pela reflexividade.

A separação tempo-espaço foi possível em virtude: da invenção do relógio mecânico que “correspondeu à uniformidade na organização social do tempo” (GIDDENS, 1991, p. 26); da padronização dos sistemas de datação e tempo através das regiões e do mapeamento “completo” do mundo conhecido. Estes mecanismos viabilizaram em grande medida, o comércio, a comunicação e as redes internacionais. Em relação aos estudos sociológicos é preciso estar atento porque, “o que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a forma visível do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza.” (GIDDENS, 1991, p. 27).

Além de convivermos, conscientemente ou não, com a separação espaço-tempo, experimentamos, também, o desencaixe dos sistemas sociais. Por desencaixe dos sistemas sociais, entenda-se “o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29). Os mecanismos que permitem essa desvinculação são as fichas simbólicas e os sistemas peritos. As fichas simbólicas são os meios de intercâmbio, dos quais o dinheiro é um exemplo, que circulam sem manter quaisquer características vinculantes aos indivíduos ou grupos que o originaram ou lidaram com ele em situações particulares⁶⁵.

Os sistemas peritos são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje.”(GIDDENS, 1991, p. 35). Eles permitem que tomemos decisões baseados na confiança de que uma informação está correta sem que tenhamos a mínima idéia sobre como foi concebida e em que pressupostos se baseia⁶⁶. Aliás, a confiança é essencial tanto para o uso e valorização das fichas simbólicas quanto dos sistemas peritos (GIDDENS, 1991).

⁶⁵ O dinheiro que está na nossa carteira pode ter passado pela mão de religiosos, crianças, traficantes e não temos condições de associá-lo ao seu “passado”.

⁶⁶ A recente crise do segmento subprime nos Estados Unidos desvelou o risco de um segmento de “sistemas peritos de avaliação de risco”.

O desencaixe dos sistemas sociais permite a tomada de ações e decisões que afetarão um determinado contexto social sem que as pessoas, lá residentes, tenham chance de se manifestar e, até mesmo, de se preparar para as mudanças. Os próprios tomadores de decisão podem ficar sem condições de prever as conseqüências totais dos seus atos. Antigamente, o território⁶⁷ – sua materialidade, sua relevância simbólica, as relações sociais ali existentes – era fator quase que intrínseco à realização de um negócio, por exemplo. Atualmente, a padronização dos mapas⁶⁸, dos métodos para aferição de riscos⁶⁹, as modalidades de produtos financeiros⁷⁰, a articulação dos mercados e a facilidade de locomoção permitem que decisões sejam tomadas sem quaisquer contatos com o ambiente social onde seus efeitos serão sentidos.

O terceiro aspecto que afeta o ritmo da mudança é a reflexividade, entendida como “ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz das contínuas entradas de conhecimento afetando as ações de indivíduos e grupos”(GIDDENS, 1991) alterando intrinsecamente os sistemas aos quais o próprio conhecimento se referia. Para este estudo, a reflexividade é especialmente importante porque se refere à capacidade dos indivíduos e não aos efeitos de mecanismos criados por indivíduos, mas que acabam adquirindo um certo automatismo que lhes confere quase que status de natural, irrevogável e inalterável. Algo que transcende a condição humana e adquire “vida própria”.

A reflexividade, pelo lugar que ocupa na modernidade, permite ver as intervenções econômico-sociais, no mínimo, como agentes que provocam a entrada de novas informações num grupo social podendo afetar as ações dos indivíduos e do próprio grupo.

O escopo da mudança, uma das características distintivas da nossa época, refere-se ao alcance das ações, informações, padronizações e outros, em condições de modernidade. Como exemplos empíricos da amplitude e do potencial do escopo de mudanças, tomamos a moda lançada na novela das oito que logo toma as ruas do Brasil, a língua que passa a ter um referencial de “sem sotaque”, uma suposta tentativa de atentado terrorista na Inglaterra pode

⁶⁷ Neste trabalho adoto o seguinte entendimento a respeito de território: “O território passa a ser visto não como uma categoria geográfica espacial, estática, como num mapa cartorial. Ele é visto como uma categoria fundante e articuladora de práticas políticas, como algo histórico. O território é o suporte de práticas identitárias; ele está na base dos conflitos e também na construção dos consensos.” (GOHN, 2005, p. 59)

⁶⁸ Como exemplo da facilidade de se visualizar o território físico, indico o acesso ao Google Earth® que “permite voar para qualquer lugar na Terra e ver imagens de satélite, mapas, terrenos, edificações em 3D e até mesmo explorar galáxias”. Disponível em: <<http://www.earth.google.com.br>>

⁶⁹ A indicação do risco país, por exemplo, é feita por agências de *rating* internacionais a partir de análises que podem ser pouco afetadas por um conhecimento concreto do país avaliado e, sua legitimidade no mercado internacional afeta diretamente o preço do dinheiro a que o avaliado terá acesso.

⁷⁰ Para quem tem interesse em se aprofundar nos produtos financeiros que tornam difícil identificar o ativo ao qual se referem, sugiro pesquisar sobre mercado de derivativos, composição de fundos de investimento e alavancagem financeira.

levar à adoção de medidas de segurança em parte do mundo, afetando o conteúdo permitido das bagagens de mão em vôos nacionais no Brasil.

Outra característica específica da modernidade refere-se à natureza intrínseca das instituições modernas. Essas instituições são o capitalismo, o industrialismo e o estado-nação sendo que, “[...] devemos ver capitalismo e industrialismo como “feixes organizacionais” ou dimensões diferentes envolvidos nas instituições da modernidade.” (GIDDENS, 1991, p. 61)

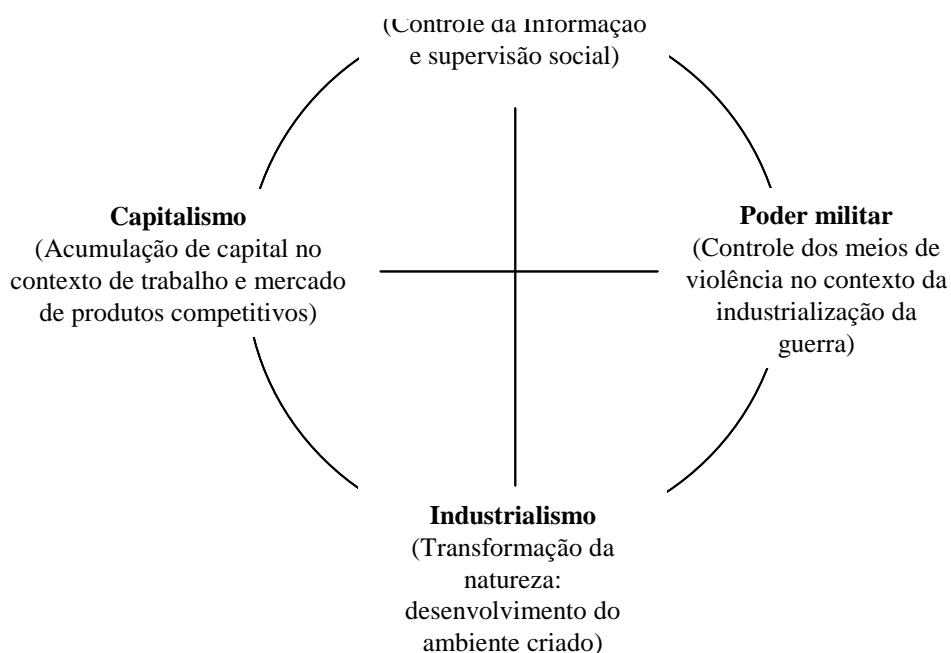
O capitalismo é o sistema de produção de mercadorias baseado na propriedade privada do capital e de sua relação com o trabalho assalariado de um contingente que não dispõe da posse dos meios de produção. A natureza do mercado capitalista é competitiva, predominantemente em relação aos preços dos produtos, tem alcance internacional e visa resultados no curtíssimo prazo.

O industrialismo é a forma como se dá conta da produção exigida pelo modelo competitivo do capitalismo moderno. Ele caracteriza-se pelo “uso de fontes inanimadas de energia material na produção de bens, combinada ao papel central da maquinaria no processo de produção” (GIDDENS, 1991, p. 61). O industrialismo necessita de infra-estrutura e organização que lhe permitam o funcionamento previsível. Daí uma de suas fortes contribuições para os estilos de vida da sociedade industrial: roteiros para chegar ao trabalho, vilas construídas para os empregados morarem, transporte, normas, controle de informações, horário de chegar, horário do lanche, etc.

As características institucionais específicas das sociedades capitalistas são: 1º. a natureza fortemente competitiva e expansionista da empresa capitalista que pressiona a inovação tecnológica e os custos de produção com o menor investimento possível em “mão-de-obra” principalmente para produtos com baixo valor agregado (*commodities*); 2º. a esfera econômica é relativamente isolada das outras arenas sociais, particularmente da política; 3º. a separação do estado e da economia fundamenta-se sobre a propriedade privada dos meios de produção⁷¹ e 4º. o “controle dos meios de violência” e o nível de coordenação administrativa alcançado pelos estados-nação, não encontram precedentes na história. Abaixo, a síntese das dimensões institucionais:

⁷¹ Não discutirei as colocações do autor a respeito do isolamento da economia das demais arenas sociais e a separação do Estado e da Economia porque não é foco neste estudo. Mas penso caberem ponderações.

Figura 3. As dimensões institucionais da modernidade.



Fonte: Giddens, 1991, p.65

As dimensões institucionais da modernidade e a própria racionalidade preconizada pelo Iluminismo, no entanto, não criaram as condições para que a história pudesse ser previsível ou teleguiada. O potencial de conflitos em consequência das disputas de poder e da ausência de tolerância entre diferentes culturas pode provocar o que o autor chama de riscos de alta consequência: crescimento do poder totalitário; conflito nuclear ou guerra de grande escala; deterioração ou desastre ecológico e colapso dos mecanismos de crescimento econômico (GIDDENS, 1991). Em alguns momentos tem-se a nítida sensação de que o autor reflete sobre o que poderia garantir uma sociedade pacífica e equilibrada, infértil aos riscos de alta consequência. A estruturação das dimensões de um realismo utópico parece ser a resposta articulada para consolidação dessa visão (ou, talvez, dessa esperança).

O realismo advém do marxismo porque as mudanças sociais “terão muito pouco impacto prático se não estiverem vinculadas a possibilidades institucionalmente imanentes.” (GIDDENS, 1991, p.155). A utopia é representada pela superação da dialética senhor-escravo⁷² e o reconhecimento de que apenas a **política emancipatória**⁷³ não considera e, portanto, não dá conta das necessidades individuais de auto-realização como um fator determinante para a auto-identidade. O eixo utópico apresenta a **política da vida**⁷⁴ que “se refere a engajamentos radicais que procuram incrementar as possibilidades de uma vida

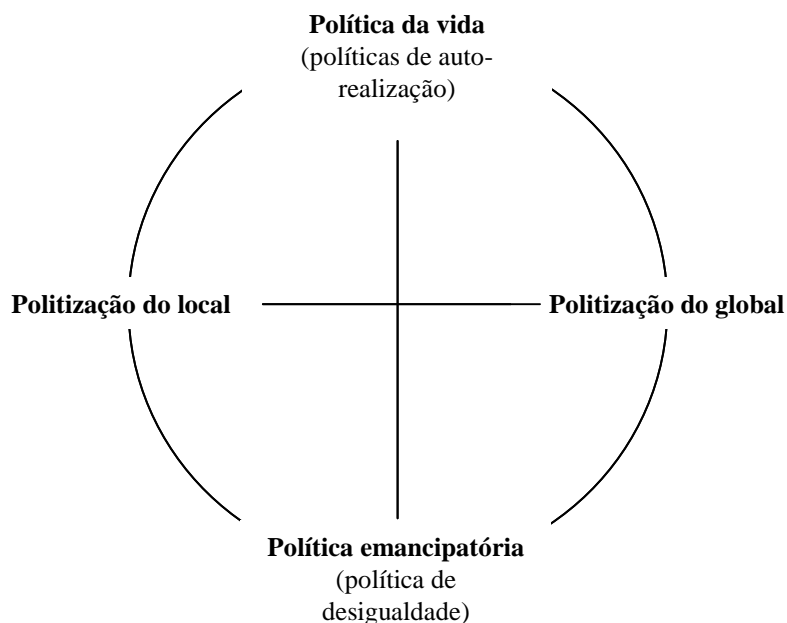
⁷² Grifo meu.

⁷³ Negrito meu.

⁷⁴ Idem.

realizada e satisfatória para todos, e para a qual não existem “outros”.” (GIDDENS, 1991, p.155).

Figura 4. As dimensões do realismo utópico.

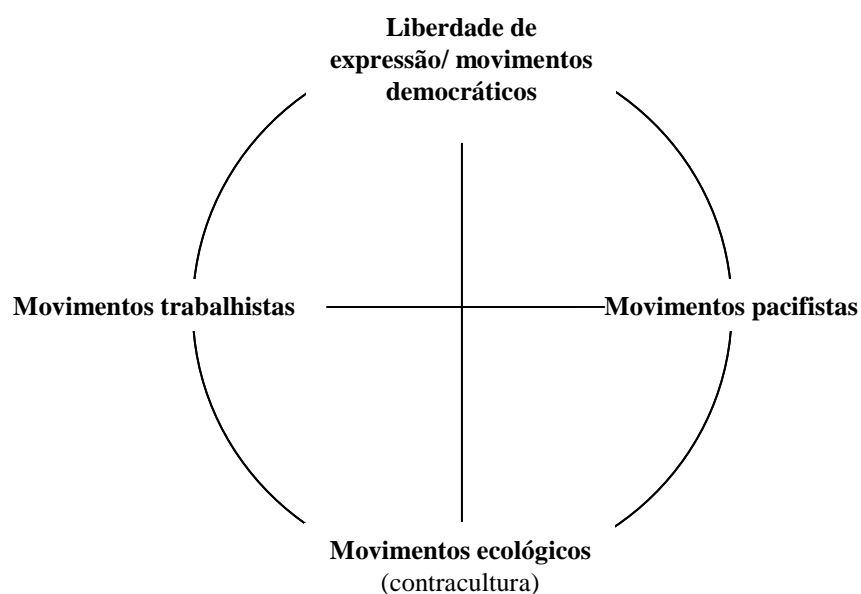


Fonte: Giddens, 1991, p. 157

Giddens não cita Hannah Arendt mas a dialógica política emancipatória e política da vida, lembra, sem confundir, os conceitos de libertação e liberdade. Isto reforça a idéia de que a política, em condições de modernidade, para obter sucesso no empreendimento de pacificação interna, deve transcender os aspectos intrínsecos à sobrevivência material e ampliar sua atuação para os aspectos que dizem respeito à auto-realização e à auto-identidade. E as intervenções econômico-sociais, teriam algum papel na modernidade?

Elas são importantes porque podem ser vinculadas ao caráter multidimensional da modernidade, são instâncias de reflexividade social e permitem vislumbres da sociedade que se deseja na medida em que viabilizam sonhos, realizações e uma abordagem onde deixa de fazer sentido a oposição nós versus eles. Assim como apresentou um esquema para as instituições da modernidade e para o realismo utópico, Giddens apresenta a articulação dos movimentos sociais para serem analisados em conjunto com as instituições da modernidade.

Figura 5. Os tipos de movimentos sociais.



Fonte: Giddens, 1991, p. 159

Como apresentado rapidamente, a modernidade contém características que a diferenciam das ordens tradicionais precedentes. Apesar da racionalidade empregada, do desenvolvimento econômico, da centralização dos meios de violência e do aparato administrativo desenvolvido pelo Estado, a velocidade da mudança, o escopo da mudança e as instituições modernas favorecem que mudanças aconteçam em velocidade ímpar sem que o controle histórico possa ser exercido. No entanto, admitir que o controle histórico não pode ser exercido, não significa abrir mão das utopias e de pensar formas que ajudem a sociedade a encontrar seu equilíbrio. Os movimentos sociais “proporcionam vislumbres de futuros possíveis e são em parte veículos para sua realização” (GIDDENS, 1991, p. 161).

Se a modernidade é o ambiente técnico-econômico-social que acolhe este estudo, também podemos dizer que seria incompleto pensar num pano de fundo para esta pesquisa sem nos referirmos à questão urbana e às cidades como uma de suas expressões. Para acrescentar informações ao contexto que estamos construindo, buscarei algumas informações na obra *Teorias da Cidade*, de Bárbara Freitag.

Com o objetivo de “construir” uma teoria das cidades a partir de um arcabouço teórico escolhido, Bárbara Freitag sistematizou essas teorias em quatro escolas distintas: Alemã, Francesa, Anglo-Saxônica do Reino Unido e Anglo-Saxônica Americana.

Daquele conteúdo riquíssimo, pretendo apenas destacar alguns pontos para evidenciar, a partir de alguns dos autores escolhidos pela autora, que assim como os indivíduos, a cultura e as funções que desempenha dão forma às cidades elas também podem “modelar e dar forma” aos indivíduos.

Iniciarei justamente por Lévi-Strauss que concentrou seus estudos nas civilizações ágrafas e se tornou “um grande intérprete das estruturas lógicas do pensamento indígena, que se traduzem, entre outras [...] na maneira como os índios do Planalto Central brasileiro dispõem suas ocas no espaço das aldeias” (FREITAG, 2006, p. 65). Ele trouxe à luz que a forma materializada no espaço físico das moradias era fruto das relações hierárquicas, de parentesco e, por que não, da moralidade dos grupos sociais por ele estudados.

Em contraste com a cidade modelada consciente ou inconscientemente pela cultura ou pela visão de mundo, trazemos os tipos “alegóricos” criados e descritos por Walter Benjamin e por Luiz Sérgio Darte da Silva para descrever os efeitos da cidade sobre os indivíduos que viram caracterizados nas cidades de Paris e Brasília, respectivamente.

Benjamin descreve os personagens que vê passarem pelas galerias de Paris: o perambulador, a prostituta, o catador de papéis, o colecionador. Luiz Sérgio vê “aparecerem” os tipos-ideais sonhador, civilizador, interessado, fascinado e instrumentalizado.

Ambos realizam seus estudos em épocas diferentes, mas recorrem aos tipos ideais para melhor expressar o urbano que se manifestava por meio de um jeito de fazer, de parecer, de viver, de ser. Esses autores demonstram a força que a cidade tem sobre o social sem negar que o social também exerce sua força sobre a forma material cidade.

Ainda falando sobre cidades, foi Weber que formulou a tipologia mais difundida. Ela considera a possibilidade de diversas combinações de suas características e tem como atributo definidor do tipo a função exercida pela cidade: cidade do príncipe, cidade de consumo, cidade produtora e cidade comercial.

Diferentes autores relacionam a dinâmica social das cidades com o capitalismo moderno e as novas exigências de um mercado competitivo, expansionista e internacional. Peter Hall, por exemplo, estudou e demonstrou a relação entre investimentos financeiros significativos e continuados como um dos elementos que contribuíram fortemente para que Atenas, Florença, Londres, Paris, Viena e Berlim tenham sido expoentes em determinados momentos históricos.

Dentre as várias perspectivas das teorias das cidades também podemos citar aquelas que preconizaram o urbano como resultado de um projeto racional bem planejado e executado. Mas, acima de tudo, a cidade vive, modela-se, arranja-se em acordo com as particularidades do seu tempo. Basta olharmos à volta para perceber as formas que a cidade adquire.

O nível da urbanização, o desenho urbano, as manifestações das carências da população são realidade a ser analisada à luz dos subprocessos econômicos, políticos, e socioculturais, assim como das realizações técnicas e das modalidades de uso do território nos diversos momentos históricos. (SANTOS, 2005, p. 11)

A mecanização do solo é um dos aspectos que transformam a vida nas regiões e, assim como Giddens, Santos também registra que as pessoas cada vez mais vivem num ambiente criado, graças à tecnologia que se propaga.

Graças à disponibilidade de capital e ao avanço técnico-científico, a divisão social do trabalho aprofunda-se e se reflete na divisão do território que se especializa em diferentes tipos de produção. Algumas regiões metropolitanas passam a ter crescimento econômico inferior às regiões agrícolas e a sofrer com a escassez de trabalho e renda para o contingente de pessoas que lhe afluíram (SANTOS, 2005).

Com a integração de rodovias, ferrovias e com os correios ocorre também a fluidez do território. Produções podem ser transportadas mais facilmente e sistemas de produção, industrialização e comercialização vão se integrando. Milton Santos aponta a informação, em todas as suas formas, como “motor fundamental” do processo social e o território como um ambiente equipado para facilitar essa comunicação. Assim como Giddens, ele chama a atenção para as novas relações espaço/tempo e as exemplifica com o rápido desenvolvimento de algumas cidades como é o caso de Goiânia, atual capital do Estado de Goiás. Assim, longe de qualquer conflito, o urbano parece ser o local que personifica as dinâmicas econômicas, culturais e políticas que caracterizam a modernidade.

Até o momento, vimos que a tipologia definida por Giddens para caracterizar e distinguir a modernidade das dinâmicas sociais que a antecederam encontra ressonância no texto produzido por Milton Santos a respeito da urbanização brasileira e das condições que ele entende viabilizar e sustentar esse movimento. Ainda assim, recorrerei a Louis Wirth para reforçar a idéia de urbanismo como estilo de vida, condição que extrapola a dinâmica econômica e a dimensão territorial da cidade.

No texto “O Urbanismo Como Modo de Vida”, Wirth crítica os critérios correntes para classificar territórios como urbanos ou rurais por se constituírem numa forma arbitrária baseada em números e sem quaisquer correlações com as dinâmicas sociais presentes no local.

A questão não reside em se saber se as cidades na nossa civilização ou em outras possuem esses traços característicos, e sim em apurar sua capacidade de moldar o caráter da vida social à sua forma especificamente urbana. (WIRTH, 2. ed., p. 94)

Se fôssemos usar a imagem das redes, as cidades seriam os nós de rede que sustentam e propagam um determinado estilo de produção e de vida, que extrapola seu território e afeta dinâmicas sociais em locais cujo patamar de “artificialização” da vida não se equipara ao seu. Essa artificialização decorre da crescente disponibilidade e dependência que temos de sistemas peritos, de invenções humanas e do fascínio que elas exercem para além das fronteiras das grandes cidades. Muitas das invenções afetam diretamente as opções de lazer, como por exemplo: energia elétrica, eletro-eletrônicos, auto-móveis, cinemas, piscinas, parques, *shopping centers*, vídeo *games*, etc.

No livro *O Planeta Favela*, Mike Davis registra um texto de Gita Verma que pode indicar a artificialização da vida como um atrativo das grandes cidades “A causa básica da favelização urbana parece ser não a pobreza urbana, mas a riqueza urbana” (DAVIS, 2006, p. 103).

Contextualizar o estudo sobre as intervenções econômico-sociais e suas possíveis relações com a formulação ou reformulação do ethos predominante nos grupos sociais onde são implantados, no moderno e no urbano, tem o objetivo de dar clareza ao fato de que é uma tentativa de caracterizar um fenômeno que se relaciona dinamicamente e complexamente a outros.

Assim, a motivação deste estudo reside em pensar e investigar se os projetos econômico-sociais mesmo inseridos num contexto de rápida transformação podem provocar a reflexividade de indivíduos e de grupos sociais. Se essa reflexividade pode afetar a disposição dos indivíduos em ocupar determinado lugar na sociedade, esperamos que a pesquisa empírica possa nos ajudar a responder.

3 CAMINHO METODOLÓGICO

Como objetos de estudo foram escolhidas, por conveniência da pesquisadora, duas instituições que promovem intervenções econômico-sociais e que receberam os nomes fictícios de Empresa Beta e ONG Alfa. Também foram objeto de estudo os grupos sociais Cooperativa de Assentados, Cooperativa de Coleta e Reciclagem e, Associação de Mobilização Infante Juvenil, também hipoteticamente nominadas. Os grupos foram escolhidos a partir de sugestões das instituições promotoras das intervenções econômico-sociais.

Cabe esclarecer que conheço e me relaciono com as duas organizações aqui pesquisadas há um bom tempo. Sou voluntária da ONG Alfa desde 2004 e exerço a vice-presidência desde 2006. Quanto à Empresa Beta, temos um contrato de trabalho desde 1994. No entanto, merece relevo que as informações usadas nesta dissertação foram obtidas de fontes disponíveis ao público (site das instituições) e nas pesquisas de cunho qualitativo e quantitativo definidas abaixo.

Importa, também, explicitar que este estudo exploratório, visa esclarecer o fenômeno objeto do estudo e não extrapolar as evidências encontradas, com vistas a generalizações de ordem conceitual. Intenta-se sim, conhecer melhor o objeto de pesquisa e testar o método de investigação.

As formas de intervenção adotadas pela Empresa Beta e pela ONG Alfa enquadram-se no conceito aqui sugerido para intervenções econômico-sociais: uma prática específica caracterizada pela intervenção promovida num grupo social, por agentes externos ao mesmo, a pedido dele ou por iniciativa desses agentes. No entanto, além da envergadura das ações, os métodos utilizados para intervenção podem distinguir-se bastante de uma para outra instituição.

3.1 Intervenções Econômico-Sociais – componentes e qualidades

A observação participante dos processos de intervenção econômico-sociais possibilitou distinguir e nominar os componentes⁷⁵ constitutivos, que são: idealização; definição do público-alvo; critérios para aporte de recursos econômicos e financeiros; comunicação com o público-alvo; espaço ocupado pelo público-alvo; tipo de recursos aportados; tempo de duração e resultados esperados.

⁷⁵ Nesse estudo, componente terá o significado adotado em ciência e tecnologia: parte constituinte de um sistema. Fonte: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

3.1.1 Idealização

A idealização afeta a qualidade de todos os componentes. Assim como “por detrás de qualquer prática política há sempre uma teoria que lhe dá sustentação ou legitimidade no campo da própria teoria”⁷⁶, também em relação às intervenções econômico-sociais deve-se ter clareza a respeito das teorias, das crenças, dos valores e das visões de mundo que lhes fundamentam. Neste componente, trato de investigar os ideais e as visões de mundo relativas às formas de se sustentar, se prover ou ser provido e mais ainda, de uma possível disseminação da cultura que marca onde é o lugar de cada um, dentro de uma determinada sociedade ou grupo social.

O enfoque dado nesta abordagem é o de que a intervenção econômico-social erige-se a partir das crenças, valores, visão de mundo, visão de si e visão do outro, portados pelos indivíduos que desenvolverão uma determinada forma para agir sobre a realidade econômica e social de um grupo social.

Quando estudo a idealização estou investigando o mundo das idéias, ou seja, o mundo ideal. Ao decompor o projeto em mais componentes pretendo empreender uma trajetória rumo à materialização desses conteúdos, em formas específicas de agir sobre a realidade.

3.1.2 Definição do público-alvo

A partir da idealização do projeto podem-se definir os públicos com os quais se tem interesse em trabalhar. Os critérios para defini-los podem basear-se em requisitos técnico-burocráticos (registro no CNAS, título de utilidade pública federal, etc), no conhecimento das atividades empreendidas na comunidade, na existência de recursos para uma aplicação específica, na existência de atividade produtiva, na existência e comprovação de carência material e, ainda, levar em consideração a organização social.

3.1.3 Critérios para aporte de recursos econômicos e financeiros

Os critérios para aporte de recursos econômicos e financeiros podem restringir-se ao cumprimento formal de etapas previstas no processo e à comprovação fiscal dos dispêndios nele previstos ou dar ênfase ao envolvimento da comunidade com a concretização das ações demandadas ou sonhadas ou, ainda, levar em consideração as mudanças que ocorrem na visão de si, do outro e do grupo por parte do público-alvo.

⁷⁶ NUNES, Brasilmar Ferreira. Classes e sociabilidades no meio urbano. [S.L.] : [s.n.], [2---].

Neste item poderemos observar se a formalização – descrição do projeto, fontes e usos de recursos e cronograma – é utilizada como meio para auxiliar no desenvolvimento dos trabalhos ou como o fim a ser atingido. A importância do cumprimento e a forma de planejamento do cronograma também podem distinguir os processos de intervenção entre si. Podem existir projetos em que o cronograma de atividades e desembolsos rege a relação entre a instituição financiadora e os grupos sociais. Há também os projetos em que a relação é regida pela dinâmica do grupo onde são implantados.

3.1.4 Comunicação com o público-alvo

A existência de um projeto depende da adesão de um público ao que o projeto propõe⁷⁷. O veículo que possibilita essa adesão é a comunicação. Para facilitar a análise das pesquisas, dividirei o componente comunicação com o público-alvo em três momentos distintos: **abordagem do público-alvo, fechamento do acordo e, construção da legitimidade e da manutenção.**

A abordagem do público-alvo pode ser encaixada no sistema social (GIDDENS, 1991) onde se pretende implantar o projeto – por meio de visitas, reuniões – ou desencaixada do sistema social (GIDDENS, 1991) onde será feito o investimento – internet, jornais e editais. Na abordagem são apresentados os propósitos do projeto econômico-social, os tipos de ajuda e as condições para que um grupo social participe do projeto.

O fechamento do acordo caracteriza-se pela concordância tanto dos patrocinadores quanto dos patrocinados a respeito da forma e das condições que regerão as ações e os pré-requisitos para a liberação de recursos. Este momento também pode estar encaixado ou desencaixado da realidade social.

A legitimidade e a manutenção do projeto podem se dar pelo incentivo ao fortalecimento de relações horizontais de solidariedade e colaboração (Putnam, 2002) entre os agentes ou pela ênfase nas relações verticais de dependência e subordinação (PUTNAM, 2002) do beneficiário, em relação ao patrocinador ou às assessorias que intermedeiam a captação de recursos.

3.1.5 Espaço ocupado pelo público-alvo

O grupo social existente na própria comunidade pode assumir ao longo do tempo totalmente a coordenação e a operacionalização dos projetos econômico-sociais – o que

⁷⁷ Nesse trabalho não abordarei casos de fraude onde o projeto pode existir documental e orçamentariamente e inexistir na realidade.

implica no total acesso às informações – ou prever que os projetos sejam conduzidos e coordenados por pessoas e instituições externas ao grupo.

3.1.6 Tipo de recursos aportados

Esse componente também se diferencia, além do aporte de recursos de natureza econômica ou financeira, pelos conhecimentos que serão ou não transferidos para o grupo social. Nos projetos impulsionadores o grupo social assumirá os papéis de negociação, tomada de decisões e dominará os processos que foram propostos inicialmente pelos agentes externos. Nos projetos confortadores o grupo social assume o papel de beneficiário de um apoio em decorrência do preenchimento dos requisitos exigidos pelos financiadores. O seu papel será o de comprovar as exigências para receber a ajuda ou acessar o investimento.

3.1.7 Tempo de duração

Pode ser rígido, baseado numa lógica de curto prazo – o que pode indicar uma contaminação do industrialismo (GIDDEN, 1991) – e definido pela instituição promotora, independentemente de qualquer conhecimento da dinâmica social dos grupos que lhe serão público ou ser flexível, baseado numa lógica de médio e longo prazo, definido em conjunto pela instituição patrocinadora e pelo grupo social.

3.1.8 Resultados esperados

Podem ser de natureza simbólica – expressado na auto-estima dos participantes, na valorização da cultura local e disposição para a mobilização social, associações de moradores, florescimento de empreendimentos locais – e/ou de natureza material – construção de casas, aumento da renda familiar, etc. A questão é diferenciar os tipos de intervenção que definem o sucesso do empreendimento pelo cumprimento do cronograma físico-financeiro daqueles que, além da questão do cumprimento, abordam as tramas das relações sociais e a aquisição de competências técnicas e administrativas pelos grupos sociais, como requisito fundamental para a avaliação do processo.

Os processos de intervenção econômico-social de natureza impulsionadora ou confortadora possuem o mesmo conjunto de componentes. O que os diferencia é a qualidade.

Tabela 2. Matriz de Análise da Qualidade dos Componentes das Intervenções Econômico-Sociais

COMPONENTES	QUALIDADES	
	CONFORTADORA	IMPULSIONADORA
Idealização do projeto	O público-alvo é visto como composto por indivíduos que precisam de ajuda para sobreviverem e o projeto é visto como provedor das condições de sobrevivência.	O público-alvo é visto como composto por indivíduos que precisam de apoio para superar uma condição limitante e viverem e o projeto é visto como um meio de transição da dependência de recursos para a independência.
Definição de público-alvo	Vítimas de mecanismos ou conjunto de mecanismos que independentemente do esforço ou mérito perpetuam-se.	Agentes dotados de capacidades para alterar a sua realidade simbólica e material se apoiados economicamente e providos das capacitações necessárias.
Crítérios para aporte de recursos econômicos e financeiros	Comprovações documentais tanto de cumprimento de requisitos técnico-burocráticos quanto dos desembolsos previstos no projeto.	Disposição do grupo social em visualizar a realidade que desejam para si e trabalhar em prol da materialização dessa realidade.
Comunicação com o público-alvo	Desencaixada da realidade social presente no território onde o projeto será implantado, reforça a crença de que o grupo social depende de ajuda para sobreviver e favorece relações verticais de dependência e subordinação.	Encaixada na realidade social do território onde o projeto será implantado, reforça a crença que o grupo social pode se tornar independente de ajuda e favorece relações horizontais de confiança e colaboração.
Espaço ocupado pelo público-alvo dentro do projeto	O público-alvo assume o papel de beneficiário.	O público-alvo assume o papel de agente.
Tipo de recursos aportados pelo projeto	De natureza material: dinheiro, alimentação, materiais de construção, brinquedos, roupas, etc	De natureza: simbólica – crenças, valores, sonhos; técnico-científica – conhecimentos, tecnologias e técnicas; social –relacionamento interpessoal, liderança, comunicação e, material - dinheiro, alimentação, materiais de construção, brinquedos, roupas, etc.
Tempo de duração	Cronograma definido previamente pela instituição patrocinadora, possui pouca ou nenhuma flexibilidade.	Cronograma definido em conjunto pela instituição patrocinadora e pelo grupo social, possui flexibilidade.
Resultados esperados	Melhoria de índices de distribuição de renda, diminuição dos sofrimentos causados pela fome, pelo frio e outras causas físicas.	Melhoria dos índices de ação, participação social e política com conseqüente redução de mortalidade infantil, melhor distribuição de renda.

Fonte: Elaboração da autora

Como expressou Peter Mann, a Sociologia não é determinística, mas, como Ciência, formula probabilidades (MANN, 1979). Ao distinguir as intervenções econômico-sociais em duas categorias distintas e explicitar as diferentes qualidades de seus componentes, pretendo viabilizar a pesquisa de campo para saber se as diferentes qualidades e componentes podem contribuir para a criação ou manutenção do ethos predominante nos locais onde são implantadas.

3.2 Tipo ideal – um recurso metodológico

11. A Sociologia constrói [...] conceitos de tipos e procura regras gerais dos acontecimentos. [...] Como em toda ciência generalizadora, seus conceitos, devido à peculiaridade das suas abstrações, têm de ser relativamente vazios quanto ao conteúdo, diante da histórica realidade concreta. O que pode oferecer, em compensação, é a maior univocidade de conceitos. Alcança-se esta maior univocidade pelo ótimo possível de adequação de sentido, tal como o pretende toda a conceituação sociológica. [...] ela se distancia da realidade, servindo para o conhecimento desta da forma seguinte: mediante a indicação do grau de aproximação de um fenômeno histórico a um ou vários desses conceitos torna possível classificá-lo. (WEBER, 1999, p. 12)

Como criado e definido por Weber, o tipo ideal é um constructo elaborado pelo cientista social a partir da observação de um fenômeno da cultura, servindo-lhe como uma espécie de microscópio ou lente de aumento, ou seja, é um recurso metodológico. O que a olho nu parece ser homogêneo pode mostrar-se heterogêneo quando aplicadas técnicas de ampliação que permitem a visualização de particularidades e diferenças. É com essa finalidade que eu adoto o tipo ideal: ampliar as características do fenômeno estudado a fim de permitir distinções que sem a exacerbação ficariam praticamente inviabilizadas.

Para permitir a operacionalização desta pesquisa, concebi duas categorias para análise da qualidade das intervenções econômico-sociais, que são: intervenções econômico-sociais impulsionadoras e intervenções econômico-sociais confortadoras.

O exame da natureza dessas intervenções, por sua vez, “pode permitir a sua apreensão como complexo de relações sócio-institucionais, movimentando atores e interesses.” (RIBEIRO, 2000, p. 19).

3.2.1 Operacionalização dos tipos-ideais

3.2.1.1 Intervenções econômico-sociais impulsionadoras

As intervenções econômico-sociais impulsionadoras são definidas como aquelas que têm como objetivo contribuir para a criação de condições que favoreçam que o público-alvo do projeto ocupe a posição de sujeito da própria realidade simbólica e material. A ênfase desses projetos é na consolidação de relações horizontais de confiança e colaboração (PUTNAM, 2002) entre os integrantes do grupo social e destes com os agentes externos ao grupo.

O aporte de recursos econômico-financeiros acompanha um processo de assunção de responsabilidades e domínio de tecnologias (conhecimento técnico, contato com fornecedores e distribuidores de produtos, agências de fomento, etc) pelo público-alvo. O cronograma para implantação desses projetos tem flexibilidade porque contempla aspectos de ordem cultural que não podem ser tratados como se trata, por exemplo, a execução físico-financeira de uma obra.

3.2.1.2 Intervenções econômico-sociais confortadoras

As intervenções econômico-sociais confortadoras têm como objetivo contribuir para o saneamento das carências materiais e a tranquilização de um determinado público-alvo. A ênfase desses projetos é na aplicação de recursos conforme orçamentos e cronogramas definidos e no suprimento das carências materiais dos indivíduos. Esses projetos “de um lado impedem o aumento e o acúmulo de capacidade no nível da comunidade ao assumir os papéis de negociação e tomada de decisão” (DAVIS, 2006, p. 85) e, de outro, são restringidas pelas dificuldades de gerenciar as verbas dos doadores, com sua ênfase em fundos para projetos de curto prazo, com responsabilização financeira e resultados tangíveis (DAVIS, 2006, p. 85).

Pouca ou nenhuma atenção é dada às dimensões simbólicas em virtude até mesmo da pressa de se atenderem os cronogramas e as estatísticas pretendidas pelos agentes externos à comunidade.

O empreendimento desta pesquisa requeria elaborar, também para o grupo, um esquema interpretativo que permitisse aferir o ethos predominante e sua relação com a intervenção ocorrida. Para isso, operacionalizaram-se os tipos ideais de Ethos da Autoria e Ethos da Vitimação.

3.2.1.3 O Ethos da Autoria

Caracteriza-se pela ação de transformação da realidade indesejada. É a materialização da crença na capacidade de que cada indivíduo e o grupo social onde vive dispõem de força para afetar a sua realidade simbólica e material. Neste ethos o indivíduo considera-se capaz e age como sujeito da sua realidade simbólica e material. Esta ação é orientada e orienta a construção material e ideal das condições de vida desejadas pelos indivíduos.

Para consistir o caráter empírico e, portanto, observável desse ethos, exemplificarei algumas situações: busca do desenvolvimento pessoal (retorno à aula, alfabetização, participação em cursos), participação em atividades comunitárias, abaixo-assinados, mutirões e uso de novas expressões na linguagem verbal.

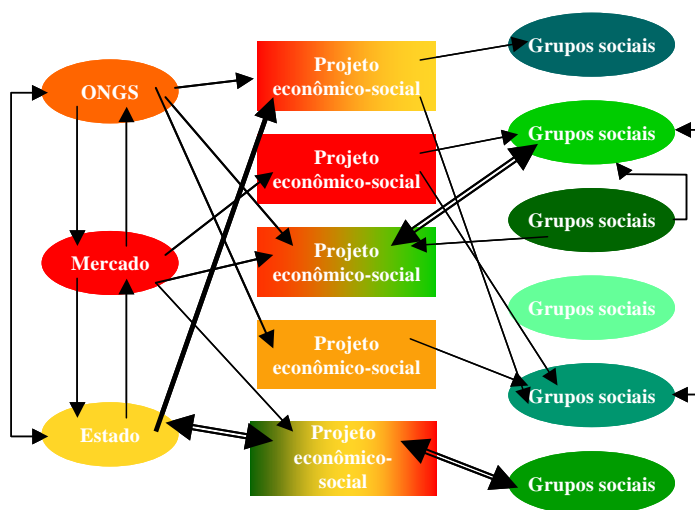
3.2.1.4 O Ethos da Vitimação

Caracteriza-se pela ação de reprodução da realidade indesejada. É o exercício da crença que o indivíduo e o grupo social onde vive são incapazes de afetar a sua realidade simbólica e material. Nesse ethos o indivíduo considera, a si mesmo e ao grupo do qual faz parte, incapazes de afetar sua realidade simbólica e material. Neste ethos o indivíduo encarna o papel de objeto social⁷⁸.

Também para consistir o caráter empírico e, portanto, observável desse ethos, exemplifico algumas situações: linguagem verbal expressando a transferência da responsabilidade sobre a realidade a instituições exteriores ao indivíduo (pessoas, Estado, igrejas), discurso de desqualificação de iniciativas (“isso não dá certo”, “sempre foi assim”, “já tentaram antes”), resistência a incentivos que convidam ao trabalho de autoria.

A Figura 6 oferece uma idéia da dinâmica entre instituições que financiam e promovem intervenções econômico-sociais e os grupos sociais. Chamo a atenção para o fato de um mesmo grupo poder ser público-alvo de diferentes instituições.

Figura 6. Dinâmica entre ONGs, Mercado, Estado, Projetos econômico-sociais e os grupos sociais.



Fonte: Elaboração da autora

Quero ressaltar que não residem nos tipos ideais Ethos da Autoria e Ethos da Vitimação distinções fundamentadas em aspectos econômicos e/ou financeiros. Com isso reforço minha posição em relação à aplicação exploratória desses tipos ideais como maneira

⁷⁸ Embora não esteja fazendo nenhum recorte de natureza etária, penso que outras pesquisas poderiam ser feitas avaliando as relações das intervenções econômico-sociais com adolescentes. Suspeito que os projetos que gravitam em torno do tipo ideal projetos confortadores têm pouca aderência desse público. De qualquer forma, é apenas uma suspeita que não investigo neste trabalho.

de apreender um traço cultural predominante que, como já sublinhado, independe da classe econômica a que o indivíduo “pertence”.

Como apresentado, o objeto de estudo deste trabalho é a relação entre as qualidades dos componentes dos processos de intervenção econômico-social e o ethos predominante num determinado grupo social. Para isso serão estudados os modelos de intervenção social, desenvolvidos pela Empresa Beta no incentivo às atividades produtivas no País e pela ONG Alfa no seu apoio a grupos sociais.

3.3 - Operacionalização da pesquisa

3.3.1- População Pesquisada

O segmento pesquisado segundo instituição e respectivos Grupos Sociais apoiados são os seguintes :

Tabela 3: População pesquisada

Instituições	Grupos sociais	População		
		Atores	Segmento pesquisado	
			Quantidade	%
Empresa Beta		133 trabalhadores dos níveis estratégico e tático	68	51%
	Cooperativa Assentados RN	24 membros da cooperativa	24	100%
ONG Alfa		10 voluntários	5	50%
	Cooperativa de Coleta e Reciclagem	200 cooperados	19	9,5%
	Associação de Mobilização Infanto- Juvenil	28 famílias atendidas pela creche	5	18%

Fonte: Elaboração da autora

3.3.2 Tipos de pesquisa

Os tipos de pesquisa adotados, segundo segmento populacional, objetivos e técnicas aplicadas estão assim definidos:

Tabela 4: Técnicas utilizadas

Natureza da Pesquisa	Instituição pesquisada	Quantidade de pessoas pesquisadas	Objetivos	Técnicas
Quantitativa	Empresa Beta	68	1. identificação do perfil sócio-econômico; 2. apreensão das qualidades dos componentes da intervenção econômico-social; 3. coleta da percepção sobre o potencial da intervenção interferir na cultura do grupo social.	1. Questionário fechado; 2. Escala de concordância Likert de 5 pontos; 3. Escala de concordância Likert de 5 pontos.
	*Grupos sociais	45	1. identificação do perfil sócio-econômico; 2. apreensão da percepção da relação da intervenção econômico-social com a disposição dos indivíduos em atuar pela transformação da sua realidade; 3. apreensão do ethos predominante no grupo social.	
	Cooperativa de Assentados	24		
Qualitativa	Empresa Beta	8	Apreender os conteúdos ideais portados pelos formuladores e viabilizadores dos níveis estratégico e tático e as qualidades dos componentes da intervenção econômico-social.	Entrevistas com roteiro semi-estruturado.
	ONG	5		
	Cooperativa de Assentados	3	Apreender a história do lugar, o ethos predominante e o poder de relacionamento com o ethos atribuído à intervenção econômico-social	
	Cooperativa de Coleta e Reciclagem	3		
	Associação de Mobilização Infante Juvenil	2		

* Inclui a Cooperativa de Assentados, a Cooperativa de Coleta e Reciclagem e a Associação de Mobilização Infante-Juvenil

Fonte: Elaboração da autora

3.3.3 Etapas de trabalho

O desenvolvimento do tema pressupõe a execução de etapas que possibilitaram a construção progressiva de noções e conhecimentos, ora dissertados, obedecendo um fluxo seqüencial de ações abaixo elencadas:

- a) Estudo e análise da bibliografia;
- b) Concepção dos dois tipos ideais de intervenções econômico-sociais confortadoras e impulsionadoras para permitir a diferenciação qualitativa dos componentes dos projetos econômico-sociais;
- c) Conceituação dos tipos ideais Ethos da autoria e Ethos da vitimação para permitir a diferenciação do “lugar” ocupado predominantemente pelos integrantes no espaço dos grupos sociais pesquisados;
- d) Planejamento, execução e avaliação de entrevistas, com roteiro semi-estruturado junto aos idealizadores da Estratégia Negocial DRS da empresa BETA e com voluntários da ONG Alfa⁷⁹ para conhecimento das formas de trabalho (Anexo 2);

⁷⁹ A seleção das instituições a serem pesquisadas obedeceu ao critério de conveniência da pesquisadora e a dos grupos sociais também por conveniência da pesquisadora e indicação das instituições pesquisadas.

- e) Planejamento, execução e avaliação de entrevistas com roteiro semi-estruturado junto aos líderes e integrantes de Grupos Sociais apoiados, respectivamente, pela empresa BETA, por meio da Estratégica Negocial DRS ou pela ONG Alfa, com seus projetos (Anexo 3);
- f) Estudos de caso selecionados: Empresa Beta, ONG Alfa e seus respectivos grupos sociais e a pertinente descrição desses atores institucionais e de suas ações;
- g) Estudo de perfil socioeconômico para identificação dos funcionários da Empresa Beta e dos membros da Cooperativa dos Assentados;
- h) Pesquisa de opinião dos funcionários do nível estratégico e tático da Empresa Beta sobre as ações do DRS;
- i) Censo com os membros da Cooperativa dos Assentados e observação presencial com o objetivo de identificar o “lugar” e a percepção sobre a ação coletiva, o impacto que os projetos econômico-sociais têm sobre o grupo social e, ainda, para examinar a existência, ou não, de traços culturais em relação ao contínuo Ethos da Autoria e Ethos da Vitimação;
- j) Pesquisa de opinião junto aos líderes e voluntários da Cooperativa de Coleta e Reciclagem; da Associação de Mobilização Infanto-Juvenil e da Cooperativa de Assentados;
- k) Análise descritiva dos dados da pesquisa de opinião junto à Empresa Beta, com delineamento do perfil dos entrevistados, e consecutivamente, mapeamento das opiniões dos funcionários da empresa, e do Censo da Cooperativa de Assentados;
- l) Análise multivariada dos dados da pesquisa com os Grupos Sociais e análise fatorial, multivariada (CATPCA), com geração de indicadores.
- m) Construção da matriz exploratória de condições para o potencial de desenvolvimento tendo em vista as características de ações produtivas coletivas, seus componentes principais e a tipologia do *ethos* dominante no lócus;
- n) Reflexões sobre os achados, potencial aplicativo e suas limitações.

4. MODELOS DE INTERVENÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL ESTUDADOS

4.1 A Empresa Beta e a Cooperativa de Assentados

A Empresa Beta é uma sociedade de economia mista, cujo acionista majoritário é o Governo Federal. Ela tem seu desempenho avaliado pelas regras do livre mercado. A missão da instituição é: Ser a solução em serviços e intermediação financeira, atender às expectativas de clientes e acionistas, fortalecer o compromisso entre os funcionários e a Empresa e contribuir para o desenvolvimento do País⁸⁰.

Trata-se de uma instituição de marcante presença no cenário financeiro brasileiro, ocupando a 12ª. colocação no ranking dos maiores bancos de capital aberto das Américas, exceto o Canadá⁸¹. A Empresa está presente em 3.221 municípios, conforme posição de 31.12.2007. Sua forte atuação no cenário nacional é sustentada por um quadro de cerca de oitenta mil profissionais.

Em 2003, suas ações foram redimensionadas em virtude do lançamento, pelo Governo Federal, do Programa Fome Zero com o objetivo de “Combater as causas estruturais da fome e da pobreza e, ao mesmo tempo, assegurar que haja comida na mesa de quem mais precisa”. Para atender este objetivo formularam-se três categorias de políticas: Estruturais⁸²; Específicas⁸³; Locais, urbanas e rurais⁸⁴. As empresas estatais e de economia mista foram chamadas a empreender ações alinhadas ao Programa.

A Empresa Beta, embora já dispusesse de um leque de produtos voltados à geração de trabalho e renda, foi chamada pelo acionista majoritário a inovar ações, com vistas a operacionalizar a política de desenvolvimento regional de Governo, sem abrir mão da rentabilidade dos produtos ou serviços que pudessem ser criados.

⁸⁰ Fonte: site da Empresa .

⁸¹ Fonte: Três bancos brasileiros figuram, pela 1ª vez, entre 15 maiores das Américas , Valor Online, São Paulo, 20.08.2008.

⁸² Políticas Estruturais: combatem as causas da pobreza. Têm como foco a Geração de emprego e renda. Exemplo: Microcrédito, incentivo à agricultura familiar e primeiro emprego. Fonte: www.fomezero.gov.br e www.coepbrasil.org.br acessados em 2003.

⁸³ Políticas Específicas: buscam interromper o binômio “fome-pobreza”. Têm como foco comunidades quilombolas, indígenas e coletores de lixo. Exemplo: doações emergenciais de alimentos, programas assistenciais.

⁸⁴ Políticas Locais, urbanas e rurais: apóiam e divulgam iniciativas de prefeituras e da sociedade. Têm como foco a geração de conhecimento e a potencialização de soluções locais que promovam a autosustentabilidade das comunidades. Exemplos: cooperativas de catadores, alfabetização de adultos, alternativas de trabalho e renda.

O percentual de retorno esperado pelos acionistas normalmente ultrapassa a melhor opção de remuneração para um risco semelhante. Assim, se o acionista desejar aplicar R\$ 1 milhão a juros de 13,75% a.a. assumindo o risco soberano⁸⁵, só faz sentido investir na empresa se ela estiver habilitada a remunerar o capital acima desse patamar.

Para atender os desafios de inovar nas áreas de geração de emprego e renda sem abrir mão da rentabilidade, foi criado, em agosto de 2003, o Grupo de Trabalho Desenvolvimento Regional Sustentável (GT-DRS), cabendo-lhe elaborar e propor: estratégia, metodologia, diretrizes, forma de atuação e os primeiros treinamentos a respeito da participação da Empresa Beta em soluções de desenvolvimento regional sustentável. Além dessas proposições, inicialmente, o GT implantou o DRS exercendo, nos projetos-piloto, os papéis que hoje estão delegados para os órgãos estaduais e as agências. Após a aprovação dessas proposições, foi desenvolvido, pela Diretoria de Crédito, o Modelo de Análise de Atividades Produtivas no contexto DRS, ou seja, no contexto de municípios produtivamente e de organização social frágeis.

A instituição já dispunha de experiência na relação com o público-alvo, a população pobre do país, em virtude da sua experiência no repasse de recursos para a agricultura familiar e outros programas. Além do cabedal de conhecimentos próprios, buscaram conhecer as razões de sucesso e insucesso de outras experiências nacionais, bem como suas singularidades. Os estudos foram realizados em parceria com outras áreas internas da Empresa Beta, com a Universidade de Brasília, Movimento dos Pequenos Agricultores, Movimento dos Sem-Terra, Sebrae em face da sua experiência com o Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável – Dlis e, do Banco do Nordeste.

A implantação do DRS, inicialmente, nas regiões Norte, Nordeste e Vale do Jequitinhonha gerou grande interesse, trazendo à tona forte demanda represada. Para atendê-la, o GT DRS submeteu, em 2004, ao Conselho Diretor da Empresa estudos sobre a magnitude da Estratégia Negocial DRS o que resultou na criação, em 2005, de uma estrutura definitiva – a Gerência Executiva de Desenvolvimento Regional Sustentável. Vinculada hierarquicamente ao Presidente da Empresa, cabia-lhe aperfeiçoar, consolidar, potencializar e acompanhar as estratégias negociais DRS, considerando as vocações regionais. Seu principal produto é a Estratégia Desenvolvimento Regional Sustentável, aqui entendida como um instrumento de intervenção econômico-social que se vale de programas, projetos e atividades

⁸⁵ Risco soberano é o nome dado pelo mercado ao risco de um País não pagar as suas dívidas conforme os contratos vigentes.

de melhoria da capacidade produtiva de grupos sociais rurais e urbanos, com vistas ao desenvolvimento econômico local, regional e nacional.

A iniciativa pioneira veio a atender uma demanda reprimida de políticas de desenvolvimento sustentável. Além disso, tais medidas ofereciam resposta às grandes pressões políticas advindas da grande repercussão do Programa Fome Zero, dada sua grande visibilidade. Em função da repercussão exitosa das ações, atualmente, todo o território nacional é considerado foco e mais de 700 mil famílias participam do DRS em 100 atividades produtivas diferentes.

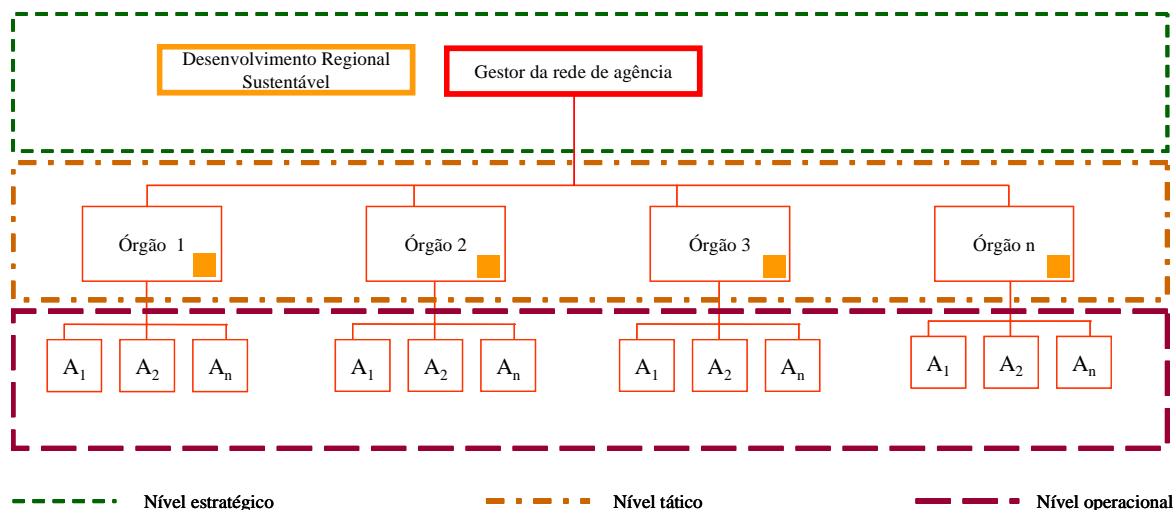
A “Estratégia Negocial Desenvolvimento Regional Sustentável” concebida, serve para reforçar a idéia de que o desenvolvimento sustentável é um caminho para garantir a rentabilidade da empresa no médio e longo prazos. Entretanto, dá mais trabalho porque, em muitos casos, significa desenvolver o mercado consumidor e exige uma ação institucional muito diferente daquela esperada de uma empresa financeira. A Empresa adota o conceito de desenvolvimento sustentável como aquele que é economicamente viável, socialmente justo, ambientalmente correto e respeita a diversidade cultural.

A compra da idéia da estratégia negocial, pelos diferentes segmentos da Empresa, como um meio racional de ampliar a rentabilidade da organização foi vista como o caminho para transformar o estranho DRS num negócio estabelecido⁸⁶, aceito e respeitado pela instituição. O preço final a ser pago para ingressar no *ranking* de produtos e serviços de “prateleira”, no entanto, foi o de incluir as ações para o desenvolvimento sustentável como meta para o nível operacional da instituição, mais especificamente, para a rede de agências.

Ao nível estratégico cabe pensar as ações em nível nacional em articulação com os diversos representantes do poder público federal e entidades públicas e privadas de representação nacional como fundações e outras entidades civis. O nível tático coordena as ações em nível estadual e o nível operacional as executa.

⁸⁶ Neste trabalho eu não analiso as dificuldades de aceitação do DRS como uma estratégia negocial sob o enfoque das disputas de poder.

Figura 7. Empresa Beta – hierarquia organizacional estilizada.



Fonte: Empresa Beta

A Empresa Beta tem como meta incluir na Estratégia Negocial DRS 1 milhão de famílias até dezembro de 2008, ano em que a Empresa celebra 200 anos de atividade. A inclusão dos Planos de Negócio DRS no Acordo de Trabalho da rede de agências Varejo foi uma das estratégias adotadas para alcançar esse índice.

O acordo de trabalho é a materialização das metas de venda e negócios que uma agência deve apresentar no período de um ano⁸⁷. O não cumprimento do plano de metas, além de ter repercussões negativas na auto-estima dos funcionários e na sua avaliação de desempenho, desabilita a agência descumpridora de participar da distribuição dos lucros da empresa, ou seja, tem, também, efeito pecuniário negativo para os funcionários.

O expansionismo das ações trouxe graves preocupações à equipe fundadora, responsável pela introdução da metodologia, em face de seu caráter de intervenção econômico-social que requer uso de conhecimentos, de técnicas e de procedimentos especializados de ação social. A mobilização de agentes e líderes, a capacitação, a organização de grupos comunitários e o seu desenvolvimento aliados ao do município é muito distante da tradição econômica, fortemente arraigada na cultura organizacional da Empresa.

A metodologia utilizada pela Empresa Beta para promover a intervenção econômico-social é fundamentada na concertação, isto é, na capacidade do representante da empresa em articular e harmonizar os diferentes interesses que possam existir numa localidade e convergir os esforços para a realização de ações comuns.

⁸⁷ Alguns entrevistados relataram que a cobrança pelo cumprimento das metas chega a ser diária, ou seja, de curtíssimo prazo.

Todo o processo inicia-se pela articulação de um representante da Empresa Beta⁸⁸ com as instituições que existem no território. Isso pressupõe a capacitação do representante, estudos prévios sobre as atividades econômicas impulsionadoras, reuniões individuais e grupais, um cabedal de conhecimentos e práticas dos vários atores.

A metodologia é composta das seguintes fases:

Figura 8 – Metodologia DRS



Fonte: Empresa Beta

Essa metodologia exige a participação de diversas instâncias da Empresa Beta, a Gerência DRS, as superintendências de Varejo e de Atacado e a rede de agências varejo, entre outras. No local onde é aplicada devem participar as instituições⁸⁹ capazes de avaliar as atividades produtivas competitivas ou potencialmente passíveis de impulsão econômica e com força de mobilização de produtores, as quais serão tratadas dentro do Plano de Negócios DRS. Essa estratégia é aplicada nos territórios onde existem atividades produtivas já instaladas, independentemente do seu nível de organização em aglomerados⁹⁰, arranjos produtivos

⁸⁸ Normalmente, um gerente de agência, recebe a incumbência de implantar a estratégia negocial de desenvolvimento sustentável na sua jurisdição.

⁸⁹ Poder público, ONGs, Sebrae, Senai, Sesc, empresas, universidades, etc

⁹⁰ Aglomerados - são agrupamentos de agentes econômicos, políticos e sociais que atuam em diferentes fases do processo produtivo de uma atividade produtiva, numa comunidade, com vínculos frágeis de interação, cooperação e aprendizagem e pouca sinergia.

locais⁹¹ ou cadeias produtivas⁹². São imensos, portanto, os desafios operacionais da Empresa, em face da complexidade das relações entre os diversos atores sociais.

A operacionalização da Metodologia, abrange complexas etapas de abordagem da liderança do município, demandando contatos diferenciados, reuniões com líderes comunitários, distritais, onde são levantadas as necessidades, os interesses, as atividades produtivas e aferidos responsáveis pela mobilização social, pelo diagnóstico e elaboração do Plano de Negócios DRS (PNDRS).

A intervenção econômico-social inicia-se pela articulação de um representante da Empresa Beta⁹³ com as instituições que existem no território. A metodologia prevê que o representante da Empresa tenha sido capacitado e faça um estudo prévio sobre as atividades econômicas que podem impulsionar o desenvolvimento do território e marque reuniões, inicialmente individuais, com representantes das instituições que podem ter interesse, conhecimentos técnicos e quaisquer outros capitais materiais ou simbólicos que possam contribuir para seleção das atividades econômicas mais viáveis e mobilização dos recursos necessários para impulsioná-la.

É a liderança exercida pela Empresa que abre espaço para que as instituições sentem e dialoguem a respeito do que se pode fazer para impulsionar a economia do município⁹⁴. Ao serem perguntados do porquê dessas instituições não terem agido articuladamente antes do convite da Empresa Beta, os entrevistados respondem acreditar que se deva ao fato da empresa não ter nenhuma vinculação político-partidária, não ter interesse em disputar cargos públicos e ser vista como um alocador de recursos.

Uma vez definidas as ações e as responsabilidades, no local do empreendimento, mobilizam-se os produtores e se reinicia todo um processo de negociação, até a formalização do PNDRS e a solicitação de crédito.

⁹¹ Arranjos Produtivos Locais - são agrupamentos de agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, que atuam em diferentes fases do processo produtivo, operando em atividades produtivas correlacionadas, e que apresentam vínculos expressivos de interação, cooperação e aprendizagem.

⁹² Cadeias ou Sistemas Produtivos - são conjuntos de todas as etapas do processo produtivo de um determinado produto ou serviço, realizadas por agentes de aglomerados econômicos e/ou arranjos produtivos locais, formando redes complexas com altos índices de articulação, cooperação e aprendizagem, sem limitação territorial. Fonte das notas 3, 4 e 5: site da Empresa Beta. Acesso em 05.01.2008.

⁹³ Normalmente, um gerente de agência, recebe a incumbência de implantar a estratégia negocial de desenvolvimento sustentável na sua jurisdição.

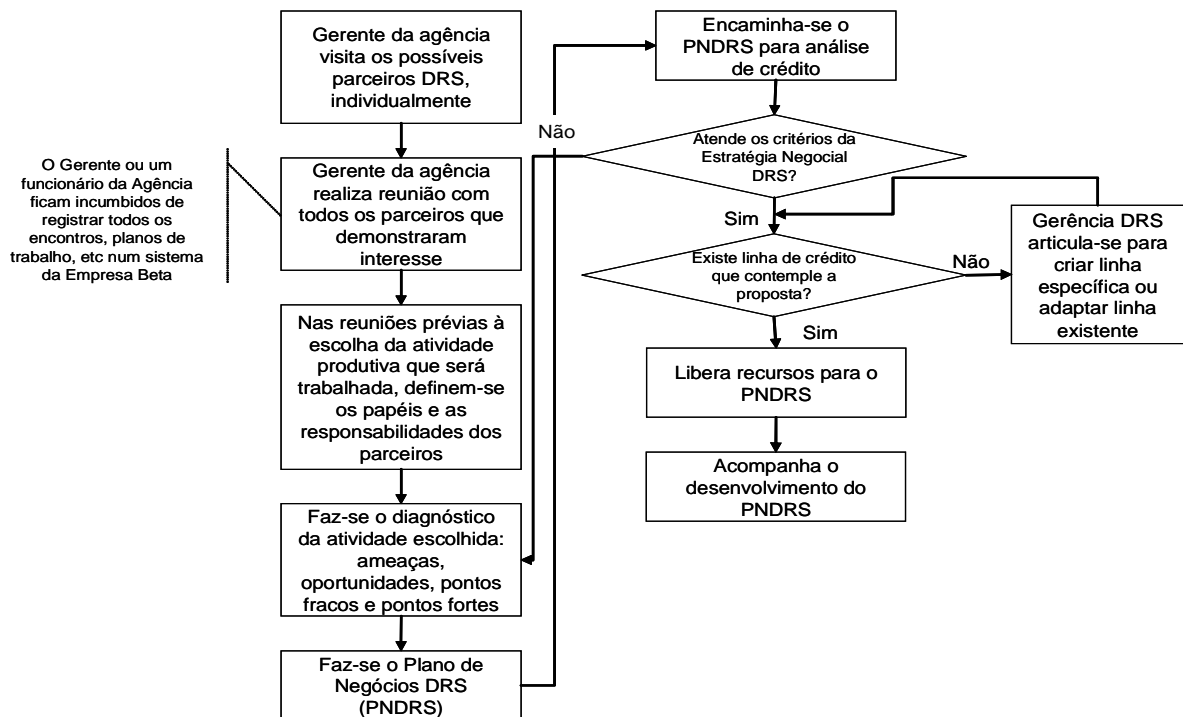
⁹⁴ A Empresa Beta tem trabalho com o conceito de mesorregião e tem procurado ampliar sua atuação e articulado ações que abrangem diversos municípios. Neste estudo e não dei foco para as ações intermunicipais porque estavam sendo iniciadas. Apesar da abordagem no território, a materialização do trabalho se dá no grupo social que, no caso do DRS, é normalmente um grupo de produtores.

Para a Empresa Beta aportar recursos é necessário que exista um plano de negócios registrado num aplicativo especialmente criado com a finalidade de permitir o gerenciamento das ações para o desenvolvimento sustentável que contam com a participação da Empresa Beta. Quando se trata de empreendimento urbano, a viabilidade é analisada diretamente pela instância de análise de crédito. Algumas mudanças de paradigma foram provocadas pela estratégia negocial DRS. Uma delas foi alterar a forma de prospectar negócios – o gerente da agência deve articular os atores locais para definir as atividades produtivas que serão foco; a outra, foi incluir o nível de organização social e capacitação como garantia para a análise do risco de crédito.

O PNDRS é um instrumento da Metodologia do DRS, no qual se formalizam o diagnóstico, as potencialidades, o planejamento e o cronograma físico financeiro dos investimentos das atividades produtivas para as quais se pretende o financiamento junto à Empresa Beta. Sua função é oferecer, às instâncias de análise de crédito da Empresa, as características dos grupos sociais responsáveis pelas atividades produtivas selecionadas e as informações necessárias sobre as parcerias, os respectivos papéis dos diversos atores sociais envolvidos, requisitos econômico-financeiros e os demais dados apropriados ao suporte às decisões de investimento.

Todo esse processo é da responsabilidade dos gerentes das agências-foco, entendidas como aquelas escolhidas pela Empresa para implementarem a Estratégia Negocial DRS. Os gerentes dessas agências tornam-se responsáveis por conciliar os papéis de “ponto comercial” e de agente de desenvolvimento apto a intervir na economia de um município. Acresce ainda que tais papéis devem ser desempenhados atendendo a prazos e metas iguais e tradicionalmente pré-fixadas (seis meses a um ano) para a área comercial. Caso cumpridos, tornam-se pecuniariamente valorados pela participação nos lucros da empresa. As pressões para cumprimento de prazos geram dificuldades muitas vezes incontornáveis. O ritmo e a dinâmica de sensibilização e envolvimento nas comunidades é muito diversificado, dados os distintos estágios de organização social e produtiva de indivíduos e de grupos.

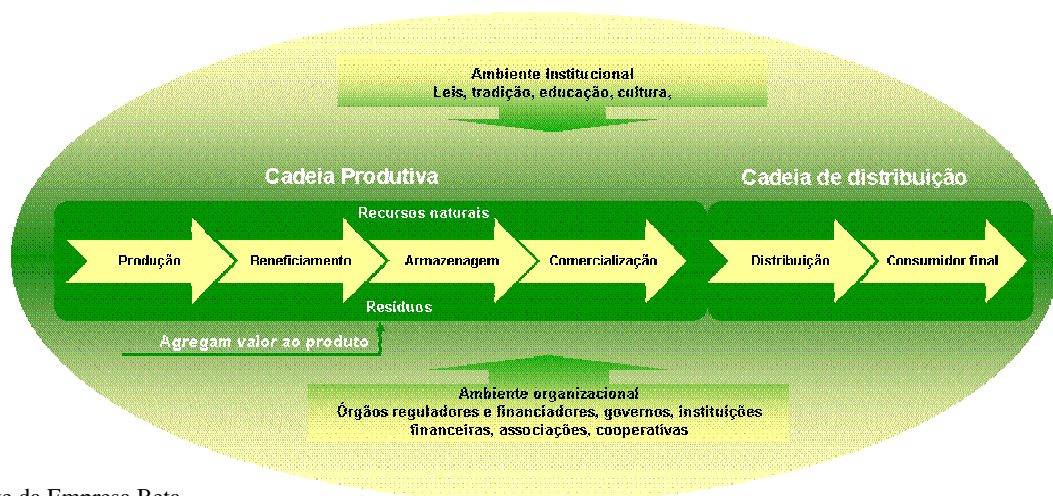
Figura 9. O processo de intervenção econômico-social utilizada pela Empresa Beta



Fonte: Elaboração da autora

Em relação à colocação dos produtos no mercado, dá-se muita ênfase na capacitação das pessoas para que elas tenham condições de participar de cadeias de valor conscientes das suas margens de lucro e das margens praticadas pelos demais participantes da mesma.

Figura 10. Representação do conceito de cadeia de valor



Fonte: Site da Empresa Beta

O conceito de cadeia de valor⁹⁵ é utilizado para inserir os micro-empresendimentos no mercado e viabilizar que pequenos produtores organizados possam se inserir numa grande cadeia produtiva sustentada, muitas vezes, por empresas âncora⁹⁶. A participação consciente numa cadeia de valor tem como principais objetivos oferecer estabilidade de demanda e melhor participação na riqueza gerada pela agregação de valor.

O atendimento a uma solicitação de recursos para um empreendimento exige o encontro de uma linha de crédito que atenda às características do negócio em questão. Nesse ponto, os empreendimentos urbanos sofrem com a ausência de linhas personalizadas ou, como se diz no mercado, “customizadas”⁹⁷. Os maiores problemas são que os valores das linhas disponíveis para os empreendimentos informais⁹⁸ dificilmente atingem os valores que são necessários e, nas linhas tradicionais, as garantias exigidas descolam da realidade dos pequenos empreendedores.

Os recursos, portanto, são alocados em acordo com as linhas de crédito vigentes, concebidas pelos diversos agentes do setor financeiro e de fomento para atender aos setores da economia. Há carência de linhas de crédito para o setor informal, principalmente o urbano. As linhas de crédito existentes não costumam atender às necessidades dos empreendedores que necessitam, por exemplo, de R\$ 5 mil para modernizar um salão de beleza e não dispõem das garantias exigidas tradicionalmente.

Para a destinação de recursos, além de linhas disponíveis, a análise de crédito é fundamental, uma vez que a Estratégia Negocial DRS é uma ação empresarial, orientada pelo aspecto econômico

que busca impulsionar o desenvolvimento sustentável das regiões onde a Empresa Beta está presente, por meio da mobilização de agentes econômicos, sociais e políticos, para apoio a atividades produtivas economicamente viáveis, socialmente justas e ambientalmente corretas, sempre observada e respeitada a diversidade cultural”⁹⁹ e se propõe: a) promover a inclusão social,

⁹⁵ Cadeia de valor é um termo adotado pelo mercado para definir um negócio desde o fornecimento da matéria-prima até a comercialização.

⁹⁶ Empresa âncora é aquela que sustenta a comercialização dos produtos garantindo o sucesso econômico da atividade. No caso da produção de mamona e girassol como fontes de bio-combustíveis, a empresa âncora é a Petrobras.

⁹⁷ O termo customizado é um estrangeirismo oriundo da palavra inglesa *customer* que significa cliente. Ele é utilizado para designar um produto que é adaptado às necessidades do cliente, ou seja, não é um produto massificado mas também não é personalizado (*tailor made*).

⁹⁸ O crescimento da informalidade é descrita por Mike Davis como uma explosão do desemprego ativo (DAVIS, 2006, p. 179). Eu refletirei sobre essa questão quando comparar os dados econômico-sociais dos respondentes da Empresa Beta e do Grupo 5 – Cooperativa de Assentados.

⁹⁹ Fonte “Site da Empresa Beta”, acessado em 05.01.2008

por meio da geração de trabalho e renda; b) democratizar o acesso ao crédito; c) impulsionar o associativismo e o cooperativismo; d) contribuir para a melhora dos indicadores de qualidade de vida e, e) solidificar os negócios com micro e pequenos empreendedores rurais e urbanos, formais ou informais¹⁰⁰.

O reconhecimento, positivamente valorado pela sociedade, da identidade e da magnitude do papel da Empresa Beta permite um forte e partidariamente isento exercício de liderança nos municípios¹⁰¹ de pequeno e médio porte, onde é significativo o status dos gerentes de agências.

A Empresa implanta a Metodologia DRS em diversos grupos sociais no território nacional. Aqui, escolhemos estudar a Cooperativa de Assentados, com a qual é desenvolvida uma parceria para impulsionar a cadeia produtiva da tilápia. Abaixo, descreveremos o contexto da Cooperativa e sua relação com o DRS.

4.1.2 Cooperativa de Assentados

A Cooperativa dos Assentados é resultado do esforço de algumas pessoas oriundas do Movimento dos Sem Terra. De quarenta famílias assentadas numa agrovila, dezenove se uniram para formar a Cooperativa com a qual o DRS fez parceria.

A primeira ocupação da área localizada no município de Ceará-Mirim (RN), hoje pertencente ao assentamento, foi em junho de 1997 e, até o final de 1998, quando saiu o decreto de criação do assentamento, os sem terra sofreram cinco ações de despejo. Após a publicação do decreto, ainda em 1998, foram assentadas cento e vinte famílias, oitenta numa agrovila e quarenta noutra, cerca de dois quilômetros distantes uma da outra.

As cento e vinte famílias assentadas nas duas agrovilas, tiveram acesso aos primeiros recursos – R\$ 1.200,00 por família, referente a crédito-fomento, ainda em 1998, ano em que foram construídas as primeiras casas de taipa. Em 2000, ergueram-se as novas casas com recursos fornecidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra. Na foto abaixo podem-se ver as duas construções.

¹⁰⁰ Site da Empresa Beta , acessado em 05.01.2008

¹⁰¹ A Empresa Beta tem trabalho com o conceito de mesorregião e tem procurado ampliar sua atuação e articulado ações que abrangem diversos municípios. Neste estudo e não dei foco para as ações intermunicipais porque estavam sendo iniciadas. Apesar da abordagem no território, a materialização do trabalho se dá no grupo social que, no caso do DRS, é normalmente um grupo de produtores.

FOTO 1



Fonte: Pesquisa de campo - Acervo da autora

Os assentados só tiveram acesso aos recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf A, no valor de R\$ 15.000,00 por família, em 2004, ou seja, **seis anos depois do assentamento**. Enquanto os assentados não tinham acesso aos recursos para empreenderem o trabalho rural, eles se viraram como podiam para garantir a sobrevivência.

Até o momento da construção das casas, os quarenta moradores da agrovila faziam parte da mesma associação. Com a liberação dos recursos do Pronaf A em 2004, vinte e um assentados preferiram pegar o dinheiro e atuarem sozinhos e dezenove optaram por trabalhar em cooperativa.

Na Associação, dos quarenta associados, dezenove configuravam-se como uma espécie de *outsiders* (Elias, 2000), dada a visão que confrontava a atividade produtiva tradicional – gado de corte – e a crença fortemente arraigada de que as terras pouco produtivas, o regime de chuvas inadequado e o sol excessivo inviabilizavam a agricultura. Os *outsiders* tinham informações a respeito de culturas possíveis no local, da importância do sol como fonte vital para a agricultura, das possibilidades de contornar eventuais inadequações tanto do solo quanto do regime de chuvas e, dentre eles, pessoas com experiência na agricultura familiar.

Além da tradição (WEBER, 1999) do gado de corte, outros fatores tornavam a atividade mais atraente no curto prazo que são: pouco trabalho, facilidade de cumprir as exigências da liberação de recursos e transformar o gado em dinheiro rapidamente. Essas opções, embora sedutoras, contradiziam o desejo das pessoas que viam na produção agrícola melhor potencial de mercado e de perspectiva de vida. Foi a diferença irreconciliável de visão dos pecuaristas versus os agricultores que levou os *outsiders* a fundarem a Cooperativa.

A Cooperativa tem obtido êxito em suas realizações, desde que se dissociou da associação dos assentados. Reuniram seus recursos, estudaram o mercado, fizeram um plano de investimento e procuraram parcerias. A estimativa é que tenham multiplicado o seu patrimônio em cinco vezes, enquanto os outros vinte e um assentados tenham, no máximo, permanecido com o patrimônio inicial.

A líder da Cooperativa dos Assentados formada por dezenove cooperados e suas famílias, foi uma das fundadoras do Movimento Sem-Terra em Santa Catarina. Desde jovem atuou na Pastoral da Terra, ligada à Igreja Católica, mais especificamente no ramo que defendia a “teologia da libertação”. A líder atualmente está desvinculada do MST e optou por deixar a direção do Movimento para se dedicar exclusivamente ao sucesso dos assentamentos e provar que a reforma agrária é viável.

Foi a organização de dezenove assentados e seu esforço de integralizar, cada um, o recurso recebido do Pronaf A, após seis anos de espera em ações compensatórias comuns de sobrevivência, que deu vida à idéia de uma cooperativa. Desenharam o futuro desejado e levantaram as ações que deveriam ser tomadas para que eles chegassem lá. As parcerias surgiram da convergência entre a iniciativa própria, o reconhecimento de instituições locais e regionais no potencial da Cooperativa e a existência de programas para apoio de atividades dessa natureza.

O processo de consolidação da Cooperativa implicou na reserva mensal de grande parte dos recursos para cumprimento dos compromissos de investimento e custeio em detrimento do uso do dinheiro no consumo. Tão logo começaram auferir resultados com a comercialização da produção, se autorizaram a perceber renda da Cooperativa, ou seja, do próprio trabalho. Nos cooperados, hoje, há o olhar perplexo e admirado diante das próprias realizações.

A cooperativa atua no ramo do agronegócio produzindo atualmente mamão e banana que são culturas de ciclo longo; abóbora, melancia e outras culturas de ciclo rápido; têm dois tanques de tilápia prontos e mais cindo em construção. Além disso, eles têm analisado a perspectiva de produzir pinhão manso para a produção de biodiesel.

FOTOS 2, 3, 4, 5 e 6



Fonte: Pesquisa de campo – Acervo da autora

A relação da Cooperativa com a Empresa Beta se consolidou com a implantação do pólo de tilápia, identificado como promissora cadeia produtiva por envolver diversos assentamentos e dispor de demanda de mercado. Para a construção dos tanques, foram alocados, pela Empresa Beta por meio da Estratégia Negocial DRS, em torno de R\$ 119 mil, para pagamento em cinco anos.

A parceria para impulsionar a cadeia produtiva da tilápia, ancorou o carreamento de novos benefícios nas áreas de infra-estrutura comunitária, em particular a construção do Centro Comunitário, doado pela Fundação Banco do Brasil. A Cooperforte alocou em torno de R\$ 40 mil para fins de capacitação em associativismo, cooperativismo e técnicas para aproveitamento do couro da tilápia na produção de artesanato.

FOTO 7



Fonte: Pesquisa de campo - Acervo da autora

As famílias cooperadas eram beneficiárias do Programa Bolsa Família mas devolveram seus cartões quando a produção passou a gerar renda suficiente para o seu sustento. Na atualidade, alguns dos seus antigos companheiros que optaram pela produção individualizada, prestam serviços remunerados para a Cooperativa.

Os recursos captados que deram sustentação às atividades produtivas têm origem em programas do Governo Federal e nas instituições envolvidas com o Programa Fome Zero, como é o caso da Petrobrás, da Caixa Econômica Federal, da Empresa Beta e da Fundação Banco do Brasil. A Universidade do Rio Grande do Norte também é uma importante parceira nos manejos do agronegócios.

O sucesso da Cooperativa dos Assentados prova que a Reforma Agrária é viável e pode garantir um futuro digno para as pessoas.

4.2 ONG Alfa e seus grupos sociais

A ONG Alfa é uma associação sem fins lucrativos, fundada em 1993 e formalizada em 1994 por funcionários da Empresa Beta, em Brasília. A instituição tem como missão: Promover a saúde e a auto sustentabilidade de comunidades, apoiando programas de alimentação alternativa, cultura, esporte, educação e geração de renda, visando o fortalecimento da dignidade das pessoas ¹⁰².

A instituição nasceu por ocasião da mobilização da sociedade civil contra a fome, a miséria e pela vida protagonizada pelo sociólogo Herbert de Sousa, o Betinho. Em resposta ao chamado feito pelo Sociólogo e ao apoio dado pela Presidência da Empresa Beta, ocorreu a mobilização dos funcionários resultando na criação de cerca de três mil Comitês de

¹⁰² Fonte: site da ONG Alfa, acessado em 15.05.2008.

Cidadania, dentre eles a ONG Alfa¹⁰³. Em razão de ser uma instituição sem fins lucrativos, a ONG se legitima perante seus financiadores¹⁰⁴ e garante a sua “sobrevivência” em função da sua credibilidade, da comprovação dos investimentos em projetos sociais e sua importância.

A ONG Alfa se propõe a:

- Estimular o consumo e a produção de alimentos alternativos visando a melhoria das condições de saúde e nutrição, com baixo custo e como opção para geração de renda para a comunidade.
- Oferecer condições materiais e técnicas para a auto-sustentabilidade das comunidades a partir da constituição de Grupos de Produção geradores de emprego e renda.
- Viabilizar cursos profissionalizantes para as comunidades assistidas e estimular o associativismo.
- Promover a alfabetização de adultos utilizando a metodologia BB Educar.
- Colaborar para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e da comunidade.

A ONG atua junto a indivíduos ou grupos sociais já organizados como associações e cooperativas. Estima-se que, nos 14 anos de existência, mais de 60 empreendimentos tenham sido apoiados pela ONG Alfa, o que significa algo em torno de 4 mil pessoas no DF e Entorno. As realizações apoiadas por ela centram-se em atividades de adoção da alimentação saudável e aproveitamento integral de alimentos; geração de trabalho e renda com ênfase no artesanato e proteção social para crianças e jovens, apoiando creches e centros de cultura e lazer.

As realizações e as funções administrativas da ONG junto ao seu público-alvo, os grupos sociais, são desempenhadas, na atualidade, por cerca de dez voluntários. Quatro pessoas têm permanecido no quadro ao longo dos anos, entretanto, a rotatividade é alta, dadas as características da fluidez do trabalho não obrigatório e de sua singularidade.

Atendendo à sua metodologia, a ONG prospecta uma comunidade ou recebe um pedido de ajuda. Sempre é feita uma visita, pelo seu Presidente¹⁰⁵ à instituição ou ao local onde residem as pessoas que acionaram a Instituição. Discute-se com a comunidade sobre o pedido, sobre as contrapartidas exigidas e, se ela concorda, firma-se o compromisso tácito

¹⁰³ No Brasil foram criados em torno de 5 mil Comitês, sendo a participação do BB da ordem de 60%.

¹⁰⁴ Como vimos na p. 17, os motivos que levam as pessoas a doarem recursos financeiros ou tempo para ações sociais giram em torno da convicção (valores humanos), da conveniência (prestígio) e da coerção (necessidade de ser aceito socialmente).

¹⁰⁵ Desde a fundação da ONG, a presidência é ocupada pela mesma pessoa.

entre as partes. A abordagem e a negociação, portanto, são fatores de qualidade na relação entre os agentes externos – no caso, os voluntários da ONG Alfa – e o grupo social.

Em razão de ser uma instituição sem fins lucrativos, a ONG se legitima perante seus financiadores¹⁰⁶ e garante a sua “sobrevivência” em função da sua credibilidade, da comprovação dos investimentos em projetos sociais e de sua importância.

Atualmente a captação de recursos acontece por meio de débito em conta bancária de voluntários e simpatizantes da ONG Alfa. Em sua maioria, pessoas que trabalham ou trabalharam na Diretoria de Tecnologia da Empresa Beta, sua principal apoiadora. Hoje os valores arrecadados com esta modalidade estão em torno de R\$ 4.200 ao mês.

Basta o entendimento de um ou alguns voluntários, de que o trabalho de um grupo social obedece aos preceitos e os objetivos da ONG e depois, obter a manifestação favorável da direção da instituição¹⁰⁷, para que a ONG aporte recursos financeiros. É comum que os pedidos com as justificativas sejam feitos por e-mail e as manifestações de concordância ou discordância também.

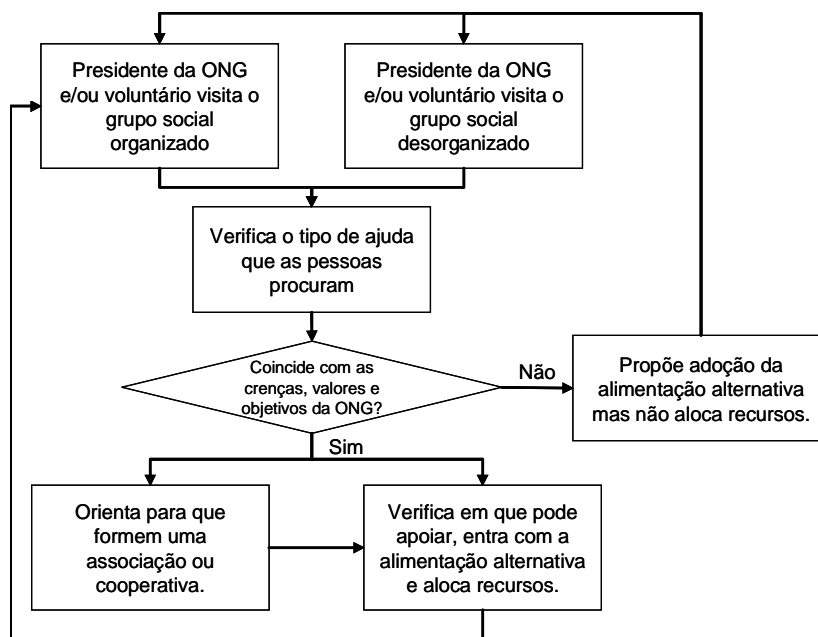
A ONG Alfa concebe o seu papel como de um parceiro, um amigo que está por perto para apoiar quando as iniciativas e esforços de uma comunidade esbarram nas questões da falta de recursos financeiros, falta de apoio afetivo, carência de capacitação e outras ausências. É o presidente¹⁰⁸ da ONG que promove as visitas e que dá o tom do diálogo com os grupos sociais. O apoio é concedido sempre que existe a interação de propósitos e haja recursos disponíveis.

¹⁰⁶ Como vimos na p. 26, os motivos que levam as pessoas a doarem recursos financeiros ou tempo para ações sociais giram em torno da convicção (valores humanos), da conveniência (prestígio) e da coerção (necessidade de ser aceito socialmente).

¹⁰⁷ O número de manifestações depende do volume de recursos solicitados e do conhecimento que se tem da instituição.

¹⁰⁸ Desde a fundação, a ONG é presidida pela mesma pessoa. Ela já tentou passar o cargo mas não obteve concordância dos demais integrantes.

Figura 11 – Método de intervenção social utilizado pela ONG Alfa



Fonte: Elaboração da autora

Do ponto de vista da alocação de recursos, a ONG incentiva a formalização do grupo social numa instituição com personalidade jurídica, base para que os recursos financeiros sejam alocados. Uma vez criada a cooperativa, associação ou fundação e desde que represente a real vontade coletiva, se inicia um longo processo de maturação daquele grupo que pode ou não ter êxito. A ONG permanece próxima e acompanha a trajetória do grupo, ajudando sempre que necessário.

4.2.1 Cooperativa de Coleta e Reciclagem

Em 1997 algumas famílias foram assentadas numa localidade do Distrito Federal denominada Riacho Fundo II. Na época, o local não passava de um descampado onde inexistia qualquer infra-estrutura para receber as famílias.

Uma das assentadas era auxiliar de enfermagem e necessitou pedir demissão da Fundação Hospitalar do Distrito Federal porque não conseguia conciliar o trabalho com a necessidade de cuidar do filho com Síndrome de Down. Esta mulher chamou a atenção das pessoas assentadas a respeito da falta de perspectivas para o futuro e sensibilizou principalmente as mulheres que passaram a se reunir periodicamente para pensar no que poderiam fazer.

A inspiração veio de um programa de televisão que falou sobre o lixo e sua possibilidade de se transformar em fonte de renda. Apostando na idéia, procuraram o Serviço

Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae DF¹⁰⁹ para pedir orientações e ajuda.

O Sebrae ofereceu apoio técnico, indicou instituições que poderiam apoiá-los economicamente e orientou a líder comunitária a participar do Fórum de Lideranças do Riacho Fundo para conhecer as dez prioridades da região. Essas prioridades deram origem a dez projetos que receberam apoio técnico do Comunidade Solidária. A ONG Alfa foi uma das instituições que ofereceu apoio afetivo e financeiro aos pioneiros na formação da Cooperativa.

No ano de 2000 foi constituída, por vinte e sete cooperados¹¹⁰, a Cooperativa de Coleta Seletiva e Reciclagem de Resíduos Sólidos. O ingresso de novos cooperados foi condicionado à participação do interessado ou interessada nos cursos sobre cooperativismo e gestão ambiental oferecidos pelo Sebrae. Além disso, a Cooperativa exigia também a apresentação de atestados médicos que comprovassem sua capacidade de desenvolver os trabalhos.

A Cooperativa conseguiu obter um terreno de 2000 m² onde se localiza sua sede, por meio de uma concessão de uso, pelas administrações regionais do Riacho Fundo e pela Associação do Micro e Pequeno Empresário. Atualmente a Cooperativa conta com mais de 200 cooperados e é considerada uma referência nacional nas áreas de reciclagem e empreendimento social.

A Cooperativa atuou na disseminação de conhecimentos a respeito dos impactos ambientais causados pelo manejo inadequado do lixo orientando os moradores do próprio Riacho Fundo para procederem a separação do lixo seco. A igreja local facilitava o trabalho de conscientização porque viabilizava a “comunicação em massa”.

No quesito reciclagem, a Cooperativa trabalha com a separação e venda de recicláveis e, também, na transformação desses recicláveis por meio do artesanato. A agregação de valor ao lixo e o aumento da produtividade, em razão dos equipamentos que têm sido adquiridos, permitiu que a renda mensal dos cooperados saltasse de R\$ 60,00 quando iniciaram as atividades para R\$ 300,00 em 2002 (GNONE).

Atualmente a Cooperativa oferece apoio a outros empreendimentos da mesma natureza, que englobam, ao todo, mais de três mil pessoas.

¹⁰⁹ Além do apoio às Micro e Pequenas Empresas, o SEBRAE DF apóia empreendimentos comunitários.

¹¹⁰ Atualmente a Cooperativa conta com cerca de 200 cooperados.

Apesar da produção, a Cooperativa continua contando com recursos a fundo perdido para dar conta da modernização do parque de máquinas e equipamentos e, muitas vezes, para capital de giro. As fontes de recursos para investimentos e manutenção do negócio em si advêm de programas do governo, doações de empresas, captação por meio da seleção em editais e apoios de ONGs, como é o caso da ONG Alfa.

A visão de futuro dessa Cooperativa é ser referência na área de coleta seletiva para poder trazer os outros irmãos para o mesmo padrão. Deixar de ser um grupo para ser uma empresa forte, para ser uma categoria.

4.2.2 Associação para Mobilização Infanto-Juvenil

A Associação, fundada em 24.10.1989, tem por objetivo desenvolver, em crianças e adolescentes, o espírito comunitário através de atividades sócio-educativas, desportivas, culturais e de iniciação profissional, por meio de programas, projetos e atividades que possibilitem o desenvolvimento integral do ser humano, preparando-os para o exercício da cidadania.

O trabalho na invasão da estrutural, hoje Vila Estrutural, começou em 1997 com um grupo de capoeira, formado por sessenta e seis crianças e adolescentes, de ambos os sexos, com aulas aos sábados e domingos, pela manhã, em uma quadra improvisada.

Em 2002, a Diretoria da Entidade conseguiu o local da sede, por meio de doação de uma ONG extinta. A partir daquele momento a Diretoria da Instituição buscou parceiros na sociedade civil e a alocou recursos próprios para construir o muro, o galpão provisório onde funciona a creche e a quadra esportiva. As construções foram acontecendo paulatinamente, bem como as atividades com crianças e adolescentes.

De maio a dezembro de 2004, em parceria com a Universidade de Brasília – UnB, a Associação alfabetizou sessenta pessoas. Em 2005 conseguiu que a Creche passasse a funcionar sistematicamente, beneficiando 33 trinta crianças de famílias com trabalho no lixão.

Em 2006, em parceria com uma Entidade Social que tinha convênio com o Governo Federal, implantou o Programa Segundo Tempo, beneficiando duzentas crianças e adolescentes da comunidade, em horário contrário ao escolar. O projeto não teve continuidade devido a falta de prestação de contas da Entidade parceira junto ao Governo Federal. Em 2007, no mês de julho, encerraram as aulas de capoeira devido à falta voluntário para ministrar as aulas.

Hoje a entidade mantém a creche Raio de Luz, precariamente. Os recursos financeiros para a manutenção da Instituição são provenientes de doações, bazares e eventos. As parcerias principais são como o SESC/DF, com o Programa Mesa Brasil e a ONG Alfa. A ONG doou parte dos recursos financeiros para o término da construção da quadra esportiva, multimistura para acréscimo na alimentação das crianças e a partir de 1º de abril do corrente tem doado R\$ 1.000,00 mensais, para manutenção das atividades da creche.

Algumas mães são monitoras e recebem uma bolsa auxílio voluntariado no valor de R\$ 415,00 mensal e uma cesta básica. A Diretoria da Entidade tem buscado outras parcerias com Órgãos Públicos e Privados. Negociam com o movimento Planeta Verde a implantação de um projeto de produção de mudas de árvores frutíferas para as atividades da Creche.

5 DISCURSO DOS ATORES SOCIAIS

Apresentadas as instituições e os grupos sociais pesquisados, serão trazidos e analisados os discursos das pessoas que os animam. O objetivo, por parte dos interventores, é oferecer uma visão sobre as dinâmicas entre crenças e valores e as características das intervenções que promovem e, por parte dos grupos sociais, também obter o discurso a respeito do ethos que ocupam e como percebem a intervenção econômico-social.

5.1 Empresa Beta: o foco dos idealizadores e viabilizadores

O Desenvolvimento Regional Sustentável é uma política de ação recentemente adotada pela Empresa Beta. A inovação, segundo os entrevistados, implicou em criar uma estratégia e uma metodologia, inaugurando um novo modo negocial de agir com populações pobres, localizadas em regiões consideradas de economia estagnada. O depoimento abaixo ilustra o processo de reflexão antecedente à trajetória em que seria escolhida a linha de ação da Empresa: “[...] a gente começou pesquisar como foi o desenvolvimento econômico da Franca, da Itália – principalmente o Norte da Itália – e da Espanha pós Franco. Um processo de desenvolvimento rural sustentável [...] então, ficou claro que a sustentabilidade era o caminho e que nós precisávamos criar não um programa, um projeto, porque ambos têm início meio e fim. Por isso essa nossa luta tão grande de que DRS não é um projeto, um programa, porque estratégia é uma coisa de médio e longo prazo.” DRS-e1

Segundo os entrevistados, uma vez escolhidos os rumos da atuação da Empresa Beta junto ao público de menor renda, a estratégia negocial ganhou dimensão e características próprias. Para isso a Empresa cumpriu uma agenda de estudos e de discussão com os principais agentes do setor produtivo, enriquecida pelo conhecimento acumulado de seus funcionários sobre a face produtiva do País, as principais raízes produtivas e suas respectivas cadeias de valor. O depoimento de DRS-e1, sublinha uma preocupação desse momento: “Precisávamos de uma estratégia negocial que nos diferenciasse no cenário competitivo. Fomos levantar os nossos diferenciais competitivos, os conhecimentos que temos do País, a multidisciplinaridade dos nossos funcionários e a experiência que temos e sempre tivemos em 200 anos...” DRS-e1

As ações pioneiras, inicialmente testadas, somente passaram a ser sistematicamente desenvolvidas, em nível nacional, há apenas quatro anos. Seu objetivo, a formação de uma base produtiva sustentável, o que perceberam pressupor o aporte de capitais de natureza não econômica. Nesse contexto, segundo os idealizadores e viabilizadores da ação, a mobilização e a organização social surgem imprescindíveis para a execução coletiva de atividades produtivas, coincidentes com as potencialidades e singularidades culturais, sociais e seguindo o caráter regional, suas identificações e manifestações, fatores condicionantes do êxito

econômico. “Essa é a idéia fundamental que nós trabalhamos dentro do entendimento de desenvolvimento a partir da organização, a partir desse capital social, desse capital humano, desse capital institucional... lá na comunidade é que você consegue transformar a realidade das pessoas é esse processo que nós chamamos de concertação, desses agentes, desses atores que estão envolvidos lá numa comunidade é que promovem ou que vêm promovendo o nosso desenvolvimento.” DRS-e3

Essa abordagem, até então ignorada pelo mercado financeiro tradicional, do qual a Empresa Beta é expoente, impõe transitar entre realidades complexas e lidar com fenômenos simultâneos. Assim, o maior desafio interno para a Organização tem sido o de conciliar seu papel de banco comercial com o de banco impulsionador do desenvolvimento do País.

A nova realidade, passa a dar significação à vida dos que atuam diretamente com a Estratégia DRS e envolve a adoção de uma série de princípios, métodos, técnicas e procedimentos de ação, até então não empregados. Os depoimentos dos entrevistados apresentam nuances de entendimentos sobre algumas noções essenciais ao cumprimento da nova missão organizacional:

5.1.1 A nova clientela e suas necessidades

Um sumário de diferenças surge, onde aparece o natural predomínio foco econômico ancorado no conceito de cadeia de valor, preocupação permanente do quadro de funcionários: “A gente sai da visão cliente-produto e de uma postura um pouco reativa... [...] hoje eu tenho uma outra visão, o DRS trabalha com a atividade produtiva. A base é econômica; eu tenho que desenvolver aquela região com base no processo de apoio ao desenvolvimento da cadeia de valor.” DRS-e1

Essa lógica de percepção mais ampla do processo produtivo centrado numa cadeia de valor, como forma de elevar a renda das pessoas e do País, enfrenta diversos tipos de barreiras, algumas já bem traduzidas pelo aprofundamento histórico. Caio Prado bem lembra as singularidades de nossa herança, ainda presentes em muitas mentes e corações, nos lugares onde é possível, ainda hoje, reconhecer o Brasil Colônia, na figura dos excluídos e dos marginalizados:

“Havia riquezas sendo geradas na produção agrária, na pecuária e na extração de metais preciosos, mas quem abocanhava a fatia mais grossa eram justamente os comerciantes¹¹¹. E suas práticas mercantis não se restringiam ao tráfico negreiro, participando do comércio interno de alimentos, de práticas de agiotagem e da aquisição de contratos da coroa portuguesa para a cobrança de impostos. Esses

¹¹¹ Grifo meu.

contratos foram importante ponto de encontro nas relações entre metrópole e colônia.”¹¹²

Caio Prado, nessa visão de que a sociedade brasileira é bipolar reafirma a histórica existência de um pequeno grupo de grandes senhores de um lado e, de outro, numerosos escravos, fato apropriado pelo senso comum.

De fato, desde a transição do trabalho escravo para o trabalho remunerado, foi-se delineando uma “mão-de-obra” não assalariada, centrada no extrativismo movido pela força do braço e na relação senhor-escravo. Esse quadro, após 1822, foi progressivamente substituído pelo mercado do trabalhador remunerado, sustentado principalmente por imigrantes, sem espaço para o ex-escravo. Segundo o autor, esse mercado ganhou característica bipolar, até hoje presente no cenário rural brasileiro. Pobres e despreparados, trazidos pela corrente migratória, se fixaram, nos últimos séculos, nas periferias das cidades, em busca da sobrevivência ocupacional.

Sem dúvida, aí se inicia um longo e marcante processo de estigmatização nos cenários rurais e da periferia urbana: a formação ininterrupta de segmentos populacionais ocupacionalmente dependentes, cuja origem histórica está na imersão num contexto sócio-econômico remoto. A pessoa é pobre antes de nascer e destinada aos favores do tempo, da caridade, da vontade divina, da conformação com a vida, da assimilação de um *modus vivendi*, da assimilação da posição de desprotegido, de carente, afeiçoado para a obtenção de benefícios e para as motivações compensatórias do viver. O combate a essa herança é um desafio de todos, ora também, abraçado pela Empresa Beta, na perspectiva do ingresso qualificado no cenário econômico por via da cadeia de valor.

5.1.2 Quanto ao sentido de apropriação e de pertença

Da parte dos agentes do desenvolvimento sustentável, o público-alvo da ação da Empresa Beta Na mesma direção o entrevistado, alerta: “ [...] *outra coisa importantíssima é que a escolha da atividade... não é a empresa que faz [...] se as pessoas não participarem dessa construção não vai ser delas nunca.* Move o olhar para o ethos da autoria, pautado na incubação, na inspiração e na energia individual responsável. Isso implica a intenção e o desejo, consciente ou não, que gera o fazer como expressão auto-constitutiva e o fazer coletivo como expressão não apenas do bem comum de cunho espiritual, ideológico, mas de cunho prático, existencialista. [...] *efetivamente uma estratégia, em momento nenhum ela pode ser vista ou encarada como assistencialista e ela não pode estar desvinculada do negócio da Empresa Beta. [...]*

¹¹² FARIA, Sheila. Colônia sem pacto. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 34, 2008. p. 72

Nós precisamos vincular o que é concertação, o que é sustentabilidade, o que é negócio sustentável para então conversar sobre a metodologia. E isso quer dizer mudança de paradigma, de postura, de papel da empresa [...]” DRS-e1

5.1.3 O papel do intervencionista

Tendo em vista o caminho prático das atividades produtivas, é definido claramente no depoimento de DRS-e3 e [...] *os parceiros definiam assim a participação da Empresa Beta: – “nós tínhamos feito tudo que cabe a nós que é capacitar, mobilizar mas na hora que a gente ia atrás do fundamental que é o dinheiro, é o crédito, os bancos fechavam as portas porque eles precisavam de uma garantia real e do histórico dessas pessoas.*

A superação dessa dificuldade de comprovação de garantias para a concessão de créditos, pela Empresa Beta, deu-se por meio do reconhecimento da organização coletiva como uma garantia de crédito:

Nós continuamos pedindo e eles continuam dando essas garantias, só que a gente faz a diferença entre quem pode e quem não pode. Quem pode, qual é a garantia, é o processo de organização¹¹³, se eles se organizam em torno de cooperativas e em associações e se capacitam, eles, os produtores, estão diminuindo o risco do dinheiro que está sendo emprestado para eles.[...]

E assim define a força de argumentação para incentivar a iniciativa individual em favor da ação coletiva:

[...]Ao invés da gente liberar estes recursos solteiros, sem nenhum processo de organização e de capacitação o risco é bem maior de não receber esse dinheiro do que a partir do momento que a gente diz para ele: –olha, a gente está aqui para trabalhar com vocês e a alternativa que se encontra hoje para vocês se darem bem, pra vocês conseguirem aumentar a renda de vocês é trabalhar coletivamente. Se vocês trabalharem coletivamente, o retorno é bem maior, se vocês se isolarem terão inclusive dificuldade de conseguir recursos, inclusive não reembolsáveis[...]. [...] hoje nós temos a menor taxa de inadimplência dos produtos da Empresa¹¹⁴ [...] mostra que estamos fazendo uma coisa que veio para contribuir sem dar nenhum prejuízo para a Empresa, sem ter que alterar a estrutura da Instituição.

5.1.4 Quanto ao entendimento da missão institucional

A estratégia..., ela tem tantos objetivos da instituição, que você pensa... meu Deus do Céu, é quase uma missão! [...] A missão no sentido... lembra das Missões Jesuítas [...]. Porque os envolvidos percebem, não só a importância do que se propõe a fazer a Empresa com o DRS, ao ponto de sentir um senso de unidade, um senso de compromisso, um senso de lealdade com a causa [...] as Missões

¹¹³ Grifo meu.

¹¹⁴ Grifo meu. É importante citar que a carteira do DRS gira em torno de R\$ 4 bilhões.

Jesuítas tinham esse propósito, não sob a ótica religiosa, mas sim como fenômeno histórico que aconteceu.” DRS-e1

O entrevistado abre um novo entendimento: a força simbólica da ação DRS compreendida na dimensão de seus valores e na magnitude da missão institucional. Esse um bem simbólico que distingue essa das demais ações da empresa, aqui qualificada como força psicológica típica que inicia a formação de um “movimento” de mudança, ferramenta de transformação social. Outro entrevistado é enfático: “*Graças a Deus eu fiz parte disso*” DRS-e6

5.1.5 Quanto ao papel da empresa

A Empresa Beta passa a atuar muito com o papel de agente catalisador e fomentador de articulação desses vários atores sociais, econômicos, políticos que de uma forma ou outra interferem na cadeia de valor de uma determinada atividade produtiva numa região.”*[...]então você trabalha com articulação social, com mobilização, com organização, com investimentos coletivos, trabalho em rede, a gente muda o nosso olhar. “[...] nós sempre estivemos ligados à história de desenvolvimento deste País. [...] É só você olhar a numeração das agências [...] que verá o desenvolvimento do País.” DRS-e1*

5.1.6 Quanto à identidade do DRS e percepção de sua dimensão estratégica e metodológica

*“Projeto, eu odeio essa palavra, porque eu trabalho com planos de desenvolvimento sustentável, nós trabalhamos com negócios sustentáveis. [...] Um plano é um conjunto de projetos [...] o projeto tem início, meio e fim. Plano vem de planejamento, aquilo que você planeja mais no médio e longo prazos e que se compõe de muitos projetos, é o que em geral se chama de **plano**.” DRS-e1.*

Destaca-se, nessa entrevista, a ambigüidade na assimilação do conceito construído, retratada no reconhecimento centrado na operacionalização do Plano de Negócios: “[...] Projeto? Porque que é um projeto sim. [...] O nome pode ser diagnóstico do plano de negócios do desenvolvimento regional sustentável. Mas isso é um projeto. Porque ele tem início meio e fim. E tem mais, lá dentro do diagnóstico do plano de negócios, lá dentro na sua longa estrutura, tem um plano de ação onde são traçados, quais ações, objetivos, prazos. Isso é um projeto” DRS-e2.

É muito interessante observar que na Estratégia Negocial DRS existem alguns integrantes que repudiam veementemente a idéia da sua prática ser caracterizada como um projeto ou programa. Essa resistência reside, principalmente, no entendimento de que projetos e programas são ações concebidas de forma desencaixada dos sistemas sociais (GIDDENS, 1991). Muitas vezes, ocorrem à revelia das pessoas que serão alvo da ação. Fundamentam-se

numa relação de curto prazo, com início e fim bem definidos e são regidos por um cronograma pré-estabelecido.

5.1.7 Quanto ao viés econômico

“[...] eu vou claro, contribuir para o desenvolvimento sustentável do País, mas, não deixando de me preocupar com o ganho da Empresa porque aqui não é o BNDES, aqui não é uma fundação, o Banco do Nordeste, o BASA... nossa preocupação também é com o resultado econômica para a Empresa. [...] a Empresa está fazendo na verdade, o desenvolvimento de clientes que em marketing desenvolver clientes é [...] buscar uma pessoa que no conceito bancário ela é similar a uma criança [...] é buscar aquelas pessoas que não têm acesso ao mundo adulto de produtos bancários porque elas não têm dinheiro ou porque participam da economia informal, trazê-los para a formalidade por meio da estratégia DRS que com a articulação, concertação e orquestração de parceiros você elabora ações estruturantes daquela atividade produtiva. Algumas pessoas dizem: – Ah, o foco do DRS é a comunidade. Não é a comunidade, é a uma atividade produtiva, que é uma vocação local, pouco explorada com potencial de ser maximizada.” DRS-e2

5.1.8 Noção sobre a interconexidade do processo de desenvolvimento

“[...] nesse sistema de desenvolvimento sustentável, o capital social, o capital humano, o capital institucional e o capital econômico. Então, quando você tem o capital social você tem as organizações, como elas são concebidas, de que forma elas são organizadas... as organizações como associações, cooperativas, grupos de negros, grupos de mulheres, grupos de jovens, você tem o capital humano que são as pessoas. Dependendo da percepção dessas pessoas você pode conduzir para um lado ou para o outro esse capital social. O importante é que, para você montar uma proposta de desenvolvimento, você tem que ter esses capitais que são fundamentais. Funcionando, bem ou mal, eles são fundamentais para o processo de desenvolvimento. Por quê? Porque o capital humano como liderança, como conhecimento, como a cultura, ele pode formar um capital social adequando à realidade deles, respeitando a cultura; se você cria esses organismos, a partir do entendimento das pessoas, como essas lideranças se comportam, como essas lideranças se conduzem, dependendo de como se comporta uma liderança ela pode conduzir esse capital social para o lado que possa ter resultado positivo ou você pode conduzir para aquele vício, aquela dependência [...] a partir do momento que o capital humano se incorpora e define “eu quero o meu empoderamento, eu quero adquirir a minha inclusão e a minha cidadania, esses capitais humanos fortalecem muito o capital social; e o capital social fortalece muito o capital humano; aí onde entra o capital institucional que são os parceiros para estruturar a atividade no primeiro momento; depois ele vai ter que se retirar e quando se retira as pessoas se conduzem com suas próprias mãos”

O entrevistado DRS-e3 sublinha, nesse oportuno depoimento, a interdependência que marca a busca de soluções para problemas cujas influências absorvem múltiplas dimensões dos sistemas sociais.

5.1.9 Quanto à abordagem interativa da comunidade

O entrevistado DRS-e3 representa bem o pensamento dos fundadores da metodologia, nem sempre igualmente percebido pelos demais funcionários *“Essa é a idéia fundamental que nós trabalhamos dentro do entendimento de desenvolvimento a partir da organização, a partir desse capital social, desse capital humano, desse capital institucional, lá na comunidade é que você consegue transformar a realidade das pessoas. É esse processo que nós chamamos de concertação, desses agentes, desses atores que estão envolvidos lá numa comunidade é que promovem ou que vêm promovendo o nosso desenvolvimento.”*

5.1.10 Em relação à estratégia negocial

Os depoimentos das pessoas que trabalharam na concepção da Estratégia Negocial DRS apresentam dois interessantes aspectos abordados por Giddens: o encaixe nos sistemas sociais e a reflexividade como meios para possibilitar que a ação concebida provoque melhores resultados.

Aqui se pode apreender que os projetos econômico-sociais são concebidos para dar conta da complexidade da realidade brasileira rural e urbana. E por complexidade entenda-se a ocorrência de fenômenos simultâneos, com diferentes graus de inter-relação e com potencial para provocar ações e reações não previstas na etapa de planejamento.

De fato, a Estratégia Negocial DRS nasce do esforço e da disposição reflexiva de um grupo de pessoas da administração central da Empresa, formado inicialmente por oito integrantes. Vindos de diferentes áreas, escolhidos para formular resposta, ao acionista majoritário, às requeridas ações de responsabilidade sócio ambiental e do desenvolvimento econômico de comunidades carentes.

“Havia sido sinalizada a queda do spread bancário na realidade a estratégia DRS estamos nos organizando para a época das vacas magras, dos spreads que vão cair. De que forma eu posso ampliar a minha base e fidelizar clientes? No Brasil, nós temos uma camada de pessoas que gira em torno de 40 milhões de pessoas que estão fora do mercado bancário. Então nós temos que encontrar uma forma sustentável de trazer essas pessoas para dentro do Banco, sem causar endividamento e sem comprometer a poupança nacional.” DRS-e1

5.1.11 Em relação à metodologia

Os entrevistados apresentam alto grau de convicção sobre sua importância. São exemplares as opiniões: *“Temos lutado muito para que a metodologia seja construtivista e participativa porque assim é o único jeito que funciona [...]”*DRS-e1. A defesa desse entrevistado reforça a crença que o processo de intervenção tem um conteúdo pedagógico. O *constructor* é pautado na ação laboral como ferramenta de desenvolvimento. Sublinha a relevância estratégica do trabalho interativo, como instrumento metodológico, enfatizando: *“[...] o princípio básico do DRS é a concertação, no sentido de orquestração em que todos os agentes intervenientes devem sentar, conversar, discutir o potencial de desenvolvimento da região, identificar quais os principais desafios e encontrar soluções alternativas juntos, principalmente com os principais beneficiários, porque muitas vezes nós e os técnicos temos a mania de achar que sabemos o que é bom para os outros.”* DRS-e1

O trabalho conjunto é também percebido, pelos entrevistados, como um meio para alcançar o provimento das necessidades materiais, inclusive por facilitar o acesso ao apoio de organizações não governamentais.

A Empresa Beta atua junto aos atores econômicos, sociais e políticos de um território para identificar a vocação e as atividades econômicas presentes, seu tema de domínio, passíveis de receberem apoio.

*“O gerente da agência tem que conhecer a sua praça qual a vocação que pode ser (escolhida), dentro do conceito DRS, do tripé socialmente justo, economicamente e ambientalmente correto, respeitada a cultura local; identificadas as atividades, sugerir para a superintendência, a super autoriza. Uma vez autorizada a agência passa a identificar as lideranças. As pessoas esperam respostas “*DRS-e2

5.1.12 Crédito e retorno do investimento

“Onde tem menor risco? Onde está mais organizado, onde está mais estruturado, onde tem melhor assistência técnica. [...] nas regiões Sul e Sudeste do País” DRS-e1. Algumas mudanças de paradigma foram provocadas pela estratégia comercial DRS. Uma delas foi alterar a forma de prospectar negócios – o gerente da agência deve articular os atores locais para definir as atividades produtivas que serão foco; a outra foi incluir o nível de organização social e de capacitação como garantia para a análise do risco de crédito: *“[...] os parceiros definiam assim a participação da Empresa Beta: – nós tínhamos feito tudo que cabe a nós que é capacitar, mobilizar mas na ora que a gente ia atrás do fundamental que é o dinheiro, é o crédito, os bancos fechavam as portas porque eles precisavam de uma garantia real e do histórico dessas pessoas. – Nós*

continuamos pedindo e eles continuam dando essas garantias, só que a gente faz a diferença entre quem pode e quem não pode. Quem pode, qual é a garantia, é o processo de organização, se eles se organizam em torno de cooperativas e em associações e se capacitam, eles, os produtores, estão diminuindo o risco do dinheiro que está sendo emprestado para eles. Ao invés da gente liberar estes recursos solteiros, sem nenhum processo de organização e de capacitação o risco é bem maior de não receber esse dinheiro do que a partir do momento que a gente diz para ele: olha, a gente está aqui para trabalhar com vocês e a alternativa que se encontra hoje para vocês se darem bem, pra vocês conseguirem aumentar a renda de vocês é trabalhar coletivamente. Se vocês trabalharem coletivamente, o retorno é bem maior, se vocês se isolarem terão inclusive dificuldade de conseguir recursos inclusive não reembolsáveis[...]. [...] hoje nós temos a menor taxa de inadimplência dos produtos da Empresa [...] mostra que estamos fazendo uma coisa que veio para contribuir sem dar nenhum prejuízo para a Empresa, sem ter que alterar a estrutura da Instituição.” DRS-e3

Ainda, analisando a solicitação prévia de recursos para um empreendimento, é necessário que se encontre uma linha de crédito que atenda às características do negócio em questão. Nesse ponto, os empreendimentos urbanos sofrem com a ausência de linhas personalizadas ou, como se diz no mercado, “customizadas”¹¹⁵. Os maiores problemas são que os valores das linhas disponíveis para os empreendimentos informais¹¹⁶ – ou seja, para os empreendedores de baixa renda – dificilmente atingem os valores que são necessários. Nas linhas tradicionais, o óbice são as garantias exigidas que descolam da realidade dos pequenos empreendedores. Um dos entrevistados afirmou que assim como existe um Programa Nacional Apoio à Agricultura Familiar – Pronaf dever-se-ia pensar num Programa Nacional de Apoio ao Empreendedor Familiar Urbano – Pronafeu. “[...] eu tenho uma crítica, é a crítica, eu acho, praticamente de todas as gerências DRS. O que a gente está fazendo, a gente está pegando algumas linhas de crédito que estão formatadas para o atendimento geral e incorporando à nossa Estratégia DRS. Por exemplo, ora, se eu já estudei, assim, a fundo toda a cadeia de valor dessa atividade, aprofundamos a discussão, buscamos parceiros... aí eu vou utilizar uma linha de crédito que eu tenho algumas amarras, ou seja, o tratamento que eu vou dar a esse meu público que eu estou trabalhando de uma forma tão... detalhada e eu vou ter que exigir, por exemplo, o mesmo nível de garantia deles. Eu acho que deveria ser customizado. Exemplo prático, num grupo desses, quando eu fizesse uma intervenção [...]de uma pequena reforma, valores pequenos, aí você tem que fazer a hipoteca do imóvel, é complicado, gera custos, é burocrático, é burocrático muito, mas é essa a linha de crédito que a gente tem [...] essa é a grande crítica, sabe? De repente desse grupo aí, você vai

¹¹⁵ O termo customizado é um estrangeirismo oriundo da palavra inglesa *customer* que significa cliente. Ele é utilizado para designar um produto que é adaptado às necessidades do cliente, ou seja, não é um produto massificado mas também não é personalizado (*tailor made*).

¹¹⁶ O crescimento da informalidade é descrita por Mike Davis como uma explosão do desemprego ativo (Davis, 2006, p. 179). Eu refletirei sobre essa questão quando comparar os dados econômico-sociais dos respondentes da Empresa Beta e do Grupo 5 – Cooperativa de Assentados.

encontrar pessoas que tenham seu empreendimento na própria residência, num prédio alugado[...] Já tem que hipotecar o imóvel, complica muito.” DRS-t1

5.1.13 Dimensão temporal

“Porque a mudança de vida das pessoas não acontece da noite para o dia [...] a gente trabalha com um horizonte temporal de cinco a dez anos. A carência é muito grande.” DRS-e3

É inatacável a assertiva. A Instituição poderá alcançar a mudança de desenvolvimento produtivo pretendido, por meio da Estratégia DRS, seus múltiplos planos negociais, com seus inúmeros projetos, quando, de fato, assumir o eixo temporal de médio e longo prazos, pelo menos nos lugares onde a comunidade e/ou o grupo social não estão organizados.

Como declarado pelos entrevistados, a Estratégia DRS só pode ser obtida por intermédio de grupos consolidados, prontos para a ação produtiva coletiva e o investimento de recursos, o que leva tempo. No entanto, nesse aspecto, o preço pago tem sido caro, particularmente, porque as metas de curto prazo atingem e pressionam, de forma temporalmente inconciliável, o pulso operacional da Empresa.

Subordinar, a característica de médio e longo prazos da Estratégia, à lógica tradicional de curto prazo, é preocupante. O DRS envolve esforços, capital social, motivações e interesses muitas vezes dispersos. Acresce, sobretudo, o custo-benefício da atenção e do empenho da Empresa no processo de concertação. Esses fatores, nem sempre alcançáveis no tempo e no espaço da agência, envolvem a dedicação humana e a sua capacidade de uso do tempo.

Tais elementos demandam que as agências conciliem os papéis de ponto comercial e de agente de desenvolvimento. Urge, portanto, a concepção e a criação de padrões temporais e requisitos para clarificar, singularmente, as dimensões quanti/qualitativas para os diversos tipos de planos de negócios.

Ora, a concertação e a conjugação de parcerias, a mobilização de líderes de grupos, de talentos ocupacionais merecem medidas de prazos compatíveis, de acordo com a dinâmica e a complexidade de cada empreendimento. Sem isso, corre-se o risco de surgirem planos negociais, precocemente formalizados, antes do envolvimento consciente, com termos corretamente apropriados pelos diferentes atores.

5.1.14 Capacitação

O entrevistado DRS-e2 indagado sobre o processo de implantação das ações, oferece uma visão da importância que é dada à capacitação: “[...] o gerente da agência desempenha um

papel fundamental, é ele que vai ser o que eu chamo de vetor de mudanças, os protagonistas na verdade são os envolvidos na atividade produtiva [...].

[...] primeiro o Banco, estrategicamente, identifica quais são os focos de atuação municípios/agências, depois que é identificado o foco aí é feito o treinamento, primeira coisa, treinar o gerente e um funcionário da agência, obrigatoriamente. Aí a agência passa a estar habilitada a operar o DRS. Depois do treinamento de cinco dias, ele volta para a agência para iniciar o processo com a ajuda da superintendência que hoje conta com uma área nossa [...] elas são quase como um desdobramento da nossa área, só que mais local [...] Aí, com o apoio da superintendência ele vai lá e identifica a atividade produtiva que a ser apoiada.”

– E como que ele identifica? Ele sabe? Como se dá essa identificação?

– *“Primeiro o gerente de agência tem que conhecer a sua praça, qual a vocação que pode ser, dentro do conceito DRS, do tripé ou quadripé da sustentabilidade, uma atividade produtiva que seja economicamente viável, ambientalmente correta e socialmente justa e culturalmente respeitada; identificando essa atividade ou essa possibilidade de atividade, ele sugere para a superintendência. Com a ajuda do ATR – o ATR, aí pelo tipo de trabalho que ele faz, experiência técnica, e conhecimento acadêmica que ele tem obrigatoriamente em agronomia [...]. A agência e o ATR concordaram a super analisou, OK, atividade liberada.”*

Outro entrevistado, DRS-e1, dá outra dimensão a do compartilhamento da aprendizagem: *“Para uma agência da Empresa Beta estar habilitada a trabalhar com DRS é obrigatório que o gerente da Agência e mais um funcionário passem por um processo, um treinamento [...] Abrimos os cursos para os parceiros muito mais para aprender com eles, a gente quis que a metodologia DRS seja da sociedade brasileira e não do Banco do Brasil”*

Outra dimensão, a da instrumentalização, é dada pelo funcionário DRS-e3: *“[...] todo mundo quer acabar com a pobreza, todo mundo quer resolver os problemas das pessoas que não estão incluídas socialmente ou economicamente, mas pra chegar até lá você tem vários caminhos de como você percorre até o seu objetivo.”*

– E como o DRS percorre esse caminho ou ajuda as pessoas percorrerem esse caminho?

– *“Primeiro considerando o que é mais importante dentro de um processo de desenvolvimento regional sustentável que é o processo de organização, mobilização e capacitação.[...] Essas pessoas mobilizadas, essas pessoas organizadas, essas pessoas capacitadas elas terão condições de elaborar um diagnóstico (da atividade produtiva) que seja real, que reflita a realidade daquela comunidade.”*

5.1.15 Cadeia de valor

A adoção do conceito de cadeia de valor¹¹⁷ (Figura 5) visa inserir de forma adequada, os micro-empresendimentos no mercado e viabilizar que pequenos produtores possam participar das grandes cadeias produtivas, normalmente sustentadas por uma empresa âncora¹¹⁸. A inserção e a participação ativa e rentável pressupõe a capacitação das pessoas. Conscientes das suas margens de lucro e das margens praticadas pelos demais, tornam-se economicamente mais fortes.

Essa cadeia melhor se desenvolve com o emprego de novas tecnologias e a especialização do trabalho. No entanto, não são percebidos como fatores de mudança cultural. Olhando sob a ótica de Durkheim, a passagem de uma sociedade com solidariedade tipicamente mecânica, para outra com solidariedade tipicamente orgânica, tem como fatores indutores, além da quantidade de indivíduos, a especialização da mão-de-obra. Essa especialização leva ao fim ou ao enfraquecimento da divisão sexual do trabalho e confere às corporações de ofício, o potencial de atuarem como formadoras da moral. Sob as óticas de Milton Santos e Giddens, poderíamos dizer que estas ações estão equipando os territórios para que ingressem “totalmente” na modernidade. Inclusive pelo possível incremento do uso dos sistemas peritos e conseqüente incremento da artificialização da vida (GIDDENS, 1991).

A apropriação de grandes margens de lucro, em detrimento das mínimas condições de sobrevivência daqueles que estão no início da cadeia-de-valor, por parte dos atravessadores e comerciantes, particularmente em atividades fornecedoras de matérias primas, é enfrentado pela Empresa Beta. Ela interfere no padrão simbólico¹¹⁹ da exploração e vai no cerne do inconsciente coletivo¹²⁰ construído pela herança histórica da relação senhores-escravos, da visão de pobreza como fruto do não trabalho e da invisibilidade dos atores que, sem produzir, abocanham a fatia mais grossa dos lucros.

¹¹⁷ Cadeia de valor é um termo adotado pelo mercado para definir um negócio desde o fornecimento da matéria-prima até a comercialização.

¹¹⁸ Empresa âncora é aquela que sustenta a comercialização dos produtos garantindo o sucesso econômico da atividade. No caso da produção de mamona e girassol como fontes de bio-combustíveis, a empresa âncora é a Petrobras.

¹¹⁹ Padrão simbólico cultural supõe a união de certas idéias e de valores simbolizados mediante expressões sensíveis. Desempenha um papel decisivo no sistema de crenças conformado pela moralidade, religiosidade, educação e outras formas de regulação social. Fonte: Dicionário de Sociologia, Ed. Globo, p. 251.

¹²⁰ Inconsciente coletivo, no sentido de Jung, aquilo que no inconsciente individual provenha de origem ancestral. Fonte: Dicionário de Psicologia, Editora Globo, p. 227.

5.1.16 Resultados esperados quanto ao DRS

Segundo os entrevistados, os resultados da empresa devem apresentar duas dimensões distintas: aquelas advindas dos planos de negócios, visíveis nas mudanças que ocorrem nas comunidades, e aquelas que a Empresa Beta pretende colher para os seus próprios negócios. A primeira refere-se ao DRS.

Nesse sentido, o sucesso de um empreendimento econômico-social está fundamentado nas disposições dos grupos sociais em alterar sua realidade. A forma encontrada para obter a adesão dos grupos sociais aos planos de negócios é mediante o estabelecimento da relação social. Ela é um elo fundamental porque é percebida como maneira de aumentar as possibilidades de obtenção de um comportamento, reciprocamente referido, isto é, o cumprimento, por ambas as partes, do combinado.

*“Eu estava em outra agência no DRS também e lá simplesmente não acontecia nada. Absolutamente nada. [...] Você ia nos criadores, cada um só pensava no seu. [...] Você não tinha uma associação para buscar fins de futuro, você ficava nadando no vazio. Você não sabia aonde ir, não sabia com quem falar. Não tinha essa pessoa. Aqui, você quer fazer acontecer alguma coisa, você fala com a líder! [...]”*DRS-01 reafirmando a importância da liderança e do cumprimento dos acordos.

O depoimento de DRS-01 ilustra bem a capacidade empreendedora da Cooperativa dos Assentados e a atuação firme de sua líder, na implantação e desenvolvimento das ações: *“Semana passada a gente estava olhando dois projetos, um de R\$ 40 mil, só de cursos [...] são várias oficinas de pessoas de lá [...] é oficina de associativismo e diversas outras [...] essa semana mandamos [...] cinco projetos de R\$ 400 mil para seleção.. Ela vai tirar o filé da tilápia e separar o couro. E tem um projeto também para beneficiar esse couro, como bolsa, chapéu, sapatos de tilápia. Foi só falar com a líder e o parceiro já está lá dentro. Já existe lá, também, um cento de internet digital que serve para encontros e foi construído com recursos (articulados pela Empresa Beta). Mas de qualquer forma, todo o relacionamento da Empresa é com o líder.”* Um outro entrevistado conta que sua agência fez várias tentativas para ajudar um determinada cooperativa, sem sucesso. Depois de muitas visitas e conversas concluíram pela falta de legitimidade da liderança eleita desde a fundação do grupo. Esse fator vem adiando soluções produtivas e comprometendo parcerias conscientes da existência de farta demanda de mercado. Embora carreassem orientação técnica para o aprimoramento da atividades produtivas, assim melhoradas, não conseguiram alcançar um nível de organização mínima, nem a respeitabilidade da comunidade onde vivem. Este depoimento aponta para uma situação em que os investidores têm condições de investir mas, nem sempre encontram espaço de investimento adequado.

“eu sempre uso como exemplo o caso da cooperativa de flores lá do Sertão da Paraíba, coisa mais linda que tem são aqueles estufas [...] são mulheres muito carentes que trabalham lá, mas elas já recebem um salário mínimo e meio da cooperativa [...] a presidenta da cooperativa começou ver que estava dando bicho nas flores e perguntava para as mulheres: - mas por que esta flor está feia? Tem bicho nas flores? Elas respondiam: - mas não tem bicho, não. Aí a presidente disse tem bicho sim, olha ele aqui. As cooperadas: - Ah, mas a gente não tinha visto. Resultado, foram todas para o oculista. Fizeram exames de vista e todas estão usando óculos [...] têm coisas que nem as próprias pessoas sabem. Hoje os maridos não precisam mais ir para os canaviais como cortadores de cana, eles já trabalham para elas.” DRS-e3

5.1.17 Resultados esperados quanto aos investimento no DRS

A segunda dimensão dos resultados da Empresa Beta mede-se pela rentabilidade dos investimentos feitos nos planos de negócio. Localiza-se no alcance e abrangência dos PNDRS em todo o território nacional com a conseqüente expansão e diversificação da carteira de crédito. É essa uma perspectiva que a Empresa tem para ocasional movimento de redução do spread. Ela espera obter resultados de valorização das ações.

Nós também queríamos que a Empresa Beta pontuasse no Dow Jones Sustainability Indexes [...] as ações das empresas listadas no índice variaram 113% contra 90% das demais, em 11 anos. DRS-e1

A trajetória do DRS, tendo em vista uma previsão causativa está presente no pensamento de muitos envolvidos nas ações, nos diferentes níveis da Empresa essa perspectiva avaliativa se diferencia em conformidade com o foco de cada área de atuação.

“[...] modelo ideal (de atuação) é chegar em Caicó região do Ceridó, com sessenta municípios, e eu observar o que existe na região, quais são as potencialidades, que tipo de estrutura se pode aplicar, que tipo de informação o povo tem, como é que se trabalha, qual a cultura daquela região, a saúde, tipo de saúde, normalmente. Aí sim eu ataco os problemas. Eu organizo toda a região, em vez de me fechar na fronteira do município. Pois quando eu faço só no meu município, eu perco a escala.” DRS-e3

A recente implantação da Estratégia tem se dado predominantemente dentro das fronteiras geo-políticas dos municípios. A declaração acima, é exemplar para mostrar a previsão causativa de abranger em primeira instância as meso-regiões. Essa uma premissa do trabalho dos órgãos estaduais trará maior complexidade à concertação e à orquestração das ações.

“Cerca de 2 mil agências da Empresa Beta estão localizadas em regiões consideradas de economia estagnada.[...] Se eu sou um agente financeiro a minha lógica é econômica eu preciso

trabalhar com o tripé da sustentabilidade – social, ambiental e cultural – mas o que é o básico é a cultura local, regional. Então todo o meu processo está ancorado na cultura local e regional”.DRS-e1

A visão de futuro da Organização é positiva. Os graus de certeza e de confiança estão sublinhados pelo capital simbólico da organização e pelos baixos índices de inadimplência da carteira DRS. O crédito produtivo alocado por meio dos planos de negócio celebrados com populações que constituem a base da pirâmide econômica têm oferecido rentabilidade esperada.

5.1.18 Análise do discurso dos atores da Empresa Beta

As entrevistas com os idealizadores do DRS conseguem expressar a complexidade das ações da Empresa Beta. Exploram-na em diferentes direções.

Os funcionários, até então centrados na relação cliente-produto, transformam-se, com o DSR, em agentes de desenvolvimento regional sustentado. Passam a reger e a orquestrar parcerias para alavancar atividades produtivas produzidas coletivamente. A ação coletiva, positivamente valorada, serve como garantia e carrega investimentos quando organizada e formalizada.

A visão diferenciada sobre a identificação do DRS e sobre o Plano de Negócio com “projeto” e da missão organizacional como “*processo de intervenção social*”, como “causa” que aglutina forças sociais, na perspectiva de *movimento*, indicam que as noções-chave estão em fase de auto-elaboração e de construção, em processo de ebulição.

Uma não correspondência entre o DRS e a missão tradicional da Empresa é óbice para atender a fórmula de possibilidades de cumprimento das metas. A tipologia do Plano Negocial DSR dota-lhe de tal singularidade que não comporta o tratamento quantitativo dado às ações tradicionais da Empresa. Os padrões de referência diferem, tanto na natureza das ações, quanto da temporalidade das metas a serem atingidas pelas Agencias.

Os arranjos, os aglomerados ou cadeias produtivas concertadas, em que pesem dificuldades, fazem caminhar a trajetória recém iniciada, podendo já apontar bons resultados .

A abertura de um canal de crédito-investimento que envolve prospectar negócio e neles investir, guarda estreita relação com o nível de organização social dos grupos. Ações coletivas e capacitação valorados como garantia de investimento financeiro, é uma inovação no Brasil. Pode contribuir para a formação de uma nova mentalidade empreendedora de segmentos até então não incentivados para o fazer produtivo e rentável. O saber ampliado

desse canal de participação, o engajamento social e o modelo de expressões produtivas a medida que ampliadas, tem singular potencial para a reconstrução nacional do valor do trabalho como força de alto realização e de autonomia cidadã pautada em realizações coletivas rentáveis e despidas de conteúdos ideológicos.

O *aproche* histórico de Caio Prado joga luz nas barreiras encontradas no envolvimento de grupos sociais nas atividades produtivas da população. O deslocamento das populações acostumadas ao uso da força do braço passaram a formar grandes contingentes de excluídos nos últimos séculos, retidos num cenário de estagnação econômica. Dessa exclusão social e econômica, desde o Brasil Colônia, a herança cultural. O principal dado é o traço e o sentido simbólico contido na atitude e no comportamento do pobre na atividade produtiva e na força de trabalho, marcada pela dependência, contaminadas pela relação senhor-escravo. Conquanto não percebam, as relações sociais continuam afetadas pela força dos condicionamentos dos valores da ancestralidade. Possuídos no inconsciente coletivo, conservam-no no íntimo como modo de vida, como expressão da assimilação dos condicionantes da pobreza e ou da sua superação.

As entrevistas indicam ainda, com a mudança de paradigma das ações da Empresa, sempre centrada na expressão econômico-financeira, sem preocupação com a organização social, a introdução de um novo modo de agir que incentiva a construção de um capital simbólico (Bourdieu), cuja sedimentação influenciará corporações de parâmetros de aperfeiçoamento das novas ações e superação de óbices programáticos ambíguos.

O papel da empresa, a estratégia e a sua metodologia de ação e os planos de negócios mostram contar com percepção de expressão qualitativa de parte dos entrevistados. Os entrevistados reforçam as constatações de Putnam quando apresentam que o trabalho fica mais fácil quando o capital social do grupo está desenvolvido. A existência de lideranças é percebida como um grande facilitador e mesmo como uma segurança de que o trabalho será feito.

Não há nos depoimentos muita clareza sobre o desempenho dos grupos. Mas as variações opinativas debruçam-se sobre a qualidade da participação e da organização dos grupos cooperativados, associados, variáveis indispensáveis aos investimentos e suas garantias. O novo paradigma de dinamização do mercado estagnado centrado na aglutinação da ação de grupos imersos nessa economia para gerar atividades produtivas, certamente exigirá grandes reflexões no trato desse substrato do coletivo social.

Esse distanciamento causa certa espécie, dada a relevância causativa dos grupos sociais no sucesso das metas de futuro. Na ótica dos idealizadores do DSR, os resultados são positivamente valorados nas entrevistas, em razão da baixa inadimplência dos grupos sociais.

Observa-se, outrossim, nos depoimentos e no tom dos entrevistados, certa força de valor simbólico, que sublinha emoções e entusiasmo e apreço dos depoentes pelas ações realizadas, pela cooperação obtida com parceiros em razão de uma causa nobre, voltada para o bem comum e em favor do desenvolvimento sustentado.

5.2 ONG Alfa

A ONG teve seu início em 1993 quando um grupo de pioneiros iniciou a procura de pessoas empenhadas em superar seus problemas e precisassem de apoio. Conquanto clamassem por ajuda, predominantemente, desejavam doações. Isso restringia o apoio porque confrontava com os princípios da instituição.

A ONG Alfa empreende apoio a projetos comunitários de populações de menor renda, da periferia urbana do Distrito Federal, que visam estabelecer a melhoria de vida das pessoas.

5.2.1 Clientela e suas necessidades

O primeiro grupo a receber o apoio da ONG Alfa foi o Centro Comunitário da Criança, uma ex-creche que quase estava fechando. A razão, falta de recursos mínimos para manutenção e compra de alimentos, pois as mães das crianças não podiam contribuir. Com a interferência da ONG Alfa, a líder que já aproveitava integralmente os alimentos, como maneira de superar as necessidades, passou a fazer uso da multimistura, o que elevou, progressivamente o padrão de saúde das crianças.

Nesse sentido, cumpre referenciar que o padrão médio de anemia medido anualmente pela Faculdade de medicina, em alunos da USP, indicava uma taxa de 58%. Após a experiência na creche, a média/ano no DF, investigada pela Secretaria de Saúde do DF, nessa creche, atingiu apenas 3%. A partir daí a experiência da Dra. Clara Takaki Brandão passou a ser referência em todos os fóruns de discussão em padrões alimentares, passando a treinar um exército de pessoas. O presidente da ONG assim se expressa: *“O exemplo desse Centro é notável. Nada era de graça. Mães chegavam e ajudavam a fazer a comida. A arrumar a creche. Não se comia de graça. Evocaram a bolsa cidadã. Era uma bolsa do SOS tendo como contra-partida o trabalho. Esse, um grupo de sucesso.”*

A experiência inicial, com a Creche reforçou a crença dos idealizadores quanto a exigência do trabalho como contrapartida, princípio basilar da Organização na sua estratégia de apoio às populações carentes: *“Nossa missão é apoiar. Nós apoiaremos o máximo de grupos que nós pudermos.”* ONG-P

Até 2006, a ONG Alfa apoiava grupos comunitários, a partir de 2007, definiu que o público-alvo para novos apoios serão crianças e jovens¹²¹. Os objetivos serão mantê-los preservados dos riscos sociais – drogas, prostituição, violência, etc – e apoiá-los a ingressar no mercado de trabalho como empregados ou empreendedores.

5.2.2 Missão Institucional

A missão da instituição como já referido, é *“Promover a saúde e a auto sustentabilidade de comunidades, apoiando programas de alimentação alternativa, cultura, esporte, educação e geração de renda, visando o fortalecimento da dignidade das pessoas”*¹²². O presidente da ONG ressalta a perspectiva humana e a dimensão do trabalho como força de auto-reconstrução da pessoa que se sente carente: *“A construção humana é que é importante [...] o caminho com a semente produtiva. Estar preparada para levar a vida em qualquer lugar. Faz a diferença com atitude com confiança e credibilidade.”* ONG-p

Ademais, projeta em seu depoimento a dimensão afetiva, amorosa da atenção ao outro, para ele, de grande significação: *[...] Na verdade o nosso projeto é assim, um projeto de vida, um projeto humano, onde estejamos perto das pessoas e tentando levar para elas um pouco daquilo que ela tem muito mais carência, que é o afeto, o carinho, a esperança e que a gente vai ensiná-las a sonhar também [...]*ONG-p

Esse conteúdo, pautado na necessidade psicológica do indivíduo pode reforçar o aspecto da saúde integral no quadro das necessidades humanas. Admite-se nessa dimensão a abordagem amiga e solidária, própria do seu processo de intervenção. Uma outra possibilidade é um viés “evangelizador”, próprio de missões religiosas. O entendimento da missão organizacional, numa dimensão “missionária”, dá cunho carismático, reforçando um traço de natureza religiosa.

É muito interessante observar que voluntários da ONG repudiam a idéia da sua de caracterizar a sua prática como um projeto ou programa. Essa resistência reside principalmente no entendimento de que projetos e programas são ações concebidas de forma

¹²¹ Os grupos que já são parceiros continuarão sendo apoiados.

¹²² Fonte: site ONG Alfa, acessado em 15.05.2008.

desencaixada dos sistemas sociais (GIDDENS, 1991). Em verdade, as ações informais da ONG de resolução pragmática não devem ser assim consideradas.

Em síntese, a ONG cuida de indivíduos e grupos no seu processo de intervenção. O seu maior desafio e de seu reduzido quadro de voluntários (menos de quinze) é incentivar e verificar, o sentido de apropriação dos rumos de vida e do seu empoderamento, tolhido por um quadro adverso que reclama a contribuição de outros. Esse empoderamento vem do estabelecimento de uma relação positiva com pessoas que perderam a auto-estima e se consideram “coitados”: “*A primeira coisa que me vem é resgate da cidadania. Daquele Ser se sentir um cidadão [...] porque eu acho assim... ah! Os excluído... eu posso estar excluindo, mas a pessoa já está se excluindo também, entendeu?*” ONG-v1

5.2.3 Papel da ONG

O quadro lógico da idealização das intervenções sociais, por parte da ONG Alfa, parece completar-se pela crença de que os indivíduos podem recuperar ou desenvolver a capacidade de ação sobre a realidade a qualquer momento.

A recuperação dessa condição se materializa no que eles chamam de um *movimento de ajuda*. Trata-se de um conceito criado pelos integrantes da ONG para destacar o momento em que o grupo social começa exercer a solidariedade entre si e se dispõe a uma ação comum. “[...] *Nós não temos a menor chance de ajudar um grupo que não queira ser ajudado. Se eles não perceberem e não esboçarem esse movimento de ajuda nós não podemos apoiar, porque é uma parceria. Eu entro com uma parte e você entra com outra.[...]*” ONG-p

Os depoimentos sublinham que o papel da Instituição é “ajudar”, mas essa ajuda é referenciada com o seguinte entendimento: “*Ajuda, é essa contribuição que você dá para uma pessoa e que não a torna escrava em hipótese alguma. Se você tornar a pessoa escrava, dependente da sua ajuda, você está contribuindo para matar uma pessoa e uma família. Não tem ninguém isolado então quando você ajuda uma pessoa você está ajudando um universo, uma família, a comunidade e a vizinhança. [...] Quando você torna uma pessoa escrava de um processo, você está matando aquela comunidade [...] enterrando aquela família. Mais uma pessoa escrava de uma esmola, isso não é ajudar. Ajudar é contribuir para as pessoas crescerem, conhecerem a si mesmas e erguerem sua auto-estima. Isto é ajuda¹²³.*” ONG-v4

Lembrando das observações extraídas do pensamento de Caio Prado a respeito do viés histórico da relação senhor-escravo, importa pontuar o lugar de onde se pode empreender uma intervenção social. Se o grupo social pode ocupar a posição simbólica do “escravo” que

¹²³ Grifo meu.

precisa da bondade e da caridade de outros para sobreviver, deve-se refletir, também, sobre o lugar de onde “surge” a intervenção econômico-social. Numa relação social onde uma das partes ocupa a posição de escravo pode-se suspeitar que a outra esteja no posto de “senhor”. Na discursividade tanto da Empresa Beta quanto da ONG percebe-se um cuidado com o lugar que ocuparão na intervenção.

Caberá ao grupo assumir sua alforria, empoderar-se, aprender a fazer coisas diferentes a olhar para si de uma nova forma. À Empresa Beta e à ONG Alfa cabe ocupar um lugar lateral e não superior. Essas observações têm a intenção de apoiar reflexões sobre a naturalidade das intervenções econômico-sociais e lançar luz sobre o lugar “de onde” elas são pensadas, transformadas em projetos, planos e ações e, implantadas.

5.2.4 Identidade e percepção da dimensão estratégica

Não há planejamento estratégico ou operacional, apenas da alocação de recursos financeiros. Alguns nortes estratégicos vigem, como a alimentação alternativa, o apoio a instituições que oferecem atenção e proteção social a crianças e jovens e geração de renda.

A ONG se expressa, em verdade, por uma práxis idealizada. Concretiza suas realizações por meio de visitas e diálogos de voluntários com grupos sociais. Mesmo que os grupos não apresentem a disposição-alvo pretendida (iniciativa própria ou coletiva na resolução de problemas), os contatos prosseguem mediante relacionamento e comunicação, até que aquela disposição, do indivíduo ou do grupo, mudem. O veículo que poderá viabilizar a mudança, é a reflexividade (GIDDENS, 1991). Quando, o voluntário verifica a transformação reclama aos seus pares o apoio econômico e financeiro.

O presidente da ONG sublinha a construção do humano, objeto de sua missão, presente na sua mais importante dimensão estratégica. Vê a noção de incapacidade pessoal como um processo de assimilação cultural. Para ele, essa noção pode significar vantagens que podem acarretar o uso da ajuda como “moeda” de troca.

Faz sentido. Caso a ONG apóie um “beneficiário” que receba doações, sem precisar comprovar nada mais que a sua carência material, corre o risco de contribuir para acomodação dele, na qualidade de “ajudado”. O norte estratégico da organização estaria sendo direcionado para um foco oposto ao seu, o da auto-sustentação. A natureza da intervenção social não é incentivar a conformação mas sim, a impulsão, como sentido de um projeto humano: *“Nós não trabalhamos com projetos feitos, assim arredondados. Nós trabalhamos com as necessidades das pessoas, uma necessidade mais humana e a partir dessa necessidade mais humana é que se chega à*

necessidade material mais estruturada. Na verdade o nosso projeto é assim, um projeto de vida, um projeto humano, onde estejamos perto das pessoas e tentando levar para elas um pouco daquilo que ela tem muito mais carência, que é o afeto, o carinho, a esperança e que a gente vai ensiná-las a sonhar também [...] na verdade pode até ser um projeto, mas não um projeto copiado, escrito. A nossa escrita é feita de uma forma mais localizada, mais emocional, dentro de um conteúdo humano, de uma relação de ganha-ganha entre a sociedade e a comunidade que precisa. O que ajuda e o que é ajudado formam uma simbiose que você não sabe onde começa e onde termina. E o resultado disso: todos ganham. De repente nós ainda vamos dar um apelido para todo esse processo.”ONG-p

5.2.5 Metodologia

“Nós só podemos atuar a partir de uma necessidade. Ela é o começo de tudo. Sem ela nós não temos como ajudar”. [...]ONG-p. Essa declaração ilustra o primeiro passo da metodologia, identificar uma necessidade.

O desconforto com a vida e o desejo de uma realidade melhor é reconhecida por Blumer (GOHN, 2002) como um dos fatores impulsionadores de um movimento social, situação que é empiricamente percebida e almejada pelos integrantes da ONG quando saem em busca de grupos que “queiram” ser ajudados.

Segundo os entrevistados, o termo utilizado para definir a sua relação com os grupos sociais é **visita**¹²⁴. Atualmente a visita é solicitada por líderes comunitários, instituições ou pessoas que ouviram falar da instituição e precisam de recursos. A ONG concebe o seu papel como parceiro, um amigo que está por perto para apoiar quando as iniciativas e esforços de uma comunidade esbarram nas questões da falta de recursos ou de apoio afetivo. Essa dimensão respeitosa do trabalho é ilustrada pelo ONG-v1: “[...] *minha mãe sempre dizia que ninguém é melhor do que eu e eu não melhor do que ninguém. Então, todo mundo é capaz. Por que eu vou trabalhar, vou comprar tal coisa e você vai depender de mim? Se é o meu filho que não trabalha, está estudando, tudo bem. Mas depois que ele vira adulto, ele tem que andar com as próprias pernas, porque o dia que eu não estiver mais aqui... [...] Se você simplesmente doa, sem querer desmerecer outros trabalhos, mas para mim isso era pouco. Então, quando se apresentou a ONG, eu pensei: é um trabalho assim que eu quero fazer.*”

Os voluntários relatam que comumente a comunidade chama a ONG porque está precisando de uma série de coisas, normalmente recursos financeiros, materiais,

¹²⁴ Fonte: Dicionário Aurélio: visitar
[Do lat. *visitare*, ‘ver com frequência’.]
Verbo transitivo direto.

Ir ver (alguém) em casa ou em outro lugar onde esteja, por cortesia, dever, afeição, etc.:

equipamentos e custeio das despesas da instituição. *“O mais importante é a gente perceber se eles estão preparados ou pelo menos queiram estar preparados para poder receber o nosso apoio. [...] O que deixa eles prontos é exatamente a certeza de que eles estão disponíveis, estão dispostos e eles já vêm se dedicando ao trabalho mais duro no local para mudar a realidade que eles tem.”* ONG-p

As ações da ONG são encaixadas na realidade social (GIDDENS, 1991), ou seja, os voluntários da instituição vão pessoalmente ao território onde um grupo de pessoas ou uma instituição solicitou ajuda. Se a visita forma convicção que as pessoas querem alterar sua realidade e não cabe à ONG Alfa resolver os seus problemas, informações são levadas via e-mail ou por reunião, com os demais voluntários quando se decide o aporte de recursos e o acompanhamento das ações.

Se, ao contrário, a visita forma convicção que as pessoas querem que a ONG resolva os seus problemas, o voluntário destaca, aos demandantes, essa questão como barreira para o apoio econômico-financeira. Aos demandantes cabe ou não aceitar visitas conseqüentes. *“Na sistemática atual uma comunidade pode ficar até quatro meses sem receber uma visita.”* ONG-v3

A Instituição adota a persistência por trajetória, como previsão de continuidade de suas ações, acompanhando, como boa amiga, o processo de maturação sobre a responsabilidade que o grupo tem sobre sua vida. De outro lado, nesse processo o voluntário poderá ampliar os conhecimentos do grupo sobre alimentação saudável, associativismo e cooperativismo.

Segundo o presidente da ONG, a legitimação e a manutenção das ações de mudança são vistas como a parte mais crítica dos trabalhos. Dentre os óbices, questões burocráticas, sobre a formalização dos grupos sociais, diferenças e conflitos internos, aprendizagem de novos ofícios, realização de novos contatos, motivação das pessoas da comunidade a se envolverem com os trabalhos e, enfim, empreender uma nova realidade. Dentre os fatores facilitadores, importantes para a manutenção e a ampliação de um apoio, segundo o presidente, são as parcerias. O Sebrae, por exemplo, é parceiro da ONG Alfa desde seu nascedouro.

Por outro lado, uma ameaça permanente é a concorrência de outras instituições filantrópicas e de agentes públicos de cunho assistencialista. Esse tipo de intervenção é percebido como esmola, um fator que mina e pode até “destruir” a vontade e a disposição das pessoas: *“[...] porque o problema da doação é o que repete sempre o Presidente da ONG desde o princípio, é que você fica refém e eles também ficam reféns.”*ONG-v1

A percepção da ética do trabalho, sempre ressaltada, é lembrada pela ONG-p: *“Até porque para a gente fechar essa questão da exigência do trabalho duro é necessário que eles nos peçam. Porque nós não podemos chegar num lugar que não pediu nada pra gente e ainda impor condições.”*ONG-p

5.2.6 Voluntários

Os voluntários definem o seu trabalho como algo que lhes faz bem e até mesmo como algo que pode render benefícios futuros no campo espiritual ou no âmbito da segurança e da prevenção da violência, cuja dimensão é ampliada quando da inserção e domínio de tráfico de drogas.

O caso da Estrutural (DF) é típico. Antes do local abrigar traficantes, contam os voluntários, que ali desenvolviam suas ações livremente. Hoje em dia, há coerção, pois presenças são reguladas.

Um outro voluntário entrevistado mostra-se sensível à realidade que extrapola o núcleo familiar : *“Isso (o trabalho voluntário) me traz muita paz interior. Não que seja uma obrigação [...] todos nós devemos buscar uma parcela mínima de reconhecimento de que alguma coisa tem que ser feita nesse mundo. [...] Existe alguém que precisa de um bom-dia, uma boa tarde [...] Eu sou muito católico e muito espiritualista eu acho que você tem que ser muito bom [...] porque quando você precisar receber você tem infinitos créditos.”* **ONG-v2**

Esse voluntário percebe a relação entre a sua educação familiar e religiosa e a forma que apreende e se posiciona diante da realidade.

O potencial de agir consciente e numa direção específica sobre a própria realidade pode ser importante para abordagem de um grupo afim. Entretanto quando não faz parte da cultura de um determinado grupo social, pode se tornar de cunho ideológico, religioso e, portanto, com um viés adicional ao propósito da laica ONG.

O indivíduo, para os entrevistados, é alguém que porta condições de empreender a sua história, mas que pode ou não fazer uso desse potencial. Outro fator que é verbalizado, principalmente pelo presidente do SOS Cidadania, é que a modificação de uma realidade econômica e social requer muito trabalho e dedicação por parte das pessoas que residem num determinado território.

Ora, a idéia de um voluntário como alguém abnegado é diferente de alguém envolvido, participativo. A postura dos entrevistados e suas percepções ressaltam o

voluntariado como algo que lhes faz bem e até mesmo que pode render benefícios futuros no campo espiritual ou no âmbito da segurança pública.

Na perspectiva de preservação da integridade física do voluntário que atua e dos habitantes que vivem em áreas de marcante violência, o presidente entende que *quanto mais pessoas apoiadas e com condições de terem uma vida digna, menores serão os índices de violência.*

A preservação de uma linha de conduta na atenção social e a sua continuidade são, portanto, dois fatores não idealmente regulados pela metodologia, dada a sazonalidade do voluntariado.

5.2.7 Dimensão temporal

A dimensão temporal de uso do tempo – curto, médio e longo-prazos – totalmente sob o controle dos voluntários e das pessoas que acompanham os trabalhos apoiados. Inexistem pressões dos financiadores para que determinados cronogramas e índices sejam apresentados no curto prazo. Quando ocorre alguma pressão ela vem justamente do grupo que está sendo apoiado e entende que deve receber, por exemplo, mais dinheiro. Em relação à obrigatoriedade dos trabalhos e de seu desenvolvimento, também inexistente tal situação porque só os voluntários trabalham na ONG.

5.2.8 Aporte de recursos

Os recursos financeiros utilizados são amealhados pelas doações do quadro de funcionários de uma das diretorias da Empresa Beta, adicionados pelas doações mensais obtidas e recolhidas por meio de eventos. Os entrevistados relatam que a ONG aporta recursos para a compra de matérias-primas, máquinas, equipamentos e utensílios, uniformes e materiais esportivos e, também, no custeio das despesas caso a instituição não tenha maturidade para arcar com os custos sozinha.

A instituição oferece apoio econômico-financeiro e não crédito. A iniciativa contributiva se dá quando, nas visitas, os voluntários percebem que o grupo social apresenta atitude ou oferece pista de concretização das mudanças e que elas serão sustentadas pelos demandantes. É o desejo ou a disposição de assumir a responsabilidade por criar nova ordem de vida que sinaliza se a comunidade está pronta ou não para receber a ajuda econômico-financeira.

“Não é o investimento financeiro que leva uma entidade a perenizar. O que leva a perenizar é o trabalho permanente, duro, o trabalho da consciência do dia-a-dia para que essa consciência se

torne uma consciência produtiva porque só esperar que os outros façam não leva ninguém a lugar nenhum. A dificuldade para gente é o cimento que dá solidez para o grupo.” ONG-p

A tomada de decisão atinge a todos os integrantes, para que a ONG aporte recursos financeiros num empreendimento. Basta o entendimento de um ou alguns voluntários de que ela atua em acordo com os preceitos e objetivos da ONG. A manifestação favorável de outros integrantes é indispensável¹²⁵. É comum que os pedidos com as justificativas sejam feitos por e-mail e as manifestações de concordância ou discordância também.

Os custos dos treinamentos e os materiais necessários para as diversas ações são comumente custeados pela ONG. Ela preserva que o grupo social não tenha custos além de participar de treinamentos, ter feito um plano de trabalho prévio e que deixe claro como as pessoas utilizarão os conhecimentos para gerar trabalho e renda.

5.2.9 Parcerias

A ONG tem parceria de mais de uma década com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae DF¹²⁶, o que permite que os grupos sociais recebam capacitação nas áreas de venda, empreendedorismo, liderança, relações pessoais, designer de produtos e outros assuntos. Os voluntários da instituição contam suas experiências em áreas de atuação como terapia comunitária e relações de confiança.

¹²⁵ O número de manifestações depende do volume de recursos solicitados e do conhecimento que se tem da instituição.

¹²⁶ Além do público-alvo tradicional, o Sebrae DF apóia empresas comunitárias.

5.2.10 Análise do discurso dos atores da ONG Alfa

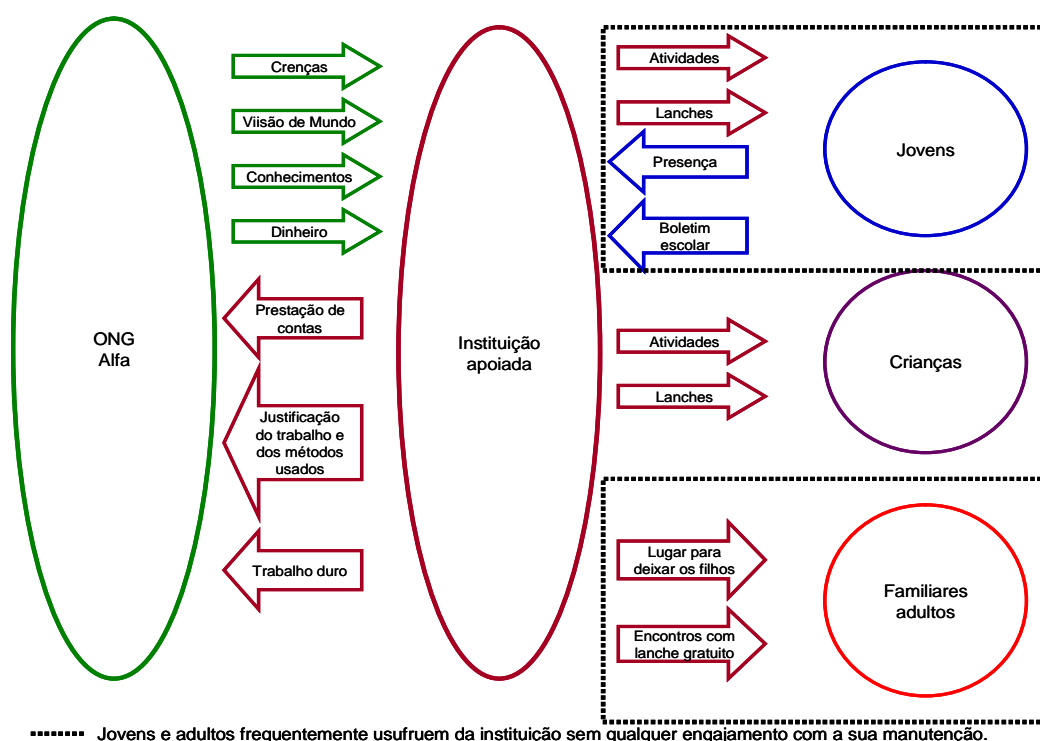
As entrevistas e as evidências das observações participantes mostram um trabalho de natureza informal de forte significação, orientado em duas direções.

A primeira compreende as ações desenvolvidas com as instituições apoiadas pela ONG e que se relacionam com os grupos sociais, apoiados e mantidos por pessoas das instituições locais. Elas fazem o elo de ligação com a ONG, mas são elas que agem diretamente com a clientela. Assumiram o grupo social, muitas vezes, como missão de vida. Interagem assim, como agentes institucionais também “amigos” da ONG. Em muitos casos, o grupo social parece apenas usufruir dos serviços da ONG e das demais instituições que as apóiam. Isso descaracteriza uma relação de “parceria”.

A segunda, envolve o conjunto de ações diretamente praticadas pelos voluntários diretamente e/ou com a contribuição de parceiros, como é o caso do Sebrae, treinamentos em gestão de custos, terapia comunitária e outros. A dimensão dessa segunda vertente é menor que a anterior.

A definição gráfica mostra os diferentes níveis de relacionamento e de reciprocidade:

FIGURA 12 – ONG Alfa - diferentes níveis de relacionamento e de reciprocidade



Como se pode analisar, as interações da ONG com a instituição apoiadora é de âmbito financeiro, obedecido seu sistema de crenças e requisitos de ação. A instituição apoiada pela ONG interage com os grupos sociais, responsabilizando pelo projeto de intervenção social. A

ONG é promotora da sustentabilidade do agir de vários agentes, em benefício dos grupos sociais.

Trata-se, portanto, de uma organização centrada na dimensão cooperativa que funciona pela força e pela crença do voluntariado e poderia ser chamada de “ação social entre amigos” com a contribuição ou não de outras instituições.

5.3 Síntese do discurso das duas instituições

Weber, no seu brilhante empreendimento de constituir um conjunto de termos e significados que servissem como instrumento de trabalho para o cientista da cultura, definiu e conceituou uma série de fundamentos metodológicos. A ação social é um dos termos tratados pelo autor e se caracteriza por levar um sujeito a agir, em função de comportamentos de outras pessoas, sejam eles passados, presentes ou futuros. Aquele que age em função do comportamento de outro indivíduo, empreende uma *ação social*.

§ 2. A ação social, como toda ação, pode ser determinada: 1) *de modo racional referente a fins*: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como “condições” ou “meios” para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente, como sucesso; 2) *de modo racional referente a valores*: pela crença consciente no valor – ético, estético, religioso ou qualquer que seja a sua interpretação – absoluto e inerente a determinado comportamento como tal, independentemente do resultado; 3) *de modo afetivo, especialmente emocional*: por afetos ou estados emocionais atuais; 4) *de modo tradicional*: por costume arraigado. (WEBER, 1999, p.15)

As entrevistas e a observação dos métodos utilizados permitem concluir que as ações empreendidas são dotadas de intencionalidade. Essas características tornam as intervenções econômico-sociais contempladas no conceito de ação social formulado por Weber.

As intervenções promovidas pelas duas instituições diferem significativamente quanto ao escopo e à formalização e, em princípio, a racionalidade que parece motivar a ONG Alfa é aquela relativa a valores enquanto a Empresa Beta, aquela relativa aos fins.

5.4 Grupos Sociais

5.4.1 Cooperativa de Assentados

Como descrito no item 5 deste documento, O Grupo *Cooperativa de Assentados* é formado por membros que fazem parte das dezenove famílias, de um total de quarenta famílias assentadas na mesma agrovila, que resolveram cooperar e agir de forma diferente daquela adotada, segundo os entrevistados, pelo Movimento Sem Terra.

5.4.1.1 Formação

A Cooperativa originou-se de um grupo dissidente dos métodos aplicados e da conformação com a penúria, já insustentável, que caracterizava a espera de seis anos pelo devido apoio do poder público. Quando obtido o recurso do Pronaf A, deu-se um impasse. Uma das razões fundamentais da discordância centrava-se na escolha desse grupo pela produção agrícola. Diferentemente dos demais, inauguraram uma nova trajetória.

A entrevistada CA-c1 relembra o período *“No outro assentamento eu tinha tudo...mas deixei tudo pra sobreviver, ...não tinha trabalho, e sem estudo e sem trabalho não dá pra sobreviver!...”* O trecho de entrevista fixa as melhores características do local de moradia anterior, a cidade: a melhor infra-estrutura, a qualidade das casas, a escola existente, água luz, iluminação, ao que a depoente sublinha... *não adianta casa sem terra..”* e acrescenta: não adianta casa, sem trabalho.

As entrevistas mostram que a iniciativa foi fruto de um processo de discussão e de amadurecimento que ocorreu ao longo de anos. O caminho seguido não foi um consenso. Das quarenta famílias assentadas na mesma agrovila, concordaram em romper com a tradição e acreditar no trabalho e na agricultura como meios de vida e fonte de sucesso, apenas dezenove. *“[...] Então, o que aconteceu? Criou-se uma idéia que a agricultura não é viável aqui no Nordeste. E essa idéia foi contemplada pelo xyz, que já se desligou da produção [...]”*. CA-L

5.4.1.2 Primeiras dificuldades

Outra entrevistada lembra dos momentos difíceis. Hoje [...] lá, (nas plantações) *o pessoal acha bonito lá, porque tem o campo irrigado, tem os tanques... é bonito quando o pessoal começa a trabalhar!”* CA-e1

Cada família ganhou R\$15 mil, recurso para ser pago em três anos. A gente plantou mamão. A gente teve que manter tudo durante muito tempo. Se a gente não investir não tem como pagar. Plantou mamão já virou jerimum, bananeira, deu lucro... de cada um que a

gente plantou 7,5 hectares... Do dinheiro a gente comprou trator, pulverizador, equipamento para irrigar. A gente manteve tudo com dinheiro da gente. Só com oito meses começou a colher, aí, já precisava de mais mangueiras, mais energia, mais adubo para mudança de cultura. Nós tirávamos R\$ 3 mil por mês. A gente gastava R\$ 1 mil e guardava R\$ 2 mil.”
CA-e1

Fica evidente a condição difícil e o notável esforço desse grupo de cooperados. A dimensão das necessidades humanas, agravadas pela condição incipiente da infra-estrutura da comunidade, sem serviços essenciais básicos, pautavam-se apenas no caráter visionário dos ideais do grupo, sem nenhum suporte nem horizonte de médio e longo prazos que desse sustentabilidade aos propósitos. Além da superação das dificuldades enfrentava o Grupo a concorrência com a agenda das Agrovilas vizinhas.

“Tanta coisa! Tinha assentado que ganhou o dinheiro e não deu certo, Isso atrapalha! Muitos usavam o dinheiro pra farra.. Teve um que montou uma bodega e 1 ano depois estava cortando lenha pra vender. Ninguém tinha mais nada. Aqui, o dinheiro deu pra fazer o Centro (comunitário) a gente guardava no banco. A gente tirava a banana e deixava uma parte lá. A gente tirava o gerimum e deixava uma parte lá. Dois e três anos sem água e sem luz.[...]” CA-e1

5.4.1.3 Fatores de sucesso

A referência da depoente ao Centro Comunitário refere-se a um dos apoios recebidos assim como os insumos, a capacitação e a assistência técnica alavancados pelo PNDRS, com a contribuição de parceiros.

O resultado de um alto grau de insatisfação com a condição de vida, com o desconforto aliado à existência de uma liderança preparada pela experiência da vida no campo, como filha de pequeno agricultor, instrumentalizada pelo MST em abordagem comunitária, decerto foram alguns dos fatores que conduziram esse grupo a uma situação promissora. Integrantes da mesma agrovila, não cooperados, hoje prestam serviços nas atividades produtivas da Cooperativa. Atuam juntos com o objetivo de aumentar a vigência dos cooperados aos acordos estabelecidos. Há empréstimos a pagar.

O sucesso desse grupo se orienta, pois, em duas direções: determinação do grupo, apoio financeiro e capacitação trazidas pelo processo de intervenção e pelos projetos sócio-econômicos executados pelo trabalho conjunto dos cooperados.

– E o que precisa fazer para o pessoal começar a trabalhar? Qual é o segredo?

– Pra fazer o pessoal trabalhar, é um segredo de magia. Tem que saber incentivar o pessoal, não é fácil. Trabalhar, a gente trabalha com dezenove famílias, mas entre essas ainda aparece aqueles que.. se vê, todo mundo não pensa igual, cada um pensa dum jeito. Mas aí tem aquele grupo que leva pra frente né, se um ficar sem incentivo a gente já vai lá e incentiva, é assim, vai dar certo. Aí também quando a gente vê que aquela pessoa não quer nada a gente deixa ele levar a vida dele que todo mundo é liberto, né. Mas a gente pra conseguir levar todos a trabalhar, a gente faz reunião com eles, discute as idéias, vamos ver se dá certo, a gente vê a opinião de cada um [...] cada um fala uma proposta [...] a gente, por exemplo, nós que trabalhamos na coordenação a gente leva a proposta e aí na assembléia é discutido e aprovado pela maioria. E quando dá certo, a gente leva pro campo. E lá são distribuídas tarefas e as pessoas pra coordenar. Tem horário de entrar e de sair. Todo mundo tem que fazer aquilo no dia certo na hora exata porque se chegar um de 7h e outro de 8h aquele que chegou de 7h não vai gostar, então tem que chegar todo mundo igual, trabalhar todo mundo igual. Então a gente faz aquele cronograma de trabalho dentro das necessidades que a gente leva a trabalhar. CA-e1

Indagada sobre as dificuldades da participação de todos e sobre resistência às decisões coletivas, ela responde: [...] Por que não se unem? Já vêm de uma vida sem objetivo, não há só pobreza no Brasil. Há duas classes. Tem uma que não quer nada da vida. Tanto faz comer ou não comer. Tem uma outra pobreza na vida, que não tem oportunidade. Mas tem vontade! Ele queria mas não teve chance. Não adianta casa sem terra! Eu quero mais que encher a barriga, eu quero mais. Ter um carro pra andar, ter um negócio próprio, chegar a ter condições para ir a um cinema ou a um teatro. Eu estou nessa idade e nunca fui. [...]”CA-e1

Segundo CA-e1, a grande responsável pela mudança de perspectiva e vida foi a líder, ex integrante do MST.

5.4.1.4 Força da liderança

“[...] E hoje, devido a organização, tem a Líder, ela é uma pessoa muito desenvolvida nessa área. Uma pessoa que ela veio pra cá, já com o objetivo de desenvolver algum trabalho, pra não dizer que ela é aquela pessoa como um pilar sustentador, ela traz as idéias, ela consegue os recursos através da gente também, né? O grupo se reúne e quando a gente se reúne, forma aquela força e dá aquela força dela ir atrás e conseguir. [...] temos ela aqui como um ponto de referência da melhor maneira possível. [...] aquele temperamento forte

dela faz com a gente acredite nela e que seja sempre com ela, porque ela é uma pessoa desenvolvida. Apesar dela ser assentada, ela é uma pessoa desenvolvida. Ela já veio nesse objetivo não de assentar as pessoas, ela já trabalhava no movimento. Ela não veio com o objetivo de pegar aquelas pessoas jogar num assentamento deixar e ir embora. Ela veio no objetivo de assentar e dar para aquelas famílias aquela assistência e o que ela conseguir ela traz. Ela não é aquela pessoa que a gente chega na casa dela e ela lhe dê uma esmola. Ela é aquela pessoa que lhe ensina, tá entendendo? Ensina a procurar uma vida melhor. É isso que faz a gente ter coragem de também lutar. Ela tem o emprego dela, mas aqui quando ela arranja os projetos, aí ela entrega pra gente e a gente vai administrando.”

Um dos viabilizadores da Empresa Beta confirma a firmeza da personalidade da líder da Cooperativa: *“Ela é dura... mas o que você quiser ela resolve [...]”*. Responsável pelas articulações externas e pela busca de soluções, ela encontrou, também, os canais e as vias competentes da cadeia produtiva. Uma das preocupações, é a comercialização, equacionada com a seguinte visão de mercado: *“A gente viu que tinha mercado interno e que estava dando mais lucro, o que exporta, gasta muito [...] A gente ficou vendendo mamão, aqui. Mas a gente conseguiu comprador de João Pessoa (exportador). Quando a gente vê que vai perder porque amadurece, é só chamar a Ceasa e a gente vende aqui mesmo. [...]”*

5.4.1.5 Riscos e ameaças

Em que pese o êxito dos cooperados, em pleno processo de crescimento a Cooperativa enfrenta alguns riscos. É inquestionável o papel da líder como força de sustentação desse grupo, mas também preocupante, a centralização como pilar dessa sustentação. Por essa razão, precavida atenção educativa deverá ser dada à formação de líderes, sobretudo, atendendo às especificidades do conjunto de atividades econômicas, para evitar surpresas eventuais no processo de coordenação e na continuidade de tão eficiente trajetória de grupo.

Hoje, já existem indícios de desequilíbrios que podem interferir na ordem social e na ordem econômica, a exemplo dos que interferem na dinâmica da vida comunitária. Os jovens e adolescentes, tal como lembra a entrevistada CA-c1 : *“[...] À noite, é muito esquisito, não tem diversão. Onde eu morava, tinha escola e tudo mais. Eu não me importo, mas os garotos gostam. A gente tem que dedicar um tempo ao lazer”* Esse um dado importante pois as atrações urbanas das proximidades podem retirar do meio ambiente a população jovem, na qual está depositada a esperança de continuidade das ações coletivas.

5.4.1.6 Visão de futuro

A visão de futuro nas palavras da líder é provar que a reforma agrária pode ser um sucesso no País. Outra entrevistada vê o futuro como um lugar onde poderá realizar os sonhos de ter um negócio próprio e ter melhores condições educacionais para si e para seus filhos alçando-os a melhor qualidade de vida.

5.4.2 Cooperativa de Reciclagem

5.4.2.1 Formação

O nascimento da Cooperativa de Reciclagem à semelhança da Cooperativa de Assentados foi resultado de um processo de reflexão sobre as dificuldades enfrentadas no presente e o desejo para o futuro. Dessa reflexão surge a idealização do empresariado do lixo como fonte de renda para senhoras acima de trinta anos, desempregadas e sem a formação exigida pelo mercado: *“Nós mudamos para o RF II há mais ou menos doze anos atrás e a gente, como era a maioria tudo desempregado, sem fonte de renda nós ficávamos muito próximos aos tambores de água esperando o caminhão pipa vim trazer água para a gente fazer alguma coisa dentro de casa e no meio dessa espera nós nos descobrimos como pessoas que tinham o mesmo perfil, ou seja, desempregados, com mais de trinta anos e precisando de uma fonte de renda. Aí resolvemos fazer reuniões pra ver como é que poderíamos sair daquela situação. De reunião em reunião, nós chegamos à conclusão que seria no lixo a nossa fonte de renda porque na época nós não tínhamos nenhum recurso para começar a desenvolver alguma atividade porque precisava de equipamento por mais simples que fossem precisava de um pequeno investimento e nós vivíamos praticamente de ajuda de parentes, de igreja então não tínhamos esse recurso. E aí uma das meninas me deu a idéia de procurar o Sebrae pra trazer a capacitação pra gente porque nós não éramos catadores e não sabíamos como desenvolver as atividades. Só queríamos desenvolver com a capacitação foi mais de três anos [...] tínhamos 3 caminhos para escolher ou a gente montava uma empresa privada, uma associação ou uma cooperativa. [...] optamos por uma cooperativa por ser uma empresa social, mas uma empresa. [...] foi uma coisa muito pensada, uma coisa de três anos [...] em 2000 nós registramos a Cooperativa.”* CR-p

A trajetória de crescimento passa, assim como a da Cooperativa de Assentados, pela ruptura de um roteiro “imposto” pelas circunstâncias da vida, por um ideal de vir a ser e pela celebração de parcerias. [...] *Falaram que eu só servia pra ser empregada doméstica. Eu até ganhava muito bem. [...] Aqui na Cooperativa, eu fiz vários cursos com a psicóloga... então eu aprendi que nós não temos que ter vergonha de falar o que a gente sente. Eu nunca aprendi a dizer não, mesmo que fosse ofendida, agora eu sei a hora em que eu tenho que falar sim e não. A Cooperativa me ensinou tudo isso. No meio do lixo eu me reciclei, reciclei a minha alma. Eu só tenho medo, ainda, do dentista.”* CR-c1

5.4.2.2 Capacitação

A capacitação concretizou essa perspectiva, mostrando-lhe o canal produtivo como modelo empreendedor. *“Eu fui me preparando, fiz um curso de Cooperativismo no Sebrae e ele falava que eu ia ser micro-empresária. Que coisa maravilhosa eu ser uma empresária e eu falava que ia ser uma micro-empresária do lixo.”* CR-c1

Tal como na experiência vivida pelos assentados, a escolha implicou em períodos difíceis de superação: [...] *A minha filha mais nova, hoje ela é do grupo de caixas (de montagem e preparação de embalagens), ela tinha vergonha de mim. Ela era bem novinha, hoje ela tá com vinte e cinco anos. –Oh, mãe, a senhora anda toda suja! ... mexendo no lixo dos outros, bem no container... Eu ia pra dentro dos containers de lixo nas portas dos mercados aí, minha filha pediu que eu voltasse a ser diarista.”*

5.4.2.3 Dificuldades

Em que pese essa experiência pessoal, que poderia abatê-la, a entrevistada sublinha forte tenacidade e força vital assemelhadas àquelas dos fundadores da Cooperativa dos Assentados empregadas na busca dos ideais. [...] *a gente foi catando lixo na rua e era um divertimento. Nós íamos catando lixo na porta das pessoas e abríamos o lixo, e era cada bronca! ... A gente estava bagunçando, aí a gente catava tudinho e deixava tudo limpinho e quando elas iam olhar... aos poucos nós fomos conquistando. Aí elas já iam preparando o material e a gente falava o que precisava e explicamos tudo pra elas como o Sebrae falava pra nós. ... teve um monitor que passou cinco dias com nós.. durante a noite nós íamos para outro local, porque tinha curso até meia-noite, curso de economista e tudo. Quando passávamos na rua, mulheres e crianças chamavam. [...] e, conclui, “Aqui não se tem nada a perder, só tem a ganhar”. CR-c1*

5.4.2.4 Parcerias

A dimensão do suporte financeiro que possibilitou a criação de uma infra-estrutura e que tem garantido a sua manutenção foi essencial, assim como a associação de parcerias: *“A Fundação Banco do Brasil ajudou a gente com máquinas de corte, zinco e guilhotina. A gente terminando esse galpão de artesanato, vai ter condição de dar escala aos nossos produtos. Nesse momento, o que nós estamos fazendo é parceria com a Farmacotécnica, desenvolvendo um linha de papel pra gente ter certeza que o papel não cause nenhum dano à saúde... e a gente está buscando escala para fazer mil papéis dia...[...] Em todo momento, a Cooperativa está se especializando nos produtos para ganhar escalas enquanto a parte da construção civil termina.”*

Além da citada capacitação permanente, a Cooperativa buscou soluções de atendimento à saúde, atendimento odontológico a cerca de mil e quinhentos jovens, como, também, na área de esportes, reforço escolar, computação, oficinas de teatro e educação ambiental.

5.4.2.5 Liderança

A forte liderança é também marca da Cooperativa de Coleta. A líder, técnica em enfermagem e mãe de um menino com Síndrome de Down, é reconhecida pela determinação, capacidade de viabilizar parcerias e por sua criatividade. [...] *começamos com reuniões com umas vinte senhoras e antes, pegávamos água num caminhão pipa porque aqui não tinha água. Uma já estava com quarenta, outra com cinqüenta, ... outra sem emprego, não tinha estudo, mal sabia assinar o nome... A líder sempre foi a cabeça, parecia um computador. E pensamos montar uma cooperativa... [...] O papel da líder é correr atrás de parceiros, da melhoria e da organização. Ela chega aqui e fala, cada um tem sua responsabilidade, vocês são donos.*” CR-c1

Interrogada sobre o andamento e o sucesso das ações, a líder assim coloca: *“Todos os dias eu ponho esse cargo à disposição. Eu só fico no processo enquanto eu estiver crescendo com o grupo e o grupo estiver crescendo comigo.”* CR-p

5.4.2.6 Visão de futuro

A visão de futuro desse grupo, cujas atividades já são espelhadas em várias localidades do País é a melhoria e o desenvolvimento: *“O maior sonho da gente é ver se conseguimos a usina de tratamento de resíduos e nós estamos muito na história do estudo da viabilidade... tratando esse resíduo, nós saímos do ganho de R\$ 500 média de ganho máximo e passamos a ganhar em torno de R\$ 1.2000 a R\$ 1.300. E a gente tem que como fazer isso, em parceria com todas as cooperativas de catadores que queiram trabalhar com a gente, em rede. Então, o nosso próximo passo é essa usina de tratamento porque já temos o galpão de 4.500 m² e trabalhar também em parceria com a Universidade para o tratamento de saúde do nosso povo”*CR-p

5.4.2.7 Crença

A capacidade de superação e a não entrega ao sofrimento e à sua sublimação está fortemente assinalada no depoimento da líder do grupo: *“O que torna possível esse grupo, é a fé, a convicção do que quer. O grupo está preparado para a transformação. O grupo tem muita fé em Deus para poder segurar as adversidades[...] Aqui a gente ri muito, tem muito*

diálogo, tem muita vida. Todo mundo tem ciência que o negócio é dele, que tem que ir pra frente, que tem que ir pra luta, e quando umas pessoas não entendem, a gente leva assim mesmo.” CR-p

5.4.3 Associação de Mobilização Infanto-Juvenil

5.4.3.1 Ideal

O ideal que move a força de trabalho da Associação de Mobilização difere totalmente dos grupos sociais até então estudados. Enfatiza a atenção social e a assistência no imperativo de sua existência e nas exigências de sua demanda de prestação de serviço. *“Como as mães e as famílias são muito carentes e só uma pessoa para manter essa creche, aqui (isso) não tem como, sem condições, é muito recurso! São alimentos por dia, tem que ter uma ajuda maior. Se tivesse uma ajuda do Governo, seria melhor. Porque teria uma estrutura melhor para as crianças brincarem.”*

5.4.3.2 Prestação de serviço

Operando com voluntários a creche possibilita o atendimento graças à contribuição conjugada: *“Trabalham aqui, uma cozinheira, um monitor à tarde, eu, o dia inteiro e a Cleide, 6 horas. [...] Por estar no meio das crianças, pra cuidar e ajudar as crianças, aqui é trabalho voluntário, não ganha um salário mínimo, nós trabalhamos como se fosse um voluntário, muita gente quer e muita gente não quer... A outra pessoa que trabalha aqui, tem três filhos, claro que ela está aqui porque também precisa... mas mesmo precisando, tem que ter muita paciência, porque são trinta crianças... tem que gostar mesmo das crianças.*

– E os pais, se sentem satisfeitos?

– *Sim, eles se sentem, porque a gente quer dar o melhor de si, a gente faz o possível, até quando se machucam, nós temos a farmacinha, a gente ta ajudando. A gente vai, conta para os pais, se estiver com febre a gente cuida, só se chegar ao ponto mesmo de não poder cuidar das crianças, mas eles estão satisfeitos mesmo. Tem creches que são pagas e não chegam nem no ponto que nós estamos aqui.*

A participação dos pais com os abnegados prestadores de serviço se conduz de forma sazonal por meio de reuniões: *“[...] a gente faz reuniões, quando tem um mutirão eles vêm pra ajudar, é um processo todo assim. A gente vai fazer um mutirão com eles de limpeza aqui. Nós somos poucos pra fazer uma limpeza. Ou a gente cuida das crianças ou cuida da limpeza [...]”*

Os que cuidam das crianças se ressentem do desamparo de algumas delas e da fragilidade do vínculo maternal: *Algumas mães que não ligam muito para os filhos...vêm e deixa ele de qualquer jeito. É uma alegria poder estar ajudando ele.*

Ora, a desatenção à criança para quem tem como causa a solidariedade e a solicitude materna, fere um dos princípios fundamentais que orienta a experiência: o sentido da doação. O envolvimento maternal como valor de trabalho é importante, como sentimento, é essencial.

5.4.3.3 Liderança

A exemplo dos demais grupos a líder exerce um papel de sustentação. Indubitavelmente valorizado pelos agentes da creche: *[...] ela se envolve bastante... ela tira dinheiro do bolso dela, do salário dela, do lazer dela, para colocar aqui dentro. Porque às vezes não dá, nem a doação que algumas pessoas dão, e nem o que as mães pagam. Só três mães que pagam a mensalidade, mas mesmo assim não dá, porque são quatro refeições... tem que pagar luz, água, e ela não ganha nada com isso. O benefício para ela, só mesmo emocional... [...] é o estímulo dela que faz a gente continuar. [...] Há dez anos quando entrou aqui, não tinha nada e ela foi montando.*

5.4.3.4 Crença

A crença no que faz também aqui se repete. Transparece consciência sobre a alta significação da ajuda, quando, decodifica a sua prestação de serviços como um “movimento”: *“movimento social é a ação das pessoas, é você ajudar uma outra pessoa...[...] você querer que a criança cresça, que a criança aprenda, que a família tenha outra estrutura... a creche ajuda bastante os pais e, principalmente, a comunidade.”*

5.4.3.5 Visão de futuro

O entendimento do futuro, entretanto, não projeta essa mesma dimensão. A visão fica restrita ao foco estrutural e, mesmo esse, parece modesto: *“queremos montar uma quadra, um cercado no parquinho, dar mais seguranças para eles e para nós, que está olhando eles.”*

5.4.4 O que falam os Grupos

Antes de descrever a articulação entre a liderança de caráter carismático e de caráter racional presentes nos grupos Cooperativa de Coleta Seletiva e Cooperativa de Assentados, cabe apresentar os três tipos puros de dominação legítima: de caráter racional, tradicional e carismático. Por dominação entenda-se *“a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de determinado grupos de pessoas”* (WEBER, 1999, p. 139).

“A vigência da legitimidade dos três tipos puros se dá primordialmente: 1) racional – pela crença na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que ordenam; 2) tradicional – na crença cotidiana da santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade da autoridade tradicional e 3) carismática – baseada na veneração extraordinária da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas.” (WEBER, 1999, p. 141).

A Cooperativa de Coleta Seletiva e Reciclagem tem em comum com o assentamento a existência de uma liderança que é considerada uma referência e a forma de proposição e discussões das ações. Os cooperados também têm escalas e responsabilidades de trabalho que são levadas bem a sério. As pessoas percebem que o cumprimento dos acordos é uma maneira de aumentar a densidade do tecido social. Se a pessoa não consegue operar na tríplice obrigação de dar, receber e retribuir ela não está habilitada a cumprir o papel que dela se espera na cooperativa.

Uma das distinções entre as cooperativas estudadas e a associação para mobilização infanto-juvenil, pode ser caracterizada como o movimento social. Quando Blumer definiu os movimentos dessa natureza, ele se referiu a uma das causas residir na insatisfação com a situação vigente. O resultado do desconforto e da agitação seria o movimento social. As cooperativas vivenciaram esse processo previamente à sua organização enquanto a Associação foi levada para a Vila Estrutural por pessoas externas a ela.

A percepção que se tem é que a racionalidade presente não extingue ou anula a dimensão da dádiva nos grupos que vêm o seu movimento como um caminhar que levará a outro patamar de existência. As pessoas desejam resultados, mas as relações entre elas superam o utilitarismo e cedem espaço para a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir; de tal forma que, aqueles que não são identificados com ânimo para participar dessa corrente, perdem espaço e legitimidade.

A impressão que se tem, principalmente ao estudar a Cooperativa de Assentados, é que o uso da racionalidade e do carisma tem a clara intenção de constituir um sistema de valores e símbolos que culminem da cultura do dar, receber e retribuir. Parece que o predomínio da Dádiva se apresenta quando a socialização trilhou um determinado caminho. Durkheim ao descrever os processos que provocariam a transição de uma solidariedade tipicamente mecânica para ou com solidariedade tipicamente orgânica vislumbrou que a moral seria formada no seio das corporações. O trabalho das lideranças das cooperativas está muito voltado para a formação de uma moral.

Tanto a Presidente da Cooperativa de Assentados quanto a da Cooperativa de Coleta e Reciclagem adotam práticas que as colocam claramente como participantes da dádiva porque sentem que essa atitude compõe a sua força e, como escreveu Weber, o seu carisma. Eu penso até que se poderia investigar os grupos que têm obtido sucesso diante de vários problemas para verificar o papel da dádiva. Ela parece funcionar como uma espécie de “cola” que mantém as pessoas juntas e relatando que são cada vez mais fortes.

Não há dádiva que não exceda, por sua dimensão simbólica, a dimensão utilitária e funcional dos bens e serviços. E, reciprocamente, o que é um símbolo, senão as palavras, gestos, atos, objetos e, principalmente, as mulheres e, portanto, os filhos por vir, que são dados solenemente, criando a aliança que afasta a guerra, uma aliança constantemente ameaçada de recair no conflito? (CAILLÉ, 1998, p. 8)

As fundadoras da Cooperativa de Reciclagem relatam muitas reuniões que ocorreram sob um “pé de árvore” onde elas falavam dos seus problemas, do que viam para o futuro e o que poderiam fazer para alterar a tendência que se vislumbrava: sub-emprego, falta de perspectivas para seus filhos, submissão aos maridos e companheiros, etc. Das conversas e reflexões, decidiram com o que iriam trabalhar e foram atrás de apoio.

Aqui fica evidente uma condição que pode definir se o esforço para apoiar o desenvolvimento econômico dos territórios poderá ser classificado como confortador ou impulsionador. Essa condição é exatamente a forma como a Empresa se relacionará com um conteúdo que lhe é estranho: o mundo social. A sua experiência apontou que os capitais institucional, humano e social afetam fortemente a condição de um empreendimento econômico coletivo sustentar-se ou não. Mesmo assim, os planos de negócios devem ser feitos em função dos prazos que os gerentes de agência dispõem para cumprir suas metas. A pergunta é: como provocar um movimento de reflexão que permita criar espaço para uma nova ação coletiva no prazo máximo de um ano?

É muito interessante observar que tanto na ONG Alfa quanto na Estratégia Negocial DRS existem alguns integrantes que repudiam veementemente a idéia da sua prática ser caracterizada como um projeto ou programa. Essa resistência reside principalmente no entendimento de que projetos e programas são ações concebidas de forma desencaixada dos sistemas sociais, muitas vezes, à revelia das pessoas que serão alvo da ação, se fundamentam numa relação de curto prazo, com início e fim bem definidos e é regida majoritariamente por um cronograma pré-estabelecido.

Quando os entrevistados, tanto da ONG quanto da Empresa, se manifestam com relação ao respeito à diversidade cultural, eles têm em mente os rituais, as comidas, as crenças, a religião, enfim, diversidades dessa natureza. Passa despercebido que a forma de produzir também pode ser, por assim dizer, um aspecto cultural. Ambas as instituições investem tempo e dinheiro para que as pessoas dos grupos sociais onde implantam os seus projetos tenham acesso e sucesso no mercado capitalista como o conhecemos: fundamentado da máxima produtividade e no uso da natureza como matéria prima (GIDDENS, 1991).

As diferenças em relação à empresa reside na sua forma jurídica que deve ser de cooperativas ou associações como um pressuposto da distribuição dos lucros em acordo com critérios votados pelos trabalhadores que são, ao mesmo tempo, os donos do empreendimento.

6 LUZ : ESTATÍSTICA NA DIMENSÃO DAS CRENÇAS

6.1 Empresa Beta

O desenvolvimento regional sustentável além de ser um objetivo de Governo foi assimilado pela cúpula da Empresa Beta como um meio para ampliar a base de correntistas da Empresa. O aumento dessa base de clientes tomadores de crédito serviria para, no médio e longo prazos, contribuir para a sustentação dos *spreads* bancários. É esse um compromisso da atualidade da Empresa, inserida nos conceitos da responsabilidade socioambiental, para atender as demandas nacionais de desenvolvimento regional, ainda marcadas pela desigualdade.

Funcionários da Empresa Beta (64 respondentes de uma população de 133 pessoas) responderam ao questionário fechado e manifestaram sua opinião frente a afirmações feitas para mensurar a percepção dos idealizadores e viabilizadores quanto à qualidade dos componentes da intervenção econômico-social denominada Metodologia Desenvolvimento Regional Sustentável.

Abaixo, será feita uma análise unidimensional da pesquisa quantitativa respondida por funcionários da Empresa.

6.1.1 Perfil dos idealizadores e viabilizadores

O entendimento da relação entre a intervenção econômico-social e o ethos predominante num grupo social, objeto da pesquisa em tela, não pode prescindir da compreensão do conjunto de crenças e valores do segmento de pensadores que constituem a força de orientação da Empresa, de seus princípios e de seus ideais. Na mesma perspectiva, essa premissa se estende aos agentes empreendedores.

No capítulo anterior vimos suas observações, na perspectiva da voz e da linguagem. Mas essa dimensão não esgota a recepção da expressão de créditos do pensamento abstrato e vice-versa, pois as pessoas não agem senão em razão de suas próprias lógicas culturais (CUCHE, 2001, p. 159-165). Se as diferenças culturais podem ser observadas nas práticas mais simples, também os pensamentos podem revelar a fonte de inspiração dos gestos, o que conforma a necessidade comparativa da qualidade da expressão perceptiva, objeto desse quesito.

São os idealizadores das formas de tornar possíveis os grandes propósitos da Instituição e os viabilizadores, de transformá-los em ações concretas, a serem executadas pelo

nível operacional. São eles os responsáveis pela concepção do *modus-operandi* do DRS, gerando novos fatos sociais, oportunidades diversas e desempenho de papéis e de ocupação de lugar na sociedade. Os empreendedores, por seus motivos e apoio, concretizam ou não resultados.

Importa, por isso, conhecer o método adotado pelos diferentes atores, essencial ao aperfeiçoamento de sua filosofia e metodologia de ação, recentemente concebidas, e ademais, aferir as condições reais de operacionalização e, sobretudo conhecer o norte do ideal, aquilo que rege e impulsiona as realizações.

Tais motivos justificam reconhecer aquilo que distingue os idealizadores e viabilizadores, tanto na percepção sobre o negócio, quanto sobre o desenvolvimento dos trabalhos e dos seus resultados. A dimensão de pensamentos, de sentimentos, de visão do mundo e da construção humana são essenciais para desvendar as qualidades dos projetos econômico-sociais e seus nexos, na perspectiva dos seus formuladores.

Do universo de 133 funcionários que atuam nas esferas estratégica e tática da organização, especificamente com o DRS, uma população equivalente a 61% (68) teve sua percepção aferida quantitativamente e suas respostas estatisticamente tratadas.

A investigação mostra que a maioria dos 68 funcionários, 89%, é constituída por pessoas maduras, visto que apenas 10% formam a população de menos de 30 anos. A maioria das pessoas é casada (67%), do sexo masculino (60%), mora em região urbana (100%). São prolíferos, pois 86% têm de dois a quatro ou mais filhos. Em 88% dos casos a família dos investigados percebe mais de 8 salários mínimos ao mês.

À exemplo dos demais funcionários da Empresa, todos recebem cartão de bandeira Visa para atender suas necessidades mensais de alimentação e refeição. No entanto, só 29% reconhecem esse fato, ao serem indagados se recebem auxílio-alimentação. Do total, todos têm carteira assinada e 65% vão e voltam do trabalho por meio de carro.

Trata-se de um grupo de nível educacional muito expressivo, altamente preparado, pois 89% fizeram o terceiro grau, sendo que 59% têm curso de especialização, 10% de mestrado e 7% cursaram apenas o nível médio.

Figura 13 - Dimensões do uso do tempo pelos agentes interventores

Variável	Dias/semana				Horas/dia				Horas/mês			
	maioria		minoría		maioria		minoría		maioria		minoría	
Filhos					2 a 3	38%	<1	10%				
Trabalho remunerado	5	97%	6	1,5%	8	57%	>8	40%				
Locomoção/trabalho					<2	81%	2	15%				
Trabalho doméstico					0	46%	1	41%				
Estudos					1	43%	3	3%				
Vizinhos					0	71%	<1	28%				
Sono					7	35%	5	9%				
Leitura									>5	66%	1	3%
Diversão									>5	75%	1	6%
Televisão									>5	72%	<1	3%

Fonte: Elaboração da autora

O grupo de idealizadores e viabilizadores concentra no trabalho a ênfase do uso de seu tempo, visto que 57% trabalham 8h/dia e mais que isso 40%. Às horas dedicadas ao trabalho adicionam-se cerca de menos de 2h/dia de deslocamento para o serviço. Essa dimensão é seguida pela dedicação ao sono (7h/dia de 35%), o que revela pouco espaço para as interações humanas fora do ambiente de trabalho.

Em terceiro lugar vem a dimensão social das relações, centrada nos filhos, aos quais 38% dedicam de 2h a 3h/dia e 13% mais que isso. Aos vizinhos 28% dedicam menos de uma hora/dia. Em quarto lugar se insere a dimensão educativa com 43% investindo 1h/dia aos estudos e 66% mais de 5h/mês à leitura. Em quinto seguem-se o trabalho doméstico ao qual 41% dispendem 1h/dia e à diversão, pois a maioria, 75%, diverte-se mais de 5h/mês e 72% consagram parte do seu tempo à televisão na mesma proporção.

A menor atenção dos estrategistas e do pessoal do nível tático da Empresa Beta concentra-se no envolvimento com vizinhos, pois 71% admitem não dedicar-lhes qualquer tempo. Os que com eles se relacionam dispendem, no máximo, menos de uma hora. Dos funcionários pesquisados, 54% praticam o trabalho doméstico de 1 a 3h/dia. Esse percentual é superior à proporção de mulheres que é de 40%.

Outro índice que clama atenção é o uso de menos de uma hora de convivência com os filhos por parte de 10% dos pesquisados, visto que a medida só atinge os que têm filho. É muito significativo, por último, o dado que 9% invistam menos de 1h/mês à diversão e, no máximo, menos de 1h/mês à televisão.

Os planos das dimensões observados mostram pessoas pressionadas pelas tensões urbanas no manejo de suas temporalidades. De fato, o uso da maior parte do tempo no trabalho, característica desse grupo, sublinha a marginalidade do indivíduo e dos grupos das metrópoles no espaço e no meio ambiente profissional. Isso define os limites e as possibilidades da “identidade própria” na existência coletiva desses indivíduos, a qual se

define muito mais com o círculo produtivo, que com o grupo familiar e ou comunitário. Durkheim ao descrever a transição das sociedades de solidariedade tipicamente mecânica para as de solidariedade tipicamente orgânica já apresentava o papel das corporações na formação da moral e dos costumes.

Cabe observar que a mensuração do tempo dedicado, por exemplo, aos amigos e parentes, poderia oferecer um quadro mais completo de conhecimento do uso do tempo e suas influências nas relações sociais.

6.1.2 Identificação Comunitária

De 68 pessoas, 19 (28%) dos respondentes participam de alguma organização comunitária. Dentre esses, 6 exercem função formal de liderança e 9 liderança informal, o que revela a força do grupo pesquisado, pois 22% são pessoas que exercem influência sobre as demais. Em relação ao trabalho voluntário, 18% dos respondentes o desenvolvem. Em ONGs, exercem função formal ou informal de liderança, 19%.

Conquanto 81% não tenham envolvimento com questões comunitárias, é relevante o engajamento do grupo, expressão de um alto grau de consciência social e disposição para contribuir na construção de utopias.

6.1.3 Plano de Negócios DRS - PNDRS

O entendimento da maioria é consonante com a afirmação de que o PNDRS pode ser considerado uma intervenção social. De fato, o percentil de concordância é alto pois cerca de 93% se posiciona favoravelmente. Apenas 3 discordam totalmente e 62% concordam totalmente.

A participação ativa dos membros dos grupos sociais nos PNDRS é percebida favoravelmente por 88% dos entrevistados, constituído por 29 pessoas que concordam totalmente e 31 de forma parcial que *as pessoas da comunidade são as protagonistas dos PNDRS*.

6.1.4 Acesso às informações

Quanto ao acesso a todas as informações que envolvem os planos de negócio, aí considerados referências de nomes, endereços, compradores, fornecedores, orçamentos, técnicos (Mike Davis, 2006) indispensáveis à condução e ao cotidiano dos negócios, tem-se que 52% concordam. O singular é que a concordância total é de um segmento de 18%, a discordância é de 19% e, sequer têm opinião, 28%. Isso mostra um quadro de pessoas que,

conquanto, percebam o caráter de intervenção social e a importância da ascensão do grupo social ao papel de protagonista, não percebem a relevância do acesso e da posse de todas as informações no processo de fortalecimento e ganho de autonomia pelos grupos.

Como 35% concorda apenas parcialmente com a assertiva e 16% discorda parcialmente é muito significativo o olhar restritivo a essa questão, sobretudo porque o pensamento de cinquenta e três pessoas (78%) é de que as comunidades envolvidas devem participar de todas as fases do plano de negócios.

A abstração do pensamento distante do sentido prático reclama uma reflexão maior sobre os ditames assinalados pela Empresa responsáveis pelo fortalecimento dos Grupos Sociais. Ora, o empoderamento pela informação enriquece e dá segurança ao protagonismo e às decisões de negócio. Constitui-se, portanto, num decisivo instrumento de capacitação e de soerguimento do ethos de autoria. Os discursos da líder e da coordenadora da Cooperativa dos Assentados, bem como da Cooperativa de Coleta e Reciclagem transparecem essa relevância, quando se referem às estratégias de comercialização e aos benefícios de exportação ou não de seus produtos. São noções obtidas, fruto de conhecimento e do processo de assimilação em curso, de aprendizagem e, quiçá, de transculturação, na experiência do cotidiano das cooperativas. Essa uma régua para melhor compreender as dimensões de influência do ethos de autoria.

6.1.5 Escolha do locus do projeto

A atuação restrita a *locais com capital social desenvolvido* é totalmente negada por 44% e parcialmente por 35%. Surpreende que 18%, ou seja, 12 pessoas, não tenham opinião sobre o enunciado. De outro lado, 54% concordam totalmente com a afirmação de que *nós só atuamos onde existem atividades econômicas que podem ser desenvolvidas* e, parcialmente, 23%, ou seja, 77% expressam concordância. De novo, um traço de distanciamento é revelado, de forma discreta e alerta para ser melhor aferido, cientificamente.

6.1.6 Capital social

Há consenso que *a implantação de um plano de negócios, numa comunidade, ajuda a desenvolver o capital social*. Esse ponto de vista de 92% é representado por 66% que concordam totalmente (45 pessoas) e 26% que concordam parcialmente. É cristalina a posição, pois apenas quatro pessoas não têm opinião à respeito, inexistindo discordância. Os estrategistas e os funcionários do nível tático, não têm dúvida de que *o capital social pode ser construído*. Sobre isso 94% concordam total (68%) ou parcialmente (26%).

A opinião é reforçada quando se mede o efeito *do capital social sobre o desenvolvimento dos planos de negócio*, que merece a concordância de sessenta e quatro pessoas, havendo só uma discordância. Ora, se há reconhecimento de que o capital social exerce influência sobre o econômico, de igual maneira o capital econômico afeta o social.

A relação do êxito econômico com o capital social é considerada condição *sine-qua-non* para 53% das pessoas que acreditam que *o capital social é imprescindível para que a comunidade tenha êxito no seu projeto de desenvolvimento econômico* e parcialmente por 38% merecendo pois, quase o consenso dos sessenta e oito investigados. No entanto, *quando se afirma nós só atuamos em locais com o capital social desenvolvido* a zona de discordância é praticamente consensual 79%, 18% não têm opinião e só duas pessoas concordam parcial e totalmente, respectivamente.

O peso do capital social no papel que a Empresa deverá desempenhar para promover o DRS foi aferido por meio da afirmação que *quanto menor o capital social, maior a necessidade do envolvimento de pessoas externas à comunidade na implementação do plano de negócios*. A maioria (84%) concorda, total ou parcialmente, com esse grau de dependência. Ora, se a Empresa ingressar num plano de negócios num local com baixo capital social necessitará dar conta da liderança na mobilização de agentes e de fatores de mudança, em favor da elevação do capital social, sob pena de inviabilizar o plano de negócios e não cumprir suas metas econômicas.

Essa percepção fundamentada na experiência, reforça os resultados das pesquisas que têm sido feitas a respeito do Capital Social. Embora o conceito mereça defensores e delatores no campo das ciências sociais, ele serve como amparo teórico aos achados desta pesquisa.

Quanto à cultura cívica, entendida como a valorização da ação coletiva e da capacidade de agir em prol do bem comum, 44% concordam parcialmente que *a implantação de um plano de negócios afeta a cultura cívica da comunidade* e, totalmente, 22%.

6.1.7 Liderança

Do grupo pesquisado, 76% concordam que *as pessoas mais pobres têm condições de assumir a liderança do plano de negócios* e discordam parcialmente 6%. Salta aos olhos, em virtude de ser essa a população alvo do seu negócio e razão de sua ocupação profissional e de suas funções, que **18% do total não tenham opinião**. Essa ausência de opinião poderia ser explicada pelo fato de os estrategistas e táticos não terem, necessariamente, contato direto com os grupos sociais. Esse um traço a ser explicado.

São consideradas poderosas as *lideranças das próprias comunidades*. Exercem *mais influência do que lideranças que vêm de fora*. Com isso concordam 88% dos respondentes que optam pela valorização do líder local. Também o *conhecimento pessoal das lideranças das comunidades onde são implantados os planos de negócio* é confirmado por 63% das pessoas, havendo apenas dois discordantes. Esse um essencial indicativo de aproximação, dadas as características de alinhamento das ações do DRS com o contexto social.

6.1.8 Aproximação entre atores sociais

Medida a aproximação tendo em vista a comunidade, tem-se que, de um total de sessenta e seis respondentes, quarenta e duas pessoas afirmam (35% parcial e 27% totalmente) *nós conhecemos pessoalmente as comunidades onde implantamos planos de negócios*. Nove pessoas discordam (13%) e 15 não têm opinião. Assim, em que pese a maioria afirmar ter conhecimento dos locais onde residem os grupos sociais, nove discordam e quinze não têm opinião, o que sugere a possibilidade de aceitação do distanciamento da realidade com as quais atua. Caso confirmada, poderia agravar o risco do DRS fundar-se em *conteúdos deslocados das relações sociais presentes nos contextos locais de interação* (GIDDENS, 1991).

A *formação de parcerias*, na visão consensual de 96% dos respondentes, *é responsável por grande parte do trabalho de implantação de um plano de negócios*. A *união das próprias pessoas das comunidades é responsável pelas mudanças* no entendimento de 60 funcionários (88%), mas 20 apenas concordam parcialmente (29%), 40 totalmente (59%) e 6 não têm opinião (9%). A parcialidade incentiva pensar sobre os fatores de relativização. Variáveis como o status dos recursos, capacitação, abertura do canal de participação podem pesar nesse juízo de valor. A valorização da ação coletiva pelos idealizadores e viabilizadores é fundamento e premissa da estratégica metodológica. Sete pessoas demonstram certo distanciamento da internalização desse princípio.

A assertiva de que *a interação com as comunidades onde há planos de negócios implantados é fator determinante para o sucesso dos investimentos* tem a anuência de 97% do público pesquisado, sendo 63% concordância total e 34% parcial, não havendo discordância. Essa concordância reforça a valorização do encaixe na realidade social e da ação coletiva prevista na metodologia DRS, como fatores de sucesso. Diante da afirmação *é essa interação que ajuda na calibragem das ações e investimentos que deverão constar do plano de negócios*, 59% concordam totalmente e 37% parcialmente. A queda de cinco pontos percentuais na concordância total pode advir do não entendimento da relativização dos ajustes

interativos entre ações e investimentos; ou, que os níveis estratégico e tático tenham um certo grau de distanciamento que lhes permitam a aferição mais precisa dessa calibragem. Pode ainda, significar o reconhecimento da importância da calibragem mas não suficientemente para incluí-las no conjunto de ferramentas, por alguma dificuldade.

6.1.9 Capacidade comunitária

Segundo 16% dos respondentes (11 pessoas), *certas comunidades não têm capacidade de assumir a responsabilidade por um plano de negócios*. Desacreditam no potencial de determinados Grupos Sociais. No entanto, do público pesquisado, 43% concordam parcialmente e 21% discordam parcialmente. A parcialidade abre espaço para se pensar que a articulação das percepções de que o capital social pode ser construído e que quanto menor ele for, mais importa que a Empresa Beta e os demais atores institucionais ingressem na mobilização social da comunidade, espaço que muitas vezes lhes é estranho. Por outro lado, essa assertiva reforça que há uma tendência bem expressiva de não-crença na capacidade empreendedora de certos grupos, por alguma razão.

6.1.10 Ação mobilizadora

O valor da mobilização social é medido pela percepção da atuação dos grupos sociais sobre a melhoria de sua realidade. A maioria, 44% concorda parcialmente que *os grupos sociais percebem que a mobilização pode melhorar a realidade deles* e 37% concordam totalmente. Dez pessoas não têm opinião (15%) e três discordam (4%). Isso sublinha o reconhecimento da dificuldade da reunião qualitativa das forças comunitárias, embora acreditem que a união de todos é essencial à solução dos problemas.

A importância do plano de negócios como um vetor de mobilização social se reflete na concordância total de 51% dos funcionários crêulos *que a implantação de um plano de negócios fortalece a capacidade mobilizadora da comunidade*. Têm concordância parcial, 41%. Esse índice aponta coerência no grau de incerteza dos idealizadores. Associados aos aspectos anteriormente apontados ganha uma dimensão de um conjunto conformador relacionado às dúvidas.

6.1.11 Direitos sociais

Dos respondentes, 75% consideram que *a capacitação das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos* e 19% concordam parcialmente. Em relação à saúde das pessoas da comunidade x alocação de recursos, 51% concordam totalmente e 38% parcialmente.

6.1.12 DRS como um negócio

Quarenta e quatro pessoas (65%) concordam plenamente que *investir no DRS é um negócio rentável* mas, 17 concordam parcialmente (25%) e seis pessoas não têm opinião (9%). *Ser percebida como uma organização social e ambientalmente responsável contribui para o aumento dos lucros da Empresa Beta* recebe a concordância de 78% dos respondentes (53 pessoas). Concordam, com restrições, 16% (11 pessoas) e 6% não têm opinião (4 pessoas). Portanto, a assimilação dessa linha de negócio como expressão de rentabilidade não alcança consenso dentro do grupo que a concebe, viabiliza e responde pela venda da causa.

6.1.13 Síntese das percepções da Empresa Beta

O grupo demonstra harmonia na direção dos seus propósitos. O conjunto de crenças valoriza o objeto do seu trabalho, a intervenção social, e a significação dos planos de negócio, sua principal ferramenta de trabalho. As opiniões colecionadas mostram que o grupo tem convicção que o capital social pode ser construído. Ressaltam, também que afeta a velocidade e o sucesso dos planos de negócio e de seus retornos, além de ser imprescindível para que a comunidade tenha êxito no seu projeto de desenvolvimento econômico.

O grupo é conceitualmente coerente na admissão da relevância do capital social. Mostra, entretanto, dúvidas ou desconfiças em relação à avaliação das práticas. Na perspectiva da racionalidade faz sentido. A Empresa ao assumir um papel de agente de desenvolvimento acentua sua interdependência e interconexidade com o papel de vários atores de governo, da comunidade empresarial e da sociedade civil.

Além da orquestração desse movimento, as práticas do cotidiano transitam por processos que exigem atenção de curto, médio e longo prazos. No entanto, a lógica tradicional de negócios e a natureza de suas metas de curto prazo engolem a estratégia DRS, que melhor se dá com ações e resultados de natureza de médio e longo prazos. Esse impasse coloca em risco a essência e a qualidade dos diversos papéis da agência, inclusive os de concertação, mobilização social, criação do Plano de Negócios DRS sua implantação e avaliação, e as estreitas interações exigidas com atores executivos numa realidade operacional já pressionada pela grandeza de metas financeiras e comerciais.

A complexidade, para a Empresa Beta, está na viabilização dos ambiciosos propósitos de desenvolvimento do País na correta dinamização e maximização de forças produtivas até então marginalizadas. É essa uma tarefa gigantesca cujo processo impõe estratégias sócio-

econômicas plurais, multisetoriais, multidimensionais, transdisciplinares, multivariadas, interregionais, transestaduais e, até, internacionais, de modo a obter respostas de elevação do quadro produtivo e da expansão quanti-qualitativa da base de clientes da Empresa e de seus negócios.

Trata-se pois de introduzir na estratégia de desenvolvimento do País uma *política da vida* (GIDDENS, 1991) para os brasileiros, incentivada pelo capital humano da Empresa Beta e de todos os demais da Nação, no esforço comum da busca do atendimento, por intermédio das atividades produtivas, de acordo com as possibilidades reais imanentes, vida satisfatória para todos, não apenas emancipatória, que não dá conta da auto-realização e da construção da auto-identidade, basilares para a construção do capital social.

É provável, entretanto, que sobre suas verdades, há um conjunto de respondentes que não se afirma nesses pilares. Alguns respondentes se inquietam com o processo e o potencial de certos grupos. É o conjunto dos que não tem opinião e dos que não convergem com as assertivas da maioria, cujas crenças pontificam a síntese.

6.2 O que percebem os cooperados

A visão dos membros da Cooperativa dos Assentados é aferida nesse item. O foco principal da investigação, localizar suas idéias sobre o lugar predominantemente ocupado pelos 24 respondentes do censo, no seu mundo social, e aferir o que pensam sobre o DRS. Os objetivos específicos do censo são basicamente esses dois: identificar elementos que possam sugerir o ethos predominante no grupo social e a sua relação com o DRS.

6.2.1 Retrato dos cooperados

Trata-se de um segmento de perfil etário harmonioso, predominantemente jovem (65%). Dos vinte e quatro cooperados, 5 pessoas (21%) têm de 16 a 21 anos, também 5 têm de 22 a 31, de 32 a 41 6 pessoas (25%) e acima de 41, oito pessoas (33%). A distribuição de gênero é igualmente harmônica visto que 54% são homens e 46% mulheres. São vinte e quatro trabalhadores dos quais vinte e um (87%) não têm carteira assinada pois são cooperados e apenas 3 (13%) a possuem. As famílias percebem, em sua maioria, uma renda mensal de um salário mínimo (50%), 37% entre um e dois salários mínimos e 12% entre dois e quatro. Dezenove das vinte e quatro pessoas (79%) não são beneficiárias de programas de transferência de renda e vinte e duas também não recebem auxílio alimentação. As entrevistas apontavam que alguns a recebiam anteriormente.

O estado civil do grupo é marcado pela regularidade das relações com 46% das pessoas casadas, o igual percentual de solteiros e 4% de separados e vivendo em União Estável, apenas uma pessoa (4%). Esses dados sugerem uma conformação do grupo com as regras sociais, o que pode sinalizar uma disposição de adesão às normas sociais. Quatorze pessoas (58%) têm filhos e 42% (10 pessoas) não os têm. A composição familiar é prolífera pois, 58% (14 pessoas) têm filhos. Cinco pessoas têm 4 ou mais filhos, quatro pessoas têm 2 (17%), duas pessoas têm 3 filhos (12%) e três pessoas apenas um.

Quase todos (91%) declaram morar na área rural, em face das características da agrovila e das atividades produtivas de plantio e piscicultura, desenvolvidas numa região de solo fértil e controlado e regime de chuvas propício às atividades. Apenas dois declaram viver na área urbana.

A formação educacional do grupo traça um interessante perfil: 46% tem apenas o ensino fundamental (11 pessoas), 21% (5 pessoas) cursou o ensino médio, existem três técnicos (12%), uma pessoa com ensino superior e outras três declaram outros conhecimentos. Esse perfil demonstra um reclamante quadro de demanda por capacitação especializada no agronegócio desde a prospecção do mercado até a comercialização dos produtos. O atendimento mais urgente centra-se na execução das atividades produtivas e no seu manejo, entretanto, a demanda estende-se a toda a cadeia-de-valor. Para isso o grupo já dispõe das ferramentas básicas formativas.

Figura 14 - Dimensões do uso do tempo:

Uso do tempo pelas pessoas*

Variável	Dias/semana		Horas/dia		Horas/mês	
	maioria	minoría	maioria	minoría	maioria	minoría
Filhos			1 a 2	42%	>5	28%
Trabalho	5	64%	6 a 7	21%	8	38%
Locomoção ida ao trabalho			<1	50%	1	30%
Locomoção volta do trabalho			<1	67%	1	17%
Trabalho doméstico			0	45%	6 a >8	27%
Estudos			0	46%	1 a 2	46%
Vizinhos			0	52%	1 a 2	21%
Sono			8	48%	5 a 6	30%
Leitura					>5	33%
Diversão					>5	46%
Televisão					> 5	71%
					0	33%
					<1 e 0	25%
					1 a <1	17%

* considerado o percentual válido de 18 respondentes

Fonte: Elaboração da autora

A dosagem do tempo do grupo de Cooperados é equilibradamente distribuída nas diferentes dimensões de uso. Um pouco mais que a metade (53%) concentra maior parte da sua energia, 8 ou mais que oito horas, no trabalho. Ainda, 23% dedicam 6 horas/dia e 15%, 5 horas. Para chegar ao trabalho, 50% gastam menos de 1 hora e 20% dispendem entre 1h30 a 2h. Entretanto, para voltar do trabalho, 67% gastam menos que 1h, 1h 17% e entre 1h30 2 2h,

16%. A segunda dimensão é o sono que ocupa, para 48% dos respondentes, 8h/dia e para 30% de 5 a 6 horas.

Em terceiro lugar vem a dimensão social das relações, centrada nos filhos, aos quais 37% dedicam entre 5 e mais que 5h e de 1h a 2h 42%. Aos vizinhos 52% não dedicam tempo nenhum e 21% dedicam de 1 a 2h e menos de 1h, 26%. Em quarto lugar se insere o trabalho doméstico com 27% investindo entre 6 e mais que 8 horas, seguido de 1 a 2, 18% e de 4 a 5h/dia 9% a esse propósito.

Segue-se a educação como dimensão que ocupa o quinto lugar, com 46% de 1 a 2 horas ao dia, dedicada e aos estudos. Mais de 5 horas do tempo mensal é dedicado à leitura por 33% dos respondentes, de 1 a 2 horas, 16% e menos de 1h, 17% e nenhum, 33%. À diversão, 50% dedicam cinco horas e mais ao mês. De uma a duas horas, 17% e de três a quatro 8%. Mais de cinco horas mês são dedicadas à televisão por 71% seguido de 1 a menos de 1h por 16% , 4h 4% e 2 horas também 4%.

A menor atenção dos cooperados é dada aos vizinhos, pois 52% admitem não dedicar-lhes qualquer tempo, mas 48% com eles se relacionam diariamente entre uma e duas horas ao dia (22%) e menos que uma hora, 26%. Em que pesem esses dados é de relevância, no censo, a ênfase dada às relações sociais. O uso de 1 a 5 horas diárias na atenção aos filhos por 95% das pessoas, demonstra grau de convivência que permite supor um padrão de exigência e de responsividade na relação pai e filho.

Em síntese, nos planos das dimensões observa-se que as pessoas têm um perfil temporal de distribuição equitativa, com variações que oscilam de 40 a 60 pontos. Emerge nessa distribuição, como tema central dos resultados, o padrão de organização da vida familiar dessas pessoas, com pais vivendo juntos na previsibilidade da vida, junto aos seus filhos, afirmação demonstrada pela existência de apenas uma pessoa separada e um casal em união estável, em todo o grupo.

Embora não se tenha levantado dados sobre a dinâmica familiar, no caso, temporalidade é um dos fatores imprescindíveis ao fortalecimento de vínculos de segurança dos filhos. E, sobretudo porque os pais vivem juntos, estão potencializadas as condições para que as crianças cresçam num ambiente com possibilidades do afeto positivo e de comprometimento dos pais, esforçados trabalhadores.

6.2.2 Identificação Comunitária

Participam de alguma organização comunitária, 58% dos respondentes (14 pessoas) e não participam 37% (9 pessoas). Na organização da qual participam exercem função formal de liderança 25% (6 pessoas) e informal 8% (2 pessoas). Três pessoas, do total de 19 respondentes, afirmam que atuam como voluntário ou participam de alguma ONG, onde exercem funções formais e informais de liderança.

6.2.3 Ações coletivas

Nove pessoas, de 22 respondentes, concordam parcialmente que a *comunidade em que vivem é organizada*. E oito, concordam totalmente. O nível de discordância é baixo, é de apenas 3 pessoas.

Cinquenta por cento dos respondentes concordam totalmente com a afirmação *aqui onde eu moro as pessoas participam de ações coletivas* e, parcialmente, 21%. Quando se manifestam sobre a própria participação, a concordância total ou parcial é de 25% cada e a discordância total também é da mesma magnitude. Isso difere, significativamente, da opinião anterior visto que 42% das pessoas discordam total ou parcialmente de *que participam ativamente de ações coletivas*. Ao contrário dos cinco discordantes de que as pessoas (os outros) participam de ações coletivas. Observa-se, portanto, a possibilidade de haver aí um certo grau de insatisfação com o seu papel no meio das ações coletivas.

A afirmação *as ações coletivas que existem aqui onde eu moro não funcionam como deveriam funcionar* recebe a concordância parcial de 52% das pessoas e total de 12%. A zona de discordância é 12%. Ocorre que 50% dos respondentes concordam que não têm nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas da agrovila e 33% discordam. Confessam não ter tempo para se dedicar às ações coletivas, 50% das pessoas e discordam 29%. Justificam *eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade, mas eu não tenho tempo*, 58% do grupo, discordando, 25%. Afirmam que *participar de ações coletivas não adianta nada* 21% e discordam, 70%.

A percepção positivamente valorada da ação coletiva é obtida com a concordância de 87% que admitem: *muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas*.

O resultado positivo das ações coletivas tem a concordância de 74% das pessoas, sendo que 42% total e 33% parcial. Três pessoas discordam totalmente (12%). Esse reconhecimento da força da ação coletiva e de seu resultado positivo, tem dependência da

liderança, visto que, 83% (71% total e 12% parcial), concordam que *as ações coletivas só acontecem quando existem lideranças*. Há apenas um discordante.

6.2.4 Liderança

Concordam que *lideranças da própria comunidade têm mais poder de mobilização do que lideranças que vêm de fora da comunidade* 79% das pessoas (19 pessoas). Quarenta e dois por cento anuem que *muitas pessoas desejam ser líderes da comunidade*, 21% discordam e 29% não têm opinião a respeito. Ao se posicionarem sobre a assertiva *muitas pessoas estão prontas para serem líderes da comunidade*, 46% discordam, concordam apenas parcialmente 29% e 21% não têm opinião.

O preço do exercício da liderança é valorado pela percepção dos direitos, das atitudes e da imagem. *As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos vizinhos* recebe o assentimento parcial de 42% e total de 33% das vinte e quatro pessoas investigadas; que *são bem vistas pelos políticos* encontra uma zona de concordância é de 62%; *são bem vistas pelas ONGs* 62% e, *elas são bem vistas pela Igreja* concordam 71%. Entretanto, chama atenção o fato de que não tenham opinião, respectivamente, 17% (vizinhos), 25% (políticos), 29% (ONGs) e Igreja 12%.

A investigação das pressões externas ao exercício da liderança, fatores inegáveis de influência, demonstra que a maioria dos respondentes concorda que as pessoas que lutam pelos seus direitos são valorizadas pelas diferentes instituições. No entanto, um segmento importante mantém-se sem opinião a respeito. Provavelmente, a falta de relações diretas com esses grupos, os façam isentar-se de manifestações.

A resposta do grupo de cooperados às pressões sofridas pelas lideranças se completa com a assertiva *Aqueles que cobram mais atitude das pessoas da comunidade são bem vistas pelos vizinhos*. Concordam 58% sendo que 29% não manifestam opinião. Esse alheamento, também observado em relação às ONGs, pode significar distanciamento nas relações sociais com os vizinhos e com as Organizações Não Governamentais.

6.2.5 Dependência de políticos (48 e 71)

O progresso da comunidade depende da boa vontade dos políticos não encontra ressonância opinativa de 42% das pessoas, enquanto, concordam 29% e discordam 25%. As hipóteses para interpretação do percentual sem opinião, a respeito da influência política, são a centralização, pelas lideranças, da articulação com agentes externos aos cooperados, o

alheamento político ou a negação das relações de força entre a mobilização social e os interesses políticos.

Na comunidade onde eu moro as pessoas fazem de tudo para conseguirem favores políticos é uma assertiva sobre a qual 46% das pessoas (11) declararam não ter opinião, 37% concordam e 12% discordam.

6.2.6 Direitos sociais

Vinte pessoas confirmam o cumprimento dos seus deveres de cidadão, 83% e lutam para que seus direitos de cidadão sejam respeitados, 87%. Trata-se de auto percepção bem expressiva de ethos de autoria.

6.2.7 Aproximação entre atores sociais

Eu conheço meus vizinhos pelo nome recebe a concordância de 83% e *afirmam conhecer os problemas e as dificuldades que os vizinhos enfrentam* 46% entretanto 21% não têm opinião e 8% discordam. *Eu sei o que os meus vizinhos sonham para o futuro deles* tem anuência de 42%, discordam 33% e não têm opinião 21%. *Estou sempre atualizado sobre o que acontece na minha comunidade* é afirmação de 79% das pessoas, da qual 12% discordam.

A solidariedade entre os moradores foi aferida pela solicitação do nível de concordância ou discordância, em relação à afirmação: *na comunidade onde eu moro as pessoas ajudam umas às outras*, o que resultou em anuência de 54% dos respondentes (8% totalmente e 46% parcialmente) e rejeição de 29% (12% total e 17% parcialmente). Doze por cento não manifestaram opinião.

6.2.8 Parcerias

A zona de concordância é de 54% e discordam 17% que, *na comunidade onde moro recebemos apoio de Organizações Não-Governamentais*. Não têm opinião, 17%. *A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das ONGs* acolhe a concordância de 47% mas os demais 50% não têm opinião ou discordam. Concordam que *as ONGs têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas* 42% e 37% não têm opinião. *As ONGs fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade* expressam concordância 54% e 33% não têm opinião. Concordam que *as pessoas da comunidade são as protagonistas dos projetos propostos pelas ONGs* 46% do grupo pesquisado e 37% não têm opinião.

Na comunidade onde moro temos apoio de empresas é assertiva que recolhe concordância de 42% mas não expressam opinião 33%. Há também afirmação concordante de que *as empresas têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas* por parte de 50% dos respondentes, os demais 33% se distribuem entre os que discordam (21%) e os que não têm opinião. Em relação à assertiva *a comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das empresas que nos apóiam*, concordam 47% do grupo, não têm opinião 37% e 16% discordam. *As empresas fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade* é objeto de concordância de 37% das pessoas e, de novo, 37% não manifestam opinião.

Trinta e sete por cento dos cooperados admitem que se *não fôra a ajuda das empresas e das ONGs, teriam se revoltado*: 25% não tem opinião, 4% discordam e 33% não responderam.

6.2.9 Valores

A afirmação *na comunidade onde eu moro as pessoas são honestas* não obtém nenhuma concordância total. Cinquenta e quatro por cento concordam parcialmente, 29% discordam (12% total e 17% parcialmente) e 12% não têm opinião.

Quando manifestam o nível de anuência em relação à afirmação *quanto mais organizada é uma comunidade, mais felizes são as pessoas que nela vivem*, 87% concordam totalmente. Inexistem discordâncias e apenas duas pessoas não têm opinião a respeito (8%).

Por último, é provocada a reflexão sobre o valor do dinheiro com a afirmação: *o dinheiro fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade*. A zona de concordância é de 75% aparecendo apenas um discordante e três pessoas (12%) sem opinião.

6.2.10 Síntese das percepções da Cooperativa de Assentados

A Cooperativa de Assentados é constituída por pessoas que se crêem engajadas em ações comunitárias (58%). O grau de assertividade é relativizado no grupo. As relações parentais e os vínculos da vida familiar predominantes indicam que as pessoa se regulam pelas normas sociais tradicionais, pois só há um casal que vive em união estável e apenas uma pessoa separada.

A maioria demonstra percepção positiva sobre a força das ações coletivas, considerando-as relevantes para a obtenção de resultados. A participação nessas ações é aferida de diferentes maneiras. Quando se afirma a *organização da comunidade* e a *participação das pessoas em ações coletivas*, abstratamente, a concordância é expressiva, 71% nos dois casos.

É interessante observar a coerência na tendência de valoração da solidariedade e na cooperação porque a maioria concorda (87%) que *as mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das pessoas* e que *as ações coletivas têm resultados positivos* (75%). Do mesmo modo, 87% concordam também, que a atuação do líder é poderosa nesse processo, tanto abstratamente quando afirmam que *a liderança da própria comunidade tem mais poder de mobilização que as de fora* (86%), quanto na afirmação de que *as ações coletivas só acontecem quando existe liderança* (83%).

Ocorre, entretanto, que 21% das pessoas, concordam que *participar de ações coletivas não adianta nada*. Ademais, 12% não têm opinião a respeito. Essas percepções podem ser fruto de um segmento discordante *outsider* (Elias, 2000) e/ou de um grupo acomodado. Mas quando se afirma *eu participo ativamente das ações coletivas*, os índices de concordância decrescem para 50% e para 42% que discordam dessa participação “ativa”. Isso sugere provável insatisfação com a sua própria atuação na Agrovila e/ou na Cooperativa.

Essa insatisfação é reafirmada com a idéia claramente projetada no trabalho feito pelos “outros”. De fato, 64% das pessoas concordam que *as ações coletivas poderiam funcionar melhor*. Acresce ainda, que 50% afirmam *não ter nada há ver com o que não dá certo*, padrão de isenção psico-social. Há, portanto, um deslocamento, fruto de miopia perceptiva. A auto-responsabilidade no exercício consciente da cidadania e da co-autoria no desenvolvimento das ações coletivas e de seus resultados desaparece. Apresenta-se aí, numa parcela de respondentes, um provável quadro com traços de *vitimação*.

Um outro aspecto que joga luz sobre esse quadro, ganha significação quando se examina a insatisfação com o funcionamento e desenvolvimento das ações coletivas, já referidos. Apesar do reconhecimento quanto à importância das ações, a negação do seu lugar no espaço da participação social, por parcela de 42% dos respondentes, é muito expressiva. A negativa cresce de significação e causa estranheza, quando aliada ao expressivo índice de discordância contido na afirmação *na comunidade onde eu moro as pessoas são honestas*. Relativizadas, aparentam, além da insatisfação com o ideal de funcionamento da agrovila, um grau de insatisfação com a *honestidade* nas relações com as pessoas. Surge, portanto, a *desconfiança*, como atributo que compromete a qualidade das relações sociais do grupo. Ambas são sintomas de *vitimação*.

Nessa perspectiva, uma vez que 87% das pessoas dão valor à organização da comunidade; que um segmento considera-se não-responsável pelo funcionamento das ações coletivas; que 29% descrê da honestidade das pessoas e 54% só concordam parcialmente,

elevando o traço de desconfiança para 83%; que 45% desconhecem ou não têm opinião sobre os problemas ou dificuldades enfrentadas pelos vizinhos e 54% desconhecem os sonhos de seus vizinhos ou sobre eles não têm opinião; todos esses dados destacam-se referenciando um conjunto de fatores restritivos de coesão social. As descrenças e os laços negativos de envolvimento comunitário, não suficientemente estreitados, afetam a qualidade dos valores de interação social.

Esse quadro evidencia e deixa um novo espaço de interpretação.

A Cooperativa foi a mola propulsora para a obtenção de parcerias motivadas a compor esforços para viabilizar a sua visão de futuro. O trabalho, fundado no reconhecimento do benefício de todos, pautado no bem comum e na conjugação de esforços, deu sustentação ao êxito do processo produtivo. Conquanto o apoio de terceiros tenha sido crucial, o empenho de produzir se deve aos cooperados. Esse esforço, foi obtido somente com firme disposição laboral, com a superação das agruras, com o sacrifício da espera e dificuldades que comportaram, inclusive, conviver em estado de pobreza ao lado de seus ex-companheiros de associação. Diferentemente dos cooperados, os associados já faziam uso dos recursos do Pronaf, inclusive para sua alimentação. A renúncia do uso do dinheiro pelos cooperados para aplacar seus desejos e vontades, na maioria básicos, sublinha a força da determinação coletiva desse grupo.

Essa forte história, os frutos e os resultados que hoje colhem com a produção diversificada levam a admitir que é notável a força da ação comunitária. O fundamento desse processo de conjugação de esforços é certamente fundado no trabalho, sua lógica, sua ética e expressão metodológica.

Essa história de sucesso deve estar na mente dos respondentes que discordam *que participar em ações coletivas não adianta nada* (58%); que se consideram responsáveis pelo funcionamento das ações coletivas (33%); que discorda da afirmação *não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas* (29%); que conhecem os problemas ou dificuldades enfrentadas pelos vizinhos 46% e que sabem os sonhos de seus vizinhos (42%). Todos esses dados compõem um conjunto de fatores que explicam a existência de um grupo que opera numa lógica de autoria, **elo** que impulsiona a coesão social, responsável pelos êxitos reconhecidos pelos parceiros que com eles operam.

As descrenças e os laços negativos, observados nos juízos de valor sobre o envolvimento comunitário são superados pela racionalidade do consenso sobre o sucesso dos resultados das ações coletivas. É essa percepção positiva aliada ao empoderamento da

liderança, cujo desempenho é reconhecido como fundamental à existência das ações coletivas, que sustentam e fazem superar e/ou sublimar os fatores restritivos.

Tais colocações podem, ao mesmo tempo, destacar reconhecimento do papel efetivo e positivo da liderança da agrovila mas também desvelar um certo grau de dependência que as ações coletivas têm dela. Essa dependência pode ser explicada pelo contexto social que o conjunto das opiniões oferece, e das características históricas da recente formação da Agrovila.

Nessa perspectiva cabe como reflexão, destacar, no exame da temporalidade aplicada, que as ações que exigem paciência e tempo longo, como as do DRS, essencialmente processos de intervenção, de lenta dinâmica de maturação dos êxitos, dos frutos de trabalho das atividades do agro-negócio, porque recortadas pela multivalência da coletividade, podem em pouco tempo, concretizar rápidas realizações que grandes negócios demoram décadas.

7 LUZ ESTATÍSTICA SOBRE A INTERVENÇÃO ECONÔMICO-SOCIAL E SUA RELAÇÃO COM O ETHOS PREDOMINANTE NOS GRUPOS SOCIAIS PESQUISADOS

A análise descritiva dos dados da pesquisa sobre a percepção dos interventores (Anexo 7) e dos agentes empreendedores (Anexo 6) permitiu a verificação isolada das variáveis do estudo da Empresa Beta e da Cooperativa dos Assentados. Estimulou, ainda, alguns incursos empíricos, sobre o conjunto de dados.

De fato, o objetivo de apropriar estatisticamente e de mapear as verificações obtidas pelas frequências do nível de concordância e discordância da análise descritiva não basta para reconhecer os efeitos antagônicos e sinérgicos dos fenômenos, pois as múltiplas relações existentes nem sempre são bem percebidas.

O rigor sugere, portanto, a partir das variáveis consideradas, o estudo do efeito mútuo que será realizado em dois momentos distintos. O primeiro será reservado para a análise das cargas fatoriais das variáveis e dos construtos formados a partir da percepção dos grupos sociais e da Empresa Beta. O segundo será dedicado à construção e validação de indicadores. A identificação de construtos tem o objetivo de nos ajudar a verificar tanto a validade da hipótese quanto a possibilidade de resposta ao problema que motivou este estudo exploratório.

É nessa perspectiva que se apresenta, agora, o resultado do emprego da análise multivariada utilizada para responder a necessidade de interpretar, teoricamente, o conjunto de todos dados, e oferecer visão mais completa a respeito das possibilidades e limitações deste empreendimento.

Quando o conjunto de variáveis pesquisadas é grande, torna-se difícil observar as relações existentes entre elas. A utilização de técnicas estatísticas multivariadas permite agrupar as variáveis de acordo com as relações existentes. A mais comum é a ACP – Análise de Componentes Principais mas, um dos requisitos para utilização dessa técnica é que as escalas sejam numéricas, o que não ocorre nesta pesquisa onde elas são ordinais. Por isso, optamos pelo CATPCA – *Categorical Principal Components Analysis* que quantifica os dados ordinais utilizando o procedimento *Optimal Scaling*¹²⁷ e depois realiza a ACP, procedimento disponível no módulo *SPSS Categories* .

¹²⁷ O escalonamento ótimo ou *optimal scaling* é um procedimento que se encontra na base da CATPCA e atribui quantificações numéricas a construtos e variáveis (MAROCO, 2003).

Neste trabalho serão feitas análises fatoriais para duas finalidades distintas. A primeira terá o objetivo de “encontrar” as variáveis latentes, isto é, agrupar os quesitos semanticamente semelhantes e com cargas fatoriais próximas. A segunda, terá como meta validar se o conjunto de quesitos que se agruparam para formar a variável latente têm consistência para formar um indicador e construí-lo utilizando a primeira dimensão que, por construção, retém a maior variabilidade dos dados.

7.1 – Confiabilidade e consistência dos dados coletados

Um total de 41 afirmativas da pesquisa de opinião (Anexo 6) feita junto à Cooperativa dos Assentados (24 cooperados), do Rio Grande do Norte, foram também respondidas por integrantes da Cooperativa de Coleta e Reciclagem e pela Associação para Mobilização Infanto-Juvenil localizadas no Distrito Federal. Ao todo, 45 respondentes formam um conjunto de opiniões que, espera-se, possam singularizar respostas quanto a **como, e em que medida, as ações da Empresa e da ONG contribuem para a criação ou preservação de condições favoráveis à modificação ou à manutenção do ethos dessas Cooperativas e dessa Associação.**

As variáveis mais importantes, no espaço dos componentes principais do estudo do DRS da Cooperativa e seus respectivos projetos, são aqui reescritas. De fato, é relevante lembrar, que todo o trabalho da dissertação foi inaugurado com a **Matriz de Análise da Qualidade dos Componentes das Intervenções Econômico-Sociais** (Tabela 2) de natureza empírica, que facultou, como um dos suportes e inspiração conceitual, a formulação da hipótese de trabalho, do roteiro das entrevistas e questionários construídos pela autora. Tais objetivos, conduziram à trajetória de racionalidade do estudo em tela, que ora se conclui com a luz estatística, por meio das indicações impessoais da análise multivariada.

Na abordagem estatística, a confiabilidade e a consistência dos dados coletados constitui a primeira preocupação, pois são eles os elementos constitutivos da pesquisa e portanto requerem testes de validação. Para verificar se os itens estavam bem situados, de maneira adequada nas dimensões da análise dos componentes principais, foi utilizado o teste Alpha de Cronbach.

A Figura 15 mostra os valores do Alpha de Cronbach e dos autovalores para as quatro primeiras dimensões da CATPCA. Segundo Malhotra (apud GOSLING, 2003) **se o valor do Alpha de Cronbach é superior a 0,7, considera-se a fidedignidade aceitável.** Para

dimensões maiores que cinco o valor do Alpha de Cronbach é menor que sete, assim, optou-se por reter quatro dimensões.

Os valores dos índices de consistência interna Alpha de Cronbach e dos autovalores nas quatro primeiras dimensões da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA), estão assim distribuídos:

Tabela 5 – Valores dos índices de consistência Alpha de Cronbach

Dimension	Cronbach's Alpha Total (Eigenvalue)	Variance Accounted For Total (Eigenvalue)
1	,929	10,640
2	,845	5,697
3	,761	3,878
4	,712	3,279
Total	,981(a)	23,494

Total Cronbach's Alpha - is based on the total Eigenvalue.

Fonte: Análise estatística Anexo 8

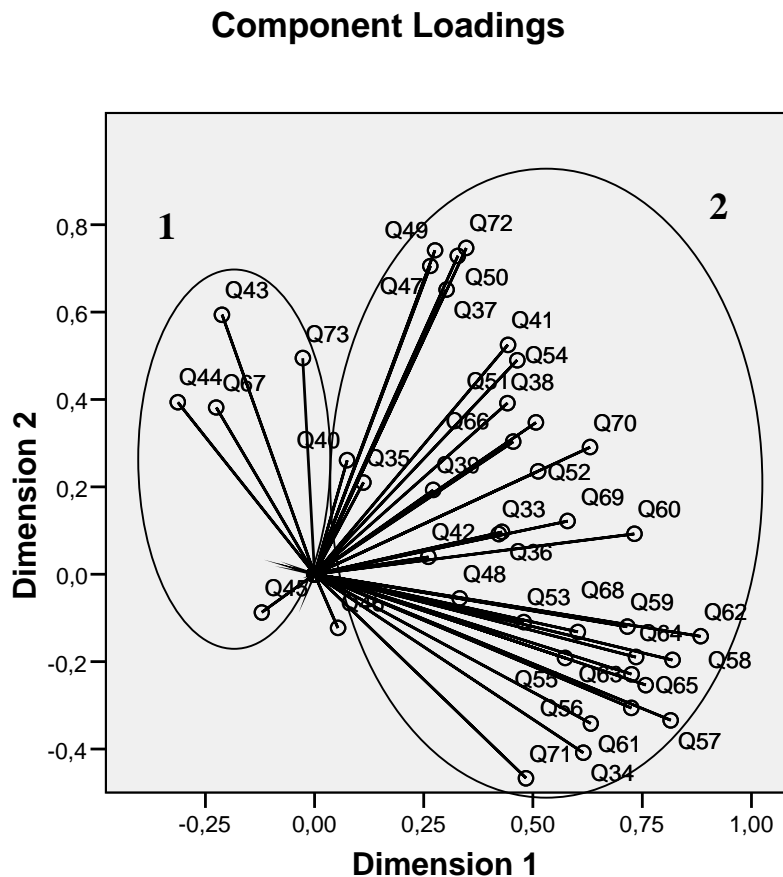
Como se sabe, os autovalores (“Eigenvalue”) são usados como indicação de quantas dimensões são necessárias. Como regra geral, **o autovalor deve ser maior que 1** em todas as dimensões. A Tabela 15 mostra que o autovalor (“Eigenvalue”) da primeira dimensão é de 10,6 caindo para 5,9 na segunda dimensão, 3,9 na terceira dimensão e 3,3 na quarta dimensão.

7.2 Percepção dos componentes predominantes

Inicialmente, a análise do círculo de relações em quatro dimensões possibilitou a retirada de algumas variáveis da análise conjunta por não se agregarem satisfatoriamente em algum grupo ou se agregarem intermitente e não continuamente: Q48 - *o progresso da comunidade depende da boa vontade dos políticos*; Q71- *na comunidade onde moro as pessoas fazem tudo para obterem favores políticos* e, não estranhamente a Q51- *eu conheço meus vizinhos pelo nome*.

A análise na primeira dimensão possibilita verificar, inicialmente, a formação de dois grandes grupos principais, traçados em negro no Gráfico 01.

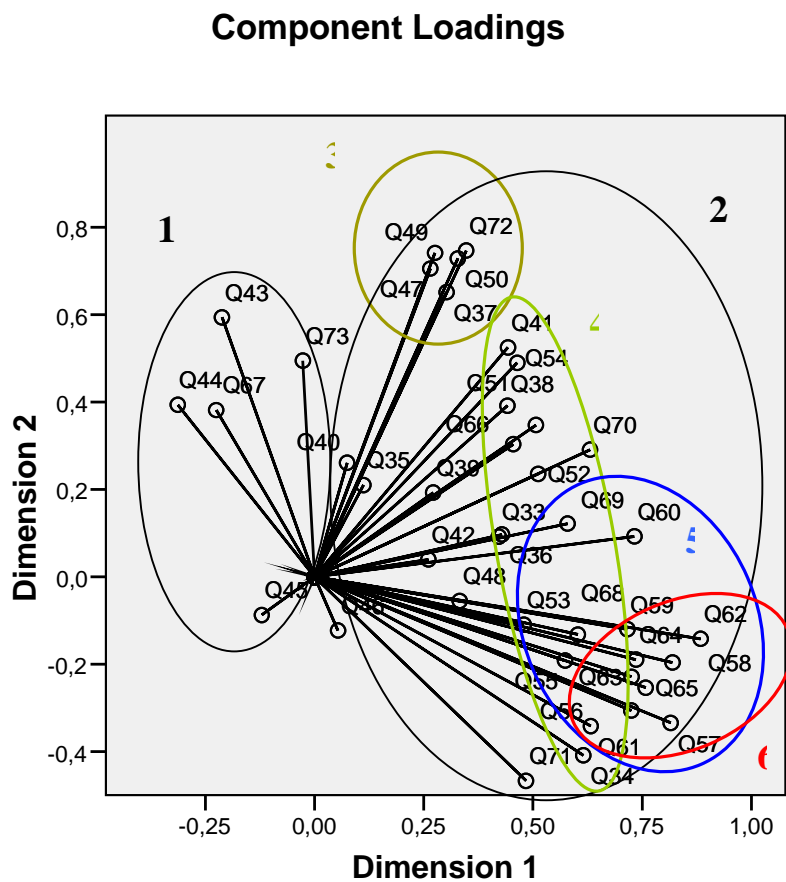
Gráfico 01: Círculo de correlações – Primeira e segunda dimensão:



Fonte: Análise estatística Anexo 8

Verifica-se e constata-se que o Grupo 1, à esquerda, reúne aquelas variáveis que interferem negativamente na idéia de ações coletivas da comunidade, justo aquelas cuja dimensão trata de um dos objetos deste estudo. Aí se aferem as variáveis que indicam desinteresse, falta de tempo, desestímulo como “participar de ações coletivas não adianta nada”, “não tenho tempo”. Identifica-se um conjunto potencialmente apto ao exame do traço de vitimação. Aí as variáveis expressam-se, negativamente, em números. Coerentemente, é esse o grupo de variáveis opostas ao grupo 2, à direita do gráfico, formado por todas as outras questões.

Gráfico 02: Círculo de correlações – Primeira e segunda dimensão – subgrupos do grupo 2:



Fonte: Análise estatística Anexo 8

Encontra-se, portanto, nesse grupo, um pequeno, mas presente segmento que, avesso às dimensões das ações comunitárias, demonstra a lógica da falta de compromisso, o nexa da acomodação. São esses os juízos de valor que estão presentes nas questões 44, 45, 46 e 73, do Anexo 5, respectivamente:

- 044- “Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações”
- 045- “Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas”
- 067- “Muitas pessoas desejam ser líderes da comunidade”
- 046- “Participar das ações coletivas não adianta nada ”
- 073- “Eu adoraria participar mais ativamente mas não tenho tempo”

Em direção oposta a esses quesitos estão os que possuem características concordantes com “ações comunitárias” no Eixo x - Primeira Dimensão. Assim, se de um lado estão as variáveis que correspondem ao maior envolvimento com as ações comunitárias - no segundo grupo - no lado oposto estarão as variáveis que expressam o desinteresse pelas ações coletivas, que formam o segundo grupo.

As análises dos círculos de correlações em quatro dimensões (gráficos 01, 02, 03 e 04) e da tabela 02 novamente possibilitaram a retirada de algumas variáveis da análise conjunta por não se agregarem a nem um grupo, ou se agregarem ora em um grupo, ora em outro grupo, ou por serem variáveis com cargas fatoriais baixas em todas as dimensões, são elas: Q42, Q43, Q67 e Q68 “*Muitas pessoas estão prontas para serem líderes da comunidade*”.

A partir dessa grande formação podem-se verificar grupos de variáveis que possuem cargas fatoriais mais próximas nas dimensões. A Tabela 05, abaixo, e os gráficos 01, 02, 03 e 04 possibilitam a observação dessas aproximações que determinam a composição dos novos grupos, sublinhados no Gráfico 02 em vermelho, azul, verde lima e musgo.

As cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos Grupos Sociais, nas quatro primeiras dimensões da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA), estão assim distribuídas, segundo construtos:

Tabela 6 - CARGAS FATORIAIS DAS VARIÁVEIS do questionário respondido pelos grupos sociais, segundo as quatro primeiras dimensões da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA).

Construtos	Quesitos	Dimensões			
		1	2	3	4
Organização Comunitária	Q33	0.42	0.09	-0.18	-0.71
	Q34	0.62	-0.41	0.03	-0.34
	Q41	0.44	0.53	0.06	-0.05
	Q38	0.44	0.39	-0.24	-0.6
	Q55	0.57	-0.19	-0.03	0.49
	Q70	0.63	0.29	-0.11	-0.06
Traços de Vitimação	Q44	-0.31	0.39	-0.29	-0.23
	Q45	-0.12	-0.09	-0.61	0.42
	Q46	0.05	-0.12	-0.33	0.58
	Q73	-0.03	0.49	-0.46	0.21
Traços de Autoria	Q49	0.28	0.74	0.02	-0.03
	Q50	0.33	0.73	0.05	-0.22
	Q37	0.3	0.65	0.07	-0.01
	Q47	0.27	0.71	0.09	0.3
	Q72	0.35	0.75	0.04	0.22
Integração Comunitária	Q52	0.51	0.24	-0.47	0.34
	Q53	0.48	-0.11	-0.51	0.32
	Q54	0.51	0.35	-0.16	0.4
	Q69	0.58	0.12	-0.37	-0.11
Ações coletivas	Q35	0.11	0.21	0.61	-0.09
	Q36	0.43	0.1	0.54	-0.11
	Q39	0.27	0.19	0.58	0.27
	Q40	0.07	0.26	0.67	0.1
	Q66	0.45	0.3	0.36	-0.05
	Parcerias	Q56	0.73	-0.31	-0.02
Q57		0.82	-0.33	-0.01	-0.1
Q58		0.82	-0.2	-0.06	-0.11
Q65		0.76	-0.25	-0.09	0.12
Q59		0.72	-0.12	-0.09	-0.02
Q60		0.73	0.09	0.23	0.2
Fortalecimento da Comunidade	Q63	0.73	-0.23	0.35	0.32
	Q61	0.63	-0.34	0.08	-0.05
	Q62	0.88	-0.14	0	-0.06
	Q64	0.74	-0.19	0.16	-0.05
Variáveis retiradas	Q42	0.26	0.04	-0.59	-0.47
	Q43	-0.21	0.59	0.12	0.21
	Q48	0.33	-0.05	0.09	-0.09
	Q67	-0.23	0.38	-0.15	0.30
	Q68	0.60	-0.13	-0.07	-0.15
	Q71	0.48	-0.47	0.04	0.39
	Q51	0.46	0.49	-0.34	-0.12

Fonte: Análise estatística Anexo 8

Como se pode constatar as correlações permitem a composição de construtos para fins analíticos. Destacadas em azul, vermelho, verde piscina, e verde musgo os construtos que se

localizam no lado direito do Gráfico 02 e, em lilás, aqueles que, no mesmo gráfico, situam-se no lado esquerdo¹²⁸.

As variáveis que se aproximam foram circuladas e cada círculo numerado para melhor identificação. As 34 variáveis foram reduzidas em **7 variáveis latentes** e formaram os construtos que serão descritos a seguir. Cada construto formado possui características semanticamente semelhantes, em conformidade com as respostas dadas, observadas em seu conjunto. É portanto, de acordo com a interpretação das características em comum, e das cargas fatoriais que os reúnem e os aproximam, que são assim nomeados, optativamente: **Organização Comunitária, Traços de Vitimação, Traços de Autoria, Integração Comunitária, Ações Coletivas, Parcerias, Fortalecimento da Comunidade**. Esse conjunto de construtos formam os grupos de observações reunidas pela significação das assertivas e natureza das respostas.

7.2.1 Organização Comunitária

O construto possui variáveis próximas na primeira dimensão com cargas fatoriais entre 0,42 e 0,63 (tabela 02) e pode ser observado no Gráfico 01 (4) e no Gráfico 02 em verde lima (4), abaixo apresentado. As variáveis que representam o construto são as seguintes:

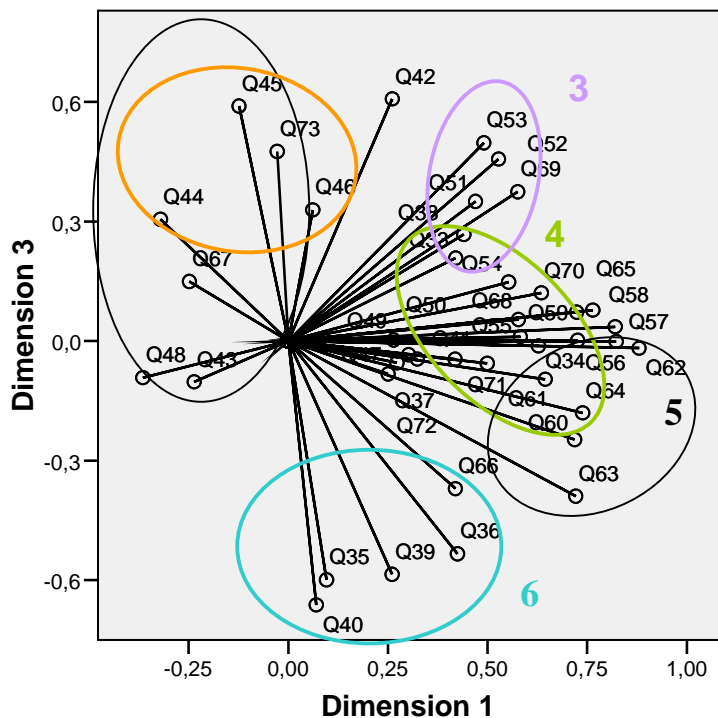
- (33) “Nossa comunidade é organizada”
- (34) “Aqui onde eu moro as pessoas participam de ações coletivas”
- (41) “As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pela igreja”
- (38) “As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas p/ vizinhos”
- (55) “Na comunidade onde moro temos apoio de organizações não governamentais”
- (70) “Na comunidade onde moro as pessoas são honestas”

A análise no círculo de variáveis indica assertividade sobre a *imagem positiva* que a comunidade passa (41, 38, 70). Reflete, também, a *percepção* positivamente valorada *sobre a sua cultura orgânica*, (033, 034 e 055) e que oferece indícios sobre o nível de organização dos Grupos Sociais. Reúnem um conjunto de idéias comuns que se aproximam pela afirmação de valores retratados e por eles assinalados de auto-imagem das Cooperativas e da Associação. Esse círculo forma o primeiro grupo abaixo apresentado graficamente.

¹²⁸ Os sinais + e -, neste caso, servem para indicar oposições no “espaço” do gráfico.

Gráfico 03: Círculo de correlações – Primeira e Terceira dimensão:

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

Fonte: Análise estatística Anexo 8

7.2.2 Traço de Vitimação

Esse construto pode ser observado nos gráficos 02 (1), 03 (1) e 04 (3), na cor laranja, e é formado por quatro variáveis que **se associam na Terceira Dimensão com cargas fatoriais negativas**, são elas:

(44) “Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde moro”

(45) “Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas”

(46) “Participar das ações coletivas não adianta nada”

(73) “Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo”

Eis aí a fragilidade e as dimensões de distanciamento que ancoram o *ethos da vitimação*, já inicialmente visualizado na análise empírica do fenômeno. Como as variáveis não retratam oposição frontal, pois o valor de oposição não é suficientemente forte, considera-

se que a denominação desse grupo de variáveis-resposta, pertence a um grupo de respondentes diferenciado no conjunto de crença da maioria.

Entretanto, cabe observar que não são idéias contrárias a ponto de serem consideradas conflituosas. Isso porque, estatisticamente, não se confirmam nas posições opostas que devem alcançar índices de negatividade superior, a exemplo de menos 0,7 e menos 0,8. Trata-se de posição com carga tênue. Assim, conquanto não tenham “muita força” conformam um grupo passivo que não tem o mesmo grau de envolvimento que os demais apontam e que constituem a maioria.

Em decorrência, sugerem, com isenção estatística, as variáveis que reforçam o papel das pessoas respondentes com **traços de vitimação**.

Formam hipoteticamente esse grupo, as variáveis que expressam a semântica da vítima da sua própria história, quer por baixa estima, por desconfiança, por incerteza, ou ainda, em razão de contingências desfavoráveis que possivelmente ancoram ou o medo e ou a falta de confiança. O quadro de expressão, em direção oposta aos quesitos à afirmação das ações comunitárias, revela a magnitude das respostas em sua dimensão simbólica.

A visão turva, pela via da identificação projetiva na comunidade de sua opção com o lado da exclusão das ações solidárias pelo tempo, pelo não envolvimento, pela desmotivação, pela desesperança e ou pelo desinteresse, assim o comprovam.

Enxerga-se, portanto, *o Traço da Vitimação* no conjunto de representações escolhidas pelos respondentes. A existência do traço não significa, entretanto, que barreiras motivacionais possam influenciar no crescimento dos negócios, mas sublinha discreto potencial de interferência que merece atenção e observação.

7.2.3 Traço de Autoria

O construto está representado na segunda dimensão (Tabela 5) com cargas fatoriais entre 0,65 e 0,75 e podem ser melhor observadas nos **gráficos 01, na cor lilás, (3); 04 (2) e 05 (1)**. As variáveis que representam o construto são:

Q37 “As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças”

Q47 “Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas”

Q49 “Cumpro com os meus deveres de cidadão”

Q50 “Eu luto para que os meus direitos de cidadão sejam respeitados”

Q72 “Quanto mais organizada é uma comunidade, mais felizes são as pessoas que vivem nela”

Aí se destacam variáveis que sublinham opiniões sobre valores individuais de autonomia, como *cumprimento de deveres, luta pelos direitos, respeito aos direitos*, e aquelas que reforçam esse pensar, porque os reafirmam quando optam responder sublinhando a *mudança pela via da união* e pela *“felicidade numa comunidade organizada”* e pela valorização da *liderança* nesse processo, tudo isso positivamente valorado.

É essa ênfase e essa responsabilidade interativa que dá dimensão às realizações comunitariamente resolvidas, com o indispensável, mas não dependente apoio governamental, de ONGs e de empresas com fins lucrativos. As assertivas evidenciam pensamentos pautados pela confiança e pela crença no protagonismo das ações, graus de satisfação com o seu meio, sua história e sua luta no trabalho coletivo.

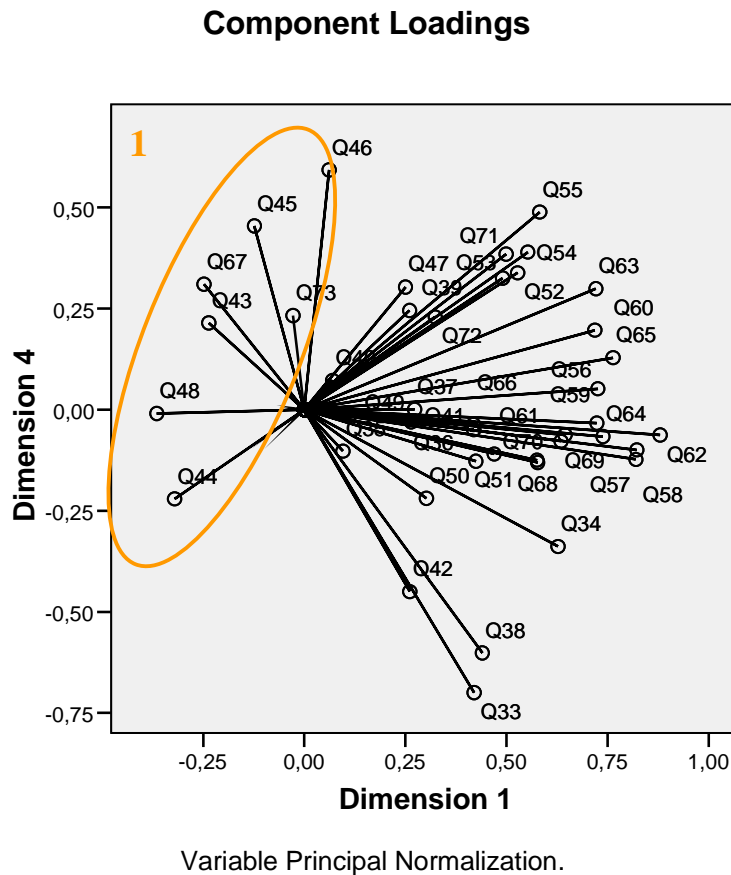
Todos esses fatores conjugados exprimem o **ethos de autoria**. São eles que têm dado a seqüenciação das opções produtivas e dos produtos, seja da Cooperativa dos Assentados, seja da Cooperativa de coleta e Reciclagem do Lixo, seja da Associação de Mobilização Infanto-juvenil. Isso não significa que em outros conjuntos de respostas, ora agrupados em construtos, não se vá encontrar questões que sugiram esse traço, mas esse conjunto pela grande e firme aproximação de variáveis é que o define.

Conforme absorvidos, os valores sublinham dimensões interativas de fortalecimento de uma espécie de *“território simbólico invisível”*, antes da mobilização social, e antes das ações intervencionistas.

Os respondentes refletem nas posições de suas respostas, um conjunto de crenças que sustentam as opções de escolha centradas no ***papel de protagonista da própria vida***. Percebe-se isso pela escolha de respostas que sublinham confiança, compromisso, juízo na gestão do negócio, mas sobretudo pelo conhecimento e opção solidária.

O fato da afirmação *As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças* ter aqui se agrupado, no entanto, precisa ser melhor investigado. Seja porque pode nos levar na direção de formular hipóteses à respeito da sua força em gerar o compartilhamento de um ethos, do qual é portador, ou pela existência de um grau de dependência do empreendedorismo do grupo de uma figure que represente “uma autoridade” e, portanto, pode oferecer uma fragilidade para a continuação das ações de auto-afirmação, no caso da sua falta.

Gráfico 04: Círculo de correlações – Primeira e quarta dimensão:trocar



Fonte: Análise estatística Anexo 8

7.2.4 Integração comunitária:

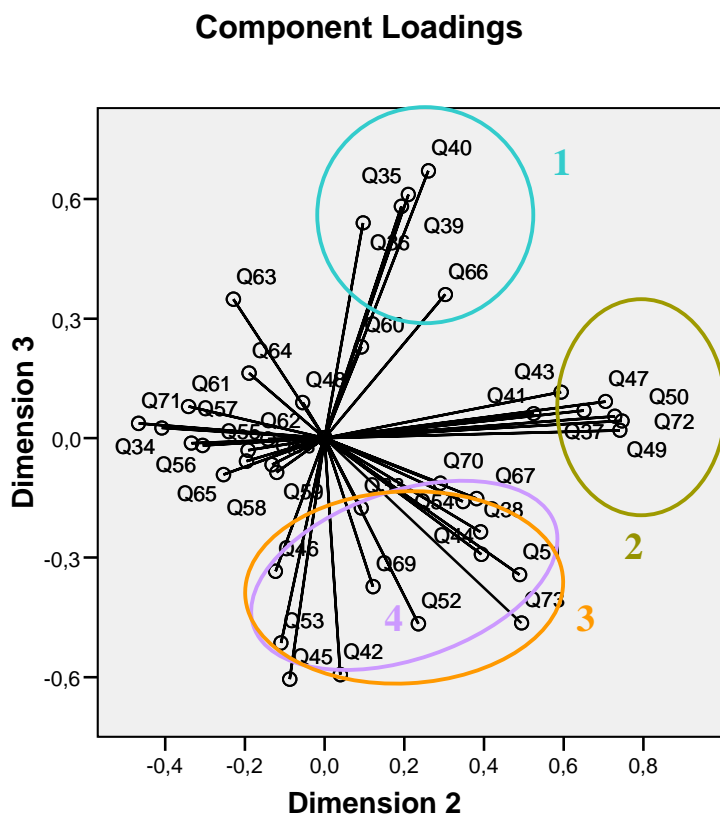
Esse construto possui variáveis **significativamente correlacionadas tanto na primeira quanto na terceira dimensão** (Tabela 05) que podem ser melhor observadas nos gráficos: 02 (3) e 04 (4). As variáveis que se associam nesse grupo são:

- (52) “Eu sei quais são os problemas e as dificuldades que os meus vizinhos enfrentam”
- (53) “Eu sei o que meus vizinhos sonham para o futuro deles”
- (54) “Estou sempre atualizado sobre o que acontece na minha comunidade”
- (69) “Na comunidade onde eu moro as pessoas ajudam umas às outras”

Essas variáveis apresentam-se muito próximas, com cargas fatoriais 0,46 e 0,58, na 1 e na 3 ou seja. Formam e mostram o envolvimento dos respondentes com os vizinhos e com a comunidade. Afere-se nesse construto a *integração* como valor no sistema de crenças e

constituente de uma ação prática, que alavancam as ações empreendedoras, os comportamentos, as atitudes e as decisões. Assinalam o grau de coesão social.

Gráfico 05: Círculo de correlações – Segunda e Terceira dimensão



Fonte: Análise estatística Anexo 8

7.2.5 Ações Coletivas

O construto possui **variáveis correlacionadas na Terceira Dimensão** (vide na Tabela 05, respectivamente cargas 0,61/0,54/0,58 /0,67/0,36). As variáveis podem ser observadas nos gráficos 02 (6), 04 (1) e 06 (1), associadas ao construto e são:

- (35) “Eu participo ativamente de ações coletivas”;
- (36) “As ações coletivas tem dado resultados positivos”
- (39) “As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos políticos”
- (40) “As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelas ONGs”
- (66) “Lideranças da própria comunidade tem mais poder de mobilização do que lideranças que vem e fora da comunidade”

Os processos de intervenção contam e estimulam os preciosos e relevantes valores da união de esforços no sistema de crença. Ação conjunta, solidariedade produtiva, participação efetiva na luta pelos direitos são componentes conferidos pela empresa e pela ONG, como requisitos. Ambas as instituições investem à medida que as obrigações são cumpridas, porque os indivíduos fazem parte de comunidades maiores, na cadeia de valor do sistema produtivo das Cooperativas estudadas e nas correntes e redes de solidariedades da Associação Infanto-Juvenil.

7.2.6 Parceria

O construto pode ser observado no Gráfico 01 (5), em roxo, **possui cargas fatoriais associadas na primeira dimensão**, são elas:

- (50) “Na comunidade onde moro temos apoio de empresas”
- (57) “A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das ONGs que nos apóiam”
- (58) “A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das empresa que nos apóiam”
- (65) “Se não fosse a ajuda das empresas e das ONGs a gente tinha se revoltado”
- (59) “As ONGs têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas”
- (60) “As empresas têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas”

De todo o conjunto de variáveis são essas as de maior carga fatorial, com índices de convergência que variam de 0,7 a 0,8. O reconhecimento da **Parceria** como fator de sucesso e essencialidade é indiscutível, nas percepções das pessoas. As variáveis são consistentes, com vetores de tamanhos bem parecidos, quase unidimensional e as variâncias são bem explicadas.

7.2.7 Fortalecimento da Comunidade

O construto **possui cargas fatoriais elevadas na primeira dimensão**. As variáveis também estão correlacionadas com o construto “**Parcerias**” e podem ser observadas no **Gráfico 01 (6)**. As variáveis correspondentes ao construto são:

- (63) “O dinheiro fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade”
- (61) “As ONGs fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade”
- (62) “As empresas fortalecem a capacidade de mobilização social comunidade”
- (64) “As pessoas da comunidade são as protagonistas dos projetos das ONGs”

A reunião indica o comunitarismo, a comunidade (Tocqueville) e o dinheiro como referências fundantes, eixo importantíssimo no tema da cidadania e do empreendedorismo, visto que a sociedade sustenta-se pela ação e pelo apoio de Grupos.

Os respondentes que optam por essas afirmações acreditam na sua comunidade e na força local. Mas também associam essa força à capacidade, à presença e ao incentivo da ação dos seus parceiros.

7.3 Expressões do ethos nos grupos sociais

Após definir os construtos, por intermédio das observações das associações existentes entre as cargas fatoriais nas quatro dimensões da análise de componentes principais, cada *construto foi transformado em indicador*. O uso da análise fatorial assegura que a maior variabilidade de todos os quesitos seja encontrado no primeiro eixo. Os *scores* do primeiro eixo formam variável contínua por construção, de máxima variabilidade. Assim, cada conjunto acima descrito pode ser sintetizado numa única variável numérica. Como consequência, as 34 variáveis foram reduzidas em sete indicadores, sendo possível observar as relações entre eles. Os sete indicadores são Organização Comunitária, Traços de Vitimação, Traços de Autoria, Integração Comunitária, Ação Coletiva, Parcerias e Fortalecimento da Comunidade. Desses, discutem-se singularmente a seguir, os indicadores Traços de Vitimação e Traços de Autoria¹²⁹.

7.3.1 - Construção do Indicador Traços de Vitimação

Na construção do Indicador ‘Traços de Vitimação’, são as seguintes as variáveis utilizadas:

Tabela 7: Traços de vitimação

TRAÇOS DE VITIMAÇÃO	
044	Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde moro
045	Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas
046	Participar das ações coletivas não adianta nada
073	Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo

Fonte: Análise estatística Anexo 9

A tabela abaixo, evidencia a maior variabilidade dos dados retida na primeira dimensão, onde o Alpha de Cronbach é de 0,7 e o autovalor é de 2,1, caindo para 1,1 na segunda dimensão, confirmando a validação da construção do indicador, utilizando o primeiro eixo da CATPCA. Além disso, o valor de 0,7 do Alpha de Cronbach afere a consistência das variáveis no construto.

¹²⁹ Uma Dissertação de Mestrado deve seguir algumas regras. Uma delas está relacionada à quantidade máxima de páginas do documento. Por essa razão será dada ênfase a dois indicadores e os demais poderão ser consultados no Anexo 8.

Tabela 8: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de Cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,703	2,115
2	,136	1,113
Total	,920(a)	3,228

Fonte: Análise estatística Anexo 9

As variáveis possuem melhor explicação no primeiro eixo, com exceção da variável Q44, “*Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde moro*” que possui variância explicada de apenas 16,6% na primeira dimensão. A variável melhor representada na primeira dimensão é a Q45, *Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas* com 77,8% da variância explicada.

Tabela 9: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q44	,166	,720	,886
Q45	,778	,073	,851
Q46	,594	,102	,697
Q73	,577	,218	,794
Active Total	2,115	1,113	3,228

Fonte: Análise estatística Anexo 9

As variáveis mais correlacionadas no construto são: Q45 *Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas* e Q73 *Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo* (0,67) seguidas das variáveis Q45 e Q46 *Participar das ações coletivas não adianta nada* (0,49). A variável Q44 apresenta as menores correlações bivariadas, principalmente com as variáveis Q44 (0,05) e Q45 (0,1)

Tabela 10: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

	Q44	Q45	Q46	Q73
Q44(a)	1,000	,103	,349	,054
Q45(a)	,103	1,000	,487	,664
Q46(a)	,349	,487	1,000	,239
Q73	,054	,664	,239	1,000
Dimension	1	2	3	4
Eigenvalue	2,021	1,103	,605	,272

Fonte: Análise estatística Anexo 9

O Gráfico das categorias mostra que todas as variáveis estão no mesmo sentido. Do lado esquerdo estão as escalas menores e do lado direito as escalas maiores. A exceção é a variável Q46 “*Participar das ações coletivas não adianta nada*” que possui a escala 2 plotada do lado esquerdo do gráfico. Neste quesito as escalas não diferenciam muito os respondentes, com exceção da escala 1, que se distancia das demais, causando grande variabilidade entre os respondentes. A escala 3 se comporta de maneira diferente nos quesitos. O quesito Q73 “*Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo*” possui as escalas 2 e 3 plotadas no mesmo ponto, significando que as respostas a estas escalas não se diferenciam. Já as escalas 4 e 5 se distanciam entre si, a escala 4 está perto da origem, é uma resposta comum. O quesito Q44, “*Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde moro*” está distante das demais variáveis, possui um vetor longo e distancia as repostas das escalas na segunda dimensão, mas na primeira dimensão, onde o indicador é criado, possui ordenadas próximas. O quesito Q45, assinalado em azul, é o que possui o maior vetor e o que causa maior diversidade nas respostas. De fato *Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas* é uma das assertivas mais contundentes que expressa o ethos da vitimação, assim como a que afirma que *participar das ações coletivas não adianta nada*.

7.3.2 - Construção do Indicador Traços de Autoria

A tabela 10 mostra as variáveis que formam o construto ‘traços de autoria’. A análise fatorial retendo duas dimensões revela que este indicador é o mais consistente.

Tabela 11: Variáveis do construto Traços de Autoria

TRAÇOS DE AUTORIA	
049	Cumpro com meus deveres de cidadão
050	Eu luto para que os meus direitos de cidadão sejam respeitados
037	As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças
047	Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram conseqüência da união das próprias pessoas
072	Quanto mais organizada é uma comunidade, mais felizes são as pessoas que vivem nela

Fonte: Análise estatística Anexo 9

Na tabela 10 o Alpha de Cronbach elevado de 0,87. Os autovalores das dimensões também evidenciam que as variáveis estão associadas ao eixo x, com valor alto na primeira dimensão (3,24) e abaixo de 1 na segunda dimensão (0,79).

Tabela 12: Indicador Traços de Autoria – valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,864	3,241
2	-,336	,788
Total	,940(a)	4,029

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

Fonte: Análise estatística Anexo 9

A Tabela 12 indica que todas as variáveis possuem variância explicada maiores na primeira dimensão. As variáveis Q47 que trata da *união das pessoas como força de mudança* e a Q72 que *fala da felicidade de viver numa comunidade organizada*, são as que possuem maiores valores, com 75,4% e 72,5% da variância explicada no eixo x, respectivamente. São elas, portanto que mais sublinham crenças pertinentes ao ethos de autoria.

Tabela 13: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	1	2	2
Q37	,582	,234	,816
Q47	,754	,000	,754
Q49	,548	,317	,864
Q50	,632	,112	,744
Q72	,725	,125	,850
Active Total	3,241	,788	4,029
% of Variance	64,816	15,760	80,576

Fonte: Análise estatística Anexo 9

A Tabela 12 evidencia correlações fortes entre todas as variáveis, com carga fatorial entre 0,54 e 0,75, na Primeira Dimensão. As variáveis mais correlacionadas são as já citadas: Q47 e Q72 e as menos correlacionadas são: Q37, *as ações coletivas só acontecem quando existem lideranças* e Q49, *cumpro com meus deveres de cidadão*. A variável Q72 *quanto mais organizada a comunidade mais felizes são as pessoas*, é a que melhor se correlaciona com o conjunto de variáveis deste construto. Claro está a capacidade de atração dessa variável pois é uma assertiva de cunho filosófico, a mais abrangente semanticamente.

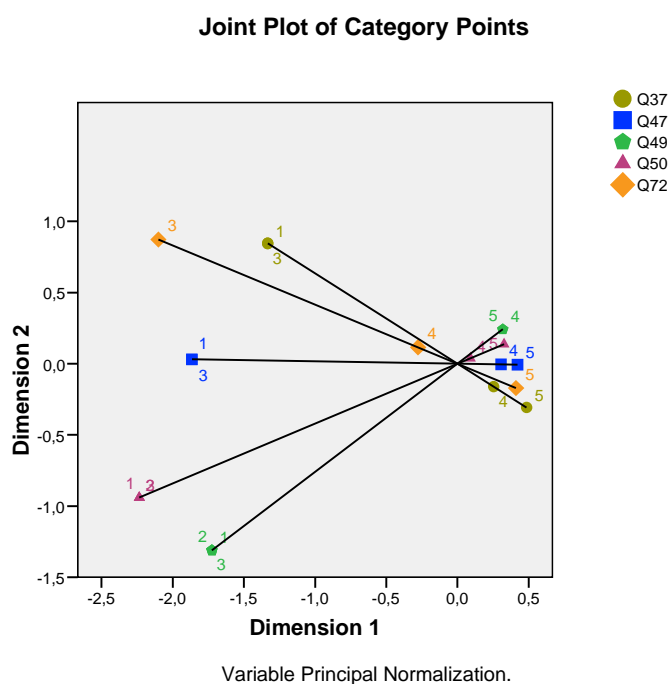
Tabela 14: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto

	Q37	Q47	Q49	Q50	Q72
Q37	1,000	,553	,349	,478	,695
Q47	,553	1,000	,599	,575	,732
Q49	,349	,599	1,000	,632	,435
Q50	,478	,575	,632	1,000	,529
Q72	,695	,732	,435	,529	1,000
Dimension	1	2	3	4	5
Eigenvalue	3,241	,788	,434	,326	,211

Fonte: Análise estatística Anexo 9

O gráfico das categorias (*joint plot of category points*), pode ser utilizado para aferir a validade dos indicadores, dado que é possível verificar se as variáveis estão no mesmo sentido, ou seja, se na dimensão na qual será construído o indicador (eixo x) todas as variáveis possuem escalas menores de um lado do eixo e escala maiores no lado oposto do eixo então todas os quesitos estão passando a mesma informação e podem ser transformadas em um indicador único, contínuo. O gráfico será apresentado a seguir indica em cores todas as variáveis com vetores longos, que tem maior variabilidade.

Já a escala 3 se distancia bastante da origem e é causadora de grande variabilidade entre os pesquisados. Isto é, são respostas atípicas, assim como a escala 1. A escala 2 não foi escolhida pelos respondentes, com exceção do quesito Q49, *cumpro com meus deveres de cidadão*. As escalas 4 e 5 estão bem próximas, não causando muita diferenciação, com exceção da variável Q72, que correlaciona *organização da comunidade e felicidade*.



Fonte: Análise estatística Anexo 9

As cargas fatoriais (Tabela 14) são elevadas na primeira dimensão, com valores entre 0,74 e 8,7, confirmando ótima representação das variáveis na construção do indicador.

Tabela 15: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q37	,763	-,484
Q47	,868	-,014
Q49	,740	,563
Q50	,795	,335
Q72	,851	-,354

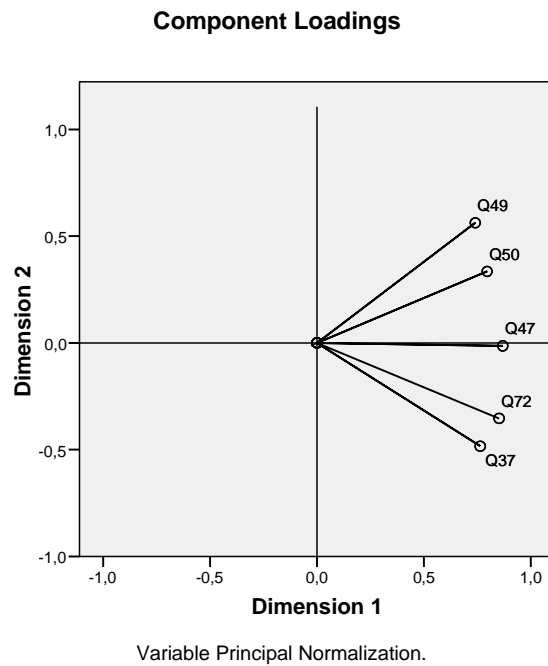
Variable Principal Normalization.

Fonte: Análise estatística Anexo 9

O círculo de correlações mostra que as variáveis estão bem representadas, com ordenadas altas no eixo x. A variável Q47 *Muitas mudanças que aqui aconteceram foram conseqüência da união das pessoas* é a que está quase que totalmente representada na primeira dimensão, sendo então a **variável mais importante** do indicador criado, **traços de autoria**. Em síntese, trata-se de uma verdade para o grupo de respondentes, dado o seu destaque e realce.

A segunda dimensão indica que existe um contraste entre as variáveis Q49, *cumpro com meus deveres de cidadão* e Q50 *eu luto para que meus direitos sejam respeitados*. A questão levantada é interessante e refinada, semanticamente. Se cumpro com meus direitos, por que preciso lutar para que eles sejam respeitados? O modelo de organização social e suas características respondem. Ao rigor estatístico não escapa essa nuance contrastante.

De igual modo, há um contraste nas variáveis Q37 *As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças* e Q72, *Quanto mais organizada é uma comunidade, mais felizes são as pessoas que vivem nela*. De fato, se a organização de uma comunidade assegura felicidade, porque as pessoas precisam dos líderes para animar a chama das realizações? De novo nossa resposta implica no ordenamento social, na necessidade do seu balizamento. Ou seja, o líder assumindo a função de governo e responsável pela governança, é uma linha sociologicamente explicável.



Fonte: Análise estatística Anexo 9

A construção dos demais cinco indicadores – **Organização Comunitária, Integração Comunitária, Ações Coletivas, Parceria e Fortalecimento da Comunidade** são do mesmo modo, interessantes abordagens à luz dos conhecimentos estatísticos. Levantam questões sobre o processo de intervenção que suplantam o escopo da pesquisa e o campo de observação. Eles poderão ser consultados no Anexo 8 deste documento.

7.3.3 -Correlações no Conjunto de Crenças dos Grupos Sociais

As correlações entre as variáveis da pesquisa são especificamente dos três GRUPOS SOCIAIS estudados e assim se apresentam:

Tabela 16: Correlações entre as variáveis da pesquisa de opinião junto aos grupos sociais

	Organização Comunitária	Traço Vitimação	Traço Autoria	Integração Comunitária	Ações Coletivas	Parcerias	Fortalecimento da Comunidade
Organização Comunitária	1,00	0,03	0,42	0,44	0,22	0,57	0,44
Traço Vitimação	0,03	1,00	0,20	0,22	-0,21	0,11	-0,09
Traço Autoria	0,42	0,20	1,00	0,23	0,38	0,24	0,19
Integração Comunitária	0,44	0,22	0,23	1,00	-0,11	0,43	0,42
Ações Coletivas	0,22	-0,21	0,38	-0,11	1,00	0,16	0,30
Parcerias	0,57	0,11	0,24	0,43	0,16	1,00	0,78
Fortalecimento da Comunidade	0,44	-0,09	0,19	0,42	0,30	0,78	1,00

Fonte: Análise estatística Anexo 9

O grande grupo observado de perto, permite configurar as inter-relações no que os respondentes dos grupos acreditam. As respostas são interdependentes e se referem essencialmente à suas escolhas. Resultam de análise múltipla das 28 variáveis.

Os sete indicadores evidenciam que a mais alta significação da percepção a respeito das condições para impulsioná-los se concentra no indicador PARCERIA. Este é conjugado ao indicador FORTALECIMENTO DA COMUNIDADE. Expressam que as pessoas creditam aos parceiros o valor diferencial que mais pesa nas realizações.

O mais significativo achado no conjunto de percepções é a justificação pela fé dos membros dos grupos exploratoriamente investigados nas parcerias e em si mesmos. Essa uma assertiva inquestionável, pois **Parceria, Organização Comunitária e Fortalecimento da Comunidade** são os indicadores mais fortemente correlacionados. O conjunto que forma o grupo **Parceria**, associado ao **Fortalecimento da Comunidade**, aponta que a sua organização depende da ação de terceiros sem o que as comunidades não se fortalecem.

Em síntese, a percepção dos respondentes da Cooperativa dos Assentados, da Cooperativa de Coleta e Reciclagem e da Associação Infante-Juvenil, está alicerçada na crença que os indicadores de sucesso da intencionalidade desse grupo se revela na força de suas ações. Depende, entretanto, da intervenção que vem de outras instituições. A percepção dos entrevistados contida nas questões 33, 34, 41, 38, 55, 70, reúne e reafirma a capacidade de **Organização** da comunidade.

Além disso, na valorização das **Ações Coletivas**, assim como nos depoimentos dos entrevistados, está presente a marca do valor dado à lógica do trabalho. Relembre-se aqui, que a história comum da maioria dos respondentes passa por uma fase épica de desconforto, e que a **CAPACITAÇÃO** foi uma alavanca. A vontade de aprender, compreender e acatar a introdução de novos conhecimentos e aprendizagem de técnicas e procedimentos de trabalho, pela cooperação e união.

7.4 A intervenção econômico-social e sua influência

O quadro de referência anteriormente estudado precisa ser correlacionado com as visões dos que conceberam o processo de intervenção implantado nos grupos. Essa correlação é-nos oferecida pelas 28 assertivas pontuadas por 68 estrategistas e viabilizadores da Empresa Beta. Essas assertivas também foram submetidas à análise multivariada. As variáveis formam construtos, na primeira dimensão, com índices de consistência assegurados pela verificação do Alpha de Cronbach.

Analisada a semântica das variáveis foram formados quatro construtos, assim nominados: *Capital Social*, *Mobilização Social*, *Interação PNDRS e Grupo e Potencialização de Investimentos* por apresentarem aproximação das cargas fatoriais, nas 3 primeiras dimensões. Os quesitos que compõem esses construtos podem ser vistos abaixo e seu agrupamento, no Gráfico 6:

Capital Social

- (39) “Quando o capital social de uma comunidade é desenvolvido o plano de negócios tem resultados mais rápidos”
- (41) “O capital social afeta o desenvolvimento dos planos de negócios”
- (42) “Quanto menor o capital social maior é a necessidade de pessoas de fora da comunidade se envolverem na implementação do plano de negócios”
- (43) “O capital social é imprescindível para que a comunidade tenha êxito no seu projeto de desenvolvimento econômico”
- (49) “A formação de parcerias é responsável por grande parte do trabalho de implantação de um plano de negócios”

Mobilização Social

- (44) “As pessoas mais pobres têm condições de assumir a liderança do plano de negócios”
- (46) “Lideranças das próprias comunidades têm mais poder de mobilização do que lideranças que vêm de fora da comunidade”
- (50) “Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas daquela comunidade”
- (51) “As pessoas percebem que a mobilização social pode melhorar a realidade delas”

Interação PNDRS e Grupo

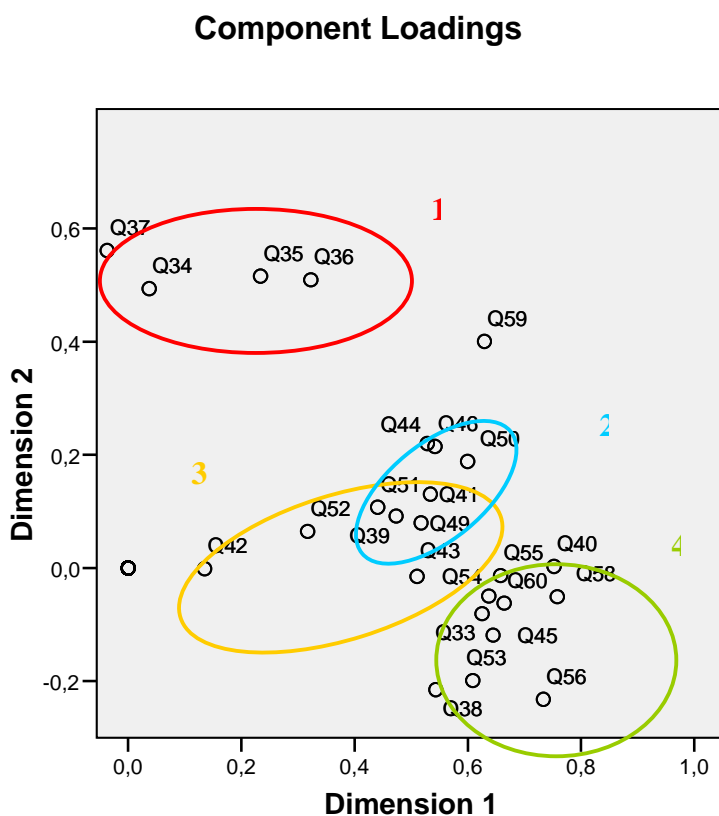
- (33) “A implantação de um plano de negócios pode ser considerada uma espécie de intervenção social”

- (40) “A implantação de um plano de negócios numa comunidade ajuda a desenvolver o capital social”
- (45) “O capital social pode ser construído”
- (54) “O tratamento da saúde das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos”
- (58) “A implantação de um plano de negócios fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade”

Potencialização de Investimentos

- (38) “Nós só atuamos onde existem atividades econômicas que podem ser desenvolvidas”
- (53) “A capacitação das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos”
- (55) “A interação com as comunidades onde os planos de negócios são implantados é um fator determinante para o sucesso dos investimentos”
- (56) “É justamente essa interação que ajuda na calibragem das ações e investimentos que deverão constar do plano de negócios”
- (60) “Ser percebida como uma empresa social e ambientalmente responsável contribui para o aumento dos lucros da Empresa Beta”

Gráfico 6: Círculo de correlações – primeira e segunda dimensão:



Variable Principal Normalization.

Fonte: Análise estatística Anexo 9

A segunda dimensão confirmou a geração dos construtos referentes ao *Papel do Grupo Social* e o *Encaixe no Grupo Social* por possuírem cargas de aproximação, também nas três dimensões, sendo maior na segunda.

Papel do Grupo Social

- (34) “As pessoas da comunidade são as protagonistas dos planos de negócio DRS”
- (35) “A comunidade tem acesso a todas as informações que envolvem os planos de negócios (nomes e telefones de parceiros, compradores e fornecedores, orçamentos, técnicos, etc)”
- (36) “Uma das premissas do nosso trabalho é que as comunidades envolvidas devem participar de todas as fases do plano de negócios”
- (37) “Nós só atuamos em locais com capital social desenvolvido”

Encaixe no Grupo Social

- (47) “Nós conhecemos pessoalmente as lideranças das comunidades onde são implantados os planos de negócio”
- (48) “Nós conhecemos pessoalmente as comunidades onde implantamos planos de negócios”

A Tabela 17 apresenta a formação dos construtos.

Tabela 17: Cargas Fatoriais das Variáveis do questionário respondido pelos estrategistas e viabilizadores da Empresa Beta, segundo as três primeiras dimensões da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA).

Construtos	Questão	Dimensão		
		1	2	3
Papel do Grupo Social	Q34	0,037	0,494	-0,515
	Q35	0,234	0,516	-0,191
	Q36	0,323	0,509	-0,495
	Q37	-0,037	0,561	-0,107
Capital Social	Q39	0,473	0,092	0,512
	Q41	0,534	0,130	0,100
	Q42	0,135	-0,001	0,509
	Q43	0,510	-0,015	0,288
	Q49	0,517	0,080	0,362
Encaixe no Grupo Social	Q47	-0,206	0,688	0,425
	Q48	-0,193	0,682	0,512
Mobilização Social	Q44	0,528	0,220	0,151
	Q46	0,542	0,215	-0,027
	Q50	0,600	0,188	-0,273
	Q51	0,441	0,107	-0,412
Interação PNDRS e Grupo	Q33	0,625	-0,081	-0,223
	Q40	0,752	0,003	0,050
	Q45	0,645	-0,119	0,037
	Q54	0,637	-0,049	-0,112
	Q58	0,758	-0,051	-0,055
Potencializador de investimentos	Q38	0,543	-0,215	0,089
	Q53	0,609	-0,199	-0,064
	Q55	0,658	-0,013	0,432
	Q56	0,733	-0,232	0,066
	Q60	0,664	-0,062	-0,050
Variáveis excluídas	Q52	0,317	0,065	-0,268
	Q57	0,358	-0,470	-0,082
	Q59	0,629	0,400	-0,028

Fonte: Análise estatística Anexo 9

A consistência dos construtos, devidamente validados (Anexo 8), permitiram a definição de indicadores, abaixo apresentados .

Tabela 18: Correlações bivariadas entre os construtos formados a partir da percepção da Empresa Beta

	POPA	CS	EGS	MS	IPG	PI
Papel Ocupado pelo Público-Alvo (POPA)	1	0,05	0,16	0,20	0,13	-0,05
Capital Social (CS)	0,05	1	0,12	0,21	0,45	0,38
Encaixe no Grupo Social (EGS)	0,16	0,12	1	0,25	0,06	-0,01
Mobilização Social (MS)	0,20	0,21	0,25	1	0,46	0,31
Interação PNDRS e Grupo (IPG)	0,13	0,45	0,06	0,46	1	0,60
Potencializador de Investimentos (PI)	-0,05	0,38	-0,01	0,31	0,60	1

Fonte: Análise estatística Anexo 9

Não causa surpresa mas é relevante constatar, que as cargas fatoriais mais expressivas se concentrem no eixo de sustentação e de fortalecimento das ações dos grupos – as parcerias – aí compreendidas como o Plano de Negócios e seus adeptos, ali presentes pela força institucional da Empresa Beta e igualmente, pelo apoio e o incentivo solidário da ONG.

Nesse sentido o PNDRS e os projetos de apoio financeiro da ONG, indiscutivelmente, são importante pilar para o desenvolvimento dessas comunidades na visão dos Grupos. A Cooperativa e a Associação percebem claramente a inter-relação.

O foco da visão dos Grupos Sociais e dos órgãos responsáveis pela intervenção econômico-social são complementares e convergentes. Para os Grupos os componentes principais do processo de intervenção são Parcerias, Fortalecimento da Comunidade e Organização da Comunidade. Estão indicados na seta com direção para baixo, na definição gráfica a seguir.

Já para os estrategistas e viabilizadores do processo de intervenção, os componentes principais da intervenção econômico-social são, respectivamente, a Interação do PNDRS com o Grupo, a Potencialização de Investimentos e a Mobilização Social. São eles os indicadores de consistência do processo, a seguir elencados na seta com direção para baixa.

Esses indicadores representam ao mesmo tempo, a integralidade do sistema de crenças. De um lado, a força que dá origem e vitalidade ao processo, por intermédio das parcerias, investimentos e da mobilização social, de parte dos promotores da intervenção; e de outro, os Grupos Sociais, com a força que dá sustentação e extensão de vida ao processo por meio das Parcerias, do Fortalecimento da Comunidade e pela Organização Comunitária. São visões convergentes e sincrônicas, tal com se define graficamente:

Figura 15: Potencial de Desenvolvimento



Fonte:Elaborada pela autora

Para os Grupos Sociais é o co-protagonismo, no seu espaço, que vem do apoio exógeno, mas participante, que se revela como o componente principal da ação, aí identificado como parceiros. Tanto é assim que parcerias e organização comunitária são os indicadores correlacionados.

Já, os estrategistas atribuem à Mobilização social e ao Plano de Negócios os principais componentes da ação intervencionista. Não diferem, portanto, em que pesem as distinções dos pontos de vista. Semanticamente, as variáveis que formaram esses indicadores são fortemente relacionadas pelos representantes da Empresa Beta com os investimentos e os resultados da ação.

Há, porém uma questão, por formar um aspecto contemplado pelo DRS, que é para os promotores da ação intervencionista, tão importante quanto a alocação de capital para investimentos – a capacitação, contida no Plano de negócios. Ou seja, é justamente a relativização entre Plano de negócio que contribui para que os investimentos obtenham êxito, no que é fundamental, a capacitação.

Uma vez mais, cumpre-se aí um dos corolários de T Gilbert “*nos só podemos ver realizações humanas de diversos níveis de generalidades, e os valores que assinalamos para essas realizações em cada nível, será derivada do nível imediatamente superior a eles*”¹³⁰ (Gilbert, 1978, p. 112).

Ocorre que a dependência das pessoas, em particular na Cooperativa (a Associação tem uma linha filantrópica de ação mais de prestadora de serviços) é de ordem estrutural, sistêmica, já que na esfera da organicidade é que se acentua. Assim, como todo o sistema produtivo, também é dependente de relacionamentos. Sem parcerias e empréstimos nada teria

¹³⁰ Livre tradução da autora.

sido concretizado pelos Grupos Sociais. E assim sendo, as soluções de ordem econômica e social que estão ali bem sublinhadas, em processo de ebulição, inclinam-se para um patamar cultural.

A entrada de uma instituição governamental no espaço de atuação dos grupos sociais, como operacionalizador de política pública de governo, assinala uma perspectiva do *Estado em Ação*. Essa visão Gramsciana não quer dizer que seja política estatal, mas a que conforma uma solução para responder mais amplamente a embates e ou necessidades da população.

Ao intervir na grave questão da estagnação do mercado e compreender o papel do pequeno produtor no panorama da economia estagnada caracterizada, entre outras questões, pela falta de consciência e participação qualificada numa cadeia de valor, a Empresa Beta penetra no espaço da organização de grupos sociais, o que significa ingressar na dimensão da sua cultura. Essa percepção está presente nas expressões opinativas do censo da Cooperativa de Assentados, e na percepção dos outros dois grupos pesquisados que dão peso e valor ao processo intervencionista, mesmo que não trate do tema, especificamente, no âmbito de sua cultura. Nesse sentido, de fato, a experiência da Cooperativa dos Assentados é exemplar, a ver das iniciativas e do pool de esforço inter-organizacional alavancados pela Empresa Beta e pela disposição daqueles indivíduos.

Mas entender os cooperados implica observar com mais profundidade esse universo. Não significa apenas uma compreensão mais ampla do que aquela que focaliza a ocupação de um pedaço de terra, de uma propriedade e de seu cultivo, seus incentivos econômicos, materiais, os esforços e investimentos de conhecimento e do pagamento de empréstimo. O foco da pesquisa buscou suas inquietações e aferiu outros significados pontilhados, uma a uma, na análise descritiva.

Conquanto sustentadas pela ação coletiva no esforço do trabalho, os direitos de acesso aos empréstimos são conferidos, à medida que obrigações são cumpridas. Supõe, portanto, uma relativização advinda do olhar superior, institucional, dominante. Os empréstimos não estão, como comum, diretamente ligados e correlacionados à capacidade pecuniária de pagamento, mas sobre a cidadania coletiva. Essa medida pode ser então compreendida com a capacidade de unicidade e sincronicidade com os requisitos de união e ação laboral coletiva. Isso é próprio de quem incentiva a trabalhar junto, no lugar das determinações individualistas, requisito do contrato sócio-econômico contemporâneo para estimularem a estruturação de atividades produtivas.

Ou seja, o esforço do desempenho coletivo é que merece a valoração ótima do Estado, pois não é o emprego do empréstimo no produto, no tempo e na oportunidade do produção o que importa, mas a cláusula é comportamental. Constituída e levada a termo para satisfação dos ideais de formação de uma nova realidade de mercado ativo e não mais paralisado. Significa, para as Cooperativas e outros Grupos, subsistirem e existirem, em razão dessa premissa e dessa ótica behaviorista da política governamental. Hoje importa à Empresa Beta não os resultados desse comportamento, mas o pagamento dos compromissos. A visão econômica não subsiste, entretanto, tão somente, mas o comportamento social de muitos e tantos indivíduos e grupos que se engajarem nesse esforço coletivo.

De fato, a ação coletiva progressivamente aperfeiçoada, à força da relação contratual, por meio das indispensáveis e cruciais parcerias, assim consideradas por todos, guarda estreita relação com a responsabilidade concertada. Servem de salvaguarda aos riscos do negócio. Servem como uma espécie de cláusula coletiva contratual.

Quando e se consolidadas as experiências na direção da autosustentabilidade, os Grupos Sociais não têm hoje nenhuma garantia de continuidade do processo. Têm a garantia das obrigações hoje concertadas. Soluções de continuidade não significam, necessariamente, a suposição de manutenção das linhas de empréstimos, quer por mudanças de foco de política pública ou de governantes que endossam as linhas em vigor. Estes fatos, tão comuns na administração pública brasileira, mostram que o futuro dos Grupos Sociais dependerá muito do *enraizamento das ações integradas* e conjuntas. A parceria tem e ganha essa magnitude. Já, para a Empresa Beta, importa o enraizamento das ações produtivas na dinamização do mercado local e regional. Essa dinamização é que assegurará a vitalidade da ênfase econômica.

Essa visão levanta algumas novas questões: as forças vivas da comunidade, em caso contrário, em caso de mudança de política de incentivo, de novo se levantarão e vão interferir no incentivo e no estímulo ao crescimento? E o que ocorrerá se os Grupos ainda não revelarem amadurecimento na força produtiva?

São questões sem fáceis respostas e que novos estudos poderão responder. Nessa fase de implantação dos processos de intervenção e dos seus projetos, contemplada por este estudo, não foi possível detectar, especificamente, resultados, favores e riscos de oportunidade. O estudo dos atores e da realidade, até então desconhecida, absorveram grande parte da atenção da pesquisa. No entanto, foram indispensáveis para a identificação dos fenômenos e compreensão de problemas que poderão ser estudados em suas singularidades.

O fato é que os respondentes vivem com um conjunto de idéias que os impulsionam.

Por essa razão, franca e amplamente, as ações dependem da CAPACITAÇÃO, a ver das opiniões dos grupos estudados. Assim, é no plano do conhecimento e do ideário que se agigantam as principais atenções intervencionistas e dos Grupos Sociais.

A reflexão sobre o resultado das pesquisas, as observações da relatora no lócus das instituições e o perfil de indicadores principais *Organização Comunitária, Integração Comunitária, Parcerias, Ações Coletivas e Fortalecimento da Comunidade*, assim como os *Traços de Vitimação* e de *Autoria* observados no exame do Grupo Social exitoso, a Cooperativa dos Assentados; além disso, os ideais do DRS, com seus seis indicadores principais reconhecidos – *Capital Social, Mobilização Social, Interação PNDRS e Grupo, Potencializador de Investimentos, Papel do Grupo Social e o Encaixe no Grupo Social* – inspiram a traçar uma matriz de desempenho do tipo ideal de um Grupo Social produtivo.

As pesquisas indicam que esses componentes guardam forte relação com o repertório desejável do esforço produtivo, delineado nos ideais do DRS quanto à dinamização e inovação do quadro do mercado da produção regional. Ora, considerando que os Grupos Sociais estão localizados em territórios tradicionalmente marcados pela estagnação do mercado, imperativa é o desenvolvimento do aprendizado interativo dos agentes. Os Grupos Sociais por isso precisam decisiva e tenazmente passar por um processo de aculturação, mais que isso valorizá-lo.

O traço marcante para emergir uma inovação na dinâmica interna, externa e global dos Grupos Sociais no meio ambiente e no manejo depende de dimensões sócio-técnicas, onde se agiganta o desenvolvimento da *capacidade de aprender dos agentes produtivos* para a aquisição e absorção de novos conhecimentos, métodos, práticas e tecnologias, em todos os níveis. Dado o alto grau de interdependência desse fator, ele auto se define como pilar de sustentação do DRS.

Trata-se nessa experiência, de um tipo singular de aprendizagem, o *aprendizado interativo* como fórmula de possibilidades, dada a dimensão específica do território. Essa uma razão importante, bem sublinhada, aliás, pelos líderes e membros da Cooperativa, em suas entrevistas. O fluxo do conhecimento e sua interconexão com o fluxo produtivo, presentes no conjunto de nexos produtivos, sublinhados nas entrevistas, é outro importante fator dos dois eixos que visam preponderantemente – a acumulação de competências fundadas nas

interações e complementaridades e na capacidade de negociar e influir, usando informações e manipular e otimizar insumos.

Assim, considerando a evidência e a presença dessas características na identificação de um grupo produtivo, o potencial impulsionador de desempenho, supostamente, formaria um tipo ideal de Grupo Social, que poderia ser chamado de grupo de produção local afirmada, entendido como aquele apto a ingressar nos arranjos produtivos locais em virtude de deter um potencial ótimo de produção coletiva e alta capacidade de aprendizagem.

A matriz exploratória de condições para o potencial de desenvolvimento, observadas as características qualitativas da produção e segundo potencial ideal de crescimento estrutural poderia ser assim definida:

Tabela 19: Matriz exploratória de condições para o potencial de desenvolvimento

	Componente	CARACTERÍSTICA
01	Imperativos de sobrevivência	Os indivíduos têm garantida a sobrevivência física
02	Liderança carismática	No seio do grupo existem lideranças que emanam o ethos da autoria e inspiram a ação coletiva
03	Confiança	Os indivíduos fomentam as relações horizontais de confiança e colaboração e agem em prol do bem comum
04	Utopias	Os indivíduos têm sonhos para si e para seus familiares
05	Parcerias	O grupo está aberto à celebração de alianças e ao cumprimento dos compromissos assumidos e existem parceiros interessados em apoiá-lo
06	Capacitação	O grupo se dispõe a abrir mão da tradição para profissionalizar-se e empreender
07	Organização	Grupo estruturado, institucionalizado e ativo
08	Atividade produtiva	Produzem coletivamente

Fonte: Análise estatística Anexo 9

7.5 Validação da hipótese sobre o Ethos de Autoria e da Vitimação

A validação da hipótese de trabalho é claramente percebida em dois conjuntos de variáveis, o primeiro dos quais reflete um quadro de expressão autônoma das pessoas. Elas estão presentes desde as assertivas das entrevistas, nas quais os atores sublinham a recusa e a fuga ao fatalismo pela esteira do empreendedorismo. No outro construto estão os traços de vitimação. Nessa população de 45 pessoas há um substrato mais fortemente constituído com crenças elevadas de expressão autonômica e outro substrato que demonstra passividade, percebido assim, pela baixa carga fatorial de oposição, e que permitem neles destacar, também com igual clareza, os traços de vitimação.

Isso reforça a idéia de que *não há grupos sociais homogêneos*. Há isto sim, Grupos com tendência mais ou menos acentuada. Somos diferentes e essas diferenças surgem e são perceptíveis mesmo num pequeno grupo. A liderança é essencial na administração dessa

tendência. E, no caso deste estudo, e desses Grupos, as parcerias são o diferencial para assegurar o êxito das realizações, pelo aporte de recursos simbólicos e materiais e pela reflexividade que podem provocar.

O estudo comprova, pelos construtos e indicadores construídos, os principais componentes do processo de intervenção permitindo o aperfeiçoamento da matriz inicial da análise. As interações entre os Grupos Sociais e as formas de intervenção implantadas ficam assinaladas pelos sete indicadores identificadas. São eles, na ótica dos grupos que contribuem para a mudança de condição. São eles os responsáveis pela valoração das ações e de seu resultado num ambiente socialmente coeso e organizado.

Os respondentes, agentes internos de desenvolvimento, demonstram razoabilidade no senso de pertencimento ao território e de empoderamento dos agentes internos. Mas isso está fortemente relacionado com o desempenho de parceiros externos.

Todas essas questões são referências para, nos três Grupos observados, retratar e compor um quadro de crenças de expressão autônoma das pessoas, bem elevado (0,74/ 0,73/ 0,65 /0,71, /0,75). O grupo que assinala passividade contrasta com as assertivas de integração, aparentando fraca influência, quase ausente, pela formação de um quadro de expressão *não ativa*.

No grupo estudado, o fatalismo não está presente, a dificultar os horizontes e as inter-relações, mas há expressões de acomodação e passivismo a pontilhar, com matizes, os conteúdos simbólicos que interferem nas ações coletivas dos Grupos, tal como mostrado. Essa constatação incentivou a supor que, para uma pequena parcela dos respondentes, a intervenção não potencializou influência ou impacto suficiente, de modo a alterar o padrão do conjunto de crenças que move e personalidade e a retira da acomodação. Como padrões não foram medidos previamente, restando retratar a ocorrência dos traços de vitimação. O estudo não se propôs a aferir assimilações. Não há como saber o estado original do ethos, antes da fase de implantação das intervenções econômico-social.

No entanto, quando se analisa os relatos dos tempos difíceis, e se verificam os resultados e os caminhos de sucesso das ações das duas Cooperativas e, em particular a dos Assentados, procede indagar o porquê desses respondentes deixarem-se estar, **deixarem andar a vida**. Sabe-se que antes, a situação dos sem terra era de miséria crítica. Daí ser compreensível *o estado de anuência passiva*. Mas , ainda assim, o que explica , o que move uma pessoa a admitir e acompanhar certezas que não são as suas, mas as de outros?

Como no dizer de Morin “*a submissão é o contrário da liberdade e da autonomia e é um problema colocado há muitos séculos*”, os traços detectados incentivam abordagens reconhecedoras. Ademais se trata de um típico *mutável*, pois, sua configuração por se relacionar, umbilicalmente, a seres humanos interdependentes de Grupos Sociais (Elias Apud Landini 2007, p. 5) que agem coletivamente, o padrão é assim gerado pela experiência em curso entre os indivíduos, na sua dinâmica. Esse um desafio a ser superado.

O entendimento de Morin esclarece a dinâmica e a dimensão de continuidade. Mas não responde a questão colocada. No entanto, abre a perspectiva que nos leva a refletir sobre a experiência em curso e a chama que incendeia os corações e as mentes para o agir compartilhado. Ai se destaca, novamente a posição do líder. Uma possibilidade é admitir que o ethos é compartilhável. Essa uma perspectiva que melhor poderia ser entendida com a lente e na dimensão psico-social, nas tradições e ídoles.

O problema se melhor reconhecido, como o é ora empiricamente aventado, poderá trazer novas luzes aos conceitos dominantes, em favor do conhecimento sobre a dinâmica das relações sociais no Brasil. Pode ser uma importante e significativa contribuição à ciência interpretativa. Nessa direção, o estudo de situações-problema e a construção de matriz de análise de grupos tendo em vista o ideário e o conjunto de crenças pode ajudar o caminho. Não por acaso e não sem razão, os entrevistados e agentes creditam e depositam no desempenho efetivo, seguro e mesmo exemplar da liderança, um importante pilar de interação e de sustentação da coesão social.

Atributos reveladores do ethos precisariam ser melhor estudados para revelar características a serem observadas. Uma inspiração possível é a comparação do ideal grego contido na idéia que a elevação da atitude é na verdade uma disputa interna de cunho espiritual na busca da perfeição. A vida como corrida espiritual. Projeto de vida é igual a projeto de alcance do espírito.

Nessa ótica os processos com o compromisso produtivo e com a autonomia, com os que se movimentam na vida e que fazem *andar a vida* têm possibilidade de serem traçados, mediante um elenco de valores. Nessa dissertação foi possível detectar os componente principais do processo e não os modos de melhor organizar a comunidade. Esse parece um eixo fundamental na dimensão do ethos. Integralidade e humanidade são linhas de fuga que precisariam ser definidas. Exemplo, o encontro da vontade e o desejo de um grupo de acatar e abraçar uma lógica intervencionista.

Ajuda nisso o conceito weberiano, tal como ajudou nessa dissertação - ação social entendida como conduta humana na qual sempre os sujeitos da ação a ela se enlacem num sentido subjetivo. Tal como iluminado pela líder da Cooperativa dos Assentados, a querer provar sua capacidade de fazer, a seu modo, a reforma agrária. Essa uma observação que acentua o traço de **competitividade** na personalidade dela, típica de pessoas empreendedoras. Esse, um traço claro do ethos de autoria. Ou seja, o empoderamento do humano na ordenação do mundo social. O exemplo da líder da Cooperativa de Coleta e Reciclagem é o mesmo. A lógica subjacente ao debate da constituição de indicadores para situar o ethos parece a direção teórica onde cabem novas apostas e racionalidades.

Quanto, a saber, se as intervenções econômico-sociais, clara e comprovadamente identificadas, contribuem ou não para mudanças favoráveis parece não haver dúvidas. No entanto, se são favoráveis à modificação ou à manutenção do ethos dos grupos sociais estudados, pede a regra de prudência, pelas observações acima, novas investigações para serem comparadas com os dados ora examinados e mesmo, com o aperfeiçoamento do instrumento de pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assumir o ingresso na Academia em virtude de um ânimo político, ou seja, voltado para a aplicação do conhecimento levou-me a ser intransigente em relação à metodologia de pesquisa. Isso significou conciliar técnicas qualitativas e quantitativas para oferecer a isenção possível ao trajeto percorrido. Possível porque, como se sabe, a formulação do estudo, a escolha das referências e tudo o mais tem uma motivação que vem do mundo subjetivo no qual adquire significado.

Das intervenções econômico-sociais aqui pesquisadas exploratoriamente percebe-se que têm escopo, recursos disponíveis e poder de articulação com parceiros bastante distintos. No entanto, em ambas, observou-se a presença dos componentes que foram sugeridos na Matriz de Análise da Qualidade dos Componentes das Intervenções Econômico-Sociais: a) partem de um grupo de pessoas dotadas de uma determinada visão de mundo e que, do lugar das suas crenças, valores e disposições, concebem o projeto; b) têm públicos-alvo definidos e formas específicas de se comunicar com eles; c) possuem critérios para aporte de recursos econômicos e financeiros; d) destinam um “lugar” para ser ocupado pelo público-alvo no processo de intervenção; e) escolhem recursos a serem aportados; f) têm referência cronológica e g) resultados esperados.

Tanto a Empresa Beta quanto a ONG Alfa vêem os grupos sociais como capazes de empreender a melhoria das condições de vida se dotados de certas condições. Um dos papéis que assumem é o de contribuir para que essas condições sejam atendidas. Além dos aspectos técnicos, no discurso dos interventores brota o sentido de missão e a ancoragem da construção da autonomia no sucesso do empreendimento econômico.

As entrevistas e o tratamento estatístico nos permitem afirmar que as intervenções afetam os grupos sociais, no entanto, em relação à sua capacidade de influenciar o ethos, não se pode concluir com segurança. Supostamente interferem vez que o estado original dos grupos estudados foi claramente alterado mas novas pesquisas precisam ser feitas para apontar com maior clareza a dimensão dessa inter-relação. O que parece afetar mais fortemente a disposição dos indivíduos em ocupar determinado lugar no mundo social é a existência, no seio do grupo, de uma liderança carismática, de utopias compartilhadas e da fé na possibilidade de materialização dessas utopias.

Os indícios do efeito da liderança sobre as disposições dos indivíduos nos levam a sugerir que o ethos é potencialmente compartilhado pelo grupo. Assim, a liderança, pela força que sugere, inclusive do ponto de vista do compartilhamento do ethos, ensinaria, além de

estudos mais aprofundados, a discussão estratégica sobre políticas públicas voltadas à formação de líderes locais.

A valorização máxima, pelos grupos, das dimensões da ajuda externa, agrupadas nos fatores Parceria e Fortalecimento da Comunidade, nos ajudam a refletir sobre o equilíbrio entre as políticas emancipatórias e as políticas da vida (Giddens, 1991) como fator potencializador da adesão de grupos sociais a uma lógica da autoria.

As políticas emancipatórias adotadas pelo Estado brasileiro ajudaram os assentados a sobreviverem durante o período em que não dispunham de condições para empreender na própria terra. Os fundadores da Cooperativa de Coleta e Reciclagem contavam com a ajuda de parentes e outras doações para darem conta da sobrevivência física. Embora as ajudas voltadas para a sobrevivência tivessem origens distintas, ambos os grupos contaram com esse apoio.

Mesmo centrando o foco deste estudo no eixo da cultura, é imprescindível a valorização da dimensão da libertação dos imperativos do corpo (Arendt, 1988) como uma das dimensões que afetam a disposição dos indivíduos. No entanto, foram os anseios, a fé na possibilidade de alteração da trajetória de vida e a existência de uma liderança à qual creditam um valor especial, ou seja, uma identidade distintiva, que propiciaram aos grupos estudados o movimento que os levou a superar a situação de vítimas na direção do empreendedorismo.

O nascimento dos anseios pela auto-identidade e realização no íntimo do grupo social poderia oferecer certa complexidade à operacionalização da política da vida. Ora, se os anseios nascem no seio do próprio grupo como poderiam o Estado, as ONGs e as Empresas atuarem na dimensão da auto-identidade? Entretanto, sem desconsiderar a questão, que é válida, parece-nos que, aqui, seria mais útil interpretar as ações daqueles agentes como provocadores e apoiadores dos movimentos decorrentes da retomada, pelos indivíduos, da condição de projetar um futuro diferente daquele em que se encontram visualizando a sua participação, o seu espaço de ação no percurso a ser trilhado. Se é fato que foi no seio dos grupos que as sementes de futuro brotaram também o é que encontraram respaldo em instituições consolidadas.

A magnitude dos investimentos e dos esforços do Estado em Ação, uma vez que ele é o acionista majoritário da Empresa Beta, não podem prescindir do exercício de políticas públicas metricamente referenciadas e balizadas para uma ação que avance além das fronteiras das políticas de ênfase compensatória. Associadas ao modelo de mundo onde a pobreza é uma qualidade exclusivamente econômica e o indivíduo é um objeto em busca da

sobrevivência física, não alcançam os alvos do desenvolvimento integral. As métricas adequadas podem orientar a ação no sentido das políticas da vida, instância onde a auto-identidade e a auto-realização são o fulcro da ação. E, com isso, alcançar o verdadeiro território do desenvolvimento das economias estagnadas.

A percepção do desenvolvimento econômico como resultado de aspectos multidimensionais, analisado no discurso e na análise multivariada, como sabemos, não é uma novidade. Putnam, por exemplo, descreveu a associação da capacidade de cooperação e envolvimento com os assuntos de interesse comum com a possibilidade de desenvolvimento econômico. Alain Peyrefitte demonstrou, no livro *A Sociedade de Confiança* que, em síntese, só quem confia prospera. Weber desvela num sistema de crenças e valores específicos o berço do capitalismo racional. Pode-se, portanto, sustentar com base em autores consagrados que a dimensão do mundo subjetivo afeta a realidade material, inclusive, a econômica.

A nova perspectiva explicita e atribui importância à qualidade dos componentes das intervenções como indutores da reflexividade social (Giddens, 1991) o que pode significar empreender uma Sociologia da mudança, embora o estudo da permanência seja predominante na Área.

A pesquisa mostra essencialmente a mudança nos padrões de referência de vida dos cooperados. As transformações pela via do trabalho coletivo retiraram-nos de uma situação marginal. O processo de intervenção exitoso significou, para os grupos estudados, a neutralização dos imperativos de sobrevivência pura e a ascensão ao patamar de autosustentabilidade, facultado pela adesão do grupo a uma nova perspectiva de vida, a do empreendedorismo. É também por essa mesma via que diferentes classes sociais ascendem economicamente.

Da observação dos grupos foi possível verificar que coexistem traços de autoria e traços de vitimação. Como 92% da quantidade de respondentes (41) são da Cooperativa de Assentados ou da Cooperativa de Coleta e Reciclagem, ambas exitosas nos seus empreendimentos econômicos, pode-se formular uma nova hipótese de pesquisa. Nos casos estudados verificou-se que o sucesso dos empreendimentos econômico-sociais está associado à predominância, no grupo, do ethos de autoria. Contemplados novos grupos e aprofundada a investigação nas correlações dos elementos culturais, da força da liderança, das relações dos componentes das intervenções econômico-sociais com o ethos do grupo poder-se-á fazer generalizações.

Na mesma perspectiva estratégica, evidencia-se a capacitação para o empreendedorismo, como mola propulsora da motivação para o trabalho e do desenvolvimento.

Esses achados ajudam a formular possibilidades de visualizar dimensões para potencializar o desenvolvimento micro-econômico sob o ponto de vista dos interventores e dos grupos sociais. Na visão dos interventores a potencialização do sucesso dos empreendimentos econômicos advém, principalmente, das dimensões capital social, capacitação, investimentos e liderança. Da perspectiva dos grupos sociais pesquisados são as parcerias, a alocação de capital e a liderança que servem como impulsionadores desse desenvolvimento.

A singularidade do estudo está no mapeamento do conjunto de componentes principais que perfilam o processo de intervenção econômico-social exitoso e do conjunto de componentes principais presentes na dinâmica produtiva dos grupos sociais, ativados pelo ethos da autoria.

Uma vez desvendados os componentes principais do processo de intervenção e da atuação dos grupos sociais tornou-se possível identificar indicadores que permitirão a construção de modelos de competência típica de grupos sociais produtivos, a partir dos fatores críticos de sucesso observados.

Como substrato desta pesquisa, os indicadores, uma vez explorados, poderão oferecer um norte para uma ação mais segura. Permitirão a construção de um modelo de referência para melhor orientar os investimentos e a dinamização de ações de grupos sociais assentadas nos requisitos oferecidos pelos achados e pela metodologia empregada.

A abordagem de novos grupos pelos interventores econômico-sociais pode contar com essa lente contributiva para o diagnóstico da natureza das ações necessárias à potencialização do desenvolvimento dos grupos de produção. A orientação do olhar sobre a realidade pautado nos instrumentos facilitará o aprobe, as tomadas de decisões em relação aos grupos pelo conhecimento de suas características predominantes e o processo de enraizamento das ações coletivas. Isso poderá facilitar a leitura e a inserção no espaço da cultura dos grupos sociais e o reconhecimento do ethos predominante.

Uma formulação hipotética, colhida do tratamento estatístico e da sua análise, a ser submetida a novos estudos, seria o desenvolvimento de um instrumento de diagnóstico de Potencial de Desenvolvimento Econômico de Grupos Sociais e sua transformação no Indicador de Potencial de Sucesso Econômico.

Das respostas da pesquisa aplicada, foram obtidos sete indicadores, que sustentam as condições sócio-econômicas e culturais que os cooperados detêm para iniciar e alcançar o êxito do empreendimento. O potencial de vitalidade pode ser, pois, trabalhado, com a formulação de modelo-típico como referência de implantação, implementação e acompanhamento de intervenções econômico-sociais. Como alguns negócios não têm sucesso, embora os casos de empreendimentos aqui estudados sejam exitosos, é interessante um indicador do Potencial de Sucesso Econômico.

Como o Potencial de Sucesso Econômico é uma variável binária, assume somente os valores 0 e 1, uma das opções seria utilizar a técnica estatística de modelagem chamada Regressão Logística, que considera como variável dependente o logaritmo natural do quociente entre a probabilidade de sucesso e a probabilidade de fracasso (ou 1- probabilidade de sucesso) e define uma relação entre essa variável e as variáveis independentes. No nosso caso, os sete fatores calculados na pesquisa (X_1, X_2, \dots, X_7).

$$\ln\left(\frac{p_{suc}}{1-p_{suc}}\right) = b_0 + b_1 X_1 + b_2 X_2 + \dots + b_7 X_7$$

Fonte: parceria da autora com a Dra. Rafaela Guidi¹³¹

O resultado seria um indicador que assumiria valores entre 0 e 1, sendo que valores próximos a 0 sinalizariam baixa probabilidade do empreendimento ter sucesso dada as condições sócio-econômicas e culturais existentes e próximos a 1 alta probabilidade de sucesso.

Mesmo consideradas as limitações deste estudo exploratório, graças ao esforço metodológico, foi possível chegar à construção de indicadores que possibilitam uma janela exploratória de estudos seqüenciais com o amparo da análise multivariada. A utilização de indicadores de ação insere novas possibilidades, como a de geração de “modelos” que permitam verificar o nível de maturidade de um grupo social ou território para empreender seu desenvolvimento econômico. Essa aferição serviria para orientar os alocadores de recursos no sentido da natureza de ações e formas de abordagem a serem adotadas num determinado território ou grupo social. Com tal contribuição, abordagens seqüenciais poderão inovar o modo de verificar o tema e assim contribuir, com mais precisão, para a sua compreensão e desenvolvimento.

¹³¹ Doutora em Estatística Computacional pela University of Maryland Baltimore County, EUA.

Após este estudo, cumpre augurar que os motivos que levaram o País a promover o incentivo financeiro, nos moldes empreendidos pela Empresa Beta e pela ONG Alfa, possam ganhar terreno fértil em torno da convicção dos valores humanos, em toda a sua integridade, para que milhões de brasileiros deixem de ser considerados “pobres”, “incapazes”, “nanicos” e vítimas de “mecanismos ou conjunto de mecanismos que independentemente de seu esforço ou mérito perpetuam-se”. E, vistos e vendo-se nesse lugar, reclamantes de “ajuda” e de soluções, lamentavelmente, muitas vezes meramente compensatórias e supletivas, sem atacar o enraizamento dos problemas, os sistemas de crenças e valores e a visão de mundo.

Aprendi com esse estudo que é indenizável a dor do estigma daquele que não tem estudo antes de nascer, não tem terra antes de nascer, não tem saúde antes de nascer, não tem auto-estima antes de nascer, não tem ordem antes de nascer, não tem “naturalmente” espaço para crescer e ser um adulto por inteiro. Embora em nenhum momento se tenha proposto a recuperar a dimensão histórica dos ethos conceituados neste estudo, é oportuno reconhecer que a dimensão da superação de uma condição sócio-cultural presente há gerações é surpreendente. Mas, podemos nos questionar se a anormalidade (no sentido de frequência com que ocorre) da quebra do padrão deve permanecer ao largo dos interesses de investigação. Quando Giddens e Milton Santos chamam a atenção para a velocidade com que as mudanças têm ocorrido em condições de modernidade, parece-me que chamam atenção para o fato.

Também é importante deixar claro que reconstruir o percurso histórico do ethos da autoria e do ethos da vitimação pode facilitar a operacionalização e mesmo a precisão de pesquisas ulteriores. Um dos méritos deste estudo pode residir justamente em abrir essa possibilidade uma vez que inovou no recorte do tema, ação que demandou muito estudo e reflexão.

Não se poderia furtar de reconhecer que muitos brasileiros e brasileiras, tal como escreveu Euclides da Cunha, são, antes de tudo, fortes. Sobrevivem, em que pese o desamparo em que são trazidos e colocados no mundo social e mais, chancelados como inferiores e desrespeitados em sua dignidade, vez que reduzidos, há séculos, à categoria de dependentes, e tratados com atenções compensatórias por serem pobres e excluídos sociais. Entretanto, alguns, pelo ethos da autoria, superam o massacre das condições objetivas e do *conjunto das crenças da vitimação*. Foi isso que esta pesquisa comprovou. O que leva alguns à aceitação da condição e do estado de vítima e à rejeição por parte de outros, são os elementos culturais. Esses elementos precisam ser mais bem investigados, como dito anteriormente, inclusive na perspectiva histórica. Nesse estudo não foi possível quantificá-los, mas pude senti-los.

Aprendi com agentes de Cooperativas que há brasileiros que, com uma pequena oportunidade, estão potencializando suas vidas, e conseguindo sair da posição de vulnerabilidade, pois o ethos da vitimação e o ethos da autoria ocorrem independentemente de classe social. Não é propriedade de classes, mas de indivíduos. E quando a crença na própria força surge em grupos organizados e que têm um propósito comum, a união das pessoas constrói uma frente conceitual de combate e de força. É essa união que os conduz às realizações efetivas, por todos valorados. A união desses brasileiros que “optam” pelo ethos da autoria está fazendo diferença.

Parece-me adequado lembrar que os exemplos de superação das condições materiais, das perspectivas padrão e da cultura vigente ilustrados pela Cooperativa de Assentados e pela Cooperativa de Coleta e Reciclagem são dignos da mitologia em virtude da dimensão da superação. Uma das reflexões causadas pelo contato com aquelas pessoas é a respeito de quantos grupos, um pouco menos heróicos, poderiam deslanchar na construção das próprias utopias se adequadamente apoiados pelas parcerias.

Investir no desenvolvimento de modelos de aferição do potencial para o desenvolvimento econômico parece ser um caminho que ajudará os inúmeros interessados em contribuir para o empreendedorismo e melhoria da qualidade de vida de milhares de pessoas. Um dos usos que vejo para um empreendimento acadêmico de tal ordem é oferecer condições para que os alocadores de recursos tenham clareza do estágio de maturidade social do grupo e, se necessário, possam nele investir previamente ao aporte financeiro, mediante, por exemplo, ações de neutralização dos imperativos da sobrevivência, associado à uma ética do trabalho, mobilização social, reconstrução da auto-estima e da capacidade de celebrar laços baseados na confiança. Segundo a percepção da maioria o Capital Social pode ser construído e o ethos modificado. E, tal empreendimento além de propiciar o desenvolvimento do mercado pode servir ao aperfeiçoamento dos instrumentos do regime democrático, atendendo ao que preconiza Putnam, 2002, p. 194: *“Criar capital social não será fácil, mas é fundamental para fazer a democracia funcionar”*.

É fascinante deparar-se com o fato que depois de um longo empreendimento em busca de respostas, perguntas e novas hipóteses surjam abundantes e proeminentes. E, assim, conclui-se essa jornada com algumas contribuições para o olhar a respeito das intervenções econômico-sociais; algumas categorias de análise para apurar o olhar científico sobre a dinâmica de grupos sociais e a oferta de instrumentos que possibilitam a criação de modelos para orientar ações que visam impulsionar o desenvolvimento econômico a partir de empreendimentos locais.

BIBLIOGRAFIA

ANDRIONI, Patricia Rachel. Fundamentos e referenciais para alavancagem e gestão de empreendimentos sociais. Universidade de Brasília, 2004. Monografia (Pós-graduação em Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de ONGs).

ARENDT, Hannah. Da revolução. São Paulo: Ática, 1988.

BERRY, Leonard; SHANKAR, Venkatesh. A inovação de serviços que abre mercado. Revista HSM Management. v. 5, n. 58, p. 63-69, set/out. 2006.

CAILLÉ, Alan. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. Revista Brasileira de Ciências Sociais. v. 13, n. 38, São Paulo, Out. 1998.

DAMATTA, Roberto. O que é o Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2004.

_____. Sociedade Civil, desenvolvimento e cultura. In: Cultura e Desenvolvimento. – Rio de Janeiro: Fundo Nacional de Cultura, 2000. (Cadernos do nosso tempo, 3).

_____. Cidadania : a questão da cidadania num universo relacional. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAVIS, Mike. Planeta favela. São Paulo: Boitempo, 2006.

D'ARAUJO, Maria Celina. Capital social. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.

DANCEY, Christine P.; REIDY, John. Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para windows. 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006. 608 p.

DEMO, Pedro. Cidadania pequena: fragilidades e desafios do associativismo no Brasil São Paulo: Autores Associados, 2001. 118 p. (Coleção polêmicas do nosso tempo ; 80)

_____. Brincando de solidariedade: política social de primeira dama. In: SILVA, Maria Ozanira da Silva. O Comunidade Solidária: o não-enfrentamento da pobreza no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001.

DUMONT, Louis. Homo Aequalis: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru: EDUSC, 2000.

ELIAS, Norbert. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, Rubem César. Privado porém público: o terceiro setor na América Latina. 3. ed. Rio de Janeiro: 2002.

FERRAREZI, Elisabete. OSCIP: saiba o que são organizações da sociedade civil de interesse público. Brasília: AED, 2002. 87 p. (Prazer em conhecer, 4).

FONTES, Breno Augusto Souto-Maior; EICHNER, Klaus. A formação do capital social em uma comunidade de baixa renda. In: A nova ordem social: perspectivas da solidariedade contemporânea. Brasília: Paralelo 15, 2004.

FREITAG, Bárbara. Teorias da cidade. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo, SP: Unesp, 1991.

_____. Para além da direita e da esquerda. São Paulo, SP : Unesp, 2001.

GILBERT, Thomas F. Human Competence Engineering Worth Performance. São Paulo, SP: McGraw-Hill, 1978.

GNONE, Christiane. Um sonho 100 limites. Disponível em: <http://www.casosdesucesso.sebrae.com.br/include/arquivo.aspx/3.pdf>. Acesso em: 20.05.2008

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 3. ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1997.

_____. O protagonismo da sociedade civil: movimento sociais, ONGs e redes solidárias. 1. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Brasil: o estado de uma nação, 2005. Rio de Janeiro, RJ: Ipea, 2005.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004.

LAUTIER, Bruno. Representações e regulações da pobreza na América Latina. Revista Sociedade e Estado. Brasília, v. 13, n. 1, 1998.

MANN, Peter H. Métodos de investigação sociológica. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1979.

MENDES, Luiz Carlos. Visitando o “Terceiro Setor” (ou parte dele). Brasília,DF: Ipea, 1999. 66 p. (Texto para discussão, 647)

MERTON, R. K. Sociologia: ideologia e estrutura. São Paulo, SP: Mestre Jou,1968.

MOREIRA, Viviane de Castilho. Leibniz e a linguagem. Rio de Janeiro,RJ: Jorge Zahar, 2005.

- NORDSTROM, Kjell; RIDDERSTRALE, Jonas. Funky business : talento movimenta capitais. São Paulo, SP: Makron Books, 2001.
- NUNES, Brasilmar Ferreira. Classes e sociabilidades no meio urbano. [S.L.] : [s.n.], [2---?].
_____. O sentido urbano de ocupações espontâneas do território. In : Sociologia de capitais brasileiras: participação e planejamento urbano, Brasília, DF: Líber Livro, 2006.
- ORTIZ, Renato. A sociologia de Pierre Bourdieu. São Paulo, SP: Olho d'Água, 2003.
- PRAHALAD, C.K.; HART, Stuart. O pote de ouro na base da pirâmide. Revista HSM Management. v. 6, n. 32, p. 14-27, maio/jun. 2002.
- PUTNAM, Robert D. Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2002.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. Manual de Investigação em Ciências Sociais. 4 ed. Lisboa: Gradiva, 2005.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Intervenções urbanas, democracia e oportunidade: dois estudos de caso. Rio de Janeiro, R.J: FASE, 2000.
- SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo, SP: Edusp, 2005.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. Revista Brasileira de Educação. n. 20, p. 14-27, maio/jun/jul/ago. 2002.
- WACQUANT, Loïc. As prisões da miséria. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.
- WEBER, M. Economia e sociedade, Brasília, DF: UnB, 1999.
_____. Ciência e política: duas vocações. São Paulo, SP: Cultrix, 2002.
_____. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo, SP: Martin Claret, 2004.
- WIRTH, Louis. O Urbanismo Como Modo de Vida. In : O Fenômeno Urbano. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar , [20--?].
- YIN, Robert K. Estudo de caso: Planejamento e Métodos. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2005.
- YUNUS, Muhammad; JOLIS, Alan. O banqueiro dos pobres. São Paulo,SP: Ática, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1 – Carta Potencial entrevistador



Brasília (DF), 14.05.2007

Ao senhor

Potencial entrevistador

Gerência de Desenvolvimento Regional Sustentável - DRS

Empresa Beta

A pesquisadora Patricia Rachel Andrioni, funcionária da Empresa Beta desde 1994, mestranda em Sociologia pela Universidade de Brasília - UnB, está empreendendo pesquisa que tem como objetivo avaliar se os programas ou projetos econômico-sociais contribuem para o surgimento e/ou a manutenção do *ethos* da autoria e do *ethos* da vitimação¹³² nos grupos sociais onde são implementados.

Para operacionalizar a pesquisa, foram escolhidas três instituições que empreendem projetos cuja finalidade ou meios para atingir sua finalidade incluam a promoção do desenvolvimento econômico e social de grupos sociais e/ou a distribuição de renda. A Empresa Beta foi escolhida como uma das instituições pesquisadas em virtude de ter empreendido, ao longo dos últimos anos, o Desenvolvimento Regional Sustentável.

A pesquisa dar-se-á em quatro etapas:

- ✓ Na primeira etapa – 14 a 21/05/2007 – serão entrevistados líderes e funcionários que participaram da concepção da metodologia de Desenvolvimento Regional Sustentável, da sua implementação e avaliação. Estamos prevendo a realização de quatro a seis entrevistas, com duração entre quarenta e cinco minutos e uma hora.
- ✓ Na segunda etapa – 31/05 a 8/06/2007 – a partir das entrevistas semi-estruturadas, elaboraremos questionário fechado para ser respondido pelas pessoas envolvidas na concepção da Metodologia de Desenvolvimento Regional Sustentável, sua implementação e avaliação.
- ✓ A terceira etapa – 15 a 21/06/2007 – dar-se-á num empreendimento onde a Metodologia de Desenvolvimento Regional Sustentável foi implementada integralmente. Serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com pessoas que participaram e participam do empreendimento.
- ✓ A quarta etapa – 06 a 19/07/2007 – será realizada por meio de aferição quantitativa, cuja confecção será refinada pelo conteúdo das entrevistas realizadas, com o objetivo de compreender se há relação entre o *ethos* do

¹³² ***ethos* da autoria** – ação com vistas à transformação da realidade onde o indivíduo se posiciona como sujeito da própria realidade e ***ethos* da vitimação** – a ação com vistas à reprodução da realidade onde o indivíduo se posiciona como objeto da própria realidade.

grupo social e o projeto implantado e, se houver, como ocorre essa afinidade.

Todas as informações obtidas serão mantidas dentro do sigilo necessário para preservar a instituição Empresa Beta e todos os envolvidos na pesquisa. No caso da instituição não autorizar a sua identificação, adotaremos nomes fictícios para viabilizar a conclusão dos estudos.

Contamos com o seu apoio, pelo qual antecipadamente agradecemos.

Patricia Rachel Andrioni
Pesquisadora
patricia.rachel@empresabeta.com.br

ANEXO 2 - Carta aos viabilizadores



Brasília (DF), 15.01.2008

Às Equipes DRS Empresa Beta

A pesquisadora Patricia Rachel Andrioni, funcionária da Empresa Beta desde 1994, mestranda em Sociologia pela Universidade de Brasília - UnB, está empreendendo pesquisa que tem como objetivo avaliar se os programas ou projetos econômico-sociais contribuem para o surgimento e/ou a manutenção do *ethos* da autoria ou do *ethos* da vitimação nos grupos sociais onde são implementados.

Para operacionalizar a pesquisa, foram escolhidas três instituições que empreendem projetos cuja finalidade ou meios para atingir sua finalidade incluam a promoção do desenvolvimento econômico e social de grupos sociais e/ou a distribuição de renda. A Empresa Beta foi escolhida como uma das instituições pesquisadas em virtude de ter empreendido, ao longo dos últimos anos, o Desenvolvimento Regional Sustentável.

Os questionários levam em torno de 15 minutos para serem respondidos e peço que eles sejam devolvidos para mim no envelope branco, já endereçado, até o dia 22/01/2008.

Conto com o seu apoio e agradeço antecipadamente.

Patricia Rachel Andrioni
Pesquisadora
patricia.rachel@empresabeta.com.br

ANEXO 3 – Roteiro de entrevista para idealizadores e financiadores de intervenções econômico-sociais

Dados sobre as instituições

1.a Contexto onde a instituição atua

ONG Alfa–

- ✘ Distinguir conceitualmente Terceiro Setor de ONGs
- ✘ histórico e trajetória das ONGs no Brasil
- ✘ Características da competição ou da cooperação (por recursos, por publicidade, por prestígio...) entre as ONGs
- ✘ Marco regulatório do 3º. Setor – ênfase em benefícios fiscais e possibilidade de parceria Estado e instituição
- ✘ Dados sobre ONGs (% de recursos aplicados na área fim e % na área meio)

Empresa Beta –

- ✘ Histórico do envolvimento do mercado com o desenvolvimento econômico-social
- ✘ Características da competição no mercado financeiro – identidade empresarial
- ✘ A responsabilidade socioambiental como diferencial competitivo
- ✘ Dados sobre o investimento desse mercado em projetos econômico-sociais

Estado –

- ✘ Os direitos sociais no Brasil e o papel do Estado na garantia desses direitos
- ✘ Histórico dos programas sociais do Governo X, com ênfase no programa que estamos estudando
- ✘ Histórico das mudanças institucionais da Secretaria de Ação Social – com ênfase no programa que estamos estudando
- ✘ O que o governo se propõe a oferecer – linhas de atuação
- ✘ Dados sobre investimento em projetos-econômico sociais x outros investimentos

1.b Dados institucionais:

- ✓ Histórico da instituição
 - Nome da instituição

- CNPJ
- Fundação
- Principais acontecimentos (na visão dos entrevistados e em dados documentais)
- Quantidade funcionários, voluntários
- ✓ Missão, princípios, crenças e valores
- ✓ Foi criada para quê
- ✓ Estratégia e objetivos de curto, médio e longo prazos
- ✓ Organograma (localizar a área responsável pela concepção e pela implementação dos projetos econômico-sociais)
- ✓ Mercado em que atua
- ✓ Parceiros e financiadores
- ✓ Principais concorrentes
- ✓ Projetos implantados (onde, quando, quantas pessoas envolvidas, se têm notícias dos resultados) e trabalhos apoiados

1.c Identificação dos componentes dos projetos econômico-sociais e de suas composições – roteiro de entrevista para os **líderes formais** das instituições pesquisadas:

Componentes do projeto econômico-social	Perguntas
Concepção do projeto econômico-social	Quais são os projetos econômico-sociais concebidos pela instituição? Como se dá a concepção dos projetos (como surgiram? A partir de onde veio a demanda: de uma idéia, de uma obrigação legal, de uma motivação negocial?) Pessoas que conceberam e formataram o projeto Pessoas ou instituições que foram envolvidas na concepção Pedir o nome de pessoas da equipe e quantas se envolveram na concepção e na formatação do projeto
Critérios para definição de público-alvo	Quem é o público-alvo, quais características econômicas, sociais, pessoais desse público Como foi definido? Por que foi definido esse público e não outro? Por quem foi definido?
Concepção de como é o público a que se destina o projeto social	E como são essas pessoas que são público-alvo do projeto: empregadas, desempregadas, empreendedoras, acomodadas, lutadoras, coitadas.... Como elas vivem?

Componentes do projeto econômico-social	Perguntas
	O que elas fazem?
Atitude requerida por parte do público a que se destina	Quais as contrapartidas que vocês esperam do público-alvo? Como vocês esperam que eles reajam ao projeto? Como vocês comprovam se as contrapartidas estão sendo atendidas?
Abordagem inicial do público	Quem fez o contato com a comunidade? Qual é o conteúdo desse contato, quantos contatos são feitos até que o projeto seja implantado? Onde e como se deu o contato com o público? Qual a participação da pessoa que fez o contato na concepção do projeto? Que informações são coletadas e observadas nesses contatos? O que é mais importante nesses contatos?
O método de envolvimento do público	Como se dá a operacionalização do projeto? Quais são os agentes envolvidos na operacionalização dos projetos? Quais são os papéis desempenhados pelo público-alvo e pelos representantes da instituição? O que mais é feito na implantação do projeto?
A construção da <u>legitimidade</u> e da manutenção do projeto	Quais são os fatores mais relevantes para que a comunidade se envolva no projeto? Por que as pessoas da comunidade “compram” a idéia? Como se consegue o apoio/adesão do grupo social? Como vocês lidam com as organizações já existentes na comunidade? Existem problemas? Se existem, como são contornados? Quem toma as decisões que afetarão a comunidade? O projeto pode ser suspenso? Por quais razões?
Estímulo para a participação no projeto	Como é a resposta do grupo ao projeto? Como foi pensada a sua participação? De que forma essa participação acontece? Quais ações caracterizam a participação? Como se pode viabilizar o projeto mesmo sem participação da comunidade?
Critérios para aporte de recursos econômicos e financeiros	Quais tipos de apoio são prestados pelo projeto à comunidade? Quais são os critérios exigidos para que seja feito o aporte de recursos econômicos e financeiros?
Resultados esperados	O que vocês esperam como resultados dos projetos que vocês implantam?

Componentes do projeto econômico-social	Perguntas
	Como vocês medem se esses resultados foram alcançados?
Identificação de comunidades	Em que locais vocês já implantaram o projeto ou programa? Quais locais você indicaria para que pudéssemos conhecer o projeto? Por quê?
O sentido da ação – racionalidade do indivíduo	(nome da pessoa) e você, fale um pouco da sua história... Desde quando você trabalha com projetos econômico-sociais... Como que aconteceu de você trabalhar nessa área... O que mais lhe dá prazer e o que mais lhe entristece... Se você pudesse mudar alguma coisa, o que mudaria... Quais as vantagens de se trabalhar com projetos econômico-sociais... o que você “ganha” com isso...e, o que você perde

1.c Entrevistas individuais, com os “**implantadores**” dos projetos

1.d Entrevistas individuais, com os “**executores**” dos projetos

1.e Entrevistas individuais, com os “**avaliadores**” dos projetos

ANEXO 4 – Roteiro de entrevista para os grupos sociais

Orientações para a coleta e registro de dados

1.a Dados institucionais:

- ✓ Histórico da instituição
 - Nome da instituição
 - CNPJ
 - Fundação
 - Principais acontecimentos (na visão dos entrevistados e em dados documentais)
 - Quantidade funcionários, voluntários
- ✓ Missão, princípios, crenças e valores
- ✓ Foi criada para quê
- ✓ Estratégia e objetivos de curto, médio e longo prazos
- ✓ Organograma (localizar a área responsável pela concepção e pela implementação dos projetos econômico-sociais)
- ✓ Mercado em que atua
- ✓ Parceiros e financiadores
- ✓ Principais concorrentes
- ✓ Projetos implantados (onde, quando, quantas pessoas envolvidas, se têm notícias dos resultados) e trabalhos apoiados

1.a Dados sobre o ambiente onde o grupo social está inserido (Fonte: RIBEIRO, Ana Clara Torres. Intervenções urbanas, democracia e oportunidade: dois estudos de caso. Rio de Janeiro: FASE, 2000)

Localização: nome do estado, da cidade, bairro, loteamento, assentamento ou núcleo onde se localiza a instituição (inclusive mapas)	
Histórico da área (se for possível, caracterizar a história por períodos): tempo de existência, propriedade da terra, forma de produção da habitação	
Volume da população e sua distribuição espacial na área escolhida	
Relatar a origem dos integrantes do grupo social (locais, religião, etnias...)	
Condições sociais (convivência, lazer, reuniões, critérios de participação) e econômicas (acesso a dinheiro, posses ou acesso ao uso, etc)	

Carências e abundâncias urbanas – habitação, escola, transporte, serviços....	
Histórico da mobilização/organização do grupo social (incluir contexto, motivações e problemas enfrentados).	
Principais obstáculos ao processo de organização e participação (inclusive concentração do poder)	
Principais apoios e estímulos ao processo de organização e participação	

1.b Dados sobre o grupo social:

<u>Informações que devem ser coletadas</u>	<u>Preencher com as informações</u>
Nome da instituição	
Endereço completo (objetivo é poder mandar correspondência)	
Data da Fundação	
CNPJ	
Nome do líder ou presidente atual	
Nome dos líderes ou presidentes desde a fundação e período que ficaram à frente da associação	
Principais acontecimentos (na visão dos entrevistados e em dados documentais)	
Quantidade total de associados e	
Quantidade total de pessoas que participam ativamente da associação	
Quantidade de voluntários que ajudam a associação	
Histórico da instituição (para quê, por quem e como foi criada)	
Missão, princípios, crenças e valores	
Estratégia e objetivos de curto, médio e longo prazos	
Organograma (localizar a área responsável pela concepção e pela implementação dos projetos econômico-sociais)	
Área de atuação	
Parceiros e financiadores (nome e descrição das Instituições que apóiam o grupo social e de quais são as formas de apoio)	
Principais concorrentes/ameaças	
Projetos implantados (onde, quando, quantas pessoas envolvidas, se têm notícias dos	

resultados) e trabalhos apoiados

1.c Entrevista com lideranças, participantes ativos e pouco ativos (Ora copiado e ora adaptado de: RIBEIRO, Ana Clara Torres. Intervenções urbanas, democracia e oportunidade: dois estudos de caso. Rio de Janeiro: FASE, 2000)

Questões	Síntese das respostas
<u>Variáveis de identificação:</u>	
▪ Nome completo	
▪ Apelido	
▪ Sexo	
▪ Naturalidade	
▪ Escolaridade	
▪ Profissão	
▪ Ocupação	
▪ Estrutura familiar	
<u>Histórico no grupo social</u>	
▪ Há quanto tempo o entrevistado participa no grupo social. Avaliação da própria participação	
▪ Razões da sua participação no grupo social. O que a pessoa ganha e o que ela perde por participar do grupo e/ou da liderança do grupo.	
▪ Percepção da área, dos moradores e das suas necessidades e potencialidades	
▪ Redes de relacionamento de que faz parte (igreja, mulheres, pescadores...)	
▪ Como se dá a participação do entrevistado no dia-a-dia do grupo social e quais responsabilidades assumiu	
▪ Quais são as motivações pessoais	
▪ Como é viabilizada a participação das pessoas no grupo social e como se dá essa participação	
▪ Resultados alcançados	
▪ Você pode confiar em todas as pessoas do grupo? Por quê?	
▪ Resultados esperados	
▪ Tristezas e alegrias	
▪ sonhos “para o futuro”	
<u>Histórico da “intervenção” do projeto econômico-social</u>	
▪ Como era o grupo antes do projeto ser implantado	

Questões	Síntese das respostas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que aconteceu com o grupo desde que foi feita a parceria com a Empresa Beta/ONG Alfa/Projeto do Governo 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ o que vocês precisaram fazer para participar dos projetos da Empresa Beta/ONG Alfa/Projeto do Governo 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ o que você sabe sobre a Empresa Beta/ONG Alfa/Projeto do Governo. O que você gostaria de saber e não sabe. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ o que aprendeu desde a implantação do projeto econômico social 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ o que ensinou e, para quem ensinou 	
<p>Histórico da área onde o grupo social se localiza geograficamente</p>	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ nível de interesse por ações coletivas e formas concretas de manifestação desse interesse 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ oscilações no processo de participação e suas causas. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quais são as condições determinantes para a mobilização social. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que atrapalha a mobilização social 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ As pessoas confiam umas nas outras. Solicite exemplos de ajudas entre pessoas da comunidade que extrapolaram o círculo familiar próximo. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que as pessoas costumam falar umas das outras. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ As pessoas ajudam umas às outras. Pedir exemplos. 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que torna possível a existência desse grupo social 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que o grupo social conquistou. O que falta conquistar. Depois disso, o que garantirá a manutenção do grupo social 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que é feito (metodologias) para promover a organização, a mobilização e o envolvimento das pessoas com o grupo social 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Experiências anteriores de organização 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Estruturas familiares predominantes (chefia feminina, crianças cuidadas por avós, jovens, velhos) 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Fontes de renda das famílias (incluindo ajudas do governo e da sociedade civil – cestas, pão, leite...) 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Observações com relação à família e a capacidade de organização social da comunidade 	
<p>A liderança</p>	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual o papel da liderança no grupo social 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Como nasce um líder 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Seus comentários sobre a liderança e a mobilização social 	

Questões	Síntese das respostas
<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que é um movimento social 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Você se considera integrante de um movimento social? Por quê? 	
<p><u>Expectativas com relação à pesquisa</u></p>	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tipo de conhecimento esperado 	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conhecimento dos resultados 	

ANEXO 5

Pesquisa para identificação da situação econômica e do engajamento social dos integrantes tanto das instituições quanto dos grupos sociais pesquisados

Bom-dia!

Esta coleta de informações não identifica os respondentes e contribuirá muito para a realização de um estudo a respeito das relações entre os trabalhos desenvolvidos por empresas e organizações não-governamentais - ONGs e a cultura dos lugares onde esses trabalhos são aplicados. Você levará em torno de 15 minutos para responder esta pesquisa.

Conto com o seu apoio e agradeço antecipadamente.

Patricia Rachel Andrioni

patricia.rachel@uol.com.br

Por favor, preencha a informação solicitada ou assinale com um X na opção mais adequada à sua realidade atual

1 Sua idade: _____ anos

2 Sexo:

Feminino Masculino

3 Estado civil:

Casado(a) Solteiro(a) Divorciado(a) Separado(a) Viúvo(a) União estável

4 Você mora numa área:

urbana rural

5 Escolaridade:

ensino fundamental ensino médio ensino superior curso técnico especialização mestrado doutorado outro

6 Você tem filhos?

Sim Não

Se a sua resposta foi Não, pode ir direto para a questão número 9

7 Quantos filhos você tem: _____

8 Quanto tempo diário você dedica ao(s) seu(s) filho(s)?

menos de 1 hora 1 hora 2 horas 3 horas 4 horas 5 horas mais de 5 horas

9 Qual é a renda mensal proveniente do trabalho da família?

R\$ _____, ____ (soma da renda das pessoas que moram na mesma casa)

10 Você é beneficiário de algum programa de transferência de renda do Governo (Governo Federal, Estado ou Município)?

Sim Não

11 Você recebe cesta básica ou algum tipo de auxílio alimentação?

Sim Não

12 Você trabalha fora de casa?

Sim Não

Se a sua resposta foi Não, pode ir direto para a questão número 19

13 Quantos dias por semana você trabalha fora de casa?

7 dias 6 dias 5 dias 4 dias 3 dias 2 dias 1 dia às vezes, sem dias certos

14 Quantas horas por dia?

mais de 8 horas 8 horas 7 horas 6 horas 5 horas 4 horas 3 horas 2 horas 1 hora

15 Quanto tempo você demora para chegar no seu trabalho?

menos de 1 hora 1 hora 1 hora e meia 2 horas 2 horas e meia 3 horas mais de 3 horas

16 Quais meios de transporte você usa para ir ao trabalho?

ônibus metrô trem carro próprio carona van moto bicicleta vou a pé outros

17 Quanto tempo você demora para voltar do seu trabalho para casa?

menos de 1 hora 1 hora 1 hora e meia 2 horas 2 horas e meia 3 horas mais de 3 horas

18 Quais meios de transporte você usa para voltar do trabalho?

ônibus metrô trem carro próprio carona van moto bicicleta volto a pé outros

19 Tem carteira assinada?

Sim Não

20 Quanto tempo diário você dedica ao trabalho doméstico na sua própria casa (limpar a casa, lavar roupa, passar roupa, fazer comida, etc)?

nenhum mais de 8 horas 7 horas 6 horas 5 horas 4 horas 3 horas 2 horas 1 hora

21 Quanto tempo diário você dedica aos estudos?

nenhum 8 horas 7 horas 6 horas 5 horas 4 horas 3 horas 2 horas 1 hora

22 Quanto tempo diário você dedica aos vizinhos?

Nenhum menos de 1 hora 1 hora 2 horas 3 horas 4 horas 5 horas mais de 5 horas

23 Você dorme quantas horas?

8 horas 7 horas 6 horas 5 horas 4 horas 3 horas 2 horas 1 hora mais de 8 horas

24 No mês, quanto tempo você dedica à leitura?

nenhum menos de 1 hora 1 hora 2 horas 3 horas 4 horas 5 horas mais de 5 horas

25 No mês, quanto tempo você dedica à diversão?

nenhum menos de 1 hora 1 hora 2 horas 3 horas 4 horas 5 horas mais de 5 horas

26 No mês, quanto tempo você dedica à televisão?

nenhum menos de 1 hora 1 hora 2 horas 3 horas 4 horas 5 horas mais de 5 horas

27 Você participa de alguma organização comunitária (associação do bairro, condomínio, cooperativa, etc)?

Sim Não

Se a sua resposta foi Não, pode ir direto para a questão número 30.

28 Na organização comunitária, você exerce função formal de liderança?

Sim Não

29 Na organização comunitária, você exerce função informal de liderança?

Sim Não

30 Você atua como voluntário ou participa de alguma organização não-governamental - ONG?

Sim Não

Se a sua resposta foi Sim, por favor, escreva o nome do local onde atua como voluntário ou o nome da ONG: _____

Se a sua resposta foi Não, pode ir para a questão número 33, após ler o texto introdutório.

31 Na ONG, você exerce função formal de liderança?

Sim Não

32 Na ONG, você exerce função informal de liderança?

Sim Não

ANEXO 6

Pesquisa quantitativa com o objetivo de identificar o “lugar” ocupado predominantemente pelos integrantes dos grupos sociais pesquisados em relação ao contínuo Ethos da Autoria e Ethos da Vitimação e sua percepção à respeito do impacto que os projetos econômico-sociais têm sobre o grupo social

Agora, peço a você para marcar um círculo ao redor do número que representa seu nível de concordância ou discordância em relação às afirmações abaixo. A intenção é conhecer um pouco mais sobre a dinâmica social da sua comunidade.

Os números da escala significam:

1= discordo totalmente

2= discordo parcialmente

3= não tenho opinião a respeito

4= concordo parcialmente

5= concordo totalmente

33. Nossa comunidade é organizada

1-----2-----3-----4-----5

34. Aqui onde eu moro as pessoas participam de ações coletivas

1-----2-----3-----4-----5

35. Eu participo ativamente de ações coletivas

1-----2-----3-----4-----5

36. As ações coletivas têm dado resultados positivos

1-----2-----3-----4-----5

37. As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças

1-----2-----3-----4-----5

38. As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos vizinhos

1-----2-----3-----4-----5

39. As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos políticos

1-----2-----3-----4-----5

-
40. As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelas ONGs
1-----2-----3-----4-----5
-
41. As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pela Igreja
1-----2-----3-----4-----5
-
42. As pessoas que cobram mais atitude das pessoas da comunidade são bem vistas pelos vizinhos
1-----2-----3-----4-----5
-
43. As ações coletivas que existem aqui onde eu moro não funcionam como deveriam funcionar
1-----2-----3-----4-----5
-
44. Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde eu moro
1-----2-----3-----4-----5
-
45. Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas
1-----2-----3-----4-----5
-
46. Participar de ações coletivas não adianta nada
1-----2-----3-----4-----5
-
47. Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas
1-----2-----3-----4-----5
-
48. O progresso da comunidade depende da boa vontade dos políticos
1-----2-----3-----4-----5
-
49. Cumpro com os meus deveres de cidadão
1-----2-----3-----4-----5
-
50. Eu luto para que os meus direitos de cidadão sejam respeitados
1-----2-----3-----4-----5
-
51. Eu conheço os meus vizinhos pelo nome
1-----2-----3-----4-----5
-
52. Eu sei quais são os problemas e as dificuldades que os meus vizinhos enfrentam
1-----2-----3-----4-----5
-
53. Eu sei o que meus vizinhos sonham para o futuro deles
1-----2-----3-----4-----5
-

-
54. Estou sempre atualizado sobre o que acontece na minha comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
55. Na comunidade onde moro temos apoio de organizações não-governamentais
1-----2-----3-----4-----5
-
56. Na comunidade onde moro temos apoio de empresas
1-----2-----3-----4-----5
-
57. A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das ONGs que nos apoiam
1-----2-----3-----4-----5
-
58. A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das empresas que nos apoiam
1-----2-----3-----4-----5
-
59. As ONGs têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas
1-----2-----3-----4-----5
-
60. As empresas têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas
1-----2-----3-----4-----5
-
61. As ONGs fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
62. As empresas fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
63. O dinheiro fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
64. As pessoas da comunidade são as protagonistas dos projetos propostos pelas ONGs
1-----2-----3-----4-----5
-
65. Se não fosse a ajuda das empresas e das ONGs a gente tinha se revoltado
1-----2-----3-----4-----5
-
66. Lideranças da própria comunidade têm mais poder de mobilização do que lideranças que vêm de fora da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
67. Muitas pessoas desejam ser líderes da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-

-
68. Muitas pessoas estão prontas para serem líderes da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
69. Na comunidade onde eu moro as pessoas ajudam umas às outras
1-----2-----3-----4-----5
-
70. Na comunidade onde eu moro as pessoas são honestas
1-----2-----3-----4-----5
-
71. Na comunidade onde eu moro as pessoas fazem de tudo para conseguirem favores políticos
1-----2-----3-----4-----5
-
72. Quanto mais organizada é uma comunidade mais felizes são as pessoas que vivem nela
1-----2-----3-----4-----5
-
73. Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo
1-----2-----3-----4-----5
-

ANEXO 7

Pesquisa quantitativa com o objetivo de identificar a “posição” do projeto econômico-social no contínuo projeto impulsor e projeto confortador

Agora, peço a você para marcar um círculo ao redor do número que representa seu nível de concordância ou discordância em relação às afirmações abaixo. A intenção é conhecer um pouco mais sobre as premissas e os métodos que são utilizados pelo Banco do Brasil/Gerência de Desenvolvimento Regional Sustentável para empreender um plano de negócios DRS.

Os números da escala significam:

1= discordo totalmente

2= discordo parcialmente

3= não tenho opinião a respeito

4= concordo parcialmente

5= concordo totalmente

33. A implantação de um plano de negócios pode ser considerada uma espécie de intervenção social

1-----2-----3-----4-----5

34. As pessoas da comunidade são as protagonistas dos planos de negócio DRS

1-----2-----3-----4-----5

35. A comunidade tem acesso a todas as informações que envolvem os planos de negócios (nomes e telefones de parceiros, compradores e fornecedores, orçamentos, técnicos, etc)

1-----2-----3-----4-----5

36. Uma das premissas do nosso trabalho é que as comunidades envolvidas devem participar de todas as fases do plano de negócios

1-----2-----3-----4-----5

37. Nós só atuamos em locais com capital social desenvolvido

1-----2-----3-----4-----5

38. Nós só atuamos onde existem atividades econômicas que podem ser desenvolvidas

1-----2-----3-----4-----5

39. Quando o capital social de uma comunidade é desenvolvido o plano de negócios tem resultados mais rápidos

1-----2-----3-----4-----5

-
40. A implantação de um plano de negócios numa comunidade ajuda a desenvolver o capital social
1-----2-----3-----4-----5
-
41. O capital social afeta o desenvolvimento dos planos de negócios
1-----2-----3-----4-----5
-
42. Quanto menor o capital social maior é a necessidade de pessoas de fora da comunidade se envolverem na implementação do plano de negócios
1-----2-----3-----4-----5
-
43. O capital social é imprescindível para que a comunidade tenha êxito no seu projeto de desenvolvimento econômico
1-----2-----3-----4-----5
-
44. As pessoas mais pobres têm condições de assumir a liderança do plano de negócios
1-----2-----3-----4-----5
-
45. O capital social pode ser construído
1-----2-----3-----4-----5
-
46. Lideranças das próprias comunidades têm mais poder de mobilização do que lideranças que vêm de fora da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
47. Nós conhecemos pessoalmente as lideranças das comunidades onde são implantados os planos de negócio
1-----2-----3-----4-----5
-
48. Nós conhecemos pessoalmente as comunidades onde implantamos planos de negócios
1-----2-----3-----4-----5
-
49. A formação de parcerias é responsável por grande parte do trabalho de implantação de um plano de negócios
1-----2-----3-----4-----5
-
50. Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas daquela comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
51. As pessoas percebem que a mobilização social pode melhorar a realidade delas
1-----2-----3-----4-----5
-
52. Certas comunidades não têm capacidade de assumir a responsabilidade por um plano de negócios
1-----2-----3-----4-----5
-
53. A capacitação das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos
1-----2-----3-----4-----5
-

-
54. O tratamento da saúde das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos
1-----2-----3-----4-----5
-
55. A interação com as comunidades onde os planos de negócios são implantados é um fator determinante para o sucesso dos investimentos
1-----2-----3-----4-----5
-
56. É justamente essa interação que ajuda na calibragem das ações e investimentos que deverão constar do plano de negócios
1-----2-----3-----4-----5
-
57. A implantação de um plano de negócios afeta a cultura cívica da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
58. A implantação de um plano de negócios fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade
1-----2-----3-----4-----5
-
59. Investir no desenvolvimento regional sustentável é um negócio rentável
1-----2-----3-----4-----5
-
60. Ser percebida como uma empresa social e ambientalmente responsável contribui para o aumento dos lucros da Empresa Beta
1-----2-----3-----4-----5
-

ANEXO 8

**Frequência do censo da Cooperativa de Assentados e da Pesquisa junto aos
estrategistas e viabilizadores da Empresa Beta**

Idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	22 a 31	7	10,3	10,3	10,3
	32 a 41	14	20,6	20,6	30,9
	Acima de 41	47	69,1	69,1	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	27	39,7	39,7	39,7
	Masculino	41	60,3	60,3	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Estado civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Casado	46	67,6	67,6	67,6
	Solteiro	11	16,2	16,2	83,8
	Divorciado	4	5,9	5,9	89,7
	Separado	1	1,5	1,5	91,2
	Viúvo	1	1,5	1,5	92,6
	União estável	5	7,4	7,4	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Mora em área urbana ou rural

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Urbana	68	100,0	100,0	100,0

Escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Médio	5	7,4	7,5	7,5
	Superior	14	20,6	20,9	28,4
	Especialização	40	58,8	59,7	88,1
	Mestrado	7	10,3	10,4	98,5
	Outro	1	1,5	1,5	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	30	1	1,5		
Total		68	100,0		

Vc tem filhos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	53	77,9	77,9	77,9
	Não	15	22,1	22,1	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Número de filhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	10	14,7	14,7	14,7
	2	21	30,9	30,9	45,6

Tempo dedicado aos filhos (horas/dia)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	10	14,7	19,2	19,2
	2 horas	14	20,6	26,9	46,2
	3 horas	12	17,6	23,1	69,2
	4 horas	5	7,4	9,6	78,8
	5 horas	1	1,5	1,9	80,8
	> 5 horas	3	4,4	5,8	86,5
	< 1 hora	7	10,3	13,5	100,0
	Total	52	76,5	100,0	
Missing	Não se aplica	16	23,5		
Total		68	100,0		

Renda Mensal da Família

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Até R\$ 415	1	1,5	1,5	1,5
	Entre R\$ 1661 e R\$ 3320	7	10,3	10,3	11,8
	Acima de R\$ 3320	60	88,2	88,2	100,0
Total		68	100,0	100,0	

Beneficiário de programa de transferência de renda?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	68	100,0	100,0	100,0

Recebe auxílio alimentação?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	20	29,4	30,3	30,3
	Não	48	67,6	69,7	100,0
	Total	68	97,1	100,0	
Missing	0	2	2,9		
Total		68	100,0		

Trabalha fora de casa?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	66	97,1	97,1	97,1
	Não	2	2,9	2,9	100,0
Total		68	100,0	100,0	

Qtos dias por semana trabalha fora de casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	5 dias	65	95,6	98,5	98,5
	6 dias	1	1,5	1,5	100,0
	Total	66	97,1	100,0	
Missing	30	2	2,9		
Total		68	100,0		

Trabalha qtas horas por dia?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	8 horas	39	57,4	59,1	59,1
	> 8 horas	27	39,7	40,9	100,0
	Total	66	97,1	100,0	
Missing	0	2	2,9		
Total		68	100,0		

Tempo que demora para chegar ao trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	10	14,7	14,9	14,9
	< 1 hora	55	80,9	82,1	97,0
	1h30	2	2,9	3,0	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
Total		68	100,0		

Meio de transporte para ir ao trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ônibus	9	13,2	13,4	13,4
	Metrô	7	10,3	10,4	23,9
	Carro	44	64,7	65,7	89,6
	Van	1	1,5	1,5	91,0
	A pé	6	8,8	9,0	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	30	1	1,5		
Total		68	100,0		

Tempo que demora para voltar do trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	10	14,7	14,9	14,9
	< 1 hora	55	80,9	82,1	97,0
	1h30	2	2,9	3,0	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	Não respondida	1	1,5		
Total		68	100,0		

Meio de transporte para voltar do trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ônibus	8	11,8	11,9	11,9
	Metrô	8	11,8	11,9	23,9
	Carro	44	64,7	65,7	89,6
	Van	1	1,5	1,5	91,0
	A pé	6	8,8	9,0	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	30	1	1,5		
Total		68	100,0		

Carteira assinada?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	67	98,5	98,5	98,5
	Não	1	1,5	1,5	100,0
Total		68	100,0	100,0	

Tempo diário dedicado ao trabalho doméstico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	28	41,2	41,2	41,2
	2 horas	8	11,8	11,8	52,9
	3 horas	1	1,5	1,5	54,4
	Nenhum	31	45,6	45,6	100,0
Total		68	100,0	100,0	

Tempo diário dedicado aos estudos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	29	42,6	42,6	42,6
	2 horas	20	29,4	29,4	72,1
	3 horas	2	2,9	2,9	75,0
	4 horas	3	4,4	4,4	79,4
	Nenhum	14	20,6	20,6	100,0
Total		68	100,0	100,0	

Tempo diário dedicado aos vizinhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	< 1 hora	19	27,9	28,4	28,4
	Nenhum	48	70,6	71,6	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
Total		68	100,0		

Qtas horas vc dorme?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	4 horas	2	2,9	2,9	2,9
	5 horas	6	8,8	8,8	11,8
	6 horas	21	30,9	30,9	42,6
	7 horas	24	35,3	35,3	77,9
	8 horas	15	22,1	22,1	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

No mês, tempo dedicado à leitura

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	2	2,9	2,9	2,9
	2 horas	1	1,5	1,5	4,4
	3 horas	4	5,9	5,9	10,3
	4 horas	4	5,9	5,9	16,2
	5 horas	4	5,9	5,9	22,1
	> 5 horas	45	66,2	66,2	88,2
	< 1 hora	7	10,3	10,3	98,5
	Nenhum	1	1,5	1,5	100,0
Total	68	100,0	100,0		

No mês, tempo dedicado à diversão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	4	5,9	5,9	5,9
	2 horas	1	1,5	1,5	7,4
	3 horas	2	2,9	2,9	10,3
	4 horas	6	8,8	8,8	19,1
	5 horas	1	1,5	1,5	20,6
	> 5 horas	51	75,0	75,0	95,6
	< 1 hora	1	1,5	1,5	97,1
	Nenhum	2	2,9	2,9	100,0
Total	68	100,0	100,0		

No mês, tempo dedicado à televisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	1	1,5	1,5	1,5
	2 horas	2	2,9	3,0	4,5
	3 horas	3	4,4	4,5	9,0
	4 horas	3	4,4	4,5	13,4
	5 horas	4	5,9	6,0	19,4
	> 5 horas	49	72,1	73,1	92,5
	< 1 hora	3	4,4	4,5	97,0
	Nenhum	2	2,9	3,0	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
Total	68	100,0			

Participa de alguma organização comunitária?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	19	27,9	27,9	27,9
	Não	49	72,1	72,1	100,0
Total		68	100,0	100,0	

Na organização comunitária, vc exerce função formal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	8	8,8	31,6	31,6
	Não	13	19,1	68,4	100,0
	Total	19	27,9	100,0	
Missing	20	49	72,1		
Total		68	100,0		

Na organização comunitária, vc exerce função informal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	9	13,2	47,4	47,4
	Não	10	14,7	52,6	100,0
	Total	19	27,9	100,0	
Missing	20	49	72,1		
Total		68	100,0		

Vc atua como voluntário ou participa de alguma ONG?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	12	17,6	17,9	17,9
	Não	55	80,9	82,1	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	30	1	1,5		
Total		68	100,0		

Na ONG, vc exerce função formal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	11	16,2	100,0	100,0
Missing	20	55	80,9		
	30	2	2,9		
	Total	57	83,8		
Total		68	100,0		

Na ONG, vc exerce função informal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	2	2,9	20,0	20,0
	Não	8	11,8	80,0	100,0
	Total	10	14,7	100,0	
Missing	20	55	80,9		
	30	3	4,4		
	Total	58	85,3		
Total		68	100,0		

A implantação de um plano de negócios pode ser considerada uma espécie de intervenção social

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo totalmente	3	4,4	4,4	4,4
	Disoordo parcialmente	1	1,5	1,5	5,9
	Não tenho opinião	2	2,9	2,9	8,8
	Concordo parcialmente	20	29,4	29,4	38,2
	Concordo totalmente	42	61,8	61,8	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

As pessoas da comunidade são as protagonistas dos planos de negócio DRS

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo parcialmente	4	5,9	5,9	5,9
	Não tenho opinião	4	5,9	5,9	11,8
	Concordo parcialmente	31	45,6	45,6	57,4
	Concordo totalmente	29	42,6	42,6	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

A comunidade tem acesso a todas as informações que envolvem os planos de negócios (nomes e telefones de parceiros, compradores e fornecedores, orçamentos, técnicos, etc)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo totalmente	2	2,9	2,9	2,9
	Disoordo parcialmente	11	16,2	16,2	19,1
	Não tenho opinião	19	27,9	27,9	47,1
	Concordo parcialmente	24	35,3	35,3	82,4
	Concordo totalmente	12	17,6	17,6	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Uma das premissas do nosso trabalho é que as comunidades envolvidas devem participar de todas as fases do plano de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	3	4,4	4,4	4,4
	Concordo parcialmente	12	17,6	17,6	22,1
	Concordo totalmente	53	77,9	77,9	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Nós só atuamos em locais com capital social desenvolvido

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo totalmente	30	44,1	44,1	44,1
	Disoordo parcialmente	24	35,3	35,3	79,4
	Não tenho opinião	12	17,6	17,6	97,1
	Concordo parcialmente	1	1,5	1,5	98,5
	Concordo totalmente	1	1,5	1,5	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Nós só atuamos onde existem atividades econômicas que podem ser desenvolvidas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	1,5	1,5	1,5
	Disordo parcialmente	7	10,3	10,4	11,9
	Não tenho opinião	6	8,8	9,0	20,9
	Concordo parcialmente	16	23,5	23,9	44,8
	Concordo totalmente	37	54,4	55,2	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
	Total	68	100,0		

Quando o capital social de uma comunidade é desenvolvido o plano de negócios tem resultados mais rápidos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	1,5	1,5	1,5
	Concordo parcialmente	15	22,1	22,4	23,9
	Concordo totalmente	51	75,0	78,1	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
	Total	68	100,0		

A implantação de um plano de negócios numa comunidade ajuda a desenvolver o capital social

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	4	5,9	6,0	6,0
	Concordo parcialmente	18	26,5	26,9	32,8
	Concordo totalmente	45	66,2	67,2	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
	Total	68	100,0		

O capital social afeta o desenvolvimento dos planos de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	1,5	1,5	1,5
	Não tenho opinião	2	2,9	3,0	4,5
	Concordo parcialmente	20	29,4	29,9	34,3
	Concordo totalmente	44	64,7	65,7	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
	Total	68	100,0		

Quanto menor o capital social maior é a necessidade de pessoas de fora da comunidade se envolverem na implementação do plano de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo parcialmente	4	5,9	6,0	6,0
	Não tenho opinião	6	8,8	9,0	14,9
	Concordo parcialmente	27	39,7	40,3	55,2
	Concordo totalmente	30	44,1	44,8	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
	Total	68	100,0		

O capital social é imprescindível para que a comunidade tenha êxito no seu projeto de desenvolvimento econômico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	2	2,9	3,0	3,0
	Não tenho opinião	3	4,4	4,5	7,5
	Concordo parcialmente	26	38,2	38,9	46,3
	Concordo totalmente	36	52,9	53,7	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
Total		68	100,0		

As pessoas mais pobres têm condições de assumir a liderança do plano de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	4	5,9	5,9	5,9
	Não tenho opinião	12	17,6	17,6	23,5
	Concordo parcialmente	20	29,4	29,4	52,9
	Concordo totalmente	32	47,1	47,1	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

O capital social pode ser construído

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	1	1,5	1,5	1,5
	Não tenho opinião	2	2,9	3,0	4,5
	Concordo parcialmente	18	26,5	28,9	31,3
	Concordo totalmente	46	67,6	68,7	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
Total		68	100,0		

Lideranças das próprias comunidades têm mais poder de mobilização do que lideranças que vêm de fora da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	1	1,5	1,5	1,5
	Discordo parcialmente	1	1,5	1,5	2,9
	Não tenho opinião	6	8,8	8,8	11,8
	Concordo parcialmente	16	23,5	23,5	35,3
	Concordo totalmente	44	64,7	64,7	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Nós conhecemos pessoalmente as lideranças das comunidades onde são implantados os planos de negócio

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	5	7,4	7,7	7,7
	Discordo parcialmente	2	2,9	3,1	10,8
	Não tenho opinião	15	22,1	23,1	33,8
	Concordo parcialmente	29	42,6	44,6	78,5
	Concordo totalmente	14	20,6	21,5	100,0
	Total	65	95,6	100,0	
Missing	0	3	4,4		
Total		68	100,0		

Nós conhecemos pessoalmente as comunidades onde implantamos planos de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo totalmente	4	5,9	6,1	6,1
	Disoordo parcialmente	5	7,4	7,8	13,6
	Não tenho opinião	15	22,1	22,7	36,4
	Concordo parcialmente	24	35,3	38,4	72,7
	Concordo totalmente	18	26,5	27,3	100,0
	Total	68	97,1	100,0	
Missing	0	2	2,9		
Total		68	100,0		

A formação de parcerias é responsável por grande parte do trabalho de implantação de um plano de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	2	2,9	3,0	3,0
	Concordo parcialmente	15	22,1	22,4	25,4
	Concordo totalmente	50	73,5	74,8	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
Total		68	100,0		

Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequencia da união das próprias pessoas daquela comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo parcialmente	1	1,5	1,5	1,5
	Não tenho opinião	6	8,8	9,0	10,4
	Concordo parcialmente	20	29,4	29,9	40,3
	Concordo totalmente	40	58,8	59,7	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
Total		68	100,0		

As pessoas percebem que a mobilização social pode melhorar a realidade delas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo parcialmente	3	4,4	4,4	4,4
	Não tenho opinião	10	14,7	14,7	19,1
	Concordo parcialmente	30	44,1	44,1	63,2
	Concordo totalmente	25	36,8	36,8	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Certas comunidades não têm capacidade de assumir a responsabilidade por um plano de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disoordo totalmente	2	2,9	2,9	2,9
	Disoordo parcialmente	14	20,6	20,6	23,5
	Não tenho opinião	12	17,6	17,6	41,2
	Concordo parcialmente	29	42,6	42,6	83,8
	Concordo totalmente	11	16,2	16,2	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

A capacitação das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	1	1,5	1,5	1,5
	Não tenho opinião	3	4,4	4,4	5,9
	Concordo parcialmente	13	19,1	19,1	25,0
	Concordo totalmente	51	75,0	75,0	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

O tratamento da saúde das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	2	2,9	3,0	3,0
	Não tenho opinião	4	5,9	6,0	9,0
	Concordo parcialmente	28	38,2	38,8	47,8
	Concordo totalmente	35	51,5	52,2	100,0
	Total	67	98,5	100,0	
Missing	0	1	1,5		
	Total	68	100,0		

A interação com as comunidades onde os planos de negócios são implantados é um fator determinante para o sucesso dos investimentos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	2	2,9	2,9	2,9
	Concordo parcialmente	23	33,8	33,8	36,8
	Concordo totalmente	43	63,2	63,2	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

É justamente essa interação que ajuda na calibragem das ações e investimentos que deverão constar do plano de negócios

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	3	4,4	4,4	4,4
	Concordo parcialmente	25	36,8	36,8	41,2
	Concordo totalmente	40	58,8	58,8	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

A implantação de um plano de negócios afeta a cultura cívica da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	4	5,9	5,9	5,9
	Discordo parcialmente	5	7,4	7,4	13,2
	Não tenho opinião	14	20,6	20,6	33,8
	Concordo parcialmente	30	44,1	44,1	77,9
	Concordo totalmente	15	22,1	22,1	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

A implantação de um plano de negócios fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	1	1,5	1,5	1,5
	Não tenho opinião	4	5,9	5,9	7,4
	Concordo parcialmente	28	41,2	41,2	48,5
	Concordo totalmente	35	51,5	51,5	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Investir no desenvolvimento regional sustentável é um negócio rentável

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	1	1,5	1,5	1,5
	Não tenho opinião	8	8,8	8,8	10,3
	Concordo parcialmente	17	25,0	25,0	35,3
	Concordo totalmente	44	64,7	64,7	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Ser percebida como uma empresa social e ambientalmente responsável contribui para o aumento dos lucros do BB

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	4	5,9	5,9	5,9
	Concordo parcialmente	11	16,2	16,2	22,1
	Concordo totalmente	53	77,9	77,9	100,0
	Total	68	100,0	100,0	

Vc tem filhos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	14	58,3	58,3	58,3
	Não	10	41,7	41,7	100,0
Total		24	100,0	100,0	

Número de filhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1	3	12,5	12,5	12,5
	2	4	16,7	16,7	29,2
	3	2	8,3	8,3	37,5
	4 ou mais	15	62,5	62,5	100,0
Total		24	100,0	100,0	

Tempo dedicado aos filhos (horas/dia)

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	3	12,5	21,4	21,4
	2 horas	3	12,5	21,4	42,9
	4 horas	1	4,2	7,1	50,0
	5 horas	1	4,2	7,1	57,1
	> 5 horas	4	16,7	28,6	85,7
	< 1 hora	2	8,3	14,3	100,0
	Total	14	58,3	100,0	
Missing	Não se aplica	10	41,7		
Total		24	100,0		

Renda mensal da família

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Até R\$ 415	12	50,0	50,0	50,0
	Entre R\$ 416 e R\$ 830	9	37,5	37,5	87,5
	Entre R\$ 831 e R\$ 1660	3	12,5	12,5	100,0
Total		24	100,0	100,0	

Beneficiário de programa de transferência de renda?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	4	16,7	17,4	17,4
	Não	19	79,2	82,6	100,0
Total		23	95,8	100,0	
Missing	30	1	4,2		
Total		24	100,0		

Recebe auxílio alimentação?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	2	8,3	8,3	8,3
	Não	22	91,7	91,7	100,0
Total		24	100,0	100,0	

Trabalha fora de casa?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	14	58,3	60,9	60,9
	Não	9	37,5	39,1	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	30	1	4,2		
Total		24	100,0		

Qtos dias por semana trabalha fora de casa

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	2 dias	1	4,2	7,1	7,1
	3 dias	1	4,2	7,1	14,3
	5 dias	9	37,5	64,3	78,6
	6 dias	2	8,3	14,3	92,9
	7 dias	1	4,2	7,1	100,0
	Total	14	58,3	100,0	
Missing	20	8	25,0		
	30	4	16,7		
	Total	10	41,7		
Total		24	100,0		

Trabalha qtas horas por dia?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3 horas	1	4,2	7,7	7,7
	5 horas	2	8,3	15,4	23,1
	6 horas	3	12,5	23,1	48,2
	8 horas	5	20,8	38,5	84,8
	> 8 horas	2	8,3	15,4	100,0
	Total	13	54,2	100,0	
Missing	Não se aplica	6	25,0		
	Não respondida	5	20,8		
	Total	11	45,8		
Total		24	100,0		

Tempo que demora para chegar ao trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	3	12,5	30,0	30,0
	2 horas	1	4,2	10,0	40,0
	< 1 hora	5	20,8	50,0	90,0
	1h30	1	4,2	10,0	100,0
	Total	10	41,7	100,0	
Missing	Não se aplica	6	25,0		
	Não respondida	8	33,3		
	Total	14	58,3		
Total		24	100,0		

Meio de transporte para ir ao trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ônibus	1	4,2	8,3	8,3
	Carro	4	16,7	33,3	41,7
	Bicicleta	2	8,3	16,7	58,3
	A pé	5	20,8	41,7	100,0
	Total	12	50,0	100,0	
Missing	20	6	25,0		
	30	6	25,0		
	Total	12	50,0		
Total		24	100,0		

Tempo que demora para voltar do trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	2	8,3	16,7	16,7
	2 horas	1	4,2	8,3	25,0
	< 1 hora	8	33,3	66,7	91,7
	1h30	1	4,2	8,3	100,0
	Total	12	50,0	100,0	
Missing	Não se aplica	6	25,0		
	Não respondida	6	25,0		
	Total	12	50,0		
Total		24	100,0		

Meio de transporte para voltar do trabalho

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Ônibus	1	4,2	8,3	8,3
	Carro	4	16,7	33,3	41,7
	Bicicleta	2	8,3	16,7	58,3
	A pé	5	20,8	41,7	100,0
	Total	12	50,0	100,0	
Missing	20	6	25,0		
	30	6	25,0		
	Total	12	50,0		
Total		24	100,0		

Carteira assinada?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	3	12,5	12,5	12,5
	Não	21	87,5	87,5	100,0
	Total	24	100,0	100,0	

Tempo diário dedicado ao trabalho doméstico

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	2	8,3	9,1	9,1
	2 horas	2	8,3	9,1	18,2
	4 horas	1	4,2	4,5	22,7
	5 horas	1	4,2	4,5	27,3
	8 horas	3	12,5	13,6	40,9
	> 5 horas	3	12,5	13,6	54,5
	Nenhum	10	41,7	45,5	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	Não respondida	2	8,3		
	Total	24	100,0		

Tempo diário dedicado aos estudos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	8	25,0	25,0	25,0
	2 horas	5	20,8	20,8	45,8
	3 horas	1	4,2	4,2	50,0
	8 horas	1	4,2	4,2	54,2
	Nenhum	11	45,8	45,8	100,0
	Total	24	100,0	100,0	

Tempo diário dedicado aos vizinhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	4	16,7	17,4	17,4
	2 horas	1	4,2	4,3	21,7
	< 1 hora	6	25,0	28,1	47,8
	Nenhum	12	50,0	52,2	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
	Total	24	100,0		

Qtas horas vc dorme?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	5 horas	1	4,2	4,3	4,3
	6 horas	6	25,0	26,1	30,4
	7 horas	3	12,5	13,0	43,5
	8 horas	11	45,8	47,8	91,3
	> 8 horas	2	8,3	8,7	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	Não respondida	1	4,2		
	Total	24	100,0		

No mês, tempo dedicado à leitura

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	2	8,3	8,3	8,3
	2 horas	2	8,3	8,3	16,7
	> 5 horas	8	33,3	33,3	50,0
	< 1 hora	4	16,7	16,7	66,7
	Nenhum	8	33,3	33,3	100,0
Total		24	100,0	100,0	

No mês, tempo dedicado à diversão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	3	12,5	12,5	12,5
	2 horas	1	4,2	4,2	16,7
	3 horas	1	4,2	4,2	20,8
	4 horas	1	4,2	4,2	25,0
	5 horas	1	4,2	4,2	29,2
	> 5 horas	11	45,8	45,8	75,0
	< 1 hora	3	12,5	12,5	87,5
	Nenhum	3	12,5	12,5	100,0
	Total		24	100,0	100,0

No mês, tempo dedicado à televisão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	1 hora	2	8,3	8,3	8,3
	2 horas	1	4,2	4,2	12,5
	4 horas	1	4,2	4,2	16,7
	> 5 horas	17	70,8	70,8	87,5
	< 1 hora	2	8,3	8,3	95,8
	Nenhum	1	4,2	4,2	100,0
	Total		24	100,0	100,0

Participa de alguma organização comunitária?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	14	58,3	60,9	60,9
	Não	9	37,5	39,1	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	30	1	4,2		
Total		24	100,0		

Na organização comunitária, vc exerce função formal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	6	25,0	42,9	42,9
	Não	8	33,3	57,1	100,0
	Total	14	58,3	100,0	
Missing	20	9	37,5		
	30	1	4,2		
	Total	10	41,7		
Total		24	100,0		

Na organização comunitária, vc exerce função informal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	2	8,3	14,3	14,3
	Não	12	50,0	85,7	100,0
	Total	14	58,3	100,0	
Missing	20	9	37,5		
	30	1	4,2		
	Total	10	41,7		
Total		24	100,0		

Vc atua como voluntário ou participa de alguma ONG?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	3	12,5	15,8	15,8
	Não	16	66,7	84,2	100,0
	Total	19	79,2	100,0	
Missing	30	5	20,8		
Total		24	100,0		

Na ONG, vc exerce função formal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	3	12,5	100,0	100,0
Missing	20	13	54,2		
	30	8	33,3		
	Total	21	87,5		
Total		24	100,0		

Na ONG, vc exerce função informal de liderança?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não	3	12,5	100,0	100,0
Missing	20	13	54,2		
	30	8	33,3		
	Total	21	87,5		
Total		24	100,0		

Nossa comunidade é organizada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Disordo parcialmente	1	4,2	4,5	13,6
	Não tenho opinião	2	8,3	9,1	22,7
	Concordo parcialmente	9	37,5	40,9	63,6
	Concordo totalmente	8	33,3	36,4	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Aqui onde eu moro as pessoas participam de ações coletivas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Disordo parcialmente	3	12,5	13,6	22,7
	Concordo parcialmente	5	20,8	22,7	45,5
	Concordo totalmente	12	50,0	54,5	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Eu participo ativamente de ações coletivas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	8	25,0	26,1	26,1
	Disordo parcialmente	4	16,7	17,4	43,5
	Não tenho opinião	1	4,2	4,3	47,8
	Concordo parcialmente	6	25,0	26,1	73,9
	Concordo totalmente	6	25,0	26,1	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

As ações coletivas têm dado resultados positivos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	3	12,5	13,0	13,0
	Não tenho opinião	2	8,3	8,7	21,7
	Concordo parcialmente	8	33,3	34,8	56,5
	Concordo totalmente	10	41,7	43,5	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	4,2	4,3	4,3
	Não tenho opinião	2	8,3	8,7	13,0
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,0	26,1
	Concordo totalmente	17	70,8	73,9	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos vizinhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	4,2	4,3	4,3
	Não tenho opinião	4	16,7	17,4	21,7
	Concordo parcialmente	10	41,7	43,5	65,2
	Concordo totalmente	8	33,3	34,8	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos políticos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	2	8,3	8,7	8,7
	Não tenho opinião	6	25,0	26,1	34,8
	Concordo parcialmente	6	25,0	26,1	60,9
	Concordo totalmente	9	37,5	39,1	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelas ONGs

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	1	4,2	4,3	4,3
	Não tenho opinião	7	29,2	30,4	34,8
	Concordo parcialmente	5	20,8	21,7	56,5
	Concordo totalmente	10	41,7	43,5	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pela Igreja

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Não tenho opinião	3	12,5	13,6	22,7
	Concordo parcialmente	7	29,2	31,8	54,5
	Concordo totalmente	10	41,7	45,5	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

As pessoas que cobram mais atitude das pessoas da comunidade são bem vistas pelos vizinhos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo parcialmente	2	8,3	8,7	8,7
	Não tenho opinião	7	29,2	30,4	39,1
	Concordo parcialmente	10	41,7	43,5	82,6
	Concordo totalmente	4	16,7	17,4	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

As ações coletivas que existem aqui onde eu moro não funcionam como deveriam funcionar

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Discordo parcialmente	1	4,2	4,5	13,6
	Não tenho opinião	2	8,3	9,1	22,7
	Concordo parcialmente	14	58,3	63,6	86,4
	Concordo totalmente	3	12,5	13,6	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde eu moro

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	5	20,8	22,7	22,7
	Disordo parcialmente	3	12,5	13,6	36,4
	Não tenho opinião	2	8,3	9,1	45,5
	Concordo parcialmente	8	33,3	36,4	81,8
	Concordo totalmente	4	16,7	18,2	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	3	12,5	13,6	13,6
	Disordo parcialmente	4	16,7	18,2	31,8
	Não tenho opinião	3	12,5	13,6	45,5
	Concordo parcialmente	7	29,2	31,8	77,3
	Concordo totalmente	5	20,8	22,7	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Participar de ações coletivas não adianta nada

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	10	41,7	45,5	45,5
	Disordo parcialmente	4	16,7	18,2	63,6
	Não tenho opinião	3	12,5	13,6	77,3
	Concordo parcialmente	4	16,7	18,2	95,5
	Concordo totalmente	1	4,2	4,5	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	2	8,3	8,7	8,7
	Concordo parcialmente	4	16,7	17,4	26,1
	Concordo totalmente	17	70,8	73,9	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

O progresso da comunidade depende da boa vontade dos políticos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	3	12,5	13,0	13,0
	Disordo parcialmente	3	12,5	13,0	26,1
	Não tenho opinião	10	41,7	43,5	69,6
	Concordo parcialmente	5	20,8	21,7	91,3
	Concordo totalmente	2	8,3	8,7	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Cumpro com os meus deveres de cidadão

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo parcialmente	1	4,2	4,3	4,3
	Não tenho opinião	2	8,3	8,7	13,0
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,0	26,1
	Concordo totalmente	17	70,8	73,9	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Eu luto para que os meus direitos de cidadão sejam respeitados

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	4,2	4,3	4,3
	Não tenho opinião	1	4,2	4,3	8,7
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,0	21,7
	Concordo totalmente	18	75,0	78,3	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Eu conheço os meus vizinhos pelo nome

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	8,7	8,7
	Não tenho opinião	1	4,2	4,3	13,0
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,0	26,1
	Concordo totalmente	17	70,8	73,9	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Eu sei quais são os problemas e as dificuldades que os meus vizinhos enfrentam

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Disordo parcialmente	4	16,7	18,2	27,3
	Não tenho opinião	5	20,8	22,7	50,0
	Concordo parcialmente	7	29,2	31,8	81,8
	Concordo totalmente	4	16,7	18,2	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Eu sei o que meus vizinhos sonham para o futuro deles

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	4	16,7	17,4	17,4
	Disordo parcialmente	4	16,7	17,4	34,8
	Não tenho opinião	5	20,8	21,7	56,5
	Concordo parcialmente	9	37,5	39,1	95,7
	Concordo totalmente	1	4,2	4,3	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Estou sempre atualizado sobre o que acontece na minha comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	4,2	4,3	4,3
	Disordo parcialmente	2	8,3	9,7	13,0
	Não tenho opinião	1	4,2	4,3	17,4
	Concordo parcialmente	5	20,8	21,7	39,1
	Concordo totalmente	14	58,3	60,9	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Na comunidade onde moro temos apoio de organizações não-governamentais

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	3	12,5	13,0	13,0
	Disordo parcialmente	3	12,5	13,0	26,1
	Não tenho opinião	4	16,7	17,4	43,5
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,0	56,5
	Concordo totalmente	10	41,7	43,5	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Na comunidade onde moro temos apoio de empresas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	4	16,7	17,4	17,4
	Disordo parcialmente	1	4,2	4,3	21,7
	Não tenho opinião	8	33,3	34,8	56,5
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,0	69,6
	Concordo totalmente	7	29,2	30,4	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das ONGs que nos apoiam

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	8,7	8,7
	Disordo parcialmente	2	8,3	8,7	17,4
	Não tenho opinião	8	33,3	34,8	52,2
	Concordo parcialmente	10	41,7	43,5	95,7
	Concordo totalmente	1	4,2	4,3	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das empresas que nos apoiam

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Disordo parcialmente	2	8,3	9,1	18,2
	Não tenho opinião	9	37,5	40,9	59,1
	Concordo parcialmente	5	20,8	22,7	81,8
	Concordo totalmente	4	16,7	18,2	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

As ONGs têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Disordo parcialmente	1	4,2	4,5	13,6
	Não tenho opinião	9	37,5	40,9	54,5
	Concordo parcialmente	6	25,0	27,3	81,8
	Concordo totalmente	4	16,7	18,2	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

As empresas têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,5	9,5
	Disordo parcialmente	3	12,5	14,3	23,8
	Não tenho opinião	3	12,5	14,3	38,1
	Concordo parcialmente	9	37,5	42,9	81,0
	Concordo totalmente	4	16,7	19,0	100,0
	Total	21	87,5	100,0	
Missing	0	3	12,5		
	Total	24	100,0		

As ONGs fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo parcialmente	1	4,2	4,5	4,5
	Não tenho opinião	8	33,3	36,4	40,9
	Concordo parcialmente	2	8,3	9,1	50,0
	Concordo totalmente	11	45,8	50,0	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
	Total	24	100,0		

As empresas fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	4,2	4,5	4,5
	Disordo parcialmente	3	12,5	13,6	18,2
	Não tenho opinião	9	37,5	40,9	59,1
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,6	72,7
	Concordo totalmente	6	25,0	27,3	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
	Total	24	100,0		

O dinheiro fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo parcialmente	1	4,2	4,5	4,5
	Não tenho opinião	3	12,5	13,6	18,2
	Concordo parcialmente	6	25,0	27,3	45,5
	Concordo totalmente	12	50,0	54,5	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
	Total	24	100,0		

As pessoas da comunidade são as protagonistas dos projetos propostos pelas ONGs

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Não tenho opinião	9	37,5	40,9	50,0
	Concordo parcialmente	7	29,2	31,8	81,8
	Concordo totalmente	4	16,7	18,2	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Se não fosse a ajuda das empresas e das ONGs a gente tinha se revoltado

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	1	4,2	6,3	6,3
	Não tenho opinião	6	25,0	37,5	43,8
	Concordo parcialmente	3	12,5	18,8	62,5
	Concordo totalmente	6	25,0	37,5	100,0
	Total	16	66,7	100,0	
Missing	0	8	33,3		
Total		24	100,0		

Lideranças da própria comunidade têm mais poder de mobilização do que lideranças que vêm de fora da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo parcialmente	1	4,2	4,5	4,5
	Não tenho opinião	2	8,3	9,1	13,6
	Concordo parcialmente	4	16,7	18,2	31,8
	Concordo totalmente	15	62,5	68,2	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Muitas pessoas desejam ser líderes da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	2	8,3	9,1	9,1
	Disordo parcialmente	3	12,5	13,8	22,7
	Não tenho opinião	7	29,2	31,8	54,5
	Concordo parcialmente	3	12,5	13,8	68,2
	Concordo totalmente	7	29,2	31,8	100,0
	Total	22	91,7	100,0	
Missing	0	2	8,3		
Total		24	100,0		

Muitas pessoas estão prontas para serem líderes da comunidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Disordo totalmente	4	16,7	17,4	17,4
	Disordo parcialmente	7	29,2	30,4	47,8
	Não tenho opinião	5	20,8	21,7	69,6
	Concordo parcialmente	7	29,2	30,4	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
Total		24	100,0		

Na comunidade onde eu moro as pessoas ajudam umas às outras

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	3	12,5	13,0	13,0
	Discordo parcialmente	4	16,7	17,4	30,4
	Não tenho opinião	3	12,5	13,0	43,5
	Concordo parcialmente	11	45,8	47,8	91,3
	Concordo totalmente	2	8,3	8,7	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
	Total	24	100,0		

Na comunidade onde eu moro as pessoas são honestas

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	3	12,5	13,0	13,0
	Discordo parcialmente	4	16,7	17,4	30,4
	Não tenho opinião	3	12,5	13,0	43,5
	Concordo parcialmente	13	54,2	58,5	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
	Total	24	100,0		

Na comunidade onde eu moro as pessoas fazem de tudo para conseguirem favores políticos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	2	8,3	8,7	8,7
	Discordo parcialmente	1	4,2	4,3	13,0
	Não tenho opinião	11	45,8	47,8	60,9
	Concordo parcialmente	6	25,0	28,1	87,0
	Concordo totalmente	3	12,5	13,0	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
	Total	24	100,0		

Quanto mais organizada é uma comunidade mais felizes são as pessoas que vivem nela

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tenho opinião	2	8,3	8,7	8,7
	Concordo totalmente	21	87,5	91,3	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
	Total	24	100,0		

Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Discordo totalmente	3	12,5	13,0	13,0
	Discordo parcialmente	3	12,5	13,0	26,1
	Não tenho opinião	3	12,5	13,0	39,1
	Concordo parcialmente	4	16,7	17,4	56,5
	Concordo totalmente	10	41,7	43,5	100,0
	Total	23	95,8	100,0	
Missing	0	1	4,2		
	Total	24	100,0		

ANEXO 9

Resultados das análises fatoriais aplicadas nas pesquisas feitas com os grupos sociais e com a Empresa Beta:

AUTORA: Edna Alessandra Pereira

Para análise multivariada dos dados foi utilizada a técnica Análise de Componentes Principais para dados categóricos (CATPCA) disponível no software SPSS. O CATPCA ('CaTegorical Principal Components Analysis) é um procedimento disponível no módulo SPSS Categories que quantifica as variáveis categóricas utilizando 'optimal scaling' obtendo posteriormente uma análise de componentes principais para as variáveis transformadas. Ou seja, tem o duplo objetivo de quantificar variáveis categóricas e efetuar uma redução dos dados. O objetivo da análise de componentes principais é reduzir um conjunto original de variáveis a um menor conjunto de componentes não correlacionadas que represente as informações das variáveis originais. Esta técnica é particularmente útil quando existe um grande conjunto de variáveis que limita e dificulta a interpretação das relações entre objetos (respondentes e variáveis). Com esta redução, podemos interpretar algumas componentes em vez de um grande número de variáveis. A análise de componentes principais 'convencional' assume relações lineares entre variáveis quantitativas. Uma abordagem 'optimal scaling'¹³³ permite que as variáveis sejam mensuradas em níveis diferentes de uma escala numérica - as variáveis categóricas são quantificadas de forma ótima na dimensão pretendida podendo captar as relações existentes.

¹³³ O escalonamento ótimo (ou "optimal scaling") é um procedimento que se encontra na base da CATPCA e atribui quantificações numéricas a constructos e variáveis (MAROCO, 2003). As variáveis da pesquisa estavam em escala ordinal (Escala Likert de 5 pontos). As medidas em uma escala Likert não são numéricas, a distância entre as escalas de cinco pontos, por exemplo, não é igual a um, isto é, quem escolheu a opção dois não tem metade da intenção de quem escolheu a opção quatro. O escalonamento ótimo permitiu atribuir valores numéricos às variáveis, conservando as características de mensuração dos dados, maximizando a relação entre as opções da escala Likert e possibilitando a utilização da técnica análise de componentes principais.

Análise fatorial da pesquisa aplicada aos Grupos sociais:

Para a identificação dos fatores existentes na pesquisa aplicou-se análise de componentes principais para dados categóricos nas 41 variáveis do questionário que foram respondidas por 45 pessoas de três grupos sociais. O software utilizado foi o SPSS 15.0.

Para medir a confiabilidade ou consistência interna das 41 variáveis do questionário, isto é, se os itens estavam situados de maneira adequada nas dimensões da análise de componentes principais, foi utilizado o teste Alpha de Cronbach.

A tabela 01 mostra os valores do alpha de Cronbach e dos autovalores para 4 primeiras dimensões da CATPCA. Segundo Malhotra (apud GOSLING, 2003) se o valor do Alpha de Cronbach é superior a 0,7, considera-se a fidedignidade aceitável. Para dimensões maiores que 5 o valor do alpha de Cronbach é menor que 7, assim, optou-se por reter quatro dimensões.

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas quatro primeiras dimensão da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA).

Dimension	Cronbach's Alpha Total (Eigenvalue)	Variance Accounted For Total (Eigenvalue)
1	,929	10,640
2	,845	5,697
3	,761	3,878
4	,712	3,279
Total	,981(a)	23,494

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

Os autovalores (“Eigenvalue”) são usados como indicação de quantas dimensões são necessárias. Como regra geral, o autovalor deve ser maior que 1 em todas as dimensões. A tabela 1 mostra que o autovalor (“Eigenvalue”) da primeira dimensão é de 10,6 caindo para 5,9 na segunda dimensão, 3,9 na terceira dimensão e 3,3 na quarta dimensão. A primeira dimensão é a que possui a maior parte da variabilidade dos dados.

No gráfico 01 e na tabela 02 observa-se que a primeira dimensão divide os grupos sociais em dois grupos principais. O primeiro grupo é formado pelas variáveis do círculo 1 no gráfico 01, são elas: Q43 ‘As ações coletivas que existem aqui onde eu moro não funcionam como deveriam funcionar’, Q44 ‘Eu não tenho nada a ver com o mau funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde eu moro’, Q45 ‘Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas’, Q67 ‘Muitas pessoas desejam ser líderes da

comunidade' e Q73 'Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade, mas eu não tenho tempo'. O segundo grupo é formado pelas demais variáveis (círculo 2 no gráfico 01). As variáveis do primeiro grupo interferem negativamente na idéia de 'ações coletivas', elas formarão o primeiro indicador. O quesito Q67 'Muitas pessoas desejam ser líderes da comunidade' parece não discordar das ações coletivas, de fato, este quesito não fará parte da pesquisa porque não se agrupa em nenhum quesito, é uma variável deslocada, ora se agrupa a um grupo, ora se agrupa a outro grupo.

O primeiro grupo está em direção oposta aos quesitos que possuem características concordantes com 'ações coletivas' no eixo x - primeira dimensão. Assim, se de um lado estão as variáveis que correspondem maior envolvimento com as ações coletivas - no primeiro grupo - no lado oposto estarão as variáveis que expressam o desinteresse pelas ações coletivas, que formam o segundo grupo. A primeira dimensão é a mais importante, é a que possui a maior variabilidade dos dados e demonstra confiabilidade nas respostas da pesquisa, dado que os respondentes que estavam de acordo com as questões que envolvem positivamente as ações coletivas responderam negativamente às questões que desfavorecem estas ações.

As análises dos círculos de correlações em quatro dimensões (gráficos 01, 02, 03 e 04) e da tabela 02 possibilitam a retirada de algumas variáveis da análise conjunta por não se agregarem a nem um grupo, ou se agregarem ora em um grupo, ora em outro grupo, ou por serem variáveis com cargas fatoriais baixas em todas as dimensões, são elas: Q42 'As pessoas que cobram mais atitude das pessoas da comunidade são bem vistas pelos vizinhos'; Q43 'As ações coletivas que existem aqui onde eu moro não funcionam como deveriam funcionar'; Q48 'O progresso da comunidade depende da boa vontade dos políticos'; Q67 'Muitas pessoas desejam ser líderes da comunidade'; Q68 'Muitas pessoas estão prontas para serem líderes da comunidade'; Q71 'Na comunidade onde eu moro as pessoas fazem de tudo para conseguirem favores.

A tabela 01 e os gráficos 01, 02, 03 e 04 possibilitam a observação de grupos de variáveis que possuem cargas fatoriais próximas nas dimensões. As variáveis que se aproximam foram circuladas e cada círculo numerado para melhor identificação. Cada construto formado possui características semanticamente semelhantes e de acordo com a interpretação das características em comum foram nomeados. As 41 variáveis foram reduzidas em 7 variáveis latentes e formaram os seguintes construtos:

- **Organização Comunitária:** O construto possui variáveis próximas na primeira dimensão com cargas fatoriais entre 0,42 e 0,63 (tabela 02) e pode ser observado no gráfico 01 (4) e no gráfico 02 (4). As variáveis que representam o construto são as seguintes: (33) ‘Nossa comunidade é organizada’; (34) ‘Aqui onde eu moro as pessoas participam de ações coletivas’; (41) ‘As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pela igreja’; (38) ‘As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos vizinhos’; (55) ‘Na comunidade onde moro temos apoio de organizações não governamentais’ e (70) ‘Na comunidade onde moro as pessoas são honestas’.

- **Traço de vitimação:** O construto pode ser observado nos gráficos 02 (1), 03 (1) e 04 (3) e é formado por quatro variáveis que se associam na terceira dimensão com cargas fatoriais negativas (tabela 02), são elas: (44) ‘Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde moro’; (45) ‘Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas’; (46) ‘Participar das ações coletivas não adianta nada’ e (73) ‘Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo’.

- **Traço de cidadania:** O construto está representado na segunda dimensão (tabela 02) com variáveis muito próximas, correlacionadas, com cargas fatoriais positivas altas e podem ser melhor observadas nos gráficos 01 (3); 04 (2) e 05 (1). As variáveis que representam o construto são: Q37 ‘As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças’; Q47 ‘Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas’; Q49 ‘Cumpro com os meus deveres de cidadão’; Q50 ‘Eu luto para que os meus direitos de cidadão sejam respeitados’ e Q72 ‘Quanto mais organizada é uma comunidade, mais felizes são as pessoas que vivem nela’.

- **Integração comunitária:** Possui variáveis bem correlacionadas tanto na primeira como na terceira dimensão (tabela 02) e podem se melhor observadas nos gráficos: 02 (3) e 04 (4). As variáveis que se associam ao construto são: (51) ‘Eu conheço os meus vizinhos pelo nome’; (52) ‘Eu sei quais são os problemas e as dificuldades que os meus vizinhos enfrentam’; (53) ‘Eu sei o que meus vizinhos sonham para o futuro deles’; (54) ‘Estou sempre atualizado sobre o que acontece na minha comunidade’ e (69) ‘Na comunidade onde eu moro as pessoas ajudam umas às outras’.

- **Ações Coletivas:** O construto possui variáveis correlacionadas na terceira dimensão, com cargas fatoriais positivas (tabela 02). As variáveis podem ser observadas nos

gráficos 02(6), 04 (1) e 06 (1), as variáveis associadas ao construto são: (35) ‘Eu participo ativamente de ações coletivas’; (36) ‘As ações coletivas tem dado resultado s positivos’; (39) ‘As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos políticos’; (40) ‘As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelas ONGs’e (66) ‘Lideranças da própria comunidade tem mais poder de mobilização do que lideranças que vem de fora da comunidade’.

- **Parceria:** O construto pode ser observado no gráfico 01 (5), possui cargas fatoriais altas e variáveis bem associadas na primeira dimensão, são elas: (50) ‘Na comunidade onde moro temos apoio de empresas (57) ‘A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das ONGs que nos apoiam’; (58) ‘A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das empresa que nos apoiam’ (65) ‘Se não fosse a ajuda das empresas e das ONGs a gente tinha se revoltado’; (59) ‘As ONGs têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas’ e (60) ‘As empresas têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas’.

- **Fortalecimento da Comunidade:** O construto possui cargas fatoriais elevadas na primeira dimensão, possui variáveis que também estão correlacionadas com o construto ‘parcerias’ e pode ser observado no gráfico 01 (6). As variáveis correspondentes ao construto são: (63) ‘O dinheiro fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade’; (61) ‘As ONGs fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade’; (62) ‘As empresas fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade’ e (64) ‘As pessoas da comunidade são as protagonistas dos projetos propostos pelas ONGs’.

Tabela 02: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas quatro primeiras dimensões da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA).

Construtos	Quesitos	Dimensões			
		1	2	3	4
Organização comunitária	Q33	0.42	0.09	-0.18	-0.71
	Q34	0.62	-0.41	0.03	-0.34
	Q41	0.44	0.53	0.06	-0.05
	Q38	0.44	0.39	-0.24	-0.6
	Q55	0.57	-0.19	-0.03	0.49
	Q70	0.63	0.29	-0.11	-0.06
Traços de vitimação	Q44	-0.31	0.39	-0.29	-0.23
	Q45	-0.12	-0.09	-0.61	0.42
	Q46	0.05	-0.12	-0.33	0.58
	Q73	-0.03	0.49	-0.46	0.21
Traços de cidadania	Q49	0.28	0.74	0.02	-0.03
	Q50	0.33	0.73	0.05	-0.22
	Q37	0.3	0.65	0.07	-0.01

	Q47	0.27	0.71	0.09	0.3
	Q72	0.35	0.75	0.04	0.22
Integração comunitária	Q51	0.46	0.49	-0.34	-0.12
	Q52	0.51	0.24	-0.47	0.34
	Q53	0.48	-0.11	-0.51	0.32
	Q54	0.51	0.35	-0.16	0.4
	Q69	0.58	0.12	-0.37	-0.11
Ações coletivas	Q35	0.11	0.21	0.61	-0.09
	Q36	0.43	0.1	0.54	-0.11
	Q39	0.27	0.19	0.58	0.27
	Q40	0.07	0.26	0.67	0.1
	Q66	0.45	0.3	0.36	-0.05
Parcerias	Q56	0.73	-0.31	-0.02	0.04
	Q57	0.82	-0.33	-0.01	-0.1
	Q58	0.82	-0.2	-0.06	-0.11
	Q65	0.76	-0.25	-0.09	0.12
	Q59	0.72	-0.12	-0.09	-0.02
	Q60	0.73	0.09	0.23	0.2
Fortalecimento da comunidade	Q63	0.73	-0.23	0.35	0.32
	Q61	0.63	-0.34	0.08	-0.05
	Q62	0.88	-0.14	0	-0.06
	Q64	0.74	-0.19	0.16	-0.05
Variáveis retiradas	Q42	0.26	0.04	-0.59	-0.47
	Q43	-0.21	0.59	0.12	0.21
	Q48	0.33	-0.05	0.09	-0.09
	Q67	-0.23	0.38	-0.15	0.30
	Q68	0.60	-0.13	-0.07	-0.15
	Q71	0.48	-0.47	0.04	0.39

Gráfico 01: Círculo de correlações – Primeira e segunda dimensão:

Component Loadings

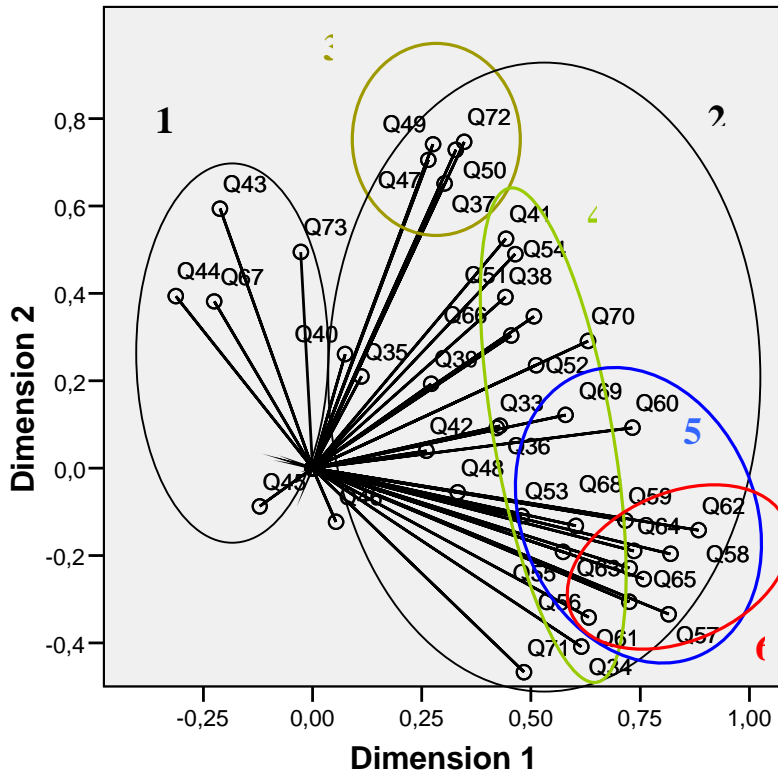
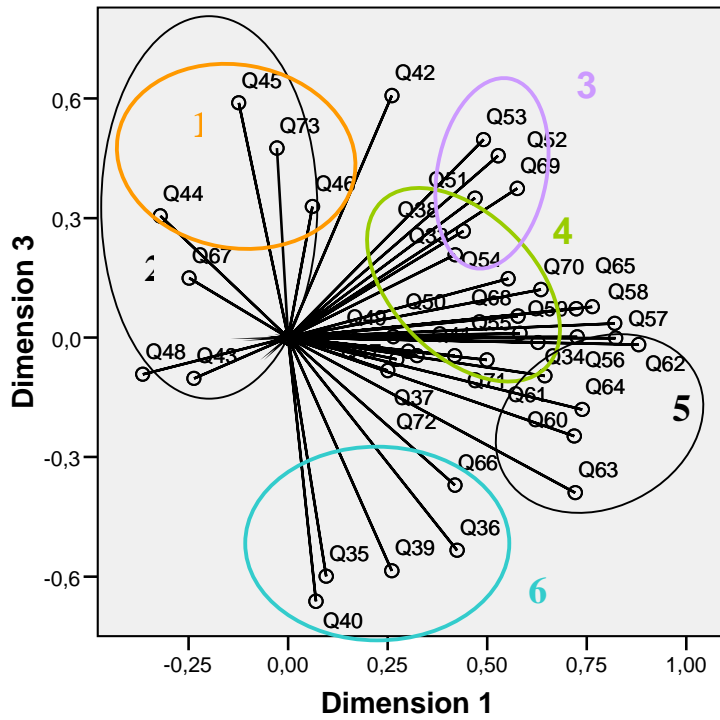


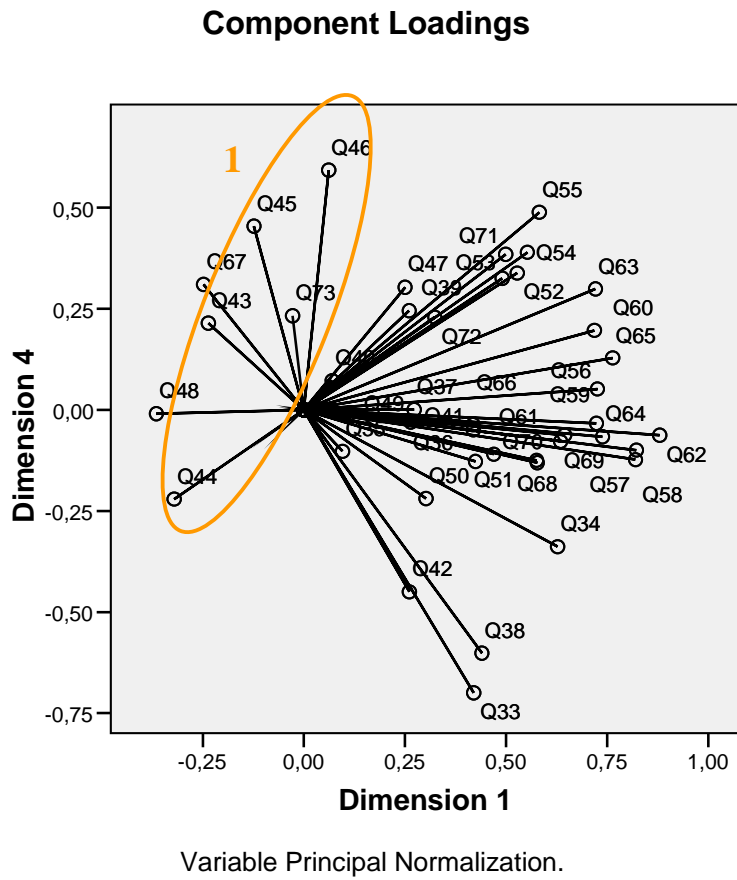
Gráfico 02: Círculo de correlações – Primeira e terceira dimensão:

Component Loadings

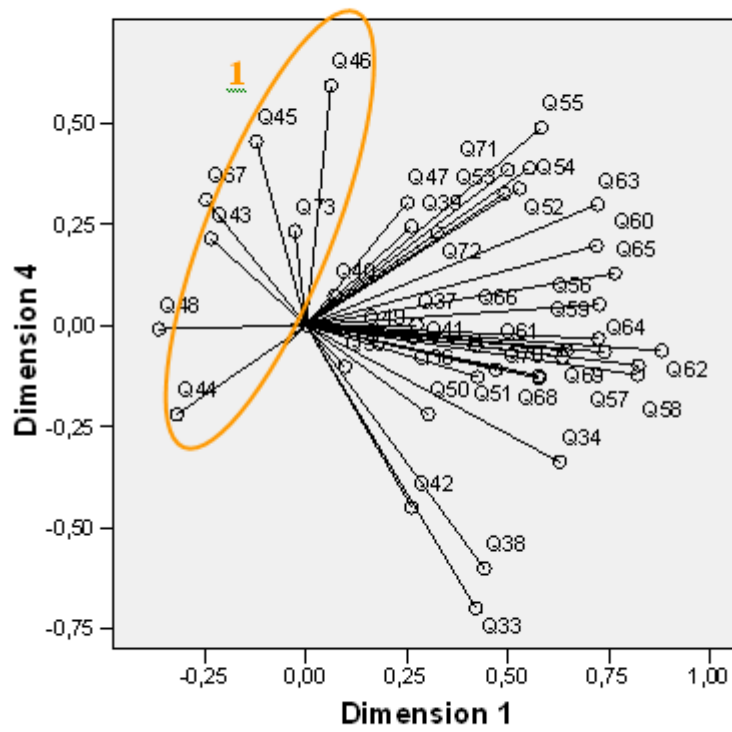


Variable Principal Normalization.

Gráfico 03: Círculo de correlações – Primeira e quarta dimensão:



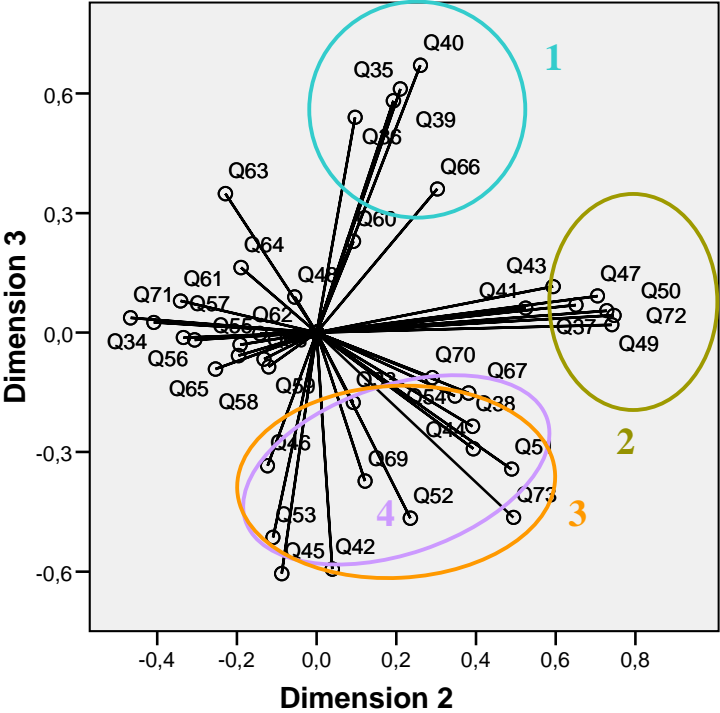
Component Loadings



Variable Principal Normalization.

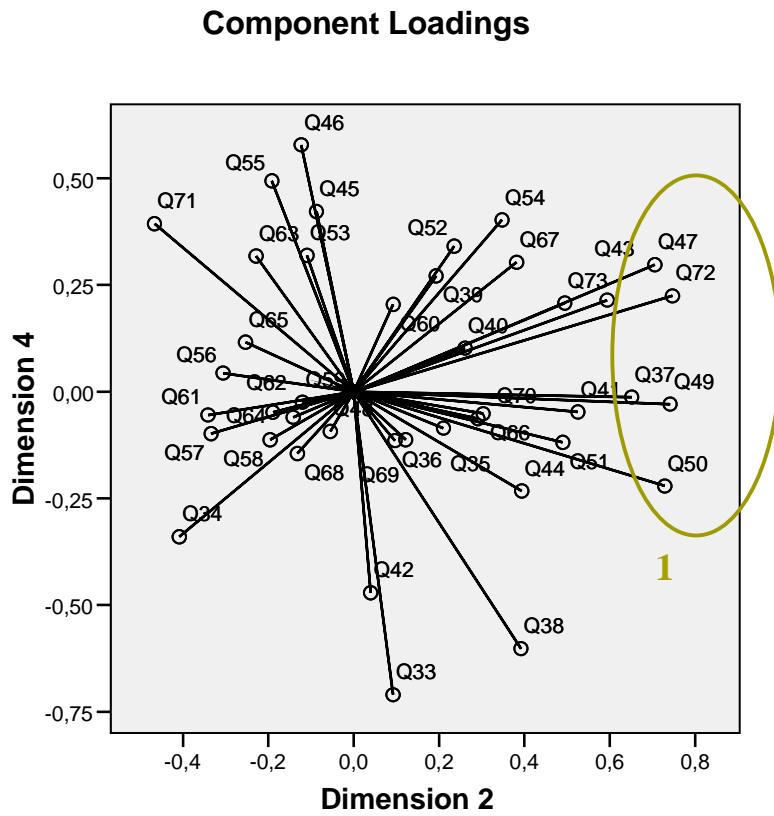
Gráfico 04: Círculo de correlações – Segunda e terceira dimensão

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

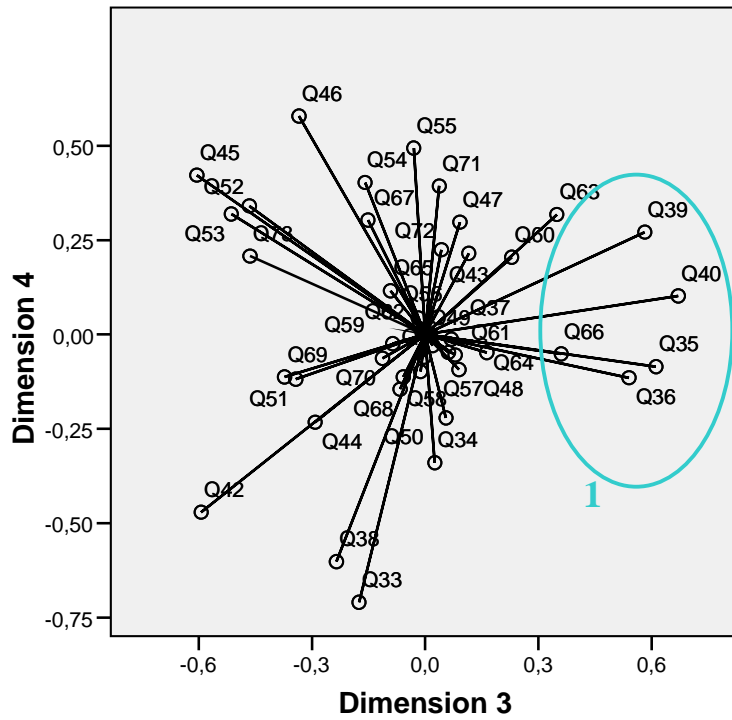
Gráfico 05: Círculo de correlações – Segunda e quarta dimensão:



Variable Principal Normalization.

Gráfico 06: Círculo de correlações – Terceira e quarta:

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

Validação dos construtos e construção dos indicadores:

Após definir os construtos através das observações das associações existentes entre as cargas fatoriais das variáveis nas quatro dimensões da análise de componentes principais cada construto foi transformado em um indicador. Os indicadores foram construídos utilizando-se a primeira dimensão da CATPCA rodada para cada grupo de variáveis de cada construtos. Cada conjunto de variáveis foi transformado em uma única variável, contínua, que dê conta de todas as características das variáveis originais.

O uso da Análise fatorial assegura que a maior variabilidade de todos os quesitos seja encontrada no primeiro eixo; os *scores* do primeiro eixo formam uma variável contínua por construção e é de máxima variabilidade, também por construção. Dada a importância do primeiro eixo, é possível utilizá-lo para encontrar um indicador único, contínuo, que dê conta das características das variáveis iniciais. Assim, cada conjunto de variáveis de cada construto pode ser resumido em uma única variável. Para construção dos indicadores é necessário apenas a primeira dimensão. Porém, para verificar a validade de cada indicador foram observadas as duas primeiras dimensões. Para isso, é necessário que o primeiro eixo contenha perda mínima de informações e que as variáveis estejam bem representadas. O primeiro eixo (dimensão 1) é, por construção, o de maior variabilidade. Nele se encontra a maior explicação conjunta das variáveis. Assim, após a validação dos construtos pré-estabelecidos, cada conjunto de variáveis de cada construto foi transformado em uma variável numérica. Como consequência, as 41 variáveis foram reduzidas em sete indicadores, sendo possível observar as relações entre eles.

I. Construção do Indicador ‘Organização comunitária’

A tabela 01 mostra as variáveis que foram utilizadas para construção do indicador ‘organização comunitária’:

Tabela 01: Variáveis do construto Organização comunitária

	ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA
033	Nossa comunidade é organizada
034	Aqui onde eu moro as pessoas participam de ações coletivas
041	As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pela igreja
038	As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos vizinhos
055	Na comunidade onde moro temos apoio de organizações não governamentais
070	Na comunidade onde moro as pessoas são honestas

A tabela 02 mostra a consistência das variáveis na primeira e na segunda dimensão com *Alpha de Cronbach* de 0,79 e 0,32, respectivamente, evidenciando que a primeira possui a maior parte da variabilidade dos dados, sendo possível utilizá-la para construção do indicador. O auto valor da primeira dimensão é de 2,9 caindo para 1,36 na segunda dimensão e também mostra a que a primeira dimensão possui grande parte da variabilidade das variáveis originais.

Tabela 02: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,786	2,902
2	,316	1,357
Total	,918(a)	4,258

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

As variáveis estão, em geral, melhor explicadas na primeira dimensão, com exceção da variável Q55 que está melhor representada na segunda dimensão, sozinha, significando que será pouco explicada na construção do indicador. A variável que melhor representam o indicador é a Q38, com 72,1% da variância explicada na primeira dimensão.

Tabela 03: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	1	2	2
Q33	,597	,275	,872
Q34	,436	,078	,514
Q41	,510	,043	,553
Q38	,721	,044	,765
Q55	,112	,696	,808
Q70	,526	,220	,746
Active Total	2,902	1,357	4,258

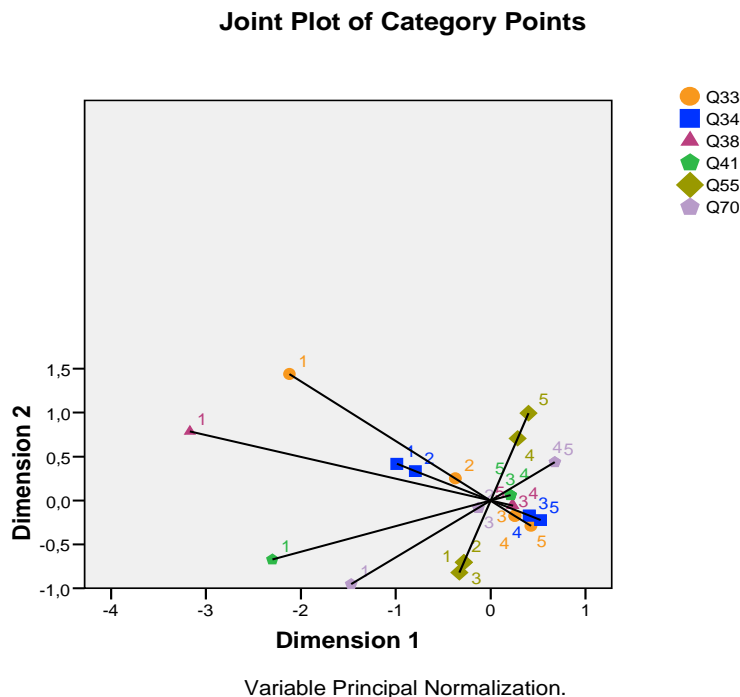
A tabela 04 mostra as correlações bivariadas das variáveis que formaram o indicador. De acordo com a tabela as variáveis mais correlacionadas são: Q33 e Q38 (0,73), seguidas das variáveis Q33 e Q34 (0,61). A variável Q55 possui correlação fraca com todas as outras variáveis (abaixo de 0,3).

Tabela 04: correlações entre as variáveis

	Q33	Q34	Q41	Q38	Q55	Q70
Q33(a)	1,000	,614	,377	,733	-,071	,272
Q34(a)	,614	1,000	,260	,375	,119	,323
Q41(a)	,377	,260	1,000	,543	,291	,485
Q38	,733	,375	,543	1,000	,064	,539
Q55(a)	-,071	,119	,291	,064	1,000	,489
Q70(a)	,272	,323	,485	,539	,489	1,000
Dimension	1	2	3	4	5	6
Eigenvalue	2,909	1,341	,757	,486	,363	,144

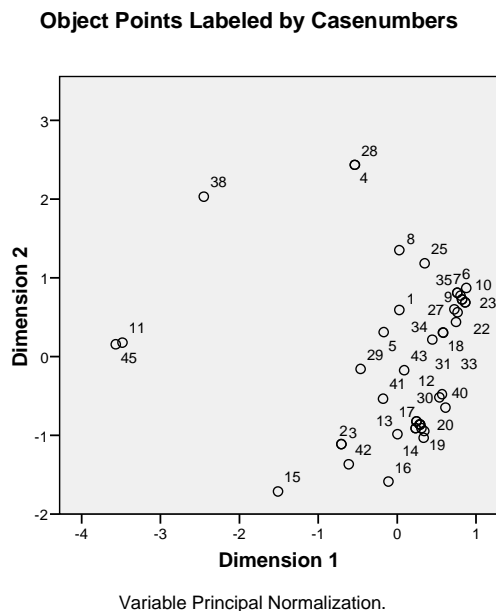
a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico de categorias mostra que todas as variáveis estão no mesmo sentido na primeira dimensão - onde é criado o indicador, ou seja, escolha menor da escala de uma variável implicou em respostas menores para as demais variáveis do construto. Do lado direito do gráfico estão as respostas maiores às escalas e do lado direito estão as menores escalas, com isso o indicador torna-se válido, evidenciando que o primeiro eixo é eficaz para construí-lo. De acordo com o gráfico, na primeira dimensão, as escalas 3, 4 e 5 estão bem próximas da origem, significando que são respostas padrões e que não causam muita diferenciação entre os respondentes. O quesito Q38 é o causador de maior diferenciação entre os respondentes, por possuir o maior vetor, a escolha à escala '1' é causador de grande variabilidade e se distancia bastante da origem.



O gráfico dos objetos mostra a distribuição dos respondentes na primeira e na segunda dimensão. A grande massa de respostas está situada entre menos um e um na primeira

dimensão, mostrando homogeneidade quanto às respostas as variáveis do construto. A figura evidencia que cinco dos 45 respondentes fugiram ao padrão de respostas



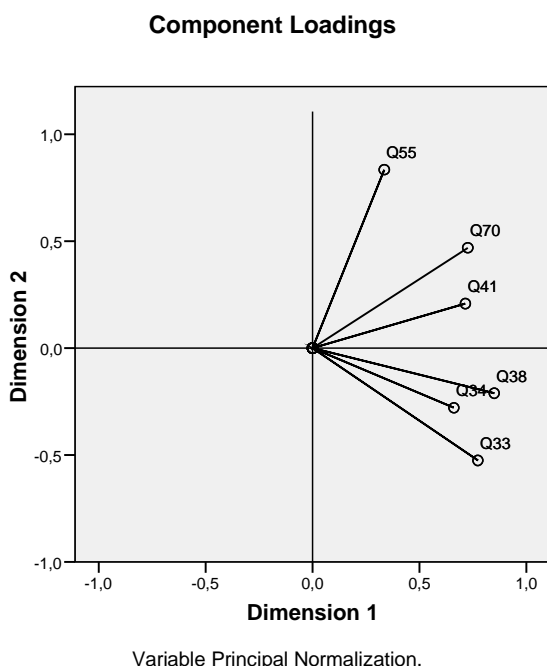
A tabela 02 e o círculo de correlações mostram as cargas fatoriais nos dois primeiros componentes principais. As variáveis estão melhor correlacionadas com o eixo x (eixo onde o indicador é criado), com exceção da variável Q55 que se correlaciona melhor no eixo y. Todas as variáveis possuem cargas fatoriais positivas na primeira dimensão, possibilitando a construção do indicador. As variáveis Q38 e Q41 estão melhor representadas no primeiro eixo, ou seja, representam melhor o indicador, possuem menores inclinações com o eixo y.

Tabela 05: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q33	,773	-,525
Q34	,660	-,279
Q41	,714	,208
Q38	,849	-,210
Q55	,335	,834
Q70	,725	,469

Variable Principal Normalization.

Observa-se no círculo de correlações que todas as variáveis estão no mesmo sentido, com ordenadas positivas na primeira dimensão.



II. Construção do Indicador ‘Traços de Vitimação’

A tabela 01 mostra as variáveis que foram utilizadas para construção do indicador ‘Traços de Vitimação’:

Tabela 01: Variáveis do construto Traços de Vitimação

TRAÇOS DE VITIMAÇÃO	
044	Eu não tenho nada a ver com o mal funcionamento das ações coletivas que existem aqui onde moro
045	Não tenho tempo para me dedicar às ações coletivas
046	Participar das ações coletivas não adianta nada
073	Eu adoraria participar mais ativamente das ações coletivas aqui da comunidade mas eu não tenho tempo

A tabela 02 evidencia a maior variabilidade dos dados retida na primeira dimensão, onde o alpha de Cronbach é de 0,7 e o autovalor é de 2,1, caindo para 1,1 na segunda dimensão, confirmando a validação da construção do indicador utilizando o primeiro eixo da CATPCA. Além disso, o valor de 0,7 do Alpha de Cronbach possibilita uma boa consistência das variáveis no construto.

Tabela 02: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,703	2,115
2	,136	1,113
Total	,920(a)	3,228

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

As variáveis possuem melhor explicação no primeiro eixo, com exceção da variável Q44 que possui variância explicada de apenas 16,6% na primeira dimensão. A variável melhor representada na primeira dimensão é a Q45, com 77,8% da variância explicada.

Tabela 03: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q44	,166	,720	,886
Q45	,778	,073	,851
Q46	,594	,102	,697
Q73	,577	,218	,794
Active Total	2,115	1,113	3,228

As variáveis mais correlacionadas no construto são: Q45 e Q73 (0,67) seguidas das variáveis Q45 e Q46 (0,49). A variável Q44 as menores correlações bivariadas, principalmente com as variáveis Q44 (0,05) e Q45 (0,1)

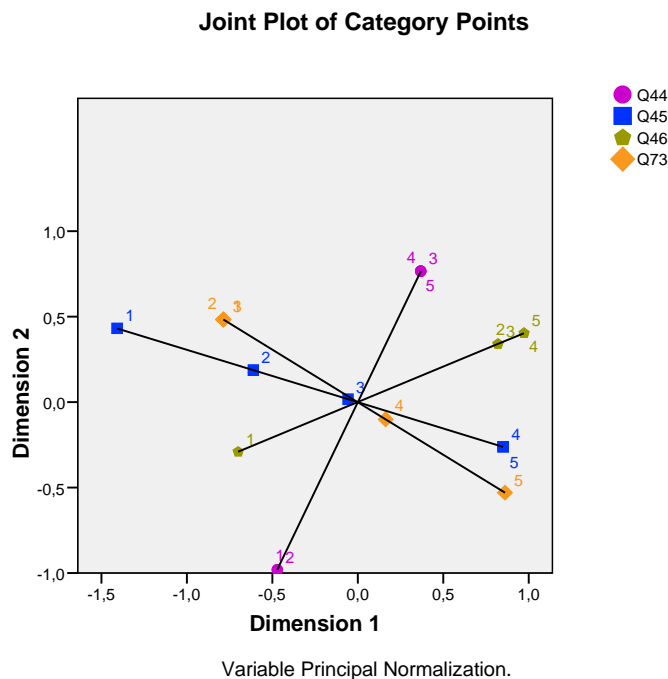
Tabela 04: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

	Q44	Q45	Q46	Q73
Q44(a)	1,000	,103	,349	,054
Q45(a)	,103	1,000	,487	,664
Q46(a)	,349	,487	1,000	,239
Q73	,054	,664	,239	1,000
Dimension	1	2	3	4
Eigenvalue	2,021	1,103	,605	,272

a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

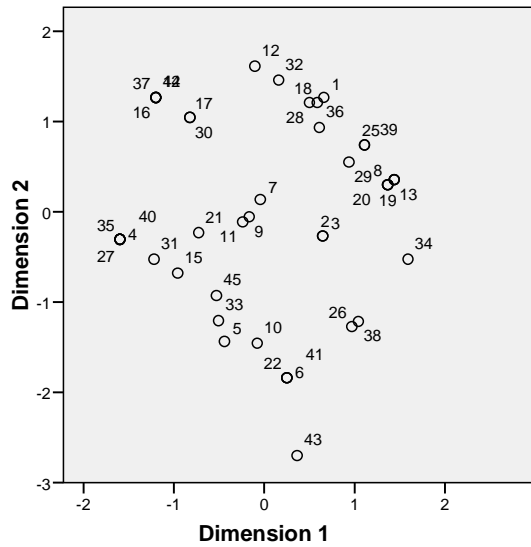
O Gráfico das categorias mostra que todas as variáveis estão no mesmo sentido. Do lado esquerdo estão as escalas menores e do lado direito as escalas maiores, com exceção da variável Q46 que possui a escala 2 plotada do lado esquerdo do gráfico, neste quesito as escalas não diferenciam muito os respondentes, com exceção da escala 1, que se distancia das

demais, causando grande variabilidade entre os respondentes. A escala 3 se comporta de maneira diferente nos quesitos. O quesito Q73 possui a escalas 2 e 3 plotadas no mesmo ponto, significando que as respostas a estas escalas não se diferenciam, já as escalas 4 e 5 se distanciam entre si, a escala 4 está perto da origem, é uma resposta comum. O quesito Q44 está distante das demais variáveis, possui um vetor longo e distancia as repostas das escalas na segunda dimensão, mas na primeira dimensão, onde o indicador é criado, possui ordenadas próximas. O quesito Q45 é o que possui o maior vetor e o que causa maior diversidade nas respostas.



A plotagem dos respondentes (objetos) mostra uma distribuição simétrica na primeira dimensão, entre com valores compreendidos entre -2 e 2. Os valores de cada respondente no eixo x formarão o indicador. A distribuição é heterogênea , dispersa, apresentando vários grupos, mostrando que as respostas às escalas são diferentes.

Object Points Labeled by Casenumbers



Variable Principal Normalization.

A tabela 05 e o círculo de correlações indicam que as variáveis estão melhor correlacionadas na primeira dimensão, com exceção da variável Q44, que possui carga fatorial 0,85 na segunda dimensão. A variável Q45 é a que está melhor representada na primeira dimensão, onde é construído o indicador.

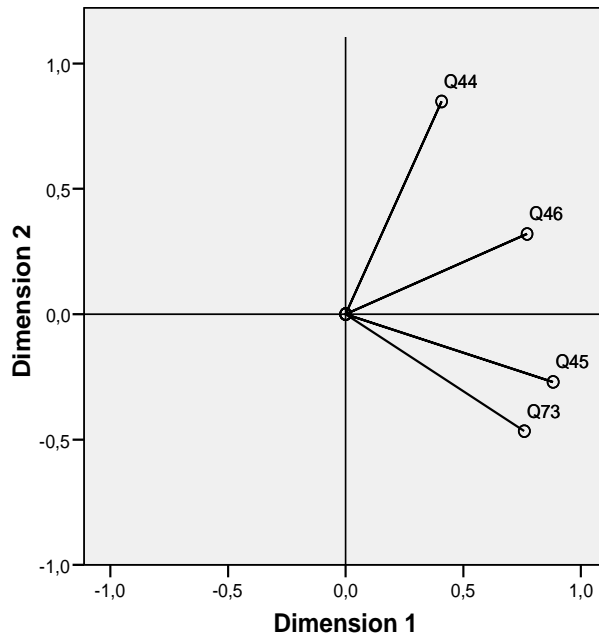
Tabela 05: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q44	,408	,849
Q45	,882	-,270
Q46	,771	,320
Q73	,759	-,467

Variable Principal Normalization.

O círculo de correlações evidencia que todas as variáveis estão no mesmo sentido, com ordenadas positivas no eixo x, propiciando a construção do indicador na primeira dimensão.

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

III. Construção do Indicador ‘Traços de Cidadania’

A tabela 01 mostra as variáveis que formam o construto ‘traços de cidadania’. A análise fatorial retendo duas dimensões revela que este indicador é o mais consistente

Tabela 01: Variáveis do construto Traços de Cidadania

TRAÇOS DE CIDADANIA	
049	Cumpro com meus deveres de cidadão
050	Eu luto para que os meus direitos de cidadão sejam respeitados
037	As ações coletivas só acontecem quando existem lideranças
047	Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas
072	Quanto mais organizada é uma comunidade, mais felizes são as pessoas que vivem nela

Na tabela 02 o alpha de Cronbach elevado de 0,87 evidencia que o construto é unidimensional e que o indicador construído pela primeira dimensão é bastante consistente. Os autovalores das dimensões também evidenciam que as variáveis estão associadas ao eixo x, com valor alto na primeira dimensão (3,24) e abaixo de 1 na segunda dimensão (0,79).

Tabela 02: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,864	3,241
2	-,336	,788
Total	,940(a)	4,029

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 03 indica que todas as variáveis possuem variância explicada maiores na primeira dimensão. As variáveis Q47 e Q72 são as que possuem maiores valores, com 75,4% e 72,5% da variância explicada no eixo x, respectivamente.

Tabela 03: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	1	2	2
Q37	,582	,234	,816
Q47	,754	,000	,754
Q49	,548	,317	,864
Q50	,632	,112	,744
Q72	,725	,125	,850
Active Total	3,241	,788	4,029
% of Variance	64,816	15,760	80,576

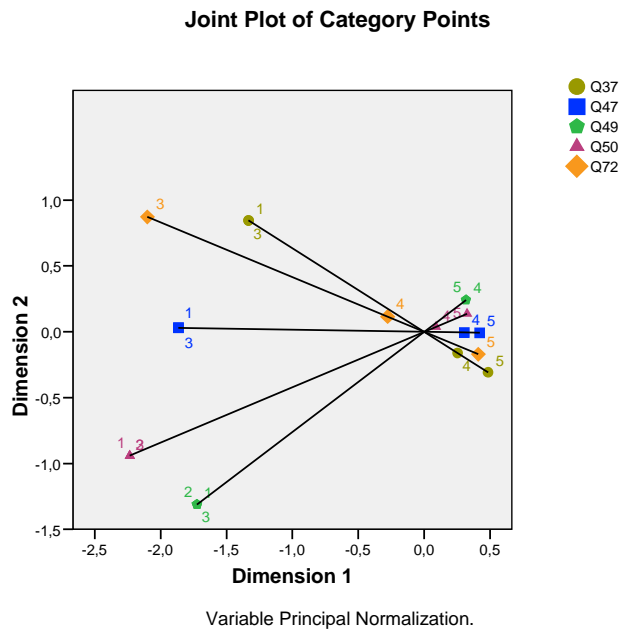
A tabela de correlações evidencia correlações fortes entre todas as variáveis, entre 0,35 e 0,73. As variáveis mais correlacionadas são: Q47 e Q72 e as menos correlacionadas são: Q37 e Q49. A variável Q72 é a que melhor se correlaciona com o conjunto de variáveis.

Tabela 04: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto

	Q37	Q47	Q49	Q50	Q72
Q37	1,000	,553	,349	,478	,695
Q47	,553	1,000	,599	,575	,732
Q49	,349	,599	1,000	,632	,435
Q50	,478	,575	,632	1,000	,529
Q72	,695	,732	,435	,529	1,000
Dimension	1	2	3	4	5
Eigenvalue	3,241	,788	,434	,326	,211

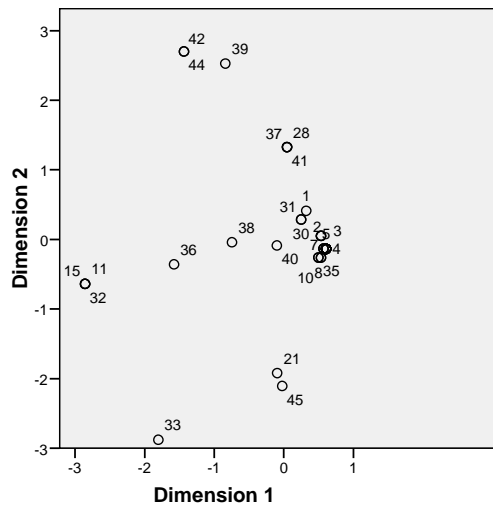
O gráfico das categorias apresenta todas as variáveis com vetores longos, as escalas 4

e 5 estão bem próximas da origem, sendo respostas padrões, comuns. A escala 3 se distancia bastante da origem e são causadores de grande variabilidade entre os pesquisados, são respostas atípicas, assim como a escala 1. A escala 2 não foi escolhida pelos respondentes, com exceção do quesito Q49. As escalas 4 e 5 estão bem próximas, não causando muita diferenciação, com exceção da variável Q72.



O gráfico dos objetos apresenta os valores do indicador que encontra-se na primeira dimensão. Cada indivíduo pesquisa recebe uma quantificação na primeira dimensão de acordo com as respostas dados aos quesitos. O eixo x apresenta a maior massa de objetos próxima da origem, significando as respostas mais comuns, padrões. A esquerda do gráfico encontram-se dispersos alguns indivíduos que escolheram valores baixos às escalas dos quesitos. Os que estão plotados na parte superior esquerda do gráfico escolheram valores baixos às escalas das variáveis Q72 e/ou Q37, os que estão na parte superior são os que responderam com baixa concordância aos quesitos Q49 e/ou Q50. Na parte central, à esquerda do gráfico, encontra-se um pequeno grupo que escolheram valores baixos às escalas da variável Q47.

Object Points Labeled by Casenumbers



Variable Principal Normalization.

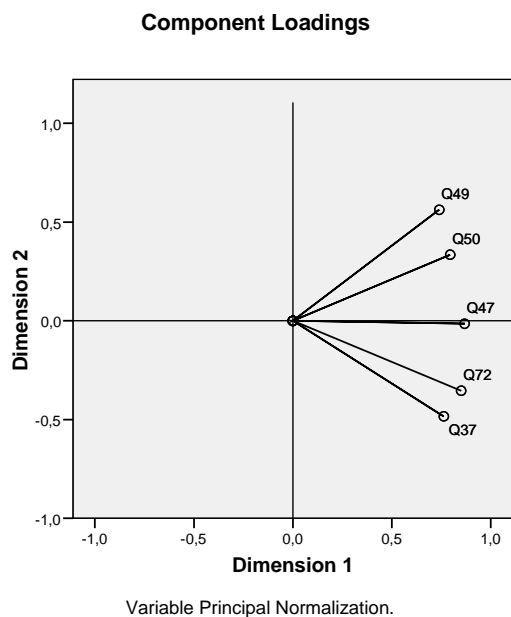
As cargas fatoriais (tabela 05) são elevadas na primeira dimensão, com valores entre 0,74 e 8,7, confirmando ótima representação das variáveis na construção do indicador.

Tabela 05: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q37	,763	-,484
Q47	,868	-,014
Q49	,740	,563
Q50	,795	,335
Q72	,851	-,354

Variable Principal Normalization.

O circulo de correlações mostra que as variáveis estão bem representadas, com ordenadas altas no eixo x. A variável Q47 é a que está quase que totalmente representada na primeira dimensão, sendo então a variável mais importante do indicador criado. A segunda dimensão indica que existe um contraste entre as variáveis Q49 e Q50 e as variáveis Q37 e Q72.



IV. Construção do Indicador ‘Integração Comunitária

A tabela 01 apresenta as variáveis do construto Integração Comunitária.

Tabela 01: Variáveis do construto Integração comunitária

INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA	
051	Eu conheço os meus vizinhos pelo nome
052	Eu sei quais são os problemas e as dificuldades que os meus vizinhos enfrentam
053	Eu sei o que meus vizinhos sonham para o futuro deles
054	Estou sempre atualizado sobre o que acontece na minha comunidade
069	Na comunidade onde eu moro as pessoas ajudam umas às outras

O *alpha de cronbach* de 0,85 na primeira dimensão é os autovalores – de 3,13 na primeira dimensão, caindo para 0,93 na segunda dimensão – mostram que o construto está bastante consistente na primeira dimensão, o valor negativo na segunda dimensão indica que não existe nenhuma consistência na segunda dimensão, confirmando a construção do indicador utilizando o eixo x. O autovalor abaixo de 1 na segunda dimensão evidencia que o construto é unidimensional.

Tabela 02: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,851	3,129
2	-,258	,829
Total	,934(a)	3,958

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 03 apresenta a variância explicada nas duas primeiras dimensões. A primeira dimensão retém a maior parte da variabilidade das variáveis, com valores maiores que na segunda dimensão, com exceção da variável Q69 que possui 42% da variância explicada na primeira dimensão e 42,1% na segunda dimensão. A variável Q52 é a que está melhor explicada no eixo do indicador – eixo x – com 83,2% da explicação da variância. A pequena parcela da variância de quase todas as variáveis no eixo y mostra que o indicador está bem consistente na primeira dimensão.

Tabela 03: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q51	,603	,094	,697
Q52	,832	,030	,862
Q53	,581	,143	,724
Q54	,693	,141	,834
Q69	,420	,421	,841
Active Total	3,129	,829	3,958

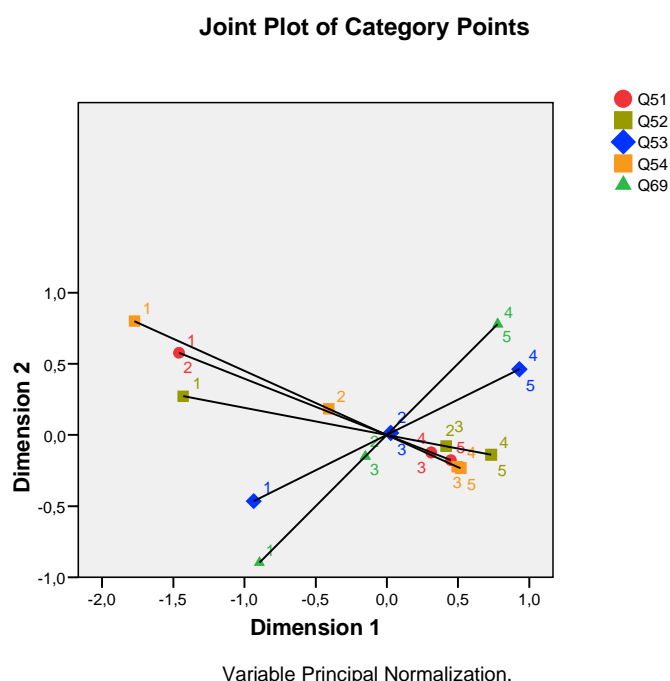
A tabela de correlações indica correlações bivariadas entre 0,32 e 0,70. As variável Q59 é a que possui menor correlação com as demais variáveis e a variável Q52 é a que possui correlações mais fortes. As variáveis Q52 e Q54 são as que estão mais fortemente correlacionadas (0,70).

Tabela 04: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

	Q51	Q52	Q53	Q54	Q69
Q51(a)	1,000	,571	,407	,539	,363
Q52(a)	,571	1,000	,578	,700	,379
Q53(a)	,407	,578	1,000	,465	,452
Q54(a)	,539	,700	,465	1,000	,324
Q69(a)	,363	,379	,452	,324	1,000
Dimension	1	2	3	4	5
Eigenvalue	2,936	,776	,566	,443	,279

a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

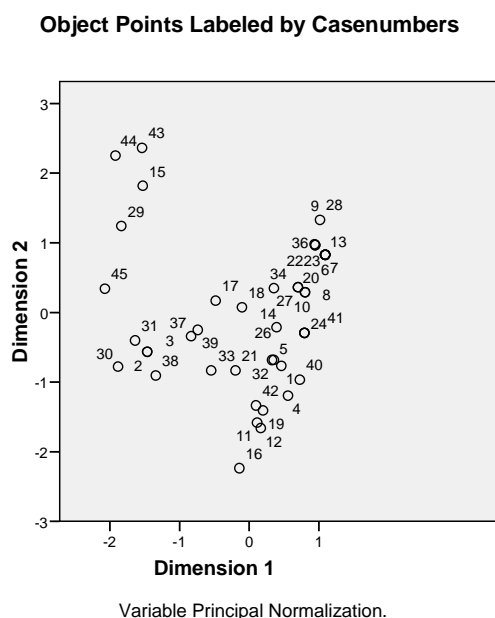
O gráfico das categorias mostra que as variáveis possuem o mesmo significado, estão na mesma direção, do lado esquerdo estão as escalas menores e do lado direito estão as escalas maiores, ou seja, respostas baixas a um quesito resultam em respostas baixas aos outros quesitos, assim também para as respostas altas às escalas. As escalas 4 e 5 estão bem próximas, significando que não causam diferenças entre os respondentes. A escala 1 é distante da origem, se distancia das demais escalas, significando que são respostas incomuns. A variável Q54 possui um vetor longo, significando que gera grande diferenciação nos dados.



O gráfico de dispersão apresenta uma distribuição um pouco heterogênea dos respondentes quanto aos quesitos do construto, apresenta uma distribuição assimétrica à esquerda, onde alguns respondentes (no lado esquerdo do gráfico) escolheram escalas baixas

aos quesitos e se distanciam dos demais. A maior concentração de respondentes está entre menos um e um na primeira dimensão.

Observa-se uma maior concentração de pessoas no intervalo entre zero e um, são os que escolheram valores altos às escalas. Os que estão na parte superior do intervalo são os que deram respostas maiores aos queistos Q53 e Q69 e os que estão na parte superior do intervalo são os que deram respostas maiores aos demais quesitos. Na construção do indicador (eixo x), todos estarão com valores próximos e os dois grupos não se distinguem. Poucos respondentes se encontram do lado esquerdo do gráfico, são os que escolheram baixas escalas aos quesitos.

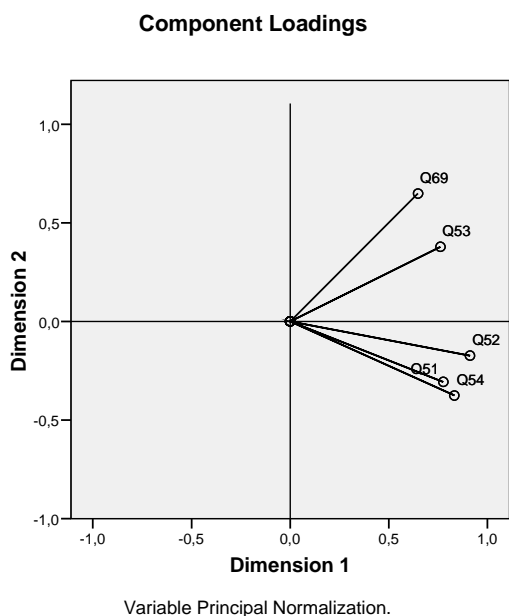


A tabela 05 e o gráfico ‘Components Loading’ apresentam cargas fatoriais elevadas na primeira dimensão, entre 0,65 e 0,91, as variáveis estão bem representadas no primeiro eixo, validando a construção do indicador.

Tabela 05: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q51	,777	-,307
Q52	,912	-,173
Q53	,762	,378
Q54	,833	-,375
Q69	,648	,649

Variable Principal Normalization.



V. Construção do Indicador ‘Ações Coletivas’

A tabela 01 apresenta as variáveis que formam o construto Ações Coletivas.

Tabela 01: Variáveis do construto ‘Ações Coletivas’

AÇÕES COLETIVAS	
035	Eu participo ativamente de ações coletivas
036	As ações coletivas tem dado resultados positivos
039	As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelos políticos
040	As pessoas que lutam pelos direitos da comunidade são bem vistas pelas ONGs
066	Lideranças da própria comunidade tem mais poder de mobilização do que lideranças que vem de fora da comunidade

O valor do *alpha de Cronbach* maior que 0,7 na primeira dimensão valida a construção do indicador.

Tabela 02: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,726	2,383
2	,392	1,456
Total	,924(a)	3,840

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

As variáveis que compõem o construto possuem variâncias explicadas entre 34,5 % a 57,2%. Todas as variáveis estão pouco explicadas na primeira dimensão e com explicação

significativa na segunda dimensão mostrando que a segunda dimensão também é importante. A variância total nas duas dimensões é alta, mostrando que as dimensões são suficientes.

Tabela 03: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q35	,544	,126	,669
Q36	,432	,375	,807
Q39	,491	,448	,939
Q40	,572	,336	,907
Q66	,345	,172	,517
Active Total	2,383	1,456	3,840

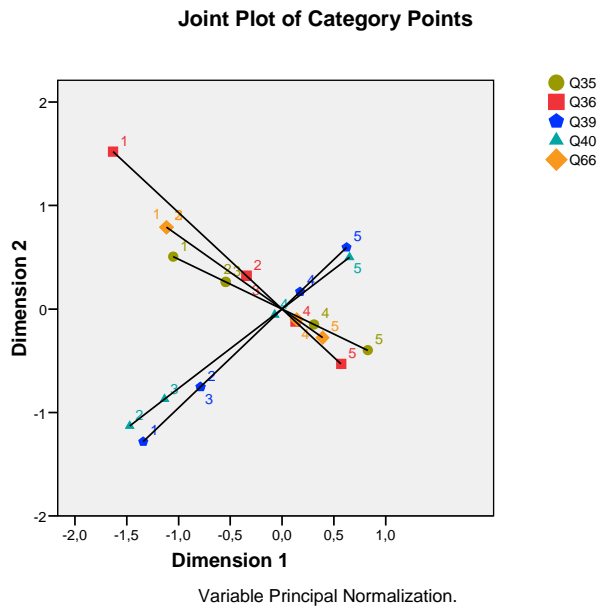
A tabela 04 indica que as variáveis melhor correlacionadas são: Q39 e Q40 (0,86) seguidas das variáveis Q35 e Q36 (0,56). As variáveis menos correlacionadas são: Q66 com as variáveis Q40 (0,17) e Q39 (0,193) e as variáveis Q36 com a variável Q39 (0,04).

Tabela 04: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

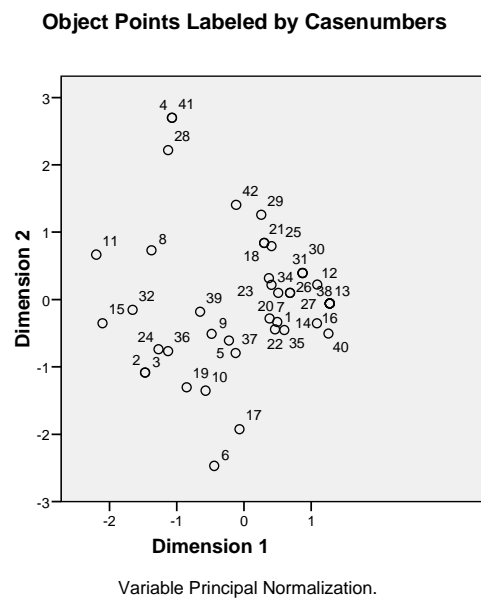
	Q35	Q36	Q39	Q40	Q66
Q35	1,000	,563	,267	,318	,327
Q36	,563	1,000	,041	,222	,418
Q39	,267	,041	1,000	,856	,193
Q40(a)	,318	,222	,856	1,000	,171
Q66(a)	,327	,418	,193	,171	1,000
Dimension	1	2	3	4	5
Eigenvalue	2,369	1,396	,701	,419	,114

a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico das categorias apresenta variáveis que estão no mesmo sentido no eixo x. Respostas menores às escalas de um quesito resultou em menores aos demais. Do lado direito do gráfico estão as escalas 4 e 5. As escalas 4 encontram-se muito próximas à origem, significando que são respostas comuns. O gráfico apresenta dois conjuntos de variáveis na segunda dimensão, um formado pelas variáveis Q39 e Q40, que possuem vetores semelhantes.



O gráfico dos objetos mostra uma distribuição assimétrica à esquerda, alguns respondentes (no lado esquerdo do gráfico) escolheram escalas baixas aos quesitos e se distanciam dos demais. A maior concentração de respondentes está entre zero e um na primeira dimensão e entre menos um e um na segunda dimensão, formando um grupo homogêneo de respostas maiores às escalas. Do lado esquerdo do gráfico encontram-se dispersos alguns respondentes, são os que escolheram baixas escalas para alguns quesitos.



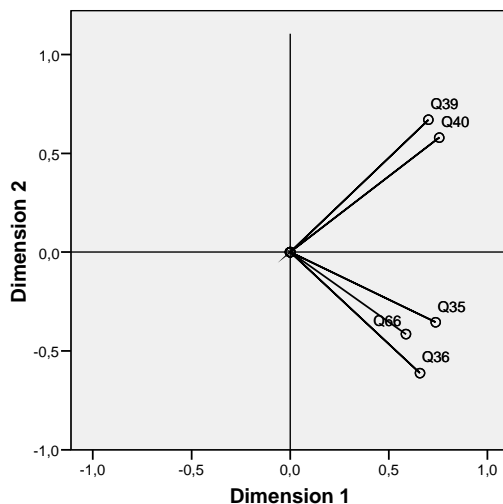
De acordo com a Tabela 05 e o gráfico 'components loading' todas as variáveis possuem cargas fatoriais positivas na primeira dimensão, com valores entre 0,59e 0,76. A segunda dimensão divide as variáveis em dois grupos: um grupo contendo as variáveis 39 e 40 e o outro grupo contendo as variáveis 35,35 e 66. Isto mostra que apesar das variáveis estarem bem representadas na primeira dimensão, possibilitando a construção do indicador, estas variáveis podem ser divididas em dois grupos com significados diferentes. Ou seja, por um lado as variáveis possuem características em comum e podem formar o construto 'Ações Coletivas', por outro lado elas se subdividem em dois grupos com significados diferentes.

Tabela 05: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q35	,737	-,355
Q36	,657	-,612
Q39	,701	,669
Q40	,756	,579
Q66	,587	-,415

Variable Principal Normalization.

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

VI. Construção do Indicador ‘Parceria’:

A tabela 01 apresenta as variáveis que formam o construto: Parcerias.

Tabela 01: Variáveis do construto Parceria

	Parceria
056	Na comunidade onde moro temos apoio de empresas
057	A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das ONGs que nos apoiam
058	A comunidade conhece bem o jeito de trabalhar das empresa que nos apoiam
065	Se não fosse a ajuda das empresas e das ONGs a gente tinha se revoltado
059	As ONGs têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas
060	As empresas têm interesse que a comunidade resolva seus próprios problemas

O *alpha de Cronbach* muito elevado (0,91) permite concluir que as variáveis estão bastante consistentes no construto. O valor do autovalor na primeira dimensão, de 4,12 caindo para 0,82 na segunda dimensão também confirma que as variáveis estão bem consistentes na primeira dimensão para construção do indicador.

Tabela 02: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,909	4,119
2	-,264	,820
Total	,957(a)	4,939

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 03 apresenta as variáveis bastante explicadas na primeira dimensão, com variâncias elevadas entre 0,58 e 0,82. Na segunda dimensão as variáveis possuem explicação da variância próxima de zero, com exceção da variável Q56 que está sendo explicada 44,9% no segundo eixo, está sozinha, mostrando que apesar de estar explicada na primeira dimensão, existem outras variáveis que se relacionam com ela e que não estão na pesquisa. A variáveis Q60 possui a menor variância total explicada, de 0,59, mostrando que também existem outras variáveis que não estão sendo analisadas e que se correlacionam com ela.

Tabela 03: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q56	,580	,449	1,029
Q57	,774	,220	,994
Q58	,819	,023	,841
Q65	,693	,065	,759
Q59	,669	,062	,730
Q60	,585	,001	,586
Active Total	4,119	,820	4,939

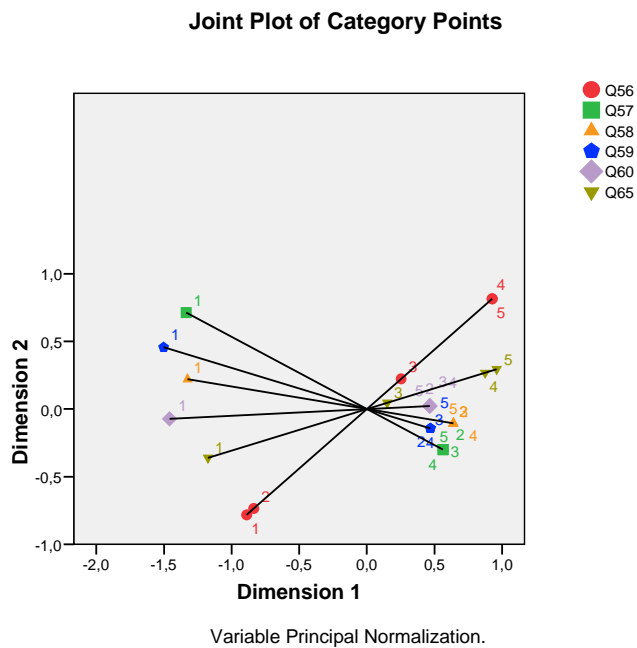
A tabela de correlações mostra que as variáveis estão com correlações relativamente fortes, com valores entre 0,35 e 0,85. a maior correlação está entre as variáveis Q57 com as variáveis Q58 (0,85) e Q59 (0,68). A variável Q65 é a que possui menor correlação com as demais variáveis.

Tabela 04: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

	Q56	Q57	Q58	Q65	Q59	Q60
Q56(a)	1,000	,484	,526	,674	,541	,494
Q57	,484	1,000	,849	,548	,680	,504
Q58(a)	,526	,849	1,000	,451	,643	,589
Q65(a)	,674	,548	,451	1,000	,392	,351
Q59(a)	,541	,680	,643	,392	1,000	,535
Q60(a)	,494	,504	,589	,351	,535	1,000
Dimension	1	2	3	4	5	6
Eigenvalue	3,774	,823	,582	,426	,281	,114

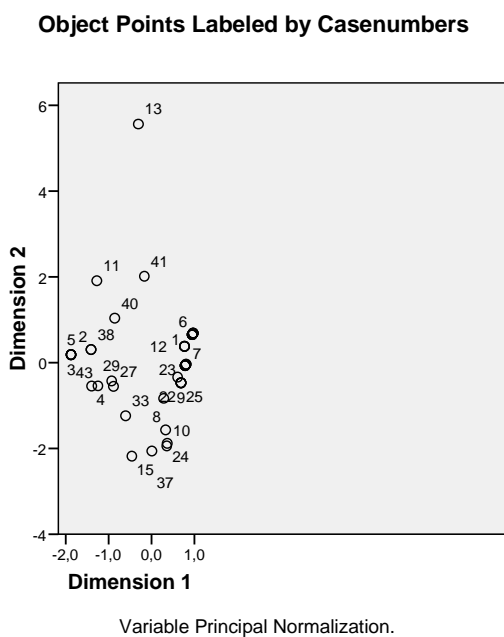
a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico de categorias mostra as variáveis no mesmo sentido, com vetores de tamanhos semelhantes. A variável Q56 possui características um pouco diferentes das demais, está mais inclinado na segunda dimensão e apresenta uma distancia dos respondentes que escolheram a escala 3 e os que responderam 4 e 5, outra divergência é a aproximação das escalas 1 e 2 que não acontece nas demais variáveis, onde a escolha da escala 1 distancia bastante os respondentes dos que responderam as demais escalas.



O gráfico dos objetos apresenta dois grupos de respondentes: um com *scores* entre zero e um e outro entre -2 e -1. Um indivíduo se distancia dos demais na segunda dimensão por escolher uma escala alta a variável Q56 causando grande diferenciação.

Observa-se uma assimetria á esquerda onde a maior concentração de indivíduos está entre zero e um e outros encontram-se entre menos dois e zero.



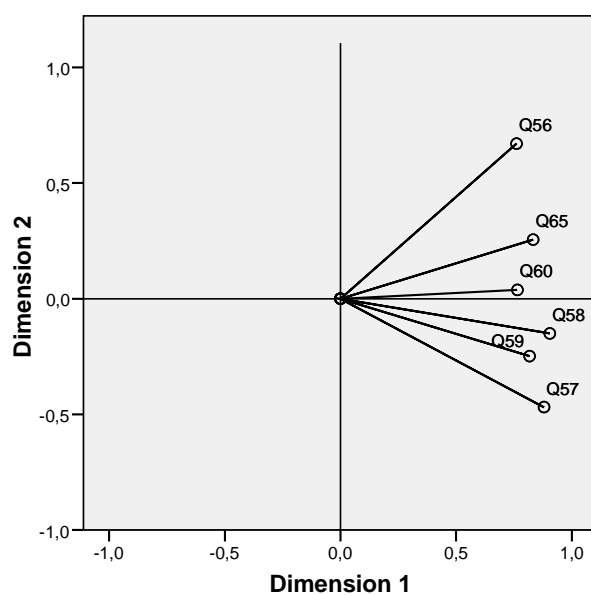
As cargas fatoriais elevadas na primeira dimensão mostram que o construto é consistente e que a construção do indicador é eficiente. Todas as variáveis estão fortemente associadas com o eixo do indicador. A variável Q56 apresenta carga fatorial significativa na segunda dimensão, contrastando com a variável Q57. Apesar das variáveis possuírem características em comum e se agruparem na primeira dimensão, a segunda dimensão mostra que as variáveis Q56 e Q57 possuem significados diferentes. A variável Q60 é a mais importante quanto a construção do indicador, pois é a que se relaciona melhor com o primeiro eixo com inclinação próxima de zero com o eixo y

Tabela 05: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q56	,762	,670
Q57	,880	-,469
Q58	,905	-,150
Q65	,833	,255
Q59	,818	-,249
Q60	,765	,038

Variable Principal Normalization.

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

VII. Construção do Indicador ‘Fortalecimento da Comunidade’

A tabela 01 apresenta as variáveis que formam o construto ‘Fortalecimento da comunidade’.

Tabela 01: Variáveis do construto Fortalecimento da comunidade:

FORTALECIMENTO DA COMUNIDADE	
063	O dinheiro fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade
061	As ONGs fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade
062	As empresas fortalecem a capacidade de mobilização social da comunidade
064	As pessoas da comunidade são as protagonistas dos projetos propostos pelas ONGs

O valor do Alpha de Cronbach de 0,80 na primeira dimensão e próximo de zero na segunda dimensão valida a construção do indicador utilizando o primeiro eixo. Os altos valores de 2,50 na primeira dimensão caindo para 0,93 na segunda dimensão reforçam que o eixo x, onde o indicador será construído, retém a maior parte da variabilidade dos dados.

Tabela 02: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,799	2,496
2	-,093	,935
Total	,945(a)	3,431

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 03 mostra a explicação da variância nas duas primeiras dimensões. Todas as variáveis estão bem explicadas na primeira dimensão com variância próxima de zero na segunda dimensão, com exceção da variável Q61 que está quase que totalmente explicada na segunda dimensão. Com isso, esta variável está muito pouco explicada na construção do indicador. As demais variáveis possuem variâncias explicadas relativamente grandes no eixo x.

Tabela 03: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q61	,161	,863	1,023
Q62	,693	,050	,743
Q63	,848	,006	,854
Q64	,794	,017	,811
Active Total	2,496	,935	3,431

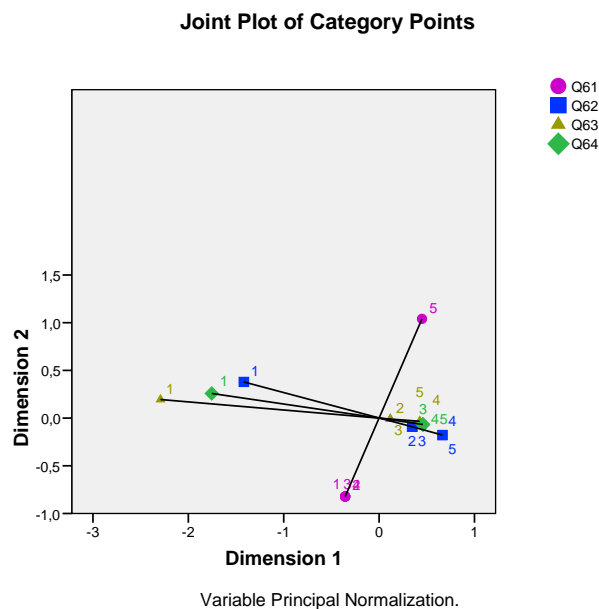
A tabela 04 mostra a correlação bivariada entre os itens que compõem o construto. A tabela indica baixa correlação entre a variável Q61 e as demais. As variáveis Q62, Q63 e Q64 está bastante correlacionadas.

Tabela 04: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

	Q61	Q62	Q63	Q64
Q61	1,000	,170	,266	,237
Q62(a)	,170	1,000	,680	,628
Q63	,266	,680	1,000	,786
Q64(a)	,237	,628	,786	1,000
Dimension	1	2	3	4
Eigenvalue	2,500	,904	,389	,207

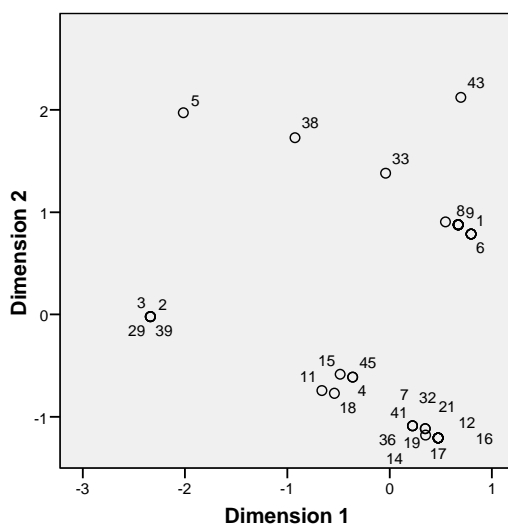
a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico das categorias apresenta variáveis muito próximas, com exceção da variável Q61 que está representada melhor na segunda dimensão. A escala 1 se distancia bastante das demais e causa grande variabilidade, as demais escalas estão muito próximas e não se diferem, estão bem próximas e não diferenciam os indivíduos na primeira dimensão.



O gráfico dos objetos apresenta vários indivíduos isolados, com respostas atípicas aos quesitos. A maior concentração de respondentes está entre menos um e um.

Object Points Labeled by Casenumbers



Variable Principal Normalization.

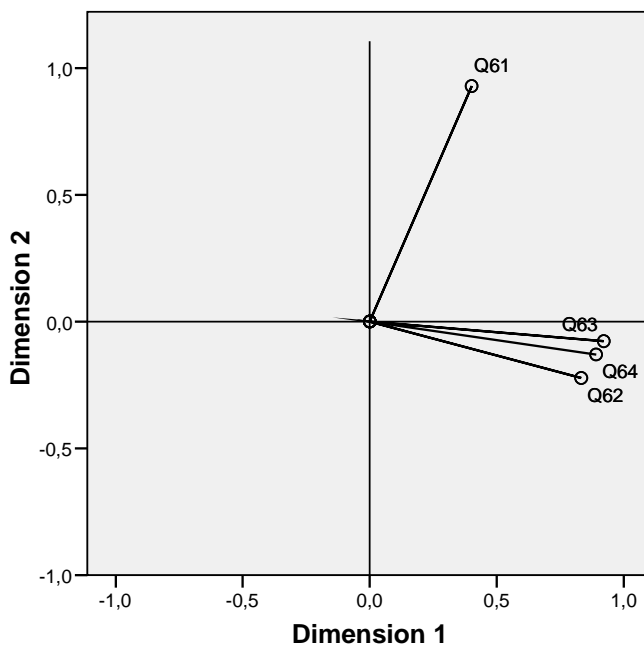
Na tabela 05 e no gráfico *Component loadings* observa-se uma alta associação das variáveis Q2, Q63 e Q64 com o eixo do indicador, essas variáveis possuem inclinação pequena com o segundo validando a construção do indicador. A variável Q61, embora esteja mais correlacionada com o eixo y, está no mesmo sentido que as demais variáveis, terá uma pequena participação na construção do indicador.

Tabela 05: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q61	,401	,929
Q62	,833	-,223
Q63	,921	-,077
Q64	,891	-,130

Variable Principal Normalization.

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

Tabela de correlações entre os indicadores¹³⁴:

Após a definição dos construtos, através da observação das associações entre as variáveis na análise fatorial e após a construção dos indicadores onde cada construto foi transformado em uma variável contínua foi feita uma tabela de correlações entre os indicadores para observações as associações entre eles. As 41 variáveis foram agrupadas em sete variáveis latentes, são elas: organização comunitária, vitimação, cidadania, integração comunitária, ações coletivas, parceria e fortalecimento da comunidade.

De acordo com a tabela de correlações os indicadores que estão mais correlacionados são: parceria e fortalecimento da comunidade (0,78). O indicador 'vitimação' possui correlações próximas de zero com os demais indicadores, significando que não há associação. Os indicadores 'cidadania' e 'ações coletivas' também aparecem com fraca correlação com os demais indicadores, onde cidadania apresenta as maiores correlações com o indicador

¹³⁴ Segundo Downing e Clark "A correlação (ou coeficiente de correlação) mede o grau de relacionamento linear entre duas variáveis. A correlação (representada por r) está sempre entre -1 e 1 . Um valor de correlação vizinho de 1 ou de -1 indica que há uma relação muito forte entre as duas variáveis ... Uma correlação vizinha de zero significa que não há grande relacionamento linear entre duas variáveis" (DOWNING e CLARK, 2006, pp. 239 – 240)

‘organização comunitária’ (0,42) , seguida de ‘ações coletivas’ (0,38). Os indicadores ‘parceria’, ‘fortalecimento da comunidade’ e integração comunitária’ são os mais fortemente correlacionados.

Correlations

	Org Comum.	vitimação	cidadania	integração comunitária	ações coletivas	parceria	fortalecimento da comunidade
Organ. Comunitária	1,00	0,03	0,42	0,44	0,22	0,57	0,44
vitimação	0,03	1,00	0,20	0,22	-0,21	0,11	-0,09
cidadania	0,42	0,20	1,00	0,23	0,38	0,24	0,19
integração comunitária	0,44	0,22	0,23	1,00	-0,11	0,43	0,42
ações coletivas	0,22	-0,21	0,38	-0,11	1,00	0,16	0,30
parceria	0,57	0,11	0,24	0,43	0,16	1,00	0,78
fortalecimento da comunidade	0,44	-0,09	0,19	0,42	0,30	0,78	1,00

Análise fatorial da pesquisa aplicada à empresa Beta:

Para encontrar os fatores existentes no questionário aplicado à empresa Beta foi utilizado o CATPCA retendo três dimensões. Os valores do *Alpha de Cronbach* e dos autovalores estão descritos na tabela 01. De acordo com a tabela a primeira dimensão retém a maior parte da variabilidade dos dados com valor de Alpha de 0,90. O valor de Apha menor que 0,6 indica inconsistência das variáveis na dimensão, por isso optou-se por utilizar três dimensões onde a terceira apresenta apha de 0,6. O autovalor na primeira dimensão é de 7,48 caindo para 2,75 e 2,37 na segunda e na terceira dimensão, respectivamente. Este resultado mostra que os dados estão fortemente correlacionados com a primeira dimensão, o que pode ser observado na tabela 02.

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas quatro primeiras dimensões da análise de componentes principais para dados categóricos (CATPCA).

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,898	7,480
2	,660	2,749
3	,599	2,369
Total	,955(a)	12,597

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 02 apresenta as cargas fatoriais das variáveis nas três primeiras dimensões. De acordo com a tabela a primeira dimensão é a que possui as maiores cargas fatoriais. É

possível observar na primeira dimensão a formação de quatro conjuntos de variáveis (construtos) através da aproximação das cargas fatoriais e da interpretação semântica das características em comum, podem ser observados no gráfico 01 – B, são eles:

- Percepção sobre os princípios: Podem ser observadas no gráfico 01 – B (3). São variáveis que possuem baixas correlações com a segunda dimensão (possuem cargas fatoriais próximas de zero) e que possuem cargas fatoriais positivas na primeira dimensão, na terceira dimensão possuem cargas fatoriais positivas. São elas: (39) ‘Quando o capital social de uma comunidade é desenvolvido o plano de negócios tem resultados mais rápidos’; (49) ‘A formação de parcerias é responsável por grande parte do trabalho de implantação de um plano de negócios’; (Q43) ‘O capital social é imprescindível para que a comunidade tenha êxito no seu projeto de desenvolvimento econômico’; (41) ‘O capital social afeta o desenvolvimento dos planos de negócios’.

- Percepção sobre a mobilização Social: Podem ser observadas no gráfico 01 – B (2). São variáveis que se aproximam com cargas fatoriais positivas relativamente altas na primeira dimensão e positivas, porém baixas, na segunda dimensão. Este construto é formado pelas variáveis: (44) ‘As pessoas mais pobres têm condições de assumir a liderança do plano de negócios’; (46) ‘Lideranças das próprias comunidades têm mais poder de mobilização do que lideranças que vêm de fora da comunidade’; (50) ‘Muitas mudanças que aconteceram na comunidade foram consequência da união das próprias pessoas daquela comunidade’; (51) ‘As pessoas percebem que a mobilização social pode melhorar a realidade delas’;

- Percepção sobre a interação Grupo-Plano de Negócio: Podem ser observadas no gráfico 01 – B (4). São variáveis que possuem cargas fatoriais altas na primeira dimensão e próximas de zero na segunda e na terceira dimensão. (33) ‘A implantação de um plano de negócios pode ser considerada uma espécie de intervenção social’; (40) ‘A implantação de um plano de negócios numa comunidade ajuda a desenvolver o capital social’; (45) ‘O capital social pode ser construído’; (54) ‘O tratamento da saúde das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos’; (58) ‘A implantação de um plano de negócios fortalece a capacidade de mobilização social da comunidade’.

- Percepção sobre os investimentos e resultados: Podem ser observadas no gráfico 01 – B (4). São variáveis que estão misturadas ao construto “percepção sobre a interação Grupo-Plano de Negócios”, mostrando-se fortemente relacionado, porém, por uma questão semântica formaram um grupo separado. São elas: (53) ‘A capacitação das pessoas da comunidade é tão importante quanto a alocação de capital para investimentos’; (56) ‘É justamente essa interação

que ajuda na calibragem das ações e investimentos que deverão constar do plano de negócios'; (55) 'A interação com as comunidades onde os planos de negócios são implantados é um fator determinante para o sucesso'; (60) 'Ser percebida como uma empresa social e ambientalmente responsável contribui para o aumento dos lucros da Empresa Beta'.

A segunda dimensão apresenta dois grupos de variáveis que formam os construtos:

- Percepção sobre o DRS: Podem ser observadas no gráfico 01 – B (1) e no gráfico 03 (5). São variáveis que possuem cargas fatoriais positivas relativamente altas na segunda dimensão e negativas na terceira dimensão, são elas: (34) 'As pessoas da comunidade são as protagonistas dos planos de negócio DRS; (35) 'A comunidade tem acesso a todas as informações que envolvem os planos de negócios (nomes e telefones de parceiros, compradores e fornecedores, orçamentos, técnicos, etc); (Q36) 'Uma das premissas do nosso trabalho é que as comunidades envolvidas devem participar de todas as fases do plano de negócios'; (Q37) 'Nós só atuamos em locais com capital social desenvolvido'.

- Conhecimentos dos agentes e das comunidades: São variáveis que apresenta aproximações nas três dimensões, com cargas fatoriais maiores na segunda dimensão, são elas: (47) 'Nós conhecemos pessoalmente as lideranças das comunidades onde são implantados os planos de negócio' e (48) 'Nós conhecemos pessoalmente as comunidades onde implantamos planos de negócios'.

A terceira dimensão mostra que o construto 'Conhecimentos dos agentes e das comunidades' encontra-se fortemente correlacionado, fortalecendo aproximação das variáveis 47 e 48. Além disso, mostra um contraste entre este construto e o construto 'Percepção sobre o DRS', principalmente com as variáveis 34 e 36, que pode ser observado nos gráficos 02 e 03.

Component Loadings

	Dimension		
	1	2	3
Q34	0,037	0,494	-0,515
Q35	0,234	0,516	-0,191
Q36	0,323	0,509	-0,495
Q37	-0,037	0,561	-0,107
Q39	0,473	0,092	0,512
Q41	0,534	0,130	0,100
Q42	0,135	-0,001	0,509
Q43	0,510	-0,015	0,288
Q49	0,517	0,080	0,362
Q47	-0,206	0,688	0,425
Q48	-0,193	0,682	0,512
Q44	0,528	0,220	0,151
Q46	0,542	0,215	-0,027
Q50	0,600	0,188	-0,273

Q51	0,441	0,107	-0,412
Q33	0,625	-0,081	-0,223
Q40	0,752	0,003	0,050
Q45	0,645	-0,119	0,037
Q54	0,637	-0,049	-0,112
Q58	0,758	-0,051	-0,055
Q38	0,543	-0,215	0,089
Q53	0,609	-0,199	-0,064
Q55	0,658	-0,013	0,432
Q56	0,733	-0,232	0,066
Q60	0,664	-0,062	-0,050
Q52	0,317	0,065	-0,268
Q57	0,358	-0,470	-0,082
Q59	0,629	0,400	-0,028
Variable Principal Normalization.			

Gráfico 01 - A: Círculo de correlações – Primeira e segunda dimensão:

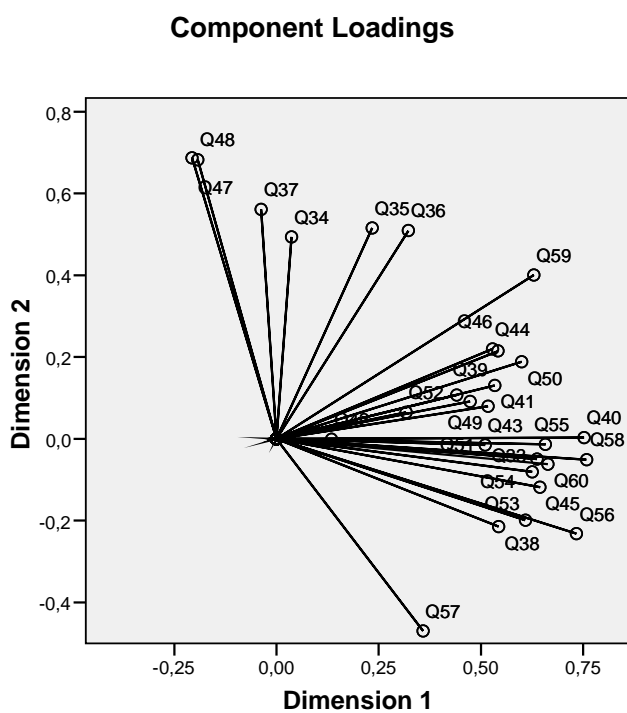
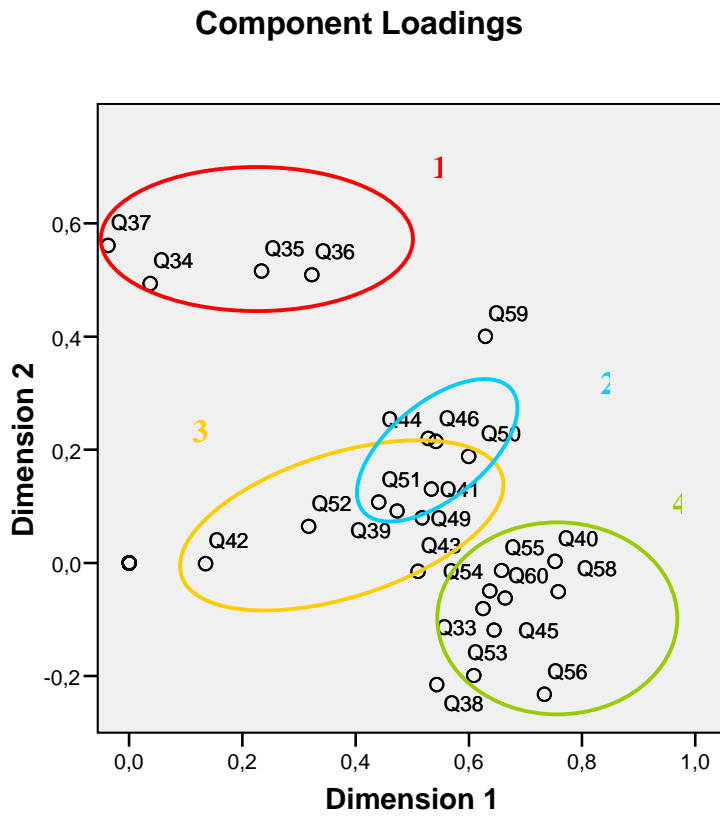


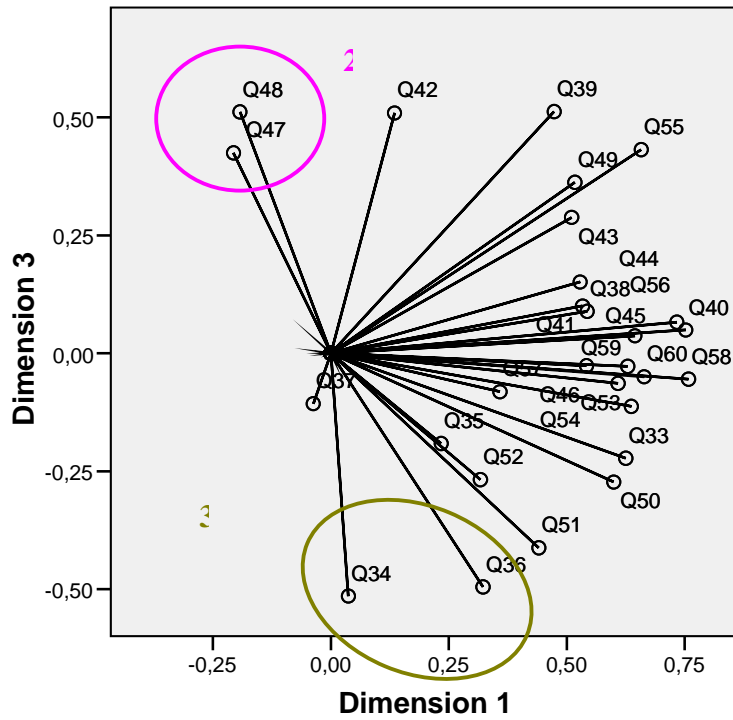
Gráfico 01 - B: Círculo de correlações – Primeira e segunda dimensão:



Variable Principal Normalization.

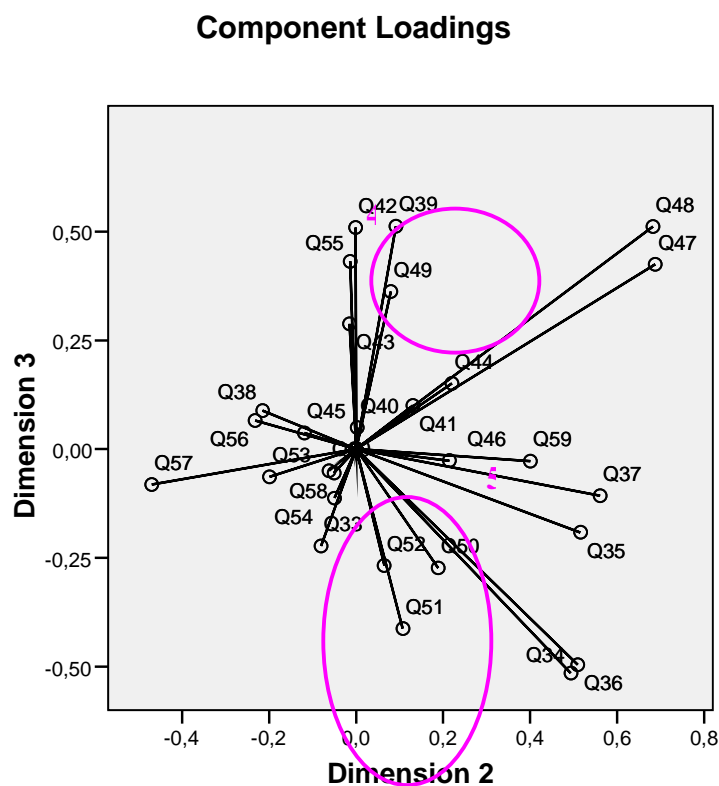
Gráfico 02: Círculo de correlações – Primeira e terceira dimensão:

Component Loadings



Variable Principal Normalization.

Gráfico 03: Círculo de correlações – Segunda e terceira dimensão:



Variable Principal Normalization.

A tabela de correlações apresenta as associações existentes entre os seis indicadores. As correlações mais fortes estão associadas à variável PNg com as variáveis: Investimentos, mobilidade social e princípios com correlações 0,6; 0,46 e 0,45, respectivamente. A variável que possui as menores associações com as demais é ‘DRS’.

Correlations

	DRS	Princípios	Conhecimentos	Mobil.social	PNg	investimentos
DRS	1	0,05	0,16	0,20	0,13	-0,05
Princípios	0,05	1	0,12	0,21	0,45	0,38
Conhecimentos	0,16	0,12	1	0,25	0,06	-0,01
Mobil.social	0,20	0,21	0,25	1	0,46	0,31
PNg	0,13	0,45	0,06	0,46	1	0,60
investimentos	-0,05	0,38	-0,01	0,31	0,60	1

Análise da consistência dos construtos relativos ao questionário aplicado à empresa Beta:

Após a definição dos construtos cada um foi transformado em um indicador a fim de observar as relações existentes entre eles. Assim, as 25 variáveis foram transformadas em 6 variáveis latentes. Foi realizada uma análise fatorial em cada construto retendo duas dimensões a fim de observar a consistência do indicador que é construído utilizando a primeira dimensão, por essa ser a que possui a maior parte da variabilidade dos dados, dando conta das características das variáveis originais.

I. Construção do Indicador ‘Percepção sobre o DRS’:

A tabela 01 apresenta o valor do *alpha de Cronbach* em duas dimensões para as variáveis que formam o construto. De acordo com a tabela a primeira dimensão possui a maior parte da explicação dos dados com *alpha* de 0,6. A segunda dimensão é inconsistente, com valor próximo de zero, validando a construção do indicador utilizando apenas o primeiro eixo. O valor do autovalor menor que um na segunda dimensão indica a unidimensionalidade dos dados.

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For	
		% of Variance	Total (Eigenvalue)
1	,603	1,827	45,665
2	-,038	,972	24,305
Total	,857(a)	2,799	69,970

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela mostra a variância explicada de cada variável nas duas primeiras dimensões. A variável Q37 está muito pouco explicada na primeira dimensão (eixo do indicador), com apenas 17,7% da variância explicada. A variável melhor explicada é a Q36 (63,5%).

Tabela 02: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	1	2	2
Q34	,574	,147	,722
Q35	,440	,071	,511
Q36	,635	,083	,718
Q37	,177	,671	,848
Active Total	1,827	,972	2,799
% of Variance	45,665	24,305	69,970

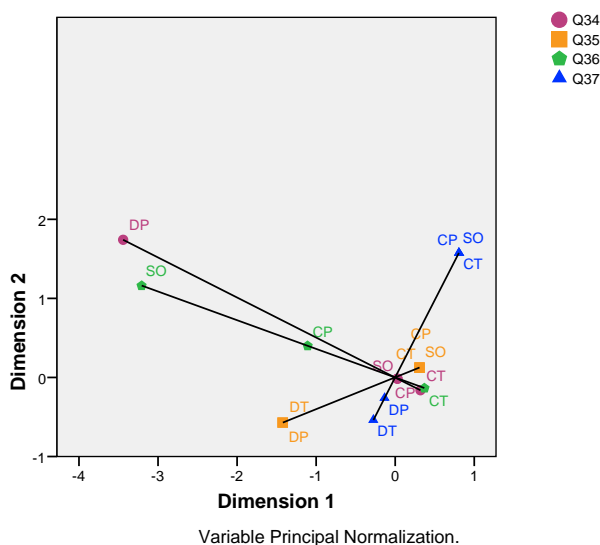
A tabela 03 apresenta as correlações bivariadas entre as variáveis. De acordo com a tabela as variáveis mais correlacionadas são Q34 e Q36. A variável Q37 possui a menor correlação com as demais variáveis.

Tabela 03: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

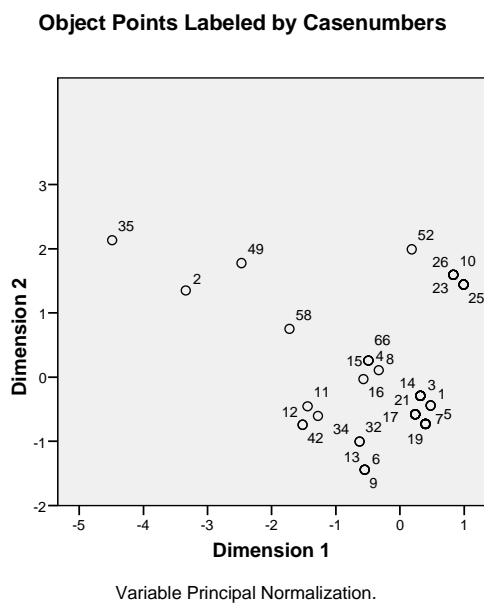
	Q34	Q35	Q36	Q37
Q34	1,000	,263	,510	,107
Q35	,263	1,000	,318	,227
Q36	,510	,318	1,000	,146
Q37	,107	,227	,146	1,000
Dimension	1	2	3	4
Eigenvalue	1,827	,972	,716	,486

Segundo o gráfico das categorias os quesitos Q34 e Q36 são as que possuem vetores mais longos, são os que causam maior diversidade entre as empresas. As respostas às escalas do quesito Q35 não diferenciam muito. As categorias “concordo totalmente” e “concordo parcialmente” estão próximas da origem, são respostas padrões, comuns.

Joint Plot of Category Points



O gráfico dos objetos mostra a maioria dos pesquisados concentrados próximos da origem, com uma leve assimetria à esquerda. Quatro respondentes encontram-se com scores na parte superior à esquerda do gráfico, são os que responderam ‘Discordo Plenamente’ e/ou ‘condordo’ às escalas dos quesitos Q34 e Q36, respectivamente. Outros quatro respondentes encontram-se isolados na parte superior direita do gráfico, são os que escolheram as escalas ‘Concordo parcialmente’, ‘Sem Opinião’ e ‘Concordo Totalmente’ ao quesito Q37, eles se isolam dos demais na segunda dimensão, mas no eixo do indicador estão próximos.



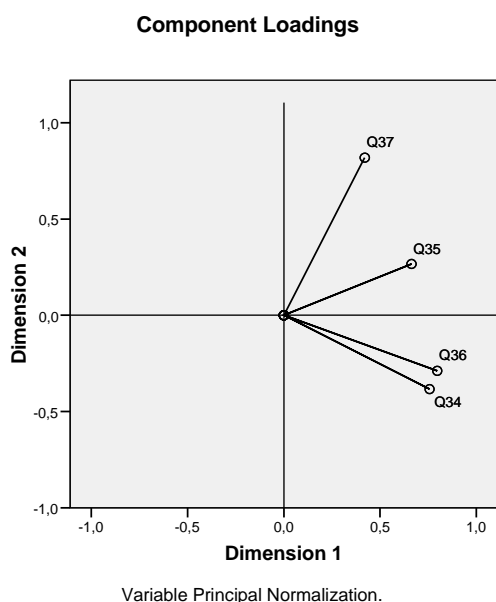
A tabela 04 evidencia que todas os quesitos estão relacionados com a primeira dimensão, com cargas fatoriais positivas de 0,42 a 0,80. A variável Q37 possui carga fatorial maior na segunda dimensão (0,82).

Tabela 04: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q34	,758	-,384
Q35	,664	,266
Q36	,797	-,288
Q37	,421	,819

Variable Principal Normalization.

O círculo de correlações apresenta todas as variáveis na mesma direção, no eixo x, verificando a validação da construção do indicador. Na segunda dimensão as variáveis Q34 e Q36 contrastam com a variável Q37.



II. Construção do Indicador ‘Percepção sobre os princípios’:

A tabela 01 mostra o valor do *alpha de Cronbach* nas duas primeiras dimensões. A primeira dimensão possui um *alpha* de 0,65 mostrando consistência nas variáveis do eixo x (eixo do indicador).

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,647	2,073
2	,295	1,310
Total	,881(a)	3,383

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 02 mostra a variância explicada pelas variáveis nas duas primeiras dimensões. A variável Q42 não está explicada na primeira dimensão, poderia ser retirada do construto por estar sendo muito pouco explicada, porém, ao retirá-la a variável Q41 não se

ajusta à primeira dimensão, assim, para não atrapalhar na estrutura do construto preferiu manter todas as variáveis. 73,1% da variável Q39 está sendo explicada na primeira dimensão, é a variável melhor explicada no indicador.

Tabela 02: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q39	,731	,004	,735
Q41	,492	,156	,648
Q42	,038	,694	,732
Q43	,328	,384	,712
Q49	,483	,072	,555
Active Total	2,073	1,310	3,383

A tabela 03 apresenta as correlações bivariadas. As variáveis Q39, Q41 e Q49 são as que estão melhor correlacionadas entre si. A variável Q42 correlaciona apenas com a variável Q43. a maior correlação existente está entre as variáveis Q41 e Q39 (0,50) e a menor está entre as variáveis Q41 e Q42 (-0,09).

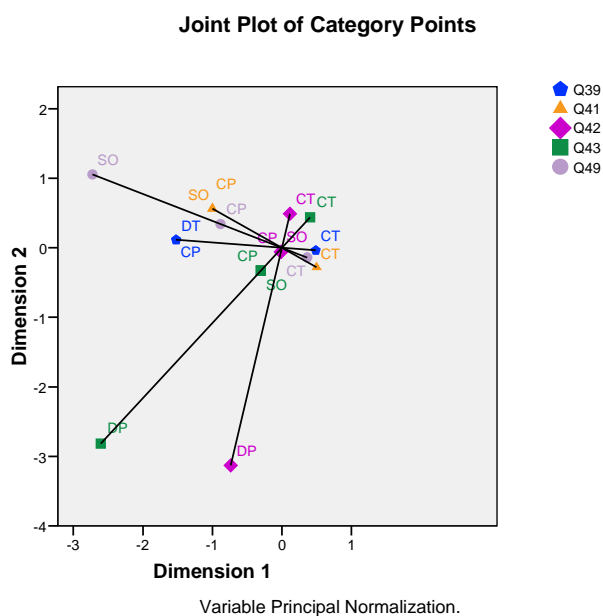
Tabela 03: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

	Q39	Q41	Q42	Q43	Q49
Q39(a)	1,000	,503	,061	,412	,465
Q41(a)	,503	1,000	-,087	,144	,383
Q42(a)	,061	-,087	1,000	,372	,027
Q43(a)	,412	,144	,372	1,000	,143
Q49(a)	,465	,383	,027	,143	1,000
Dimension	1	2	3	4	5
Eigenvalue	2,086	1,301	,676	,556	,381

a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico das categorias apresenta as escalas das variáveis do construto em duas dimensões. As variáveis Q42 e Q43 se comportam de forma diferente das demais, estão com inclinação vertical e se distanciam das demais na segunda dimensão. Na primeira dimensão estão no mesmo sentido das demais, com pontos das escalas próximos. A primeira dimensão divide do lado esquerdo as categorias ‘concordo totalmente’ com ordenada positiva e as demais categorias encontram-se do lado esquerdo do gráfico, assim, todas as variáveis estão

no mesmo sentido e podem ser utilizadas para construção do indicador utilizando o eixo x. A variável Q49 possui a escala “Sem opinião” distante das demais, sendo uma resposta atípica para o quesito.

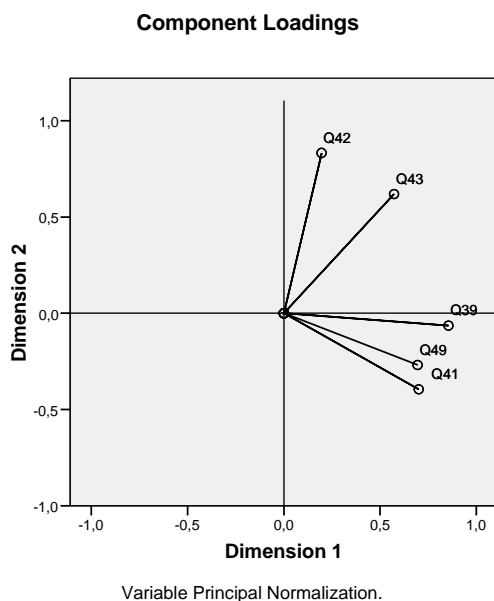


De acordo com a tabela 04 e o *Component loading* todas as variáveis possuem cargas fatoriais positivas na primeira dimensão, possibilitando a construção do indicador. A segunda dimensão apresenta um contraste entre as variáveis Q42 e Q43 e as variáveis Q41 e Q49.

Tabela 04: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q39	,855	-,064
Q41	,701	-,395
Q42	,196	,833
Q43	,573	,619
Q49	,695	-,269

Variable Principal Normalization.



III. Construção do Indicador ‘ Conhecimentos dos agentes e das comunidades’:

A tabela 01 mostra um valor do *alpha de cronbach* alto de 0,81 na primeira dimensão e os autovalores confirmam a unidimensionalidade dos dados com valor 1,673 na primeira dimensão, caindo para 0,35 na segunda dimensão.

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,805	1,673
2	-3,641	,355
Total	1,014(a)	2,028

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 02 apresenta as duas variáveis que formam o construto com variância explicada acima de 80% na primeira dimensão e abaixo de 19% na segunda dimensão, assim, a primeira dimensão explica quase a totalidade das variáveis, mostrando consistência na construção do indicador ao utilizar o eixo x.

Tabela 02: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q47	,819	,181	1,000
Q48	,854	,174	1,028
Active Total	1,673	,355	2,028

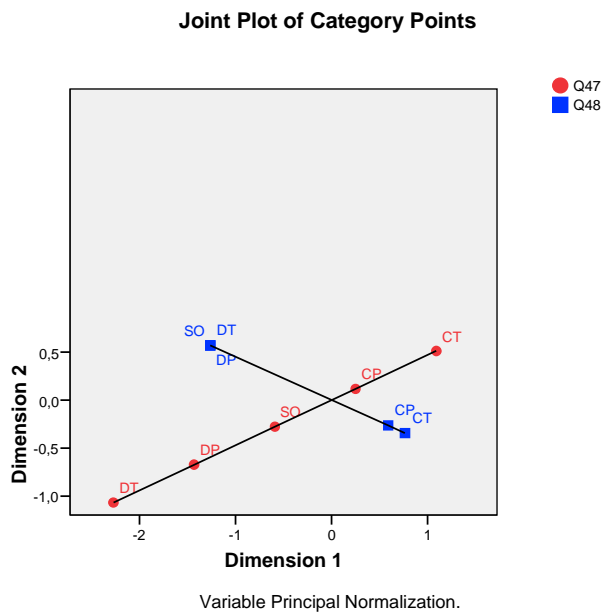
A tabela 03 apresenta uma correlação de 0,65 entre as duas variáveis, apresentando associação significativa.

Tabela 03: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

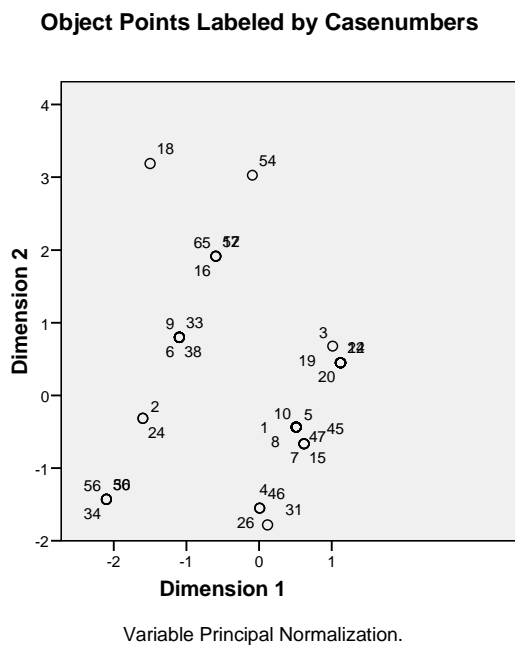
	Q47	Q48
Q47(a)	1,000	,653
Q48	,653	1,000
Dimension	1	2
Eigenvalue	1,653	,347

a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico das categorias apresenta as variáveis na mesma direção, com escolhas baixas da escala no lado esquerdo do gráfico e escalas maiores no lado direito. A variável Q47 apresenta um vetor mais longo à esquerda onde a escala ‘discordo totalmente’ está afastada da escala ‘discordo parcialmente’ que se afasta da escala ‘Sem opinião’, já a variável Q48 não difere os respondentes quanto a estes níveis de resposta. A variável Q48 causa maior diferenciação entre os respondente quanto às respostas ao quesito.



O gráfico dos objetos mostra a distribuição dos respondentes da empresa Beta para dos dois quesitos que formam o indicador. Observa-se dois grupos na dimensão do indicador (eixo x), um com os respondentes que receberam scores negativos e outro com as respostas mais comuns, com scores situados ao redor da origem.

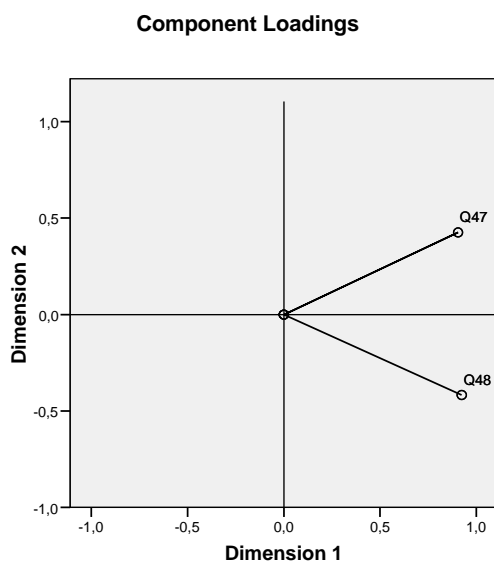


A tabela 04 e o gráfico ‘*component loading*’ apresenta cargas fatoriais altas, próximas de 1, na primeira dimensão, para os dois quesitos que formam o indicador. A segunda dimensão mostra um contraste entre as duas variáveis.

Tabela 04: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q47	,905	,426
Q48	,924	-,417

Variable Principal Normalization.



Variable Principal Normalization.

IV. Construção do Indicador ‘Percepção sobre mobilização social’:

A tabela 01 apresenta o alpha de cronbach significativo na primeira dimensão, de 0,72 e um valor próximo de zero na segunda dimensão, possibilitando a construção do indicador utilizando a primeira dimensão. Os autovalores confirmam a unidimensionalidade dos dados, com um autovalor de 2,17 na primeira dimensão sendo abaixo de um na segunda dimensão.

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,719	2,171
2	-,113	,922
Total	,902(a)	3,093

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 02 apresenta a variância explicada nas duas primeiras dimensão, as variáveis estão melhor explicadas na primeira dimensão, com variância explicada próxima de zero por cento na segunda dimensão, com exceção da variável Q44 que está com 40,4% da variância explicada na primeira dimensão e 46,8% na segunda dimensão.

Tabela 02: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q44	,404	,468	,872
Q46	,521	,165	,686
Q50	,662	,070	,732
Q51	,584	,219	,803
Active Total	2,171	,922	3,093

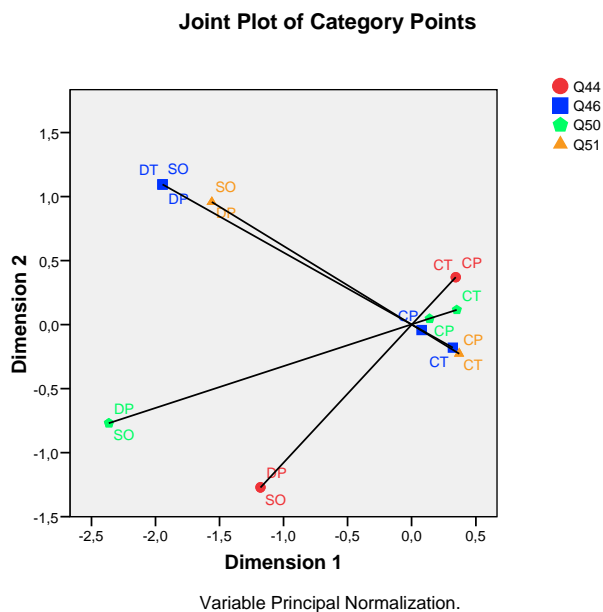
A tabela 03 apresenta a correlação existente entre as variáveis, duas a duas. A variável Q50 é a que melhor se correlaciona com as demais e a variável Q44 é a que menos se correlaciona. As variáveis mais correlacionadas são as variáveis Q44 e Q50 e e as variáveis Q46 e Q51 com correlação de 0,52 para ambas. As variáveis menos correlacionadas são Q44 e Q51 com correlação de 0,19.

Tabela 03: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

	Q44	Q46	Q50	Q51
Q44	1,000	,256	,515	,189
Q46	,256	1,000	,359	,516
Q50(a)	,515	,359	1,000	,469
Q51	,189	,516	,469	1,000
Dimension	1	2	3	4
Eigenvalue	2,164	,920	,549	,367

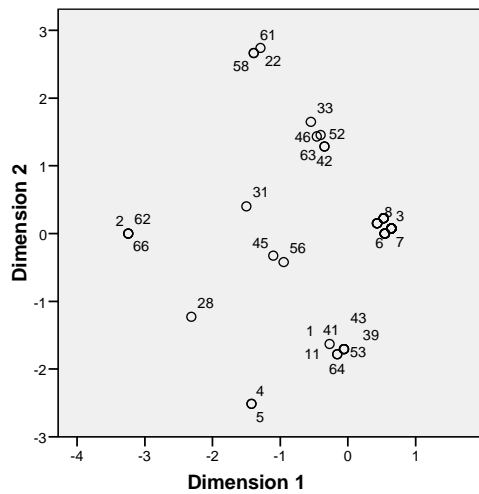
a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico das categorias apresenta variáveis com vetores longos, com as categorias “Sem opinião” e “Discordo parcialmente” bem afastadas das demais escalas, significando que são respostas atípicas. As escalas “concordo parcialmente” e “concordo totalmente” estão bem próximas da origem, são as respostas padrões. Os quesitos Q51 e Q46 são bastante semelhantes, são variáveis que passam a mesma informação e estão em contrasta com o quesito Q44, que se distancia dos demais quesitos. A variável Q50 possui o maior vetor, sendo o causador de maior diferenciação entre os respondentes.



O gráfico dos objetos é assimétrico à esquerda, com maior massa de respondentes próxima da origem na primeira dimensão. Verifica-se pequenos grupos formados, diferenciando os quesitos quanto as respostas.

Object Points Labeled by Casenumbers



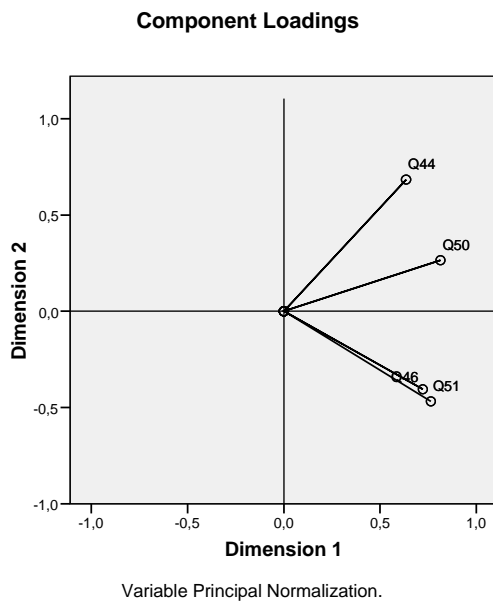
Variable Principal Normalization.

A tabela 04 e o componet loading apresenta cargas fatoriais positivas na primeira dimensão, todas no mesmo sentido, possibilitando a construção do indicador. A segunda dimensão apresenta um contraste entre as variáveis Q46 e Q51 com a variável Q44.

Tabela 04: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q44	,635	,684
Q46	,722	-,406
Q50	,814	,265
Q51	,764	-,468

Variable Principal Normalization.



V. Construção do Indicador ‘ Percepção sobre a interação Grupo-Plano de Negócio’:

A tabela 1 apresenta um valor de *alpha de cronbach* elevado de 0,80 na primeira dimensão e próximo de zero na segunda dimensão verificando a consistência das variáveis na primeira dimensão, sendo viável a construção do indicador utilizando o eixo x. O autovalor na primeira dimensão é de 2,79 caindo para 1,05, confirmando a importância da primeira dimensão sobre a primeira.

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,802	2,787
2	,053	1,045
Total	,924(a)	3,832

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 02 revela melhor explicação na primeira dimensão para todas as variáveis que formam o construto. O primeiro eixo retém 77,4% e 75,2% da variância das variáveis Q40 e

Q58, respectivamente, são as variáveis melhores explicadas no eixo do indicador. A variável Q45 é a que está menos explicada no eixo x.

Tabela 02: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	2	1	2
Q33	,476	,292	,768
Q40	,774	,073	,847
Q45	,361	,288	,649
Q54	,423	,342	,766
Q58	,752	,050	,802
Active Total	2,787	1,045	3,832

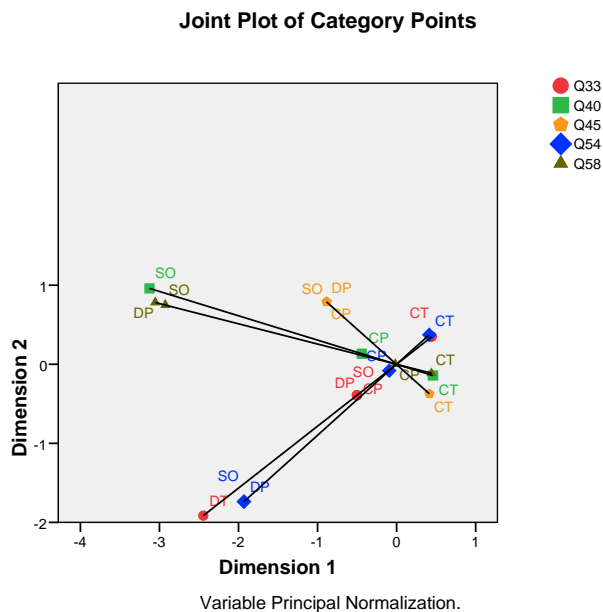
A tabela 03 revela as correlações entre as variáveis do construto, duas a duas. A maior correlação está entre as variáveis Q40 e Q58 (0,85) e a menor correlação compreende as variáveis Q33 e Q45.

Tabela 03: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

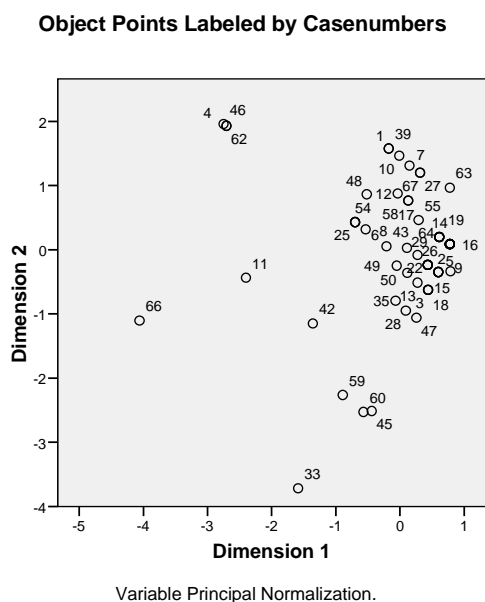
	Q33	Q40	Q45	Q54	Q58
Q33	1,000	,469	,190	,570	,384
Q40(a)	,469	1,000	,503	,339	,846
Q45(a)	,190	,503	1,000	,200	,441
Q54(a)	,570	,339	,200	1,000	,419
Q58	,384	,846	,441	,419	1,000
Dimension	1	2	3	4	5
Eigenvalue	2,793	1,031	,601	,448	,127

a Missing values were imputed with the mode of the quantified variable.

O gráfico das categorias revela as aproximações e as distancias entre os quesitos de acordo com as respostas às escalas. Os quesitos Q40 e Q58 estão bastantes semelhantes, podendo ter os mesmos significados, estão pouco inclinados e são os que estão melhor relacionados com o eixo x (eixo do indicador), estão em contraste, na segunda dimensão, com os quesitos Q33 e Q54. Estes dois últimos quesitos também se assemelham, estão bastante próximos, e estão representados tanto na primeira quanto na segunda dimensão. O quesito Q45 é o que possui menor vetor, sendo o que menos diferencia os respondentes. As escalas 'Concordo Totalmente', para todas as variáveis, estão bastante próximas da origem, sendo as respostas mais comuns.



O gráfico dos objetos revela uma grande concentração de respondentes próximos da origem, entre menos um e um, na primeira dimensão. Alguns respondentes se distanciam dos demais com scores negativos, do lado esquerdo do gráfico.

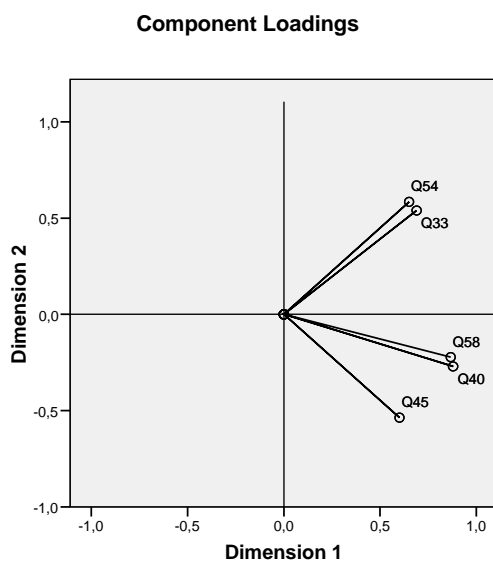


A tabela 04 e o gráfico *component loading* revela cargas fatoriais positivas com valores altos entre 0,69 e 0,87 na primeira dimensão, verificando a consistência das variáveis na primeira dimensão. A segunda dimensão apresenta um contraste entre as variáveis Q45 e as variáveis Q33 e Q54.

Tabela 04: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q33	,690	,540
Q40	,880	-,270
Q45	,601	-,537
Q54	,651	,585
Q58	,867	-,223

Variable Principal Normalization.



Variable Principal Normalization.

VI. Construção do Indicador ‘Percepção sobre os investimentos e resultados’:

A tabela 01 apresenta o valor de alpha de cronbach de 0,67 na primeira dimensão e 0,33 na segunda dimensão, concluindo a consistência das variáveis no eixo do indicador. O autovalor é de 2,0 na primeira dimensão caindo para 1,3 na segunda dimensão.

Tabela 01: Valores dos índices de consistência interna ‘Alpha de cronbach’ e dos autovalores nas duas primeiras dimensões da CATPCA.

Dimension	Cronbach's Alpha	Variance Accounted For
	Total (Eigenvalue)	Total (Eigenvalue)
1	,670	2,009
2	,325	1,322
Total	,933(a)	3,331

a Total Cronbach's Alpha is based on the total Eigenvalue.

A tabela 02 revela que a primeira dimensão retém 78,5% e 67,3% das variâncias das variáveis Q55 e Q56, respectivamente, são as variáveis que estão melhor explicadas no eixo do indicador.

Tabela 02: Variância explicada pelas variáveis retendo duas dimensões:

	Total (Vector Coordinates)		
	Dimension		Total
	1	2	2
Q53	,231	,531	,762
Q55	,785	,126	,910
Q56	,673	,243	,916
Q60	,320	,423	,743
Active Total	2,009	1,322	3,331
% of Variance	50,219	33,058	83,277

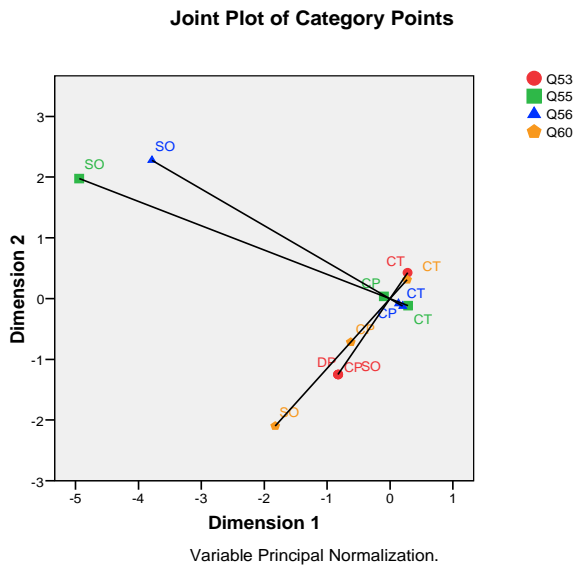
A tabela 03 apresenta as correlações bivariadas entre as variáveis. As variáveis Q55 e Q56 possuem a maior correlação (0,82) e as variáveis Q53 e Q56 são as que possuem menor correlação (0,06).

Tabela 03: Correlações bivariadas entre as variáveis do construto:

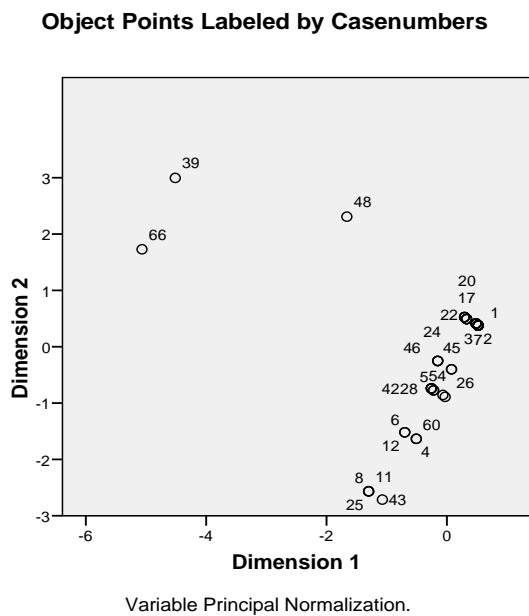
	Q53	Q55	Q56	Q60
Q53	1,000	,176	,056	,499
Q55	,176	1,000	,817	,246
Q56	,056	,817	1,000	,137
Q60	,499	,246	,137	1,000
Dimension	1	2	3	4
Eigenvalue	2,009	1,322	,496	,173

O gráfico das categorias apresenta a aproximação das variáveis Q55 e Q56 e das variáveis Q53 e Q60, a semelhança pode significar que as variáveis possuem os mesmos significados, podendo inclusive utilizar apenas uma para explicar o fenômeno. A variável Q55

é a que possui o maior vetor, sendo causadora de grande diversidade entre os respondentes, ao contrário da variável Q53, que possui o menor vetor e no eixo do indicador não diferencia muito os pesquisados.



O gráfico dos objetos apresenta quase todos os respondentes com scores entre zero e menos dois, a distribuição é assimétrica à esquerda. Dois respondentes se destacam dos demais com scores abaixo de menos quatro na segunda dimensão.

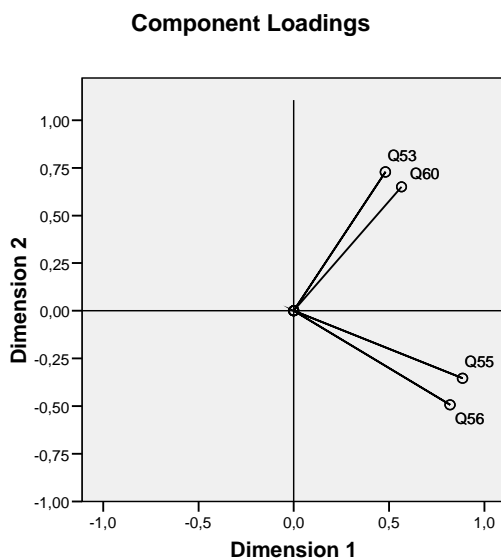


A tabela 04 e o gráfico ‘Componet loading’ apresenta as variáveis com cargas fatoriais positivas com valores entre 0,48 e 0,89 na primeira dimensão, sendo possível a construção do indicador. A segunda dimensão apresenta um contraste entre as variáveis Q53 e Q60 com as variáveis Q55 e Q56, indicando que possuem significados diferentes.

Tabela 04: Cargas fatoriais das variáveis do questionário respondido pelos grupos sociais nas duas primeiras dimensões da CATPCA:

	Dimension	
	1	2
Q53	,481	,729
Q55	,886	-,354
Q56	,820	-,493
Q60	,566	,650

Variable Principal Normalization.



Variable Principal Normalization.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOSLING, Marulusa; GOLÇALVES, Carlos Alberto. Relacionamento em banco comerciais: a adaptação de escalas. Revista Faces. Disponível em http://www.read.adm.ufrgs.br/edicoes/pdf/artigo_42.pdf. Acesso em: 04 de agosto de 2008.

MAROCO, João. Análise estatística com utilização do SPSS. Lisboa: Edições Silabo, 2003.